

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E
AGRICULTURA

TESE

JUVENTUDE RURAL: PARA ALÉM DAS
FRONTEIRAS ENTRE CAMPO E CIDADE

Jorge Luiz de Goes Pereira

2004



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E
AGRICULTURA**

**JUVENTUDE RURAL: PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS
ENTRE CAMPO E CIDADE**

JORGE LUIZ DE GOES PEREIRA

Sob a Orientação da Professora
Maria José Carneiro

Tese submetida como requisito parcial
para a obtenção do grau de **Doctor**
Scientiae em Sociedade e Agricultura

Seropédica, R J
Fevereiro de 2004

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à minha mãe, Dona Leninha, que soube como ninguém que eu era capaz de chegar até aqui. Ele é resultado também do seu projeto de vida. A ela devo minha inspiração, minha coragem e minha determinação.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na realização desse trabalho, principalmente:

À minha família, principalmente a minha mãe, pela sua presença sensível e constante;

À CAPES, por ter tornado possível o trabalho;

Às professoras - Maria de Freitas Campos e Maria das Dores Campos Machado, por terem me iniciado no conhecimento científico;

À minha orientadora, Prof^a Maria José Carneiro, pelo enriquecimento que proporcionou a essa discussão, além da paciência e carinho que me dedicou;

Aos meus colegas da Universidade Estácio de Sá por terem compartilhados das minhas angústias;

Aos jovens de São Pedro da Serra e Baixada de Salinas por terem compartilhado suas vidas com um estranho; e

Aos meus amigos – Francisco José (Bell), Erik Giuseppe, Fábio Luis, Anderson (Pingulinho), Carlos Alberto (Ninho) - pelo apoio e pelos momentos de descontração durante o curso de Doutorado.

LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida;
AO – Agricultura Orgânica;
APA – Área de Preservação Ambiental;
CEASA – Centro Estadual de Abastecimento e Agricultura do Estadual;
CELADE – Centro LatinoAmericano y Caribeño de Demografia;
CEPAL – Comisión Económica Para América Latina y el Caribe;
DISOP - Desarrollo Integral de Solidaridad y Progreso;
DJ – Disk Jockey;
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural;
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária;
FAO – Food and Agriculture Organization;
IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente;
IBELGA - Instituto Belga;
IBGE – Instituto Brasileiro Geografia e Estatística;
MEPES – Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo;
MPB - Música Popular Brasileira;
OIT – Organização Internacional do Trabalho;
OMS – Organização Mundial da Saúde;
ONU – Organização das Nações Unidas;
PESAGRO – Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro;
PIPMO - Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra;
SEAA – Secção de Estudos Anglo-Americanos;
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro;
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

RESUMO

PEREIRA, Jorge Luiz de Goes. **Juventude rural: para além das fronteiras entre campo e cidade**. Seropédica: UFRRJ, 2004. 178 p. (Tese, doutorado em Sociedade e Agricultura).

Este estudo analisa as práticas e representações sociais que orientam os projetos de vida dos jovens de duas localidades, tradicionalmente consideradas rurais, no Município de Nova Friburgo/RJ. Dependendo do campo de possibilidades vividos individualmente pelos jovens e as imagens construídas para campo e cidade, seus projetos de vida estarão orientados em certas direções. Tudo parece depender da relação entre a localidade e a sede do município. Como método de pesquisa, trata-se de um estudo comparativo onde se busca ressaltar aquilo que aproxima as diferentes juventude no campo. Observou-se que de diferentes formas, os jovens se aproximam daqueles considerados urbanos, principalmente nos seus modos de se vestirem, falarem e se relacionarem, assim como nos seus interesses pela educação, trabalho e lazer. Por outro lado, preferem continuar morando no campo já que consideram essas localidades os melhores lugares para se viver, algo legitimado pelo desenvolvimento do turismo (São Pedro da Serra) ou da agricultura (Baixada de Salinas).

Palavras chave: Juventude rural, projeto de vida, campo de possibilidades

ABSTRACT

PEREIRA, Jorge Luiz de Goes. **Rural youth: for beyond the borders between country and city.** Seropédica: UFRRJ, 2004. 178 p. (Thesis, doutorado in Society and Agriculture).

This study analyzes the practices and the social representations that guide the projects of life of the youngsters of two localities, traditionally considered rural, in the City of Nova Friburgo/RJ. Depending on the field of possibilities lived individually for the youngsters and the images constructed for country and city, their projects of life will be guided in certain directions. Everything seems to depend on the relation between the locality and the headquarters of the city. As research method, it concerns a comparative study where there is an attempt to highlight what brings different country youth together, mainly in their ways of dressing, speaking and relating to each other, as well as in their interests for education, work and leisure. On the other hand, they prefer to continue living in the country, since they consider these localities the best places to live, something legitimated by the tourism development (São Pedro da Serra) or the agriculture development (Baixada de Salinas).

Words key: Rural youth, project of life, field of possibilities

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1: As melhores oportunidades de trabalho na região segundo a visão dos jovens entrevistados na escola municipal	39
Tabela 2: Faixa etária dos entrevistados no Ibelga	107
Tabela 3: Plano dos jovens de São Pedro para o futuro	156

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo I – Juventude: entre as imagens de campo e cidade	15
1.1. Entre generalizações e especificidades: O que é ser jovem?	15
1.2. O lugar do rural nos estudos sobre juventude	24
1.3. Juventude e o seu caráter relacional	36
	31
Capítulo II - São Pedro da Serra: Um contexto para relações sociais em transformação	
2.1. Tempo e espaço histórico do município	31
2.2. São Pedro da Serra: entre a agricultura e o turismo	32
2.3. As oportunidades de trabalho e remuneração	35
2.4. Trabalho e papéis de gênero	40
2.5. Escolarização e profissionalização: uma porta de saída	45
2.6. Lugar de morador e lugar de turista	48
2. 6.1. O lazer	49
2. 6. 2. Moralidade, repressão e diversão	54
2. 6. 3. Turistas: a interação da diferença	57
2.7. Moradores e turistas: a disputa pelas representações de campo e cidade	60
2.8. O lugar do jovem no movimento de mudança	65
2.9. As articulações entre gênero e sexualidade na localidade	65
2.10. Preconceito e alteridade	74
Capítulo III – O lugar da juventude em Baixada de Salinas	79
3.1. O espaço em Campo do Coelho	79
3.2. História e atualidade: estratégias de sobrevivência e diferenciação	80
3. 2. 1. Diferenciação interna: diferenciação e continuidade	83
3.3. Usos e abusos dos agrotóxicos: a relação com a produtividade	84
3.4. diversidade familiares e seus reflexos nas escolhas	88
3.5. Circulação das idéias e diluição das fronteiras	91
3.6. Rotina e circulação dos moradores de Baixada de Salinas	99
3.7. Representações do moderno dentro da tradição	103
3. 7. 1. As relações de amizade, namoro e casamento	111
Capítulo IV – Entre campo e cidade: práticas e representações sociais no universo dos jovens	121
4.1. A resignificação do rural	122
4.2. Campo e cidade em São Pedro da Serra	127

4.3. Ruralidade e amizade	132
Capítulo V – Os projetos de vida dos jovens em diferentes contextos	143
5.1. Primeiro caso: os projetos de vida dos jovens de Baixada de Salinas	144
5.2. Segundo caso: os projetos de vida dos jovens de São Pedro da Serra	155
Conclusão	165
Bibliografia	171

301
P436j
T

Pereira, Jorge Luiz de Goes, 1967-
Juventude rural : para além das
fronteiras entre o campo e cidade /\ Jorge
Luiz de Goes Pereira. - 2004.
178f. : tab.

Orientador: Maria José Carneiro.
Tese(doutorado)- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Instituto de
Ciências Humanas e Sociais.
Bibliografia: f. 171-178.

1.Antropologia social - Teses. 2.
Juventude rural - Friburgo(RJ) - Teses.
3. Juventude rural - Vida e costumes
sociais - Friburgo(RJ) - Teses. 4. Vida
rural - Friburgo(RJ) - Teses. 5. Mudanças
de vida - Friburgo(RJ) - Teses. I.
Carneiro, Maria José. II. Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto
de Ciências Humanas e Sociais. III.
Título.

INTRODUÇÃO

Ao discutir as condições de reprodução social dos jovens rurais latino-americanos, Durston (1998) enfatiza a invisibilidade desses jovens nos estudos acadêmicos e nas políticas públicas. No Brasil, verificamos que os estudos sobre juventude seguem a regra geral: o interesse recai sobre os aglomerados urbanos. No VI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural (2002), assim como nos documentos da FAO (1996) e da Cepal (1996), essa constatação é visível. Nota-se o pouco interesse da Sociologia e das Ciências Sociais pelos jovens das localidades rurais.

Para aqueles que se interessam pela temática, tem-se dado uma especial atenção às conseqüências do aumento do contato entre os espaços ditos “urbanos” e “rurais” para a permanência ou saída dos jovens do campo, considerados como espaço agrícola. Autores como Rodríguez (1996), Galland e Lambert (1993), Durston (1998), Carneiro (1998) entre outros se perguntam: a realidade onde os jovens rurais estão inseridos os ajuda ou os força a tomar decisões que nem sempre são aquelas que um dia foram pensadas ou planejadas? Há uma pluralidade de respostas possíveis diante dos imponderáveis da vida que nem sempre vão na mesma direção ou chegam ao resultado esperado. Deste modo, o lugar que o jovem ocupa numa determinada sociedade e as características dessa sociedade podem ajudar a definir suas respostas.

O objetivo deste estudo é analisar como diferentes contextos rurais podem representar diferentes respostas e ruralidades. Em duas localidades rurais do município de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, encontramos jovens que, de diferentes formas, interagem com os espaços considerados urbanos. As localidades ajudam a definir a visão de mundo dos jovens, aparecendo nas suas representações de campo e cidade, e também influenciam nas suas relações com os jovens identificados por eles como “os de fora”. Esses “de fora” são os turistas e os das localidades vizinhas. Essas relações e representações entre campo e cidade também influenciam na elaboração dos seus projetos de vida, ajudando-os a construir suas identidades locais. Através dos seus discursos, eles apontam diferenciações e aproximações com aquilo que definem como pertencentes ao campo e à cidade.

Partindo do pressuposto que existem espaços diferenciados, classificados como rural e urbano, sendo as diferentes atividades econômicas, sociais e políticas que os definem, Galland e Lambert colocam que como resultado de fatores como a aproximação dos espaços, através da penetração de culturas juvenis urbanas (*rock* e *blue-jeans*) no meio rural francês, da ampliação dos espaços de sociabilidade, da melhoria do acesso à educação, ao mercado de trabalho, à informação, ao transporte e aos espaços de lazer (urbanos) e da diminuição das atividades agrícolas, *os jovens rurais tornaram-se mais pragmáticos nas suas decisões quanto ao seu futuro*. Para os autores, esse “pragmatismo” estaria ligado às suas vantagens e desvantagens econômicas em relação ao contato com a cidade. O que na maioria dos casos adiaria a ida de alguns jovens para a cidade seria o “medo da violência urbana”¹. Assim, a violência urbana aparecia como um fator inibidor para a transferência dos jovens em direção à cidade. Mas seria esse o principal motivo que evita a saída dos jovens do campo?

Galland e Lambert (idem), demonstram que para os jovens que moram próximo às áreas industriais, as atividades agrícolas deixaram de fazer parte das suas vidas, já não fazem parte dos seus projetos de futuro, mas o rural associado à idéia de vida em comunidade, mantém-se como espaço ideal para a manutenção das relações interpessoais “confiáveis” e de “solidariedade”, assim como para a realização de outros projetos como a construção familiar. O jovem deixaria de ser agrícola, mas não rural. A

¹ Os autores se referem à violência das gangues verificada na cidade de Paris na época da pesquisa.

decisão de permanecer na sua localidade de origem estaria ligada à imagem de rural visto como local de sossego, paz, onde a proximidade as relações familiares, de amizade e de parentesco contribuiriam para essa permanência. Assim, sair ou permanecer representaria um conflito interno para os jovens rurais, pois diante da necessidade de estudar e trabalhar, algo possível somente com o afastamento do lugar de origem, eles se veriam inseridos num outro universo de valores, os quais não dominam.

Os dados apresentados aqui apontam para as diferenciações e aproximações existentes entre os jovens das duas localidades rurais, principalmente em relação ao gênero e à sexualidade. Discutiremos também as ambigüidades nas suas relações e representações de campo e cidade, seus espaços de lazer, as relações de trabalho e escolaridade em cada localidade, as relações de gênero e geração, as relações de amizade. Moças e rapazes das localidades apontam as qualidades e os problemas do seu lugar de origem, dão ênfase às relações de amizade que os prendem a essas localidades e que, segundo eles, perderam importância na cidade.

Ao mesmo tempo em que os jovens desejam permanecer no seu local de origem, procuram também romper com as imagens de rural ligadas ao tradicional, ao buscarem os atrativos da cidade. Querem permanecer no campo, mas não nas atividades agrícolas, no caso de São Pedro da Serra, e os que desejam levar à frente a tradição de agricultores não pretendem ser lavradores, mas “administradores” do negócio da família, no caso de Baixada de Salinas. O sentido de rural para ambos os grupos de jovens está marcado por condições sociais distintas que envolvem características da localidade, educação, faixa-etária, gênero, determinações de classe e capital cultural.

Os estudiosos franceses como Galland e Lambert (1993), se perguntam se os jovens “rurais” próximos às áreas urbano-industriais apresentam ainda particularidades em face do declínio numérico dos jovens agrícolas, da generalização do ensino secundário, da onipresença da mídia e da diminuição dos espaços de produção agrícola camponesa. Apoiando-se nos trabalhos de Nicole Eizner, Galland e Lambert (idem) colocam que os que distinguem antes de qualquer coisa, os jovens de seus homólogos urbanos não são mais os valores, as formas específicas de interconhecimento, mas uma vontade de enraizamento, um desejo de viver mais calmo, tranquilo, à condição, certamente, de poder combinar o lugar onde vivem com as facilidades de lazer e de trabalho da cidade.

Penso que os jovens inseridos numa realidade, onde as fronteiras entre campo e cidade estão cada vez mais diluídas, como a descrita por Galland e Lambert na França, novos significados devem ser incorporados à antiga imagem do rural que estava informada pelas atividades agrícolas. Os autores observaram que a localidade não é mais o lugar principal de sociabilidade, o grupo de amizade inclui freqüentemente os citadinos, as músicas são idênticas mesmo se os modos de penetração da moda apresentam um pequeno atraso, o catolicismo resta, sobretudo como “uma sorte de impregnação cultural”, o tabu da virgindade perdeu força e a vida em casal precede o matrimônio que permanece o objetivo da maioria. No caso dos jovens latino-americanos, estaria ocorrendo o mesmo a partir da fluidez das fronteiras entre campo e cidade? Ou as localidades rurais aqui apresentariam especificidades? Quais seriam essas especificidades? Elas apontariam para diferentes ruralidades? Essas questões nos ajudam a pensar a situação dos jovens rurais que vivem o processo de ampliação das relações entre o local e o global, entre pertencer a uma localidade, mas estar inserido em uma rede mais ampla de relações socioeconômicas e culturais.

Estaremos tomando como hipótese que as práticas e representações que antes colocavam campo e cidade em lados opostos apontam hoje para um hibridismo cuja lógica de espaços e temporalidades separados já não dão conta da realidade observada,

porém, em cada localidades a interação entre o global apresenta especificidades, demonstrando a heterogeneidade do rural. Em cada localidade, essa interação representa uma nova ruralidade para qual o rural das gerações anteriores, mais distantes dos valores urbanos, do contato com a cidade, não representa mais um espaço capaz de dar sentido à vida dos indivíduos.

Localidade aqui não é tida como um espaço particular, delimitado, com seu conjunto de relações sociais estreitas baseadas em fortes laços familiares e tempo de residência, cuja identidade é vista como estável, homogênea, integrada, duradoura e única (Featherstone, 1996), mas como um espaço relacional que contém aspectos do mundo em torno e que tais relações são vividas de forma particular.

É preciso observar a multiplicidade de resultados existentes na relação entre o local e o global. A definição de localidade implica pensar também as relações sociais para além das fronteiras geopolíticas, exigindo a redefinição de suas fronteiras em diferentes níveis econômicos, social, político e cultural. A relação entre global e local se expressa em diferentes esferas da vida social. Novos significados estão sendo produzidos por toda parte onde a agricultura e a referência local já não são mais a base de sustentação de uma identidade social. Mesmo para os jovens das localidades onde a agricultura permanece como a atividade principal, vêm se ampliando os espaços de socialização em contato com outros espaços e outros valores. O comportamento do jovem se expressa de forma ambígua contendo valores dos dois universos culturais.

As conclusões advindas do estudo de Carneiro (1998) sobre o comportamento e os projetos de vida dos jovens “rurais” no Brasil têm apontado na mesma direção de Galland e Lambert(1993). Segundo a autora, o estreitamento da relação dos jovens de localidades rurais com os modos de vida ditos urbanos² não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem. Nesse sentido, o contato com a cidade não significa *a priori* a negação da cultura local, representa também a possibilidade de incorporação de práticas e representações de outras formas de relações sociais.

Como demonstrarei nesse estudo, campo e cidade são imagens que aparecem nos discursos dos jovens como realidades objetivas, isto é, são representações ancoradas nas suas práticas sociais, mas também são parte dos discursos hegemônicos de poder e que, portanto, fazem parte das estruturas mentais e afetivas. Às vezes podem aparecer deslocadas das práticas, mas isso faz parte da própria dinâmica entre práticas e representações, como aponta Bozon (1995) quando analisa o sentido da identidade social. Segundo ele, as práticas são mais dinâmicas que as representações porque estão em constante processo de mudança já que fazem parte da vida dos indivíduos em sociedade, forçando as representações a acompanharem essa dinâmica social. Na verdade, esses dois níveis da realidade se auto-alimentam. Em outras palavras, a realidade objetiva é mais dinâmica que a realidade subjetiva, onde as mudanças nas representações simbólicas levam mais tempo para se efetivarem. No caso das práticas e representações entre campo e cidade, mesmo com a diluição das fronteiras no nível prático, as representações que os jovens fazem desses espaços continuam a informar a

² O consumo, a liberdade de expressão, a experimentação, as relações impessoais em geral são simbolicamente associados ao mundo urbano. A cidade é representada como se as pessoas fossem menos identificáveis, seu comportamento menos questionável, como se todos pudessem tudo. O campo, ao contrário, é concebido simbolicamente como um espaço onde as relações pessoais são mais estreitas, os valores morais mais enraizados na tradição, onde há um maior controle sobre os comportamentos dos indivíduos, a liberdade é monitorada o tempo todo, as possibilidades de consumir bens modernos são mínimas. Portanto, a aproximação dos jovens das localidades rurais com os “modos urbanos”, na verdade, representaria a inserção dos indivíduos no mundo moderno.

existência de espaços separados. Os jovens insistem em tratar os espaços como separados e antagônicos. Por outro lado, são essas ambigüidades no cenário imaginário que os ajudam a elaborar seus projetos de vida. Assim, é preciso compreender a multiplicidade das identidades em discussão, a relação existente entre as localidades - os contextos em que as imagens são construídas - e o sentido dos projetos de vida. Além disso, é preciso levar em consideração que a construção de projetos individuais dependerá da interação com outros projetos competitivos, como, por exemplo, os projetos familiares, e até mesmo antagônicos, de ordem individual ou coletiva (Velho 1994).

Hernández (2000), seguindo a tradição dos estudos da Psicologia, entende por projeto de vida, de uma parte como a formação psicológica integradora da pessoa em direções vitais principais que, segundo o autor, envolvem suas relações sociais (trabalho, profissão, família, tempo livre, atividade cultural, sociopolítica, relações de amizade e afetivas, organizacionais, entre outras), de outra, como a expressão do funcionamento de diferentes mecanismos e formações psicológicas que integram todo o campo da experiência pessoal.

O autor define mais precisamente o projeto de vida como um

“subsistema psicológico principal da pessoa em suas dimensões essenciais de vida...é um modelo ideal sobre o qual o indivíduo espelha o que quer ser e fazer, que toma forma concreta na disposição real e suas possibilidades internas e externas de realizá-lo, definindo sua relação com o mundo e consigo mesmo, sua razão de ser como indivíduo em um contexto e tipo de sociedade determinada” (idem, s/p).

Seguindo essa linha de raciocínio, procurarei discutir algumas dos interesses pessoais fundamentais que ajudam a entender o sentido dos projetos de vida dos jovens, como suas relações de gênero, relações familiares, de trabalho, seus interesses pela escolarização e o lazer, que se articulam com suas possibilidades reais de realização.

No campo da Antropologia, a ideia de “projeto de vida” representa também uma articulação entre os interesses pessoais e as possibilidades existentes num determinado contexto e numa determinada sociedade. Ao mesmo tempo que são individuais, inserem-se no coletivo, na sociedade da qual o indivíduo faz parte. O projeto de vida pode ser concebido, ainda, como o conjunto de planos vitais que corresponde a cada esfera da atividade pessoal e suas inter-relações, o qual se aplica ao campo da vida profissional, entre outros.

Portanto, “projeto de vida”, antropologicamente, está imbricado com a ideia de “campo de possibilidades”. Velho (1981), partindo do pressuposto que o indivíduo tem uma dimensão culturalmente construída, que é acrescentada ao agente empírico, afirma que a existência de projetos individuais está vinculada a contextos socioculturais específicos, lida-se com a ambigüidade fragmentação-totalização. Dessa forma, o projeto individual nunca é puro, mas existe referido ao outro, ao social.

Meu interesse segue nessa direção: analisar e comparar as diferentes situações onde os jovens de duas localidades estão inseridos, chamando a atenção para as imagens de campo e cidade que, apesar de individuais, também se expressam de forma coletiva, isto é, os jovens compartilham de certa concepção de campo e cidade, elas aparecem nas suas falas, principalmente quando falam dos seus espaços de lazer, e orientam suas práticas e seus projetos de vida. Teriam as representações de campo e cidade pouco apelo efetivo sobre os comportamentos daqueles que se vêem diante da ampliação dos seus espaços de sociabilidade? Como esse contato através do trabalho, estudo e lazer

estariam sendo vividos individual e coletivamente pelos jovens? Esse contato alteraria antigas imagens de campo e cidade ou, pelo contrário, as reificaria?

- **Metodologia**

Trata-se de um estudo sobre juventude e projetos de vida nas consideradas áreas rurais de Nova Friburgo/RJ que envolve dois trabalhos etnográficos, cujas dinâmicas seguiram em diferentes direções, como veremos na descrição do trabalho de campo.

Gostaria de informar também ao leitor que, inicialmente, o estudo não tinha a intenção de realizar uma etnografia em Baixada de Salinas. Na verdade, durante um levantamento de dados junto à Pesagro do município, fui informado que o 3º Distrito de Nova Friburgo era o maior produtor de olerícolas do Rio de Janeiro, havendo inclusive uma escola – o Ibelga - para a capacitação dos filhos dos produtores rurais com o objetivo de incentivá-los a permanecer no campo, atualizando e desenvolvendo as práticas agrícolas na região. Neste caso, o estudo em Baixada de Salinas passou a representar também uma ampliação da pesquisa, já que nessa região, as condições de reprodução social dos jovens eram diferentes das existentes em São Pedro da Serra.

Nesse sentido, atento às duas localidades, procurei realizar um estudo em que a qualidade dos dados de um grupo enriquecesse a do outro, formando uma totalidade não-geográfica, mas de pensamentos, representações em relação ao tema juventude e projetos de vida, influenciados pelo mundo do trabalho formal e informal, as possibilidades de escolarização, o espaço da família, as relações de parentesco e amizade, as relações de gênero e geração, sendo central a questão do sair ou ficar no local de origem. Tomando essas questões como pano de fundo, procurou-se traçar um panorama das relações entre campo e cidade, onde os jovens são eleitos como sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, menos preocupado em comparar realidades, apontando diferenças, aproximações ou divergências, o trabalho de campo buscou ampliar o conhecimento sobre juventude rural.

Os métodos de levantamento de dados utilizados no trabalho de campo foram: a observação participante e a entrevista estruturada e semi-estruturada. No caso da observação participante, partimos da visão antropológica atual que mostra não se tratar de um ato neutro. Pelo contrário, observar implica em estar presente, influenciando e alterando a dinâmica do grupo estudado. Como informa Hammersley (1984), um pesquisador consciente do diálogo de sua própria subjetividade com as subjetividades dos sujeitos observados, impossibilitando a crença em uma neutralidade na pesquisa etnográfica e num objeto-passivo-observado, mas sim num sujeito que também observa, reflete e percebe um “outro” na dinâmica de seu grupo.

As relações do pesquisador não se dão apenas com a teoria e com os dados brutos coletados empiricamente, já que o processo de aquisição desses dados implica numa interação com os sujeitos, subjetividades, que atravessarão a sua própria subjetividade, seus dados e suas análises.

Assim, seguindo a perspectiva de Cicourel (1990), é preciso que o pesquisador aponte suas próprias condições de pesquisa de campo já que ela constitui variável complexa e importante para o que se considera como os resultados de sua investigação.

Em seguida, descrevo o trabalho de campo nas duas localidades, apontando os caminhos que foram tomados e seus motivos.

- **Trabalho de campo**

Nas duas localidades as possibilidades de minha permanência foram diferentes, assim como o conhecimento prévio da região, o contato com os informantes, o acesso a

documentos, entre outros, influenciaram no levantamento das informações obtidas em cada uma delas.

Entretanto, apesar das condições de pesquisa terem sido diferentes, as observações e as entrevistas nas duas localidades estavam orientadas pelas mesmas questões, embora tratadas com ênfases diferentes de acordo com as especificidades locais. O objetivo das entrevistas não era quantificar as respostas mas atingir ao máximo a compreensão da realidade vivida em cada contexto a partir de várias discussões com os informantes, em diferentes momentos.

Além dos jovens que moram no campo e vivem do trabalho agrícola, outros jovens também foram entrevistados. São aqueles que não necessariamente estão ligados à atividade agrícola, mas que ou moram nas localidades estudadas ou são estudantes das escolas locais ou turistas.

Foi preciso ainda realizar um levantamento de informações a respeito da trajetória histórica das localidades, assim como obter dados oficiais estatísticos sobre população e produção, entre outros, a fim de preencher algumas lacunas. Desta forma, dados estruturais se somam aos conjunturais, possibilitando uma melhor compreensão das especificidades das duas localidades. Em seguida, procuro inserir os dados das localidades numa discussão mais ampla das transformações socioeconômicas da região, isto é, busco a integração das partes à sua totalidade, decodificando as ações dos sujeitos dentro de uma estrutura que sustenta as mudanças de comportamentos, ou repensar seus significados. O cultural, nesse caso, tornou-se imprescindível para a análise, que relacionou a ação do sujeito à estrutura societária (Alexander, 1987). Isso não quer dizer que se privilegiou a estrutura em detrimento da ação dos sujeitos, mas as formas como os sujeitos respondem a determinadas conjunturas. O diálogo entre ação e estrutura, e suas conseqüências sobre a cultura e os significados foram centrais nesse trabalho.

Num trabalho de campo, a primeira coisa a se fazer é “situar-se” (Da Matta, 1985), “ver” e “sentir” o espaço. Perceber como ele se relaciona com o tempo ou as temporalidades e, juntos, como se manifestam nos modos de vida de diferentes sociedades. Essa foi a minha primeira atitude logo que cheguei às localidades. Procurei me situar observando e tentando compreender a dinâmica social dos grupos, para em seguida inseri-los num contexto mais amplo de sociedade através de leis gerais.

Em São Pedro, concentrei o levantamento de dados na rua por dois motivos. Em primeiro lugar, ela representa o espaço de maior convivência entre os jovens da localidade e deles com os turistas. Segundo, a rua como espaço social é capaz de produzir discursos e práticas diferentes dos encontrados em outros espaços fechados, como a família, a escola ou a igreja (Da Matta, 1985). A rua aparece, então, como espaço carregado de significados sociológicos que nos ajudam a compreender os modos de ser e agir dos indivíduos. Ali se estabelecem várias temporalidades, tais como a participação nos eventos religiosos, nas festas, no comércio e no trabalho. Por isso me detive aos fatos e aos discursos que advinham desse espaço. Um trabalho que possibilitava ver a dinâmica das relações sociais entre grupos de jovens diferentes e interagir com eles, sabendo dos riscos que correria ao ser identificado como turista.

Através do mundo da rua pude observar continuidades e discontinuidades nos seus modos de vida, as formas de incluir e excluir o “outro”, os lugares próprios para moradores e visitantes. Segundo Da Matta (1985), no Brasil, a rua apresenta valores e normas que são diferentes de outros espaços como o espaço da casa. Na rua somos todos indivíduos. A lógica é a satisfação e a valorização dos atributos individuais, do pensamento próprio, das relações impessoais, como afirma o autor.

Na rua, em São Pedro da Serra, os jovens sofrem forte controle dos pais, parentes e vizinhos, numa relação de oposição entre liberdade/liberação e vigilância.

Sob o olhar atento dos adultos que trabalham e circulam pelo comércio local, os jovens são vigiados todo tempo, o que demonstra um forte controle moral sobre seus comportamentos na rua, mas cada um dará suas respostas ao contexto, questionando essa autoridade dos adultos sobre eles.

Por outro lado, não se pode descartar a possibilidade de se discutir assuntos íntimos com mais liberdade na rua do que em casa. Na rua temos mais liberdade porque não somos identificados, podemos nos colocar menos avessos às mudanças da ordem ética e moral, o que dá certa margem de manobra aos jovens em relação às gerações anteriores na exposição das suas idéias. Essa foi minha intenção: entrevistá-los na rua, pois em casa ou nos locais junto à família e parentes eles poderiam se sentir menos à vontade para falar sobre assuntos polêmicos como sexualidade.

Quando iniciei a pesquisa em São Pedro da Serra, diferentemente da Baixada de Salinas, já conhecia a localidade através das pesquisadas coordenadas por Carneiro (1996a, 1997, 1998) na região. Havia estado ali em diferentes momentos entre os anos de 2000 e 2003.

Nas primeiras semanas em São Pedro, não levei comigo qualquer tipo de instrumento de entrevistas pois não tinha o interesse em realizar observações mais elaboradas. Apenas portava um caderno, um gravador e algumas fitas cassetes, na intenção de registrar minhas impressões, e algumas questões que haviam sido elaboradas previamente e que foram amadurecidas no contato com os informantes. Conheci alguns jovens moradores que mais tarde se transformaram nos meus informantes. Também não pretendia realizar entrevistas nesse momento, mas apenas observar, examinar a base para se entrar em uma situação de pesquisa (Cicourel, 1990), mapear lugares e construir algumas tipologias sobre comportamentos e relacionamentos que me servissem como referências para observar “os imponderáveis da vida real” (Malinowski, 1990).

Como já informei, algumas questões ainda não estavam claramente formuladas e mesmo aquelas que pareciam certas aos poucos demonstravam inconsistência teórica. Desse modo, esperava que conversas informais e observações sobre o dia-a-dia dos jovens me ajudassem a pensar sobre eles, seguindo o conselho de Malinowski (idem) de que idéias preconcebidas atrapalham mais do que ajudam no trabalho de campo.

Após ter entrevistado os primeiros jovens, passei a fazer perguntas mais elaboradas. Nossas conversas tornaram-se mais objetivas e as observações mais sistemáticas. Realizei um pré-teste com 15 jovens de forma a melhorar o questionário de entrevista. Conheci e encontrei outros jovens nos jogos que se seguiam nos finais de semana no campo do Clube de São Pedro. Portanto, primeiro e mais intensamente entrevistei os rapazes que estavam constantemente na rua e depois aqueles que só apareciam na localidade nos finais de semana ou férias. As entrevistas com as moças demoraram a acontecer porque inicialmente não tive acesso a elas. O contato com as moças exigia mais tempo.

Após o pré-teste, passei a realizar entrevistas nas escolas locais a fim de ampliar minhas observações e informações advindas do grupo dos 15 rapazes. No total foram realizadas 20 entrevistas abertas com 15 rapazes e cinco moças entre 14 e 25 anos³. Procurei observar seus comportamentos, participando com eles dos jogos de futebol, das

³ A definição de uma categoria analítica por faixa-etária é algo complexo, como aponta os estudos crianças (Aries, 1981) e juventude (Alvim, 1988). Por outro lado, é preciso estabelecer certos critérios para informar a cerca o grupo em questão. No meu caso, os jovens em análise são aqueles que estão buscando uma estabilidade de trabalho e que ainda não havia estabelecido uma relação matrimonial via casamento. Porém, a maior parte dos jovens de São Pedro que se encontram nestas condições está na faixa-etária entre os 14 e os 25 anos, como pude observar nos dados obtidos.

festas e de outros locais de encontro. Também foi aplicado um questionário fechado nas escolas da região envolvendo 32 moças e 32 rapazes com a finalidade de ampliar e confirmar as informações obtidas das entrevistas abertas. O levantamento em São Pedro da Serra ocorreu no período de agosto de 2001 a fevereiro de 2003.

Confesso que, inicialmente, fui mais participante do que observador, sabendo dos riscos que essa atitude causaria no momento das entrevistas e da análise dos dados, pois a participação intensa exige um controle maior do pesquisador sobre o seu comportamento no grupo observado e nas inferências realizadas. Como demonstra Cicourel (1990),

“quanto mais intensa for a participação, por um lado mais ricos serão os dados, e por outro lado maior será o perigo de ‘virar nativo’, além de, como consequência de se adotar a maneira de perceber e interpretar o ambiente que é próprio do grupo, torna-se cego para muitas questões importantes cientificamente” (p. 93).

O dilema estava colocado e era preciso enfrentá-lo. Talvez essa tenha sido a minha maior dificuldade no momento da análise. Precisei de mais tempo para me afastar daquilo que se tornou tão próximo.

Sei que também era observado por alguns deles, apesar de menos interessados pela minha presença porque já estavam acostumados com pessoas estranhas circulando pela localidade fazendo perguntas. Mais tarde, um entrevistado contou-me que diversas vezes havia me observado circulando na localidade. Pensava se tratar de um turista, mas não poderia ser, pois “andava de calça comprida e pasta durante o dia”. Berreman coloca que, assim como o pesquisador, que está observando seu objeto de estudo, os moradores locais também estarão observando o comportamento do pesquisador. Sendo ele de fora, o grupo poderá identificá-lo com as diversas categorias de estranho que conhece. Por isso, o pesquisador deve ter cuidados para não ser identificado negativamente pelo grupo a ser pesquisado (Berreman, 1990).

No caso em pauta, ser identificado como turista, dependendo da forma como os jovens o definem, poderia influenciar na nossa relação, dificultando o meu acesso a determinados assuntos e comportamentos. Havia, portanto, a necessidade de me colocar como pesquisador, informando-os sobre o meu verdadeiro interesse na localidade, desvencilhando-me da imagem de turista.

Somente com o tempo consegui entrevistar algumas moças que trabalhavam no comércio e que à noite freqüentam o movimento de subida e descida da rua. Isso aconteceu quando retornei a São Pedro depois de algum tempo, para acompanhar a festa da localidade vizinha – Lumiar – onde se concentram jovens das diferentes localidades, assim como ocorre nas demais festas da região. Aproveitava as idas à padaria, restaurantes e ao Centro de Informação ao Turista para conversar com elas. Além disso, diferente do que ocorre com os rapazes, o movimento das moças nas ruas de São Pedro durante a semana é menor. Observa-se uma maior circulação feminina nos finais de semana, quando as amigas e os rapazes de fora chegam à localidade.

Um jovem que logo de início me chamou a atenção foi André que acabou se transformando no meu auxiliar de pesquisa. André tinha 18 anos e trabalhava executando serviços gerais em pousadas. Já havia trabalhado em pequenas lavouras locais, mas não conseguia trabalho fixo. Eram os biscoites que lhe rendiam algum dinheiro ocasionalmente.

André dividia sua atenção entre os jovens de São Pedro, os turistas e os jovens da redondeza que freqüentavam a localidade nos finais de semana. Porém, era crítico a

respeito das mudanças que vinham se operando na localidade com o crescimento populacional, principalmente em relação à poluição, uma situação que afirmava ser resultado do movimento de turistas na região. Também responsabilizava os jovens de fora pelo aumento do consumo de drogas na região. Outros jovens, assim como ele, informavam, por um lado, que não existiam drogas na localidade até a chegada dos turistas, mas, por outro lado, que o turismo trouxe trabalho. André afirmava ainda “preferir a vida do campo a da cidade”. Na fala dos jovens se encontram as ambigüidades quanto aos valores atribuídos a campo e cidade, denotando as difíceis experiências enfrentadas por eles no mundo do trabalho e do consumo.

Nas primeiras entrevistas, alguns jovens demonstravam certa intranqüilidade em responder as perguntas. Outros tentavam passar uma imagem sempre positiva da pequena localidade. Palavras e jeitos pareciam fazer parte de um jogo onde o entrevistador tem que decifrá-los. Assim, havia uma intenção clara de omitir fatos e valorizar outros. De certa forma, não nos mostrávamos totalmente uns aos outros. O que confirma as palavras de Berreman (1990):

“o etnógrafo se estará apresentando de certas maneiras a seus informantes durante a pesquisa e ocultando deles outros aspectos seus. Os informantes estarão agindo da mesma maneira. Isto é inerente a qualquer interação social” (p.143).

Eles procuravam passar uma imagem que não deixasse uma má impressão da localidade. Não gostariam de ser confundidos com “roceiros” ou algo parecido. Suas preferências estavam algumas vezes direcionadas para os comportamentos e valores que os aproximavam dos turistas e, ao mesmo tempo, os afastavam da idéia de ignorantes. Observei pausas e justificativas na descrição de determinados comportamentos, como por exemplo gostar de música sertaneja e freqüentar casas de prostituição na sede do município. Afirmar a preferência por música sertaneja no momento em que o *funk*, *rave*, *techno* e a música eletrônica dominam os espaços vistos como urbanos poderia ser interpretado como caipira e, portanto, ignorante, e falar sobre as incursões sexuais com um estranho é difícil porque requer uma relação de confiança, que por sua vez exige um certo tempo de aproximação.

Com o tempo tive a sensação de que essas fronteiras iam sendo removidas. As respostas dos jovens passaram a ser mais abertas e também menos ambíguas. Tudo parecia depender da questão em discussão. Senti-os mais à vontade para falar sobre o que pensavam e como agiam depois de aproximadamente um mês. Foi nesse processo de aproximação entre entrevistador e entrevistados que observei que minhas imagens de rural e urbano perdiam cada vez mais o sentido que eu lhes atribuía, e que as definições dos jovens sobre os mesmos temas eram influenciadas pelas experiências vividas com os turistas, mas também por uma ordem mais conceitual, transmitida pela mídia, por exemplo.

Ao André recorri várias vezes para tirar dúvidas e obter algumas informações. Muitas das nossas conversas contribuíram para minhas conclusões, principalmente em relação a namoro e a amizade dos jovens de São Pedro com os de fora. Foi a partir do seu grupo de amigos que pude aprofundar minhas observações a respeito das preferências de moças e rapazes pelos jovens de fora, acompanhado-os e descrevendo seus comportamentos. Diversas vezes fui surpreendido por ele com outro jovem que gostaria de ser entrevistado por mim. Algumas das entrevistas aconteceram na pousada, outras nos bancos da praça ou na rua.

Sempre que estive em São Pedro da Serra me hospedei na mesma pousada⁴. Como nas pesquisas anteriores, tínhamos o costume de ficar na pousada da Dona Maria⁵, localizada na rua principal, o que por sua vez favorecia o nosso acesso aos moradores, facilitava a nossa circulação pela região e contribuía significativamente para as observações sobre parte da rotina do lugar.

Maria era uma mulher de 50 anos, que, viúva aos 27 anos e com um filho, continua sozinha. A pousada era um bem disputado com os irmãos. De uma família de seis irmãos (cinco mulheres e um homem), tradicional da região, onde a agricultura envolvia todos os membros, nenhum permaneceu na lavoura. O irmão que vivia da agricultura até pouco tempo, hoje é mestre-de-obra e se mudou para Angra dos Reis. Alguns de seus parentes trabalhavam com a agricultura, mas estão exercendo também outras atividades, como jardinagem e comércio. Suas irmãs moravam na sede do município. Sua mãe, hoje falecida, havia transformado a casa da família em pousada logo que se iniciou o movimento de turismo na região. A pousada de Maria foi a primeira de São Pedro da Serra. A trajetória de sua família tornou-se comum entre os moradores da localidade. Como mostrarei mais adiante, o desenvolvimento de atividades ligadas ao turismo passou a dominar o cenário central da localidade, ampliando o comércio local e possibilitando a reprodução social de algumas famílias.

Maria conhecia bem os movimentos da localidade. Sabia diferenciar com precisão quem são os moradores antigos, novos, turistas, assim como a localização de cada um no espaço físico e social. Gostava de conversar com os hóspedes e com alguns toma café, vinho ou mesmo janta. Diversas vezes tive que recorrer à Maria para me informar a respeito de alguns assuntos. Sempre disposta a ajudar, mostrava-se à vontade para falar sobre “as coisas” e “as pessoas” da localidade. Mesmo sem ter noção da importância, foi uma informante-chave para qualquer pesquisador de campo naquela região. Gosta de ajudar, inclusive fazendo contato com os moradores para a realização das entrevistas. Em vários momentos, após algumas entrevistas com moradores da região, ela fez questão de saber como tinha sido a conversa e traçou seus próprios comentários sobre os entrevistados. Tive o cuidado de não transmitir o teor das entrevistas, pois temia causar confusões ou constrangimento aos entrevistados. Falei apenas de assuntos que não interferissem nas relações pessoais ou na dinâmica da localidade. Como se trata de uma localidade pequena, todos parecem participar da vida de todos. Há sempre algo a ser dito ou ouvido sobre alguém ou algum fato. Mesmo sendo uma pousada onde os improvisos dão a tônica do lugar, Maria procurava tornar a minha estada mais confortável possível.

Gostaria de esclarecer também que o fato de os jovens de São Pedro conviver com turistas, a localidade possuir um centro movimentado, estrada de acesso em estado regular e transporte público constante, locais para alimentação e hospedagem, os tornam, além de tudo, mais comunicativos, o que favoreceu minha permanência no local e o trabalho de campo.

Em Baixada de Salinas, as condições do trabalho de campo foram diferentes, principalmente devido à dinâmica da vida da localidade. Os jovens trabalham quase o tempo todo junto a parentes e familiares. No caso deles, o tempo livre se confunde com o tempo de trabalho e das atividades religiosas. A religiosidade nessa região é muito expressiva. Há várias igrejas evangélicas e capelas católicas espalhadas por toda região.

⁴ São Pedro da Serra conta com uma pequena rede de pousadas (em torno de 16) e casas de aluguel, além de um comércio local capaz de atender a moradores e turistas. Há pousadas que recebem turistas internacionais, mas os visitantes geralmente são pessoas do Rio de Janeiro e Niterói. Elas se espalham por todo o vale chegando até o alto da serra.

⁵ Todos os nomes utilizados aqui são fictícios.

Não há quase movimento de pessoas circulando pelas ruas, a não ser em alguns dias em que há culto nas igrejas evangélicas. No final de semana, o que representa a rua em Baixada de Salinas, isto é, o movimento de pessoas num espaço público ao ar livre, são os campos de futebol improvisados. Nesse caso, procurei observar esses espaços esportivos, assim como as festas, como uma interação social aos moldes da rua em São Pedro da Serra. Ali realizei minhas observações e pude conviver com alguns jovens.

Não há praças ou lugares onde os jovens possam se reunir no final do dia, a não ser em alguns bares. Porém, como a maior parte dos moradores é evangélica, os bares não são lugares muito frequentados. Outra razão para o fraco movimento é que no inverno, devido à temperatura excessivamente baixa à noite, os moradores se refugiam em suas casas. De modo geral, as famílias estão em suas casas, cercadas por parentes que se visitam mutuamente, demonstrando se tratar de uma localidade mais fechada que São Pedro da Serra. O Ibelga é o local de maior movimento nessa localidade no decorrer da semana, aonde crianças e jovens vêm e vão durante certos períodos do dia.

Diferentemente do que ocorre em São Pedro, em Salinas o transporte público (ônibus) é mais escasso, o horário de circulação entre um ônibus e outro é maior. Os moradores estão mais distantes do movimento de turistas e dos centros urbanos. Isso não quer dizer que a localidade seja isolada, mas que as possibilidades de circulação, entrada e saída da localidade são menores.

Diante dessa constatação, em Baixada de Salinas, a pesquisa se concentrou mais na Escola Rei Alberto I, uma escola-família também conhecida como Ibelga, do que na rua. Diferente da maioria das escolas oficiais que se encontra em localidades movidas pela agricultura, o Ibelga trabalha os conteúdos exigidos pelas diretrizes educacionais, possibilitando aos jovens – moças e rapazes – uma profissionalização para o mercado de trabalho local, diferente dos objetivos das escolas de São Pedro da Serra. O que aproxima essas diferentes instituições é o fato elas servirem como uns dos principais espaços para as relações entre os jovens e ajudar a moldar sua visão de futuro.

Além dos jovens que moram na localidade, o Ibelga recebe também jovens de fora, dos municípios vizinhos cujas famílias não exercem atividades agrícolas, mas residem nas áreas consideradas rurais, como Sumidouro ou Vargem Alta. Geralmente são motoristas, trabalhadores da construção civil, comerciantes que se colocam ao lado das atividades agrícolas. Há ainda moradores que trabalham na sede do município, mas é uma condição específica, não uma regra.

É possível encontrar também jovens que moram na sede de Nova Friburgo, mas que, devido à falta de vagas nas escolas profissionalizantes do centro, resolveram estudar no Ibelga. Assim, os jovens que moram em Baixada de Salinas e localidades vizinhas convivem com outros jovens que residem fora da região, na sede do município e que não estão diretamente ligados às atividades rurais.

Na escola, conheci os jovens através dos próprios colegas de classe ou dos professores que indicaram alguns deles para entrevistas. Aproveitei os intervalos das aulas, assim como a liberação dos professores, para me aproximar dos estudantes. Houve pouco tempo para nos conhecermos porque as férias escolares estavam próximas, mas pude observar a dinâmica interna da escola e o convívio entre os jovens.

Além da organização e da política educacional do Ibelga, dados de outra natureza também ajudam a entender as relações internas da localidade e o comportamento dos jovens. É o caso das festas, do futebol e da religiosidade tão marcantes na vida dos moradores do 3º Distrito. Através do convívio e das entrevistas com antigos moradores e com os jovens, pude observar suas semelhanças e diferenças em relação a São Pedro da Serra.

Portanto, apesar das possibilidades distintas de levantamento de dados, as questões que nortearam o trabalho de campo em Baixada de Salinas seguiram a mesma lógica das elaboradas em São Pedro da Serra. Embora estivessem distantes geograficamente de São Pedro e mergulhados num contexto diferente, era preciso observar se os jovens de Baixada de Salinas partilhavam de alguma característica encontrada em São Pedro. As questões que tratavam das práticas e representações de campo e cidade, das escolhas e das possibilidades de realizações dos projetos permaneceram, portanto, como questões balizadoras do estudo proposto. Nelas, agregaram-se o mapeamento da realidade local, os espaços de sociabilidade e a identificação dos sentidos de ruralidade.

Uma forma encontrada para permanecer na região foi aceitar a hospitalidade do caseiro da Pesagro. Ali pude permanecer por um longo tempo, pernoitando e realizando minhas refeições, pois na região também não há restaurantes, apenas alguns bares de beira de estrada.

Muitas das minhas informações e acesso aos moradores antigos devem-se ao Sr. Jonas (caseiro da Pesagro) e a sua filha Jaqueline. Sempre prontos a me acompanhar pela região ou nas idas à cidade, conversávamos sobre as pessoas da localidade que de vez em quando esbarrávamos no caminho. Com eles pude transformar meu trabalho de campo num momento prazeroso de conversas infundáveis.

Outra informante que recorri em vários momentos, foi a Mônica. Vinda da cidade do Rio de Janeiro para trabalhar na Pesagro, casou-se com um jovem produtor rural com baixa escolaridade e que também prestava serviço a Pesagro. Mônica ajudou-me a entender os motivos e as formas de relacionamento entre os jovens do lugar. Através das suas histórias pude perceber que, mesmo vivendo há algum tempo no lugar, mantinha-se como alguém estranho, isto é, seus relatos traziam em si o “olhar de estranhamento” que deve possuir um pesquisador de campo. Deixei-me conduzir por suas falas buscando a confirmação nas entrevistas e nas observações que realizei. Foi por seu intermédio que pude perceber o forte controle que a “fofoca” exerce sobre esses moradores, principalmente sobre as mulheres e os jovens solteiros.

Confesso que em Baixada de Salinas haveria a necessidade de permanecer um período maior de tempo para que as informações fossem mais trabalhadas, sobretudo em relação à trajetória histórica da região, à formação das localidades e ao desenvolvimento da agricultura. Contudo, essas são questões secundárias na análise. Concentrei minha atenção naquelas informações que me ajudassem a entender os caminhos e descaminhos dos projetos de vida dos jovens e suas relações sociais.

É importante lembrar que meu interesse não estava somente em descrever os projetos de vida dos jovens, mas também em “observar” seus comportamentos quando estivessem juntos, pois em Baixada de Salinas, assim como ocorre em São Pedro da Serra, os jovens se mostravam mais interessados no contato com os de fora, aqueles com quem convivem na sede do município ou que estudam no Ibelga vindos de outras localidades, do que entre si quando o assunto era namoro ou um simples contato como é o “ficar”. Assim, acompanhei algumas festas no local, como a festa do Ibelga.

Na verdade, foi a partir das entrevistas no Ibelga que tive acesso aos jovens que freqüentavam as igrejas e o futebol. Esses jovens me possibilitaram também contatar aqueles que não estudavam no Ibelga. Não foi difícil me tornar próximo a eles porque minha imagem estava atrelada à imagem de professor. Se em São Pedro, poderia ser confundido com um turista, em Baixada de Salinas a escola se tornava parte da referência como os moradores se dirigiam a mim. Em outros momentos, com outros jovens que não aqueles do Ibelga, minha imagem foi atrelada à Pesagro devido à

companhia dos que trabalhavam ali. Isso não representava nenhum problema mas de certa forma estabelecia uma hierarquia nos nossos contatos, algo que eu não pretendia.

Assim, em Baixada de Salinas fui um estranho a maior parte do tempo, assim como também foi estranho o meu grupo de análise. Não conhecia a região, nem as pessoas e as formas de relacionamento entre elas e não compartilhei da vida da localidade, como havia feito em São Pedro da Serra.

Da mesma forma que em São Pedro da Serra, tive menos acesso às moças, que diferentemente dos rapazes, possuem menos possibilidade de circular pela região e encontram na escola uma maior oportunidade de estarem juntas e em contato com os rapazes. Assim como a igreja, a escola pode desobrigá-las dos afazeres domésticos enquanto estudam. Porém, ao se formarem ou interromperem os estudos, seus espaços sociais tornam-se mais limitados. A partir dessa realidade, concentrei minhas entrevistas com as moças na escola.

O trabalho de campo em Baixada de Salinas teve início em novembro de 2001, quando passei a me dedicar às entrevistas abertas no Ibelga. No total, foram realizadas 46 entrevistas⁶, sendo 20 moças e 26 rapazes, na faixa-etária entre 14 e 20 anos. Após as entrevistas abertas foi aplicado um questionário fechado que versava sobre questões ligadas à sexualidade e que deveria ser preenchido em casa. Dos 46 entrevistados, 95,65% responderam: 19 moças e 25 rapazes. Solicitei que, nas informações pessoais, apenas indicassem sexo e idade e que depositassem o envelope numa caixa selada na secretaria. Essa foi a forma que encontramos para deixá-los mais à vontade para falarem de assuntos íntimos. Obtivemos também informações sobre o Ibelga e os jovens através da direção da escola e de alguns pais que trabalham na instituição ou fazem parte do Conselho Escolar (15 adultos no total).

Contudo, se em Salinas meu estudo foi limitado pelo tempo disponível e por problemas de permanência no local, a experiência obtida no trabalho de campo em São Pedro me tornou mais objetivo nas entrevistas em Salinas. Pude realizar um número maior de entrevistas abertas. Além disso, ao contrário do que ocorreu em São Pedro, no Ibelga tive a oportunidade de entrevistar um número maior de moças.

Gostaria de informar ainda que depois de aproximadamente um ano retornei à Baixada de Salinas para levantar dados que preenchessem as lacunas que apareceram no momento da análise. Isso aconteceu no período de junho a julho de 2003. Nesse momento, estabeleci contato com outros jovens que não conhecia, ampliando minha visão sobre aqueles que não estavam na escola. Eles falaram de uma outra realidade para alguns jovens na região: são os jovens filhos de proprietários sem condições de reinvestimento ou meeiros. Em seus relatos acerca de suas vidas e perspectivas, observei que em Baixada de Salinas e localidades vizinhas ser filho de agricultor proprietário é diferente de ser filho de meeiro, seja em relação à permanência no lugar de origem seja em relação aos atrativos da cidade. Assim, entrevistei alguns desses jovens para conhecer melhor sua situação e também a de seus familiares.

Quanto aos valores e normas familiares, procurei fazer o caminho inverso da maioria dos estudos que tomam os discursos dos adultos para informá-los. São os jovens que falam sobre suas famílias e os valores transmitidos nas duas localidades. Propositamente não realizei um minucioso mapeamento sobre as transformações da família na sociedade brasileira para saber qual ou quais são os papéis vividos pelos jovens hoje. Pelo contrário, é a partir das suas idéias sobre campo e cidade e os caminhos que trilham seus projetos de vida que procuro entender o lugar da família e dos valores transmitidos nesse espaço.

⁶ Através do questionário socioeconômico foi possível mapear a situação dos irmãos e irmãs, parentes, namorados (as) dos jovens entrevistados.

No que diz respeito à análise sobre o comportamento desses jovens, dois problemas de diferentes ordens precisam ser ressaltados. O primeiro, de ordem teórica, refere-se à escassez de estudos sobre os comportamentos dos jovens que vivem no meio rural brasileiro, principalmente sobre suas experiências sexuais. Não podemos simplesmente fazer abstrações sobre o comportamento sexual dos jovens do meio rural a partir dos estudos realizados no meio urbano, é preciso levar em consideração as condições locais. Como ressalta Parker, “na vida sexual, bem como em qualquer outra área, os significados subjetivos acabam sendo construídos a partir de sistemas culturais intersubjetivos existentes em cenários sociais específicos” (1994, p. 143).

O segundo problema, de caráter metodológico, para os estudos sobre sexualidade, de modo geral, uma das dificuldades que se impõe, é o cuidado quanto aos questionamentos sobre o comportamento sexual de jovens abaixo dos 18 anos, sem a aprovação prévia dos seus responsáveis. Isto é, há limites na profundidade do questionamento pois os jovens abaixo dos 18 anos, legalmente são considerados menores e não possuem autonomia, estão sobre a tutela dos pais ou outro responsável qualquer, segundo o Código Civil, e portanto não podem falar sobre sua sexualidade.

Quanto às “evidências”, elas puderam ser confirmadas não apenas por observações e perguntas semelhantes, mas também através da aplicação de um questionário fechado num contingente mais amplo. Em São Pedro, junto às entrevistas apliquei um questionário nas turmas da noite porque poderia alcançar um número maior de jovens acima dos 18 anos. Assim tive a possibilidade de verificar a amplitude dos fenômenos ou fatos observados e relatados nas entrevistas abertas ou semi-estruturadas na rua. No caso de Salinas, as evidências também puderam ser confirmadas através da aplicação de um questionário num amplo contingente de jovens e entrevistas com os professores da escola.

Não me esqueci que, na avaliação do valor das evidências, deveria levar em consideração o papel do observador no grupo. Como nos coloca Becker, “a maneira como os sujeitos de seu estudo definem este papel afeta o que dirão para você e o que o deixarão ver” (1993, p.54). Tentarei, nesse caso, descrever algumas situações de entrevistas como forma de esclarecer as respostas que obtive sobre algumas questões. Portanto, tenho plena consciência de que meu papel no grupo também contribuiu para a qualidade das informações obtidas.

Além dos jovens, informantes privilegiados do meu estudo, também entrevistei alguns moradores adultos apenas com o intuito de compreender o processo histórico local. Dados obtidos em pesquisas anteriores nas mesmas localidades nos serviram para reforçar as hipóteses e complementar minha investigação (Schiavo, 1991, Carneiro, 1998 e Teixeira, 1998).

CAPÍTULO I - Juventude: entre as imagens de campo e cidade

*“Eu sou aquilo que consegui fazer com o que fizeram de mim”
(Sartre, 1956).*

Gostaria de iniciar este capítulo, chamando a atenção para algumas questões que estarão permeando nossa discussão. Em primeiro lugar, a construção das imagens de campo e cidade nos estudos sobre juventude; em seguida, as perspectivas desses estudos que oscilam entre generalizações e especificidades; e, por fim, o caráter relacional que envolve a identificação da juventude como uma questão de pesquisa. Tomo como referência os estudos de Cardoso e Sampaio (1995) e Zaluar (2003) com o objetivo de traçar a trajetória histórica dos estudos sobre juventude e neles identificar as idéias dominantes de campo e cidade.

1. 1. Entre generalizações e especificidades: O que é ser jovem?

Há uma clara distinção das análises quanto à sua perspectiva e abrangência. Elas podem ser divididas em análises genéricas – que buscam uma unidade identificatória dentro dos diferentes grupos de jovens de diversas nacionalidades - e análises específicas - que enfatizam as diferenças entre os grupos de jovens levando-se em consideração o local, o gênero e o *status* social, entre outros, apontando a dificuldade em se estabelecer uma “cultura jovem” ou uma visão homogênea da juventude.

Os jovens sempre foi foco de atenção da Antropologia e das Ciências Sociais. Mas o interesse tem aumentado desde o final do século passado, marcado por transformações profundas nas diferentes dimensões da sociedade moderna. Segundo Hobsbawm (*apud* Adorno, 2000), um dos fatores que marcaram o século XX foi a formação da juventude como categoria social independente, com poder, moda e economia próprias; uma categoria que fez, num certo sentido, com que todos invertêssemos a cronologia da vida. Entre generalizações e especificações, os estudos sobre juventude caminharam no sentido de reconhecer particularidades ligadas à geração ou especificidades características de grupos de jovens. Por outro lado, esses estudos, inicialmente, estavam orientados por uma perspectiva que tomava a cidade como referência para se discutir as transformações dos comportamentos jovens.

Os trabalhos ligados à generalização da juventude (Mannheim, 1968, Parsons, 1963 entre outros) deram ênfase às relações geracionais diante dos acontecimentos que atribuíram à juventude o papel de propulsora real ou potencial dos processos de transformações sociais, políticas e culturais, como a ascensão do nazismo nos anos 20, a consolidação dos regimes socialistas nos países do Leste europeu, a difusão e fortalecimento dos movimentos de esquerda na década de 50 e a revolução cultural de 68, entre outros. Tais estudos colocavam em discussão a inquietação e o inconformismo das novas gerações (Cardoso e Sampaio, 1995).

As análises recaíam sobre a relação entre processos históricos e o ciclo de vida individual, colocando como questão fundamental o problema da transmissão e

atualização da herança cultural. Mannheim (1968), preocupado em estabelecer a descontinuidade das gerações como fato social básico, encontra uma relação direta entre o ritmo de mudança social, de um lado, e a difusão de novas atitudes e a proliferação de estilos jovens, de outro. Deste modo, o autor estabelece um elo entre indivíduos socialmente diferentes e distantes, mas que conformam uma geração real, uma vez que as diferentes gerações estão orientadas umas em relação às outras (Cardoso e Sampaio, idem). O potencial de mudança aparece como inerente à juventude, dada a originalidade que caracteriza a posição de cada nova geração em relação à tradição no momento em que ingressa no sistema social.

O que parece mais evidente nos estudos sobre as relações entre gerações, é o fato dos autores não reconhecerem a juventude como uma construção social, em que cada contexto sociocultural imprime sobre os jovens suas especificidades. Além disso, os ritos de passagem entre a infância, a juventude e a adultez não aparecem como questões importantes para o reconhecimento desse momento de vida, assim como a questão da autonomia e individualidade da juventude.

Os estudos de Talcott Parsons mantêm a perspectiva geracional. Entretanto, dão ênfase aos contextos sociais específicos lançando mão do conceito de cultura. Sob esse enfoque, nota-se claramente a preocupação com a especificidade da categoria juventude nas sociedades modernas e com sua posição peculiar em relação aos valores sociais, seja essa posição interpretada como desvio, readaptação ou inovação.

Concordo com Cardoso e Sampaio que informam:

“apesar de a discussão geracional-biológica perder cada vez mais terreno em favor de uma abordagem histórico-social e cultural, que sustentava, basicamente, que a dinâmica das gerações é um fato social básico – como em Mannheim -, a juventude mantinha-se como uma categoria genérica. Embora se reconhecesse seu caráter fragmentado, era a unidade geracional e seu potencial de mudança que, em última instância, se buscava” (1995, p. 17).

Na verdade, são os jovens que vivem nos grandes centros urbanos, o objeto de estudo dos primeiros trabalhos sobre juventude. É a partir da violência urbana que os estudiosos passam a se interessar pela juventude como objeto de análise. No caso de Mannheim, são os jovens das *gangs* de Chicago, a partir dos anos 20. A tensão racial e a demarcação dos territórios aparecem, para o autor, como aspectos fundamentais da constituição de uma identidade de jovem negro vinculada à pertença a guetos. Contudo, esses estudos, como os de Tharster, Matza, Cohen, Cloward, entre outros, passam a enfatizar a questão da violência urbana, chamando a atenção para as *gangs* como causadoras de “distúrbios sociais”. De modo geral, essa é a tônica da maioria dos estudos que surgem nos anos subseqüentes, principalmente daqueles influenciados pelos sociólogos americanos.

Num perspectiva contrária, há os estudos que apontam as especificidades. Eles ressaltavam o caráter fragmentário e diversificado da juventude, mostrando que a experiência juvenil não é um fenômeno meramente geracional, mas que implica fazer parte de grupos sociais e culturais específicos. Ou seja, a juventude só pode ser entendida em sua especificidade, como segmento de grupos sociais mais amplos. Os jovens passam, assim, a ser vinculados às suas experiências concretas de vida e adjetivados de acordo com o lugar que ocupam na sociedade. Não se fala em juventude em abstrato, como uma espécie de energia potencial de mudanças, ainda que culturalmente construída, mas em múltiplas identidades que recortam a juventude.

Esse entendimento também é sentido nas análises de Simmel (1990) quando o autor aponta a fragmentação das experiências vividas na cidade, onde, segundo ele, não é possível falar de totalidade, de uma identidade coesa. A cidade se apresenta como um emaranhado de identidades e códigos. Há redes de significados que agem sobre os indivíduos e são influenciadas por eles (Geertz, 1978). Enfim, na sociedade moderna, a lógica está mais na pluralidade, na heterogeneidade, e menos nas generalizações. Tempo e espaço estão ampliados, dificultando a identificação das especificidades, o que não quer dizer que elas não existam. As mudanças em curso informam que a ampliação dos espaços e o contato entre diferentes temporalidades produzem a sensação da perda do pertencimento ao lugar. Este se torna cada vez mais relativo.

No final dos anos 60, a perspectiva da generalização ganha novo fôlego. Acompanhando os acontecimentos do final dos anos 60 e início dos 70, verifica-se que os jovens se tornaram protagonistas de diversos movimentos. Nos Estados Unidos, na França, no Brasil e em toda América Latina, os jovens propõem um novo estilo de vida que põe em xeque o convencionismo das gerações anteriores. Sexo, drogas e *rock and roll*, em graus variados, acabam inventando uma nova identidade jovem. Retorna-se desta forma a uma certa concepção genérica de juventude. É preciso reconhecer a existência de uma “cultura jovem” ou uma “identidade jovem”, algo para além dos limites territoriais e do tempo. A eclosão quase simultânea de diferentes manifestações juvenis contribui para que isso ocorra. Na tentativa de explicar esse movimento de contestação geral, recupera-se a imagem genérica de juventude contestadora, que é rapidamente apropriada, reelaborada e disseminada pela indústria cultural (Cardoso e Sampaio, 1995).

A Sociologia passa então a resgatar o que há em comum nos diferentes modos de ser jovem ou, ainda, a procurar por uma linguagem que costure valores e comportamentos de diferentes grupos juvenis. Essa é a conclusão do estudo de Cardoso e Sampaio (idem). Segundo elas, a dimensão cultural passa a ser o foco, centro das análises, sobrepondo-se, inclusive, à abordagem histórico-social⁷.

Em suma, o que observamos é que os estudos clássicos sobre juventude (Parsons, 1963, Mannheim, 1968 e Simmel, 1990) representam uma oscilação entre uma tendência mais genérica e globalizadora, que procura explicar, em termos de ciclos de vida ou culturais, a propensão da juventude a mudanças, e uma outra tendência que está atenta justamente às diferentes formas de ser jovem em nossa sociedade, que podem ou não convergir para um comportamento contestador. A contestação estaria em parte ligada ao momento histórico cultural. Essas duas perspectivas estão em constante confronto, mas nos ajudam a pensar o que existe de particular e universal na juventude.

Penso que mesmo apresentando certas especificidades, os jovens estão inseridos num movimento mais amplo, identificando-se com outras juventudes. Como espero demonstrar nesse estudo, não há fronteiras fixas entre os espaços, o que há são identidades ligadas ao pertencimento a determinados espaços sociais mas que estão em constante processo de transformação. Assim, os jovens das localidades agrícolas não estão isolados ou imunes às transformações da sociedade moderna, mas suas respostas são resultados da força que exerce a cultura local diante das novidades que parecem pertencer a um outro mundo. Na verdade, diante da fluidez das fronteiras entre os espaços sociais, é preciso observarmos as respostas locais e temporais. É assim que aparecem suas especificidades.

⁷ Não tenho a intenção de fazer uma descrição mais detalhada sobre esse processo. Para maiores informações, ver o trabalho de Cardoso e Sampaio (1995) na qual baseei minhas construções históricas a respeito da juventude.

É preciso compreender, portanto, que as duas perspectivas não se anulam. Pelo contrário, elas se complementam desde que não se perca de vista a dimensão do próprio fenômeno, isto é, os jovens estão inseridos num movimento mais amplo de transformações socioeconômicas e culturais, respondendo de diferentes formas a essas transformações, de acordo com os contextos locais nos quais estão inseridos. Nesse caso, a existência de especificidades não anula a existência da partilha de certas condições. O que parece existir é uma tensão entre diferentes identidades sociais, cuja dinâmica entre campo e cidade ajuda a orientar os projetos de vida dos jovens.

Mas essa não é a tônica dos estudos sobre juventude que veremos no tópico a seguir. Historicamente há uma tendência em se generalizar a partir das experiências dos jovens dos grandes centros urbanos, não se reconhecendo as especificidades de outras localidades. Por outro lado, “o rural”, quando descrito nos estudos clássicos sobre juventude (Mannheim, 1968, Parsons, 1963) é representado como espaço frágil, onde os jovens são constantemente empurrados para as cidades mais próximas. Portanto, a questão do êxodo rural é a principal marca dos estudos sobre juventude no campo e, às vezes, na cidade. O rural aparece em função da cidade, que representa o seu contrário. Moreira (2002) ressalta que é o discurso da sociedade moderna que constrói o sentido de rural, ajudada pelas transformações que ocorrem na produção capitalista, construindo imagens sobre os espaços e os indivíduos inseridos neles.

1.2. O lugar do rural nos estudos sobre juventude

Inicialmente, as análises generalistas procuram associar as imagens de jovens rurais às transformações das sociedades urbano-industriais de forma depreciativa. Em Mannheim (1968), a imagem de rural aparece como um espaço cuja dinâmica empurra os jovens despreparados para as cidades em desenvolvimento. Tem-se a perspectiva do fim do rural diante do desenvolvimento das cidades. O discurso é que o jovem rural, na cidade, se alia aos seus pares urbanos, e juntos são vistos como os responsáveis pelos “distúrbios sociais”. Se as definições de campo e cidade os colocam como espaços contrários, a imagem de juventude os homogeneiza como atores dos distúrbios urbanos.

A questão em pauta é o problema da violência urbana gerada pelo crescimento das cidades e que tem os jovens, vindos das áreas agrícolas ou não, como os seus principais protagonistas. O processo industrial aliado às diferenças existentes entre os grupos que imigram para as cidades em busca de melhores oportunidades de emprego no início do século XIX aponta as contradições do capitalismo que, ao mesmo tempo em que oferecia trabalho, era excludente, independente de ser jovem do “campo” ou da “cidade”.

Assim, segundo Zaluar (2003), as análises sociológicas estão direcionadas para a questão da violência e da delinquência através de diferentes teorias influenciadas pelo positivismo, seja nos Estados Unidos ou na Europa. Isso ocorre mais precisamente a partir do final dos anos 20. Como coloquei anteriormente, é a realidade da cidade de Chicago a tônica dos estudos de Mannheim. É as *gangs* urbanas o foco dessa análise. Interpretações como essa ajuda a construir todo um discurso em torno das imagens de campo e cidade, reificando a idéia de espaços separados e, muitas vezes, isolados geográfica e socialmente.

Seguindo as análises de Zaluar (idem), a primeira teoria que toma corpo no debate é a da *desorganização social* e está direcionada aos jovens italianos, judeus,

irlandeses, afro-americanos, entre outros. Eles formam uma geração que se torna objeto de estudos sistemáticos que discutem as implicações entre juventude, violência, criminalidade e desorganização social urbana. Segundo ela, desde então, o trânsito “zona rural” *versus* “zona urbana” e o esmaecimento de laços tradicionais de família e vizinhança são vistos como favorecedores de atividades criminosas, violência e marginalização juvenil, suscitando teorias ora centradas na idéia de *crise* e *desorganização social* (“teoria do rótulo”), que revelam um compromisso com a ordem estabelecida e com uma forma homogênea de organização social; ora centradas na idéia de frustração, que denunciavam o caráter competitivo de uma sociedade que não oferece as mesmas oportunidades de ascensão para todos os grupos e categorias sociais; ora centradas no processo de estigmatização de jovens moradores de guetos e bairros pobres como “delinqüentes” pelo governo, pela polícia e pela justiça, que observam que, a rigor, se trata de jovens à *deriva*, vivendo conflitos próprios de idade.

Nos anos 70, a “teoria do rótulo” cede espaço à teoria crítica que propõe uma radical transformação nos sistemas penais, com a eliminação da própria idéia de prisão, associada ao castigo e à vingança. Mesmo tendo durado pouco tempo nos países desenvolvidos, essa perspectiva teórica continua a influenciar os estudiosos da América Latina (Zaluar, *idem*).

Quanto à imagem do rural, ela aparece em oposição à cidade, representando o atraso. A cidade, por sua vez, corrompe os valores de família e sociedade que se acreditam permanecer no campo. Uma visão conservadora que responde às necessidades ideológicas da sociedade capitalista. Assim, combinam-se elementos pré-capitalistas (conservadores) e capitalistas (modernos), onde as tensões aparecem como anomalias numa perspectiva durkheimiana (Martins, 1981).

Para Dumont (1993), diante da ideologia da sociedade contemporânea - o individualismo -, a família permanece como um elemento não individualista, isto é, representa a sobrevivência de um elemento pré-moderno. A sociedade moderna passa a ser percebida como uma complexa relação de valores modernos e conservadores. No campo, as análises procuram enfatizar a idéia da tradição cultural, ao passo que para a cidade se dirigem os discursos que falavam de desenvolvimento e modernidade. Nesse sentido, aqueles que vivem na cidade estão em perfeita consonância com as mudanças. Numa perspectiva positivista, são modernos, e aqueles que vivem no campo carregam a imagem de atraso, ignorância e resistência à mudança⁸.

De qualquer forma, nessas teorias produzidas no seio do desenvolvimento burguês capitalista, a imagem de rural o transforma na parte ingênua, arcaica e

⁸ As análises sociológicas se baseiam nesse dualismo. Mannheim (1981) mostra que, através dos estilos de pensamento (conservador e racionalista), a sociedade moderna passa a ser vista pelo pensamento sociológico através de polaridades em constante tensão, apontando as descontinuidades do processo de modernização urbano-industrial, isto é, a existência de sociedades ou condições “pré-capitalistas” nas franjas das sociedades “capitalistas”. Tradicional/moderno, campo/cidade, rural/urbano, alimentam (até hoje) o debate sobre o desenvolvimento urbano-industrial. Como se cada uma dessas dicotomias, no nível do conhecimento, seja capaz de explicar a realidade vivida. A Sociologia aparece então como a ciência “capaz de diagnosticar as anomalias de modo a permitir a sua superação” (Martins, 1981, p.20). Como se as ambigüidades de origem da Sociologia se desdobrassem nas dicotomias, de tal modo que em cada termo da dicotomia não houvesse ambigüidade e que na interpretação da vida social o mundo é que parecesse ambíguo (*idem*). Esse dualismo metodológico vai tornear os estudos sobre a sociedade moderna, assim como afirmar a existência de comportamentos e valores diferentes entre campo e cidade. Ver ainda a discussão de Martins (1981) a respeito das noções que nortearam as análises de Durkheim (solidariedade mecânica e orgânica, anomalia e fato patológico) e Karl Marx (fetichismo da mercadoria) sobre o desenvolvimento da sociedade moderna. Os clássicos da Sociologia trabalham com a perspectiva de que o passado (sociedade pré-capitalistas) permanece em tensão com os novos modos de produção capitalistas.

tradicional das sociedades diante das contradições da vida urbana. A imagem de uma cidade capaz de corromper e transformar os jovens rurais em violentos e delinquentes mostra a fragilidade de tais argumentos. Porém, outra questão vem se somar ao debate: as relações de classe.

Nos estudos sobre os jovens franceses, a teoria das classes formulada por Louis Chevalier aponta para uma associação indiscutível entre a classe operária em formação na cidade, suas condições miseráveis de vida e a explosão da violência e criminalidade. Mais uma vez, observa-se a tendência dos estudos sobre juventude em estabelecer uma ligação direta entre grupos de jovens e violência urbana. As classes perigosas estariam amalgamadas às classes trabalhadoras; a elas, portanto, estariam indissolivelmente ligadas por seus hábitos, valores e preferências. Essa teoria volta à baila nos anos 80 para explicar as *galères* da *banlieue* parisiense, mesmo após sofrer críticas contundentes de historiadores franceses como Chesnais.

Chesnais (1981) ressalta que as evidências históricas das estatísticas da criminalidade na França não demonstram diferenças entre os índices de violência de Paris e das “zonas rurais” francesas durante o século XIX, o que não nega que Paris seja verdadeiramente uma cidade perigosa neste período e tampouco que o pequeno percentual de perigosos recrutados da classe operária deva suas atividades criminosas à condição proletária. O certo é que a violência é independente da classe social ou de se pertencer a algum espaço em particular. É preciso romper com uma visão segmentada pelo território. Os motivos da nova onda de criminalidade registrada nos países europeus passam a ser explicados não pela classe ou localidade, mas pela exclusão social.

A associação funcionalista entre *juventude – cidade – violência - criminalidade* aos poucos perde importância analítica diante da discussão sobre classe social, assim como os jovens passam a não ser mais vistos como um grupo homogêneo e os jovens “rurais” como passíveis da “corrupção urbana”, mas mantém-se a dicotomia dos espaços. A perspectiva de espaços separados e antagônicos continua a alimentar os estudos sobre juventude, principalmente quando elege a questão do trabalho e estudo para falar sobre os jovens do campo, e a violência e os distúrbios sociais para discutir a realidade dos jovens urbanos. Como se em cada espaço, aquilo que marca o que a juventude sofre se apresentasse como contrário num outro espaço.

A discussão sobre violência também orienta as análises sobre juventude no Brasil, mas, aos poucos, questões envolvendo o mundo do trabalho, da educação e da cultural vão disputando espaço nesses debates.

No Brasil, nos anos 80, os debates sobre juventude continuam na tentativa de positivá-la ou denunciar problemas que parecem “naturais” para essa etapa da vida, principalmente nas camadas populares, assim como vem acontecendo nos Estados Unidos e na França em relação à violência (Duque-Arrazola, 1997). Duque-Arrazola enfatiza que a maioria dos estudos sobre crianças e adolescentes nesse período ainda está orientada por uma visão que associa meninos e meninas pobres com marginalidade, prostituição, infração etc., estigmatizando tanto a raça negra quanto a condição de pobres desses indivíduos.

Em 1993, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1993), o trabalho infantil é condenado e as especificidades do trabalho familiar na agricultura, cujo trabalho infantil e do adolescente fazem parte do processo de socialização e do futuro das famílias agrícolas, parecem não encontrar o seu lugar. Mas, por outro lado, diante do aumento da violência e da falta de proteção à criança e ao adolescente, o Estatuto da Criança e do Adolescente, com inúmeros títulos, capítulos e artigos que garantem, à imagem da nossa última Constituição, direitos fundamentais -

respeito à vida e saúde, à liberdade e dignidade, à convivência familiar e comunitária, à educação, cultura, esporte e lazer, à profissionalização e proteção no trabalho - vem a ratificar a Declaração Universal dos Direitos da Criança, mas também reconhecer e consagrar a criança e o adolescente como indivíduos e, portanto, cidadãos (Lavinias, 1997). Agora, o que é socialmente construído como “jovem” e “adolescente” ganha *status* de cidadão e entra na lógica dos ciclos da vida que devem ser observados e contemplados por políticas públicas específicas. O que muito contribui para essa mudança são os movimentos sociais e sindicais que se dedicam à luta pelos direitos da criança e do adolescente principalmente ao não-trabalho e a educação para todos.

Os jovens passam, então, a serem vistos nas análises científicas como vítimas da violência urbana e do descaso das políticas públicas. É preciso proteger e levar a cidadania aos jovens e adolescentes. Trabalhos como os de Adorno (2000) e Castro (1993) revelam que o jovem é muito mais vítima da violência das periferias das grandes metrópoles do que seus agentes. As vítimas são, na maior parte dos casos, homens entre 15 e 29 anos, negros e pobres. A análise de Adorno é muito interessante nesse sentido porque o pesquisador desmistifica o jovem da periferia como um “ser violento” e aponta a polícia como o braço do Estado promovedor de atos de violência, inclusive de homicídios: “ao contrário do que se pensa, não se constatou que as vítimas tivessem algum comprometimento com a violência: a maior parte dos jovens estava estudando, trabalhando ou em busca de trabalho” (Adorno, 2000, p.103). A partir de então, conclui-se que ser jovem na cidade é, em última instância, viver uma situação perigosa. Essa imagem passou a fazer parte também dos discursos dos jovens a respeito dos espaços campo e cidade. Como veremos no quarto capítulo, os jovens entrevistados, quando definem campo e cidade, insistem nas representações de que a violência é uma característica da cidade, de forma que o campo aparece sempre como um lugar tranquilo, uma imagem também alimentada pelo interesse dos turistas pelas localidades analisadas.

É interessante observar que, na maioria desses estudos sobre juventude, as imagens da cidade aparecem como uma sociedade em decomposição, não somente em relação ao convívio social, mas também no que diz respeito às instituições que deveriam garantir qualidade de vida para as populações como saúde, educação e trabalho. Nesse caso, o rural surge como ideário de vida, inclusive no discurso dos próprios jovens da periferia urbana (Minayo et al., 1999). São essas imagens produzidas nas práticas do cotidiano das cidades e veiculadas pelos meios de comunicação que são incorporadas aos discursos dos jovens, sejam eles da cidade ou do campo.

Verifica-se que a mídia, ao mesmo tempo em que fala da cidadania jovem, também contribui para a disseminação da idéia de uma juventude urbana violenta. O rádio, a revista e a televisão abrem muitos espaços para programas, reportagens e anúncios diretamente destinados ao público jovem e também promovem muitos debates com especialistas ligados à área de justiça, educação, psicologia, religião etc. Entretanto, há uma clara distinção entre programas destinados aos jovens e aos adultos responsáveis por esses jovens. Os produtos dirigidos aos jovens envolvem sempre temas ligados à cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida, esporte e lazer. Quanto aos adultos, os produtos estão relacionados a problemas sociais, como violência, crime, exploração sexual, drogas, ou a medidas para dirimir ou combater tais problemas (Abramo, 1997). Há, portanto, “juventudes” em debate, mas a lógica é a da tutela. O jovem ainda é visto como alguém cuja sociedade precisa dizer o que ele deve ser e fazer. Nesse sentido, uma atenção especial é destinada à família e à escola, lugares considerados importantes pelos especialistas para o bom desenvolvimento da criança e da juventude.

Outras discussões se juntam à questão do uso de drogas, da violência, dos “distúrbios sociais”, que antes são associadas aos modos de vida dos jovens: o direito à cidadania, à autonomia e à individualidade. Desenham-se, a partir de então, novas perspectivas para os estudos sobre juventude em geral. Agora, fala-se em “individualidade”, “autonomia” e “cidadania” (Melucci, 1997, Durston, 1998, Cepal, 1996, entre outros), valores produzidos pela sociedade moderna (Dumont, 1993) e que se tornam temas de interessantes debates no meio acadêmico, atingindo também os estudiosos preocupados com o mundo rural. O jovem do campo passa a ser interpretado como o mais desconstituído de “cidadania”. Entre o desejo de ser e ter, os jovens são vistos como aqueles cuja igualdade e liberdade estão muito distantes da sua realidade (Cepal, 1996). Assim, a realidade dos jovens inseridos nos espaços agrícolas passa a exigir a atenção de políticas públicas específicas na área de educação (capacitação) e trabalho (inclusão e proteção). Em relação à educação, ao invés de capacitar o jovem para o mercado de trabalho, ela apenas alimenta a esperança de se conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho, algo que se mostra irreal diante das altas taxas de desempregados com ensino médio.

No caso específico dos jovens considerados urbanos, as mudanças engendradas pela sociedade moderna, com maior acesso à educação, favorecem, segundo Melucci, ainda mais a idéia de *individualização* e *autonomia* juvenil. O jovem, desse modo, torna-se um tema interessante de pesquisa, porque a biografia dos dias de hoje mostra-se menos previsível, e seus projetos de vida passam mais do que nunca a depender de uma escolha autônoma (Melucci, 1997). Verifica-se também que as perspectivas mais positivistas aos poucos cedem espaço às análises que colocam a juventude como um grupo heterogêneo, dotado de uma capacidade de reflexão e idéias próprias (Novaes, 2000, Paiva, 2000, entre outros), detentor de direitos e não apenas de deveres.

Outros estudos também enfatizam a autonomia e individualização dos jovens urbanos, apontando especificidades e generalizações que envolvem a idéia de “juventudes” (Heilborn, 1999, Madeira, 1997, Alvim e Gouveia, 2000, Peralva, 1997, entre outros). Peralva chega à conclusão de que os jovens, de modo geral, mais abertos a novas experiências e à incorporação de novos modos de vida, tornam-se os protagonistas desse crescente processo de individualização/modernização pelo qual passam as sociedades urbano-industriais graças à possibilidade de construir suas experiências ao invés de apenas recebê-las das gerações anteriores. Ela coloca que os jovens são percebidos como capazes de elaborar suas próprias idéias e atuar individualmente sem o controle dos pais. E afirma que

“os jovens são os primeiros a sentirem as mudanças em curso na sociedade contemporânea, pois diferentes dos adultos que vivem sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, eles já vivem em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade eles ajudam a construir” (1997, p. 23).

Melucci (1997), por sua vez, ressalta que ser jovem, hoje,

“parece significar plenitude como o oposto de vazio, possibilidades amplas, saturação de presença. (...) A experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para se ‘ter’ e mais algo para se ‘fazer’” (p. 9).

Mas há que se levar em consideração que aquilo que representa o “novo”, nem sempre representa a realidade para todos os jovens, como por exemplo, o acesso à educação⁹ e ao mercado de trabalho no Brasil. As possibilidades se tornam cada vez mais deficitárias e o jovem se vê diante de desafios. Assim, a questão a ser respondida deveria ser: como manter sua dignidade no final da sociedade do trabalho, já que as pessoas trabalham porque trabalhar lhes permite serem vistas e percebidas como dignas, honestas e merecedoras de respeito? Valores como individualidade e autonomia, se são almejados, estão muito distantes da realidade dos jovens das camadas populares de diferentes localidades, assim como dos jovens das localidades agrícolas, como discuto nos próximos capítulos. Portanto, a realidade se impõe mostrando que esses valores modernos não são reais para todos. O campo de possibilidades¹⁰ de auto-realização se, por um lado, é ampliado, por outro, mostra que as melhores oportunidades estão colocadas para os mais capacitados, para aqueles que podem investir recursos em formação, que podem contar com o apoio financeiro dos pais e com a rede de relações que se constroem em torno de cada família. Desta forma, os diferentes grupos de jovens que estão hoje no meio rural se assemelham, em condições, àqueles jovens que vivem nas periferias das grandes cidades, principalmente quando a questão é o acesso à educação e ao mercado de trabalho.

Em suma, os estudos sobre juventude representam uma significativa importância no desvelamento das diferentes juventudes, enfocando suas especificidades ligadas à questão do tempo e do espaço. Contudo, há também a reificação de imagens que associam os espaços a determinadas qualidades, como a questão da violência urbana para os jovens da cidade, mas pouco se mostra interesse pela realidade dos jovens das localidades rurais. Geralmente, o interesse pelos jovens rurais está direcionado para a questão do êxodo rural, como apontam os estudos clássicos de Mannheim e Parsons. Nas últimas décadas, aumenta-se o interesse na construção das diferentes identidades sociais em sociedades complexas. A autonomia e individualidade dos jovens, assim como o direito de ter a liberdade e a igualdade respeitadas, tornam-se questões-chave para afirmar o seu lugar na sociedade. Os estudiosos (Durstun, 1996, Minayo et al., 1999, Lyra et al., 2002, entre outros) passam a chamar a atenção para os diferentes tipos de violências sofridas pelos jovens e a tratá-los como detentores de problemas específicos. A juventude é colocada como uma etapa de aprendizagem mas também de fortalecimento de identidade sociais, de opiniões e de interesses. As incertezas e os desafios que marcam a vida dos jovens, independente do contexto onde vivem, aparecem cada vez mais como desafios para os debates acadêmicos. É preciso dirigir o foco da análise para as situações que geram essas incertezas e desafios, principalmente aquelas que envolvem classe social, geração, gênero e “localidade”. É o que farei aqui no decorrer da análise sobre os projetos de vida dos jovens de São Pedro da Serra e Baixada de Salinas. Como nos coloca Bourdieu (1995), não é suficiente apontar a

⁹ Segundo dados da Folha de São Paulo, em reportagem do dia 14/09/2003, “a educação mundial vem se desenvolvendo a cada ano, mas o Brasil não está acompanhando essa evolução. O desempenho de alunos com até 15 anos foi avaliado em 32 países e o Brasil ficou com uma das piores posições, superando apenas a Macedônia, Indonésia, Peru e Albânia. Segundo pesquisa do Saeb (Sistema de Avaliação do Ensino Básico, do Ministério da Educação), do total das crianças brasileiras que cursam a quinta série do ensino fundamental, 64% não sabem ler, nem escrever”.

¹⁰ O campo de possibilidades, como será visto no último capítulo, é conceituado por Gilberto Velho (1994) como uma dimensão sociocultural, um espaço para formulação e implementação de projeto. Este, por sua vez, é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Projeto e campo de possibilidades são noções que nos ajudam a entender as trajetórias e biografias dos indivíduos situados em determinado quadro sociocultural.

existência das diferenças, é preciso mostrar como elas acontecem, a partir de que estrutura e relações elas se desenvolvem.

Nota-se que as preocupações e os temas que envolvem a juventude rural, depois da segunda metade dos anos 90, estão ligados à permanência no campo, aos padrões sucessórios, ao êxodo rural e à fluidez das fronteiras socioeconômicas e culturais (Abramovay et al., 1998, Carneiro, 1998, Galland & Lambert, 1993, entre outros). Desta forma, procuram legitimar a existência de uma juventude que vive no campo e que possui especificidades quanto às transformações que passam a ocorrer na sociedade moderna no início do século XXI. Não se fala em capacitar os jovens de forma a ampliar seu leque de possibilidades de realização pessoal tanto em atividades agrícolas como não-agrícolas, inclusive em trabalhar fora da sua localidade de nascimento. Questões que envolvem o lazer ainda não são temas de discussões sobre os jovens nas localidades rurais.

De qualquer forma, essas diferentes perspectivas apontam para o caráter relacional da juventude. Entre generalizações e especificações está a própria construção da imagem de juventude. São o tempo e os movimentos dos espaços sociais que constroem essas questões que passam a exercer influências sobre o que se define por juventude. Como localidade, as representações de campo e cidade são partes constituintes dessas construções de juventude.

Simmel (1967), em seu artigo *A Metrópole e a Vida Mental*, compara a vida na cidade e a vida no campo, ressaltando os distúrbios psicológicos que a agitação da metrópole causa ao homem, assim como suas relações sociais. Segundo ele, a metrópole molda no homem uma consciência diferente da consciência na vida rural, já que nesta última o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais fluem lentamente, uniformemente. A vida da cidade pequena descansa sobre relacionamentos mais profundos e emocionais, enquanto na vida nas metrópoles, as relações entre os indivíduos são superficiais. Seriam essas afirmações válidas para os jovens hoje diante da fluidez das fronteiras entre os espaços?

1.3. Juventude e o seu caráter relacional

Ariès em *História social da criança e da família* (1981) já apontava o caráter relacional da categoria criança. O historiador relativiza a concepção naturalizada de infância, ao provar que a valorização dessa etapa do ciclo de vida é efeito de um processo cultural peculiar à modernidade, que instaura a entronização do mundo privado e traz, como seu corolário, a intimização das relações que aí se travam. As noções que envolvem os ciclos de vida estão diretamente ligadas à questão da cultura e da sociedade.

Adotar o biológico como capaz de dar sentido aos comportamentos sociais é atribuir uma “essência” a cada ciclo vital. Seria acreditar que existe algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos na forma de um instinto que conduz as ações (Loyola, 1999). Nesse caso, opto em trabalhar com uma perspectiva construtivista que procura problematizar a universalidade das etapas da vida ligadas ao biológico. Trabalho com o movimento sociocultural daquilo que definimos como “jovem” ao invés de estabelecer um período identitário cronológico. Assim, os jovens que são os protagonistas deste estudo são definidos sociologicamente como aqueles que estão se preparando para assumirem o papel de adulto na sociedade, no plano familiar e profissional (Waiselfisz, 1998), isto é, estão se iniciando no mercado de trabalho e ainda

não possuem uma unidade familiar autônoma via casamento. Na verdade, são os ritos de passagem que agem no sentido de transformar uma condição em outra. Nas representações dos jovens estudados, o casamento, por exemplo, assim como ser pai ou mãe, é um marco entre ser jovem e ser adulto. Mesmo que a união se dê de forma consensual e o jovem casal esteja morando com os pais, a chegada de um filho pode representar ou não a aquisição de um status de adulto. Portanto, os movimentos da cultura, com seus ritos de passagem, é que estabelecem o fim de um ciclo e a chegada de outro.

Para este estudo é posta a questão: Há condições diferenciadas nos ritos de passagem que informam a existência de uma juventude rural? Em outras palavras, quem é o jovem das localidades rurais? É difícil responder a essa questão diante da visível heterogeneidade que marca os cenários rurais¹¹.

Durston (1998) faz uma contribuição significativa nesse sentido. Buscando dar visibilidade a transitoriedade que marca a vida dos jovens no mundo rural, ao utilizar de uma abordagem etária, o autor nos possibilita entender os caminhos que seguem o momento da juventude no espaço rural. O seu “enfoque etário” leva em conta as mudanças nas relações socioeconômicas de uma pessoa vinculadas à evolução de sua idade. Ressalta que o “enfoque etário” não é somente relevante para o tema da etapa juvenil, senão também para todas as etapas da vida, enriquecendo a análise global da sociedade¹².

“o enfoque deveria envolver três processos distintos, que influem uns nos outros: o *ciclo de vida* da pessoa; a *evolução cíclica do lugar* em que a pessoa vive; e as *relações intergeracionais e intrageracionais* que surgem em grande medida da interação entre o ciclo de vida dos filhos e das filhas e o da evolução de seu lugar na socialização” (grifo do autor, p.8).

Durston inicia sua discussão afirmando que o mais relevante no enfoque etário não é a idade cronológica da pessoa, mas a seqüência de etapas do ciclo normal de vida. Esta seqüência, segundo as pessoas, difere marcadamente entre ambos os gêneros, e inclusive há casos individuais em que algumas fases não se dão. Como modelo abstrato, ele postula, idealmente, a existência de três etapas e doze fases juvenis e adultas distintas no ciclo de vida rural:

- a) A etapa da infância dependente e suas respectivas fases;
- b) A etapa juvenil, que compreende:
 - 1 – fase escolar (crescimento sincrônico com o a seguinte);
 - 2 – fase de ajudante do pai ou da mãe em suas atividades;
 - 3 - fase parcial de independência econômica;
 - 4 – fase de recém-casados; e

¹¹ Esta questão aparece nos estudos de Abramovay et al. (1998), Carneiro, (1998), da FAO (1996), Cepal (1996) e Durston (1996, 1998). Pouco se sabe sobre a situação escolar dos jovens do campo, suas condições de saúde, demografia, emprego e trabalho, assim como sua participação sociopolítica. Alguns estudiosos (Briones et al., 1996, Cepal, 1996, Rodríguez, 1996 e FAO, 1996) se utilizam de certas características para definir essa “juventude rural”, apesar de considerarem a heterogeneidade que existe subsumida por essa designação. Nota-se nessas análises a busca pela legitimidade de uma categoria analítica.

¹² Ele ressalta que como todo modelo, o “enfoque etário” é uma ferramenta para abordar tal análise. Não representa mais que um esboço teórico já que não pretende ser uma descrição da variedade de realidades com que se defrontam os jovens na América Latina.

5 – fase de pais jovens de filhos menores.

c) A etapa adulta, que abarca:

1 – fase de pais com força de trabalho familiar infantil;

2- fase de pais com força de trabalho adolescente;

3 – fase de chefes de um lugar extenso;

4 – fase de crescente perda do controle sobre os filhos;

5 – fase de doação ou concessão de herança antecipada de terra; e,

6 – fase de anciões dependentes.

A efeito de que estas etapas e fases sejam mais ou menos óbvias para todo o mundo também implica que os jovens rurais, segundo Durston, tenham pelo menos em alguns momentos e em certos aspectos, um pensamento e uma prática estratégicas que combinam seu uso do tempo presente com sua visão de como preparar o tempo futuro, especialmente nas fases mais próximas. “O tempo futuro – a forma em que os jovens imaginam as etapas por cumprir em seu desenvolvimento pessoal, segundo a seqüência antes esboçada – condiciona o comportamento no tempo presente” (1998, p.09). O que demonstra que os jovens têm necessidades e funções no presente, em sua etapa juvenil propriamente dita.

Em relação à evolução cíclica do lugar, Durston comenta que a unidade doméstica de residência e consumo na América Latina, ao contrário de lugares extensos, é geralmente marcada por lugares nucleares (integrado por um dos chefes, mais filhos de algum deles ou de ambos).

Existe uma correspondência entre as etapas do ciclo de vida da pessoa e da evolução do lugar. Em toda cultura tradicional, como é o caso da maioria dos países da América Latina, a mulher possui um lugar subordinado, onde a autoridade está nas mãos dos chefes do lugar. Isso significa que os interesses dos homens, jovens ou adultos, são determinantes na estratégia seguida em seu lugar, e exige o apoio de sua mulher e filhos. Segundo Durston, a família rural é um ‘sistema complexo adaptativo’, com mecanismos de retroalimentação individuais e do conjunto que lhes permitem funcionar para avançar em direção ao bem-estar comum. Não é um espaço democrático e nem uma empresa capitalista, onde o chefe possui poderes absolutos de decisão e mando. Como consequência da posição que ocupa, o que se estabelece são os critérios do chefe masculino e predomina sua visão das formas de apoio que seu lugar pode brindar em sua estratégia de vida.

No caso dos jovens, verifica-se que em muitos países, a metade ou mais dos economicamente ativos de ambos os sexos não trabalham, principalmente no estabelecimento familiar, senão como assalariados, sobretudo em atividades não agrícolas. Esta estratégia familiar e seu imperativo cultural continuam operando com respeito aos ingressos gerados pelos jovens. Ela representa os conflitos de geração. Para Durston, “atrás da aparente diminuição do campesinato definido por termos econômicos se esconde a persistência, sob novas condições, da cultura camponesa subjacente nas relações e estratégias (pessoal e do lugar) esboçadas no presente marco analítico preliminar do enfoque etário” (1998, p.10).

O autor descreve a dinâmica da relação entre os objetivos da “empresa” familiar e os objetivos do chefe de família e dos filhos:

“Devido a estreita identidade entre os objetivos da ‘empresa’ representada pelo lugar camponês, e os objetivos pessoais do chefe, a correlação de seu ciclo de vida com o ciclo de desenvolvimento do lugar é também estreita. Isto significa que é possível descrever este

último ciclo em relação com a idade (o da fase de vida adulta) do chefe do lugar. Os lugares mais pobres, em princípio, são os encabeçados por chefes jovens que não herdaram ou compararam terra ou outras formas de capital, e que têm filhos muitos pequenos que consomem e requerem mais atenção que o equivalente a sua participação no trabalho. A medida que avança a evolução cíclica do lugar, e fazendo abstração dos fatores de azar que fazem deste ciclo uma tendência estatística e não uma trajetória única, o chefe do lugar controla cada vez mais os recursos. Este controle é legitimado culturalmente pelos membros, incluindo os filhos jovens, aonde seus próprios interesses pessoais os levam a tentar influir nesse controle” (idem, p.10).

Para o chefe, as maiores possibilidades de acumulação de capital se dão precisamente quando seus filhos e filhas são jovens, já que possuem uma capacidade produtiva quase igual a de um adulto. A condição de solteiros e o controle sobre seu trabalho é muito alto. Na fase de recém-casados, o controle diminui em alguma medida, mas pode incorporar ao esquema a força de trabalho de noras e genros. Quando os filhos se tornam independentes, e especialmente quando se empenham em dividir a herança de forma antecipada, diminuem rapidamente o controle do velho chefe do lugar sobre os recursos e suas possibilidades de acumulação de capital.

Essa relação entre ciclo de vida e o desenvolvimento do lugar pode variar de acordo com o enfoque econômico. A hierarquia nas relações de produção e nas relações intergeracionais e intrageracionais também se insere nessa dinâmica. Como aponta o autor, a juventude é uma etapa de especial tensão intergeracional, visto que essa é uma etapa em que o chefe (maior) buscará ao máximo escapar da pobreza (mediante a ajuda dos filhos, filhas, noras e genros), o que por sua vez coincide no tempo com o do máximo interesse dos filhos e filhas em concretizar e estabelecer a ruptura dessa relação de dependência e controle. Na atualidade, esse interesse dos jovens é exacerbado pela mudança cultural e pelas novas possibilidades de poder econômico independente que abre a educação e o trabalho assalariado.

São as mulheres jovens que diante do poder masculino, se rebelam contra sua condição na organização familiar. Com melhores níveis de educação e a possibilidade de trabalho assalariado na cidade, elas procuram ocupar espaços que lhes garantam algum nível de independência em relação ao grupo masculino. No caso dos jovens que buscam interferir nos espaços de decisão nas organizações econômicas, os adultos se sentem ameaçados visto que os jovens de hoje se mostram mais bem preparados do que eles para gerir os negócios. Estas questões apontam as relações de gênero e geração como importantes marcos para o desvelamento das condições de vida dos jovens diante do desenvolvimento do ciclo de vida do lugar.

Esse esboço nos ajuda a pensar como as diferentes realidades do rural dos países da América Latina influenciam no ciclo de vida dos jovens ajudando a moldar suas características. Fala dos fatores culturais dominantes no mundo rural que dão sentido à utilização do termo “juventude rural”. Elas apontam para o fato de que mesmo o jovem que não exerce atividades agrícolas, mas que está inserido numa lógica de consolidação da propriedade familiar, ou mesmo se transferindo para a área urbano-industrial em busca de melhores oportunidades de trabalho e estudo enquanto a terra não é dividida, e ainda aquele que mesmo que não a herdará, como no caso de muitas moças, ele ou ela não deixou de ser rural. Porque o significado do rural envolve toda a dinâmica e não apenas a condição de um indivíduo.

Enfim, enquanto categoria analítica, podemos concluir que a fase juvenil se caracteriza por uma gradual transição até a assunção plena dos papéis adultos em todas as sociedades, tanto rurais como urbanas. Ela não é uma unidade social, um estado, mas sim um “processo” que se expande entre as diferentes imagens dos grupos subsumidos por sua classificação. “Os indivíduos não pertencem a grupos etários, eles os atravessam” (Levi & Schmitt, 1996, p.11). Assim como todas as outras fases do ciclo de vida, a juventude representa para cada indivíduo uma condição provisória, porém o que caracteriza a sua especificidade é que nesse momento “ela é ritmada pela sucessão de uma série de ritos de saída e de entrada que dão a imagem de um processo de consolidação por etapas, o qual garante uma progressiva definição dos papéis da idade adulta” (idem).

Portanto, ao definirmos “juventude”, é importante em seguida informarmos a que juventude estamos nos referindo, pois, como *construção social heterogênea*, além de tomá-la como plural, devemos descrever os atributos e os processos que conformam as identidades específicas levando em consideração a realidade do universo físico de recorte: trabalho, educação, transporte, comunicação, lazer, comércio, enfim, o espaço público, bem como as relações de amizade, as condições de gênero e sexualidade (espaço privado).

Se pensarmos um pouco nos aspectos históricos e temporais, como propõe Novaes (2000) perceberemos que existem várias juventudes que convivem num mesmo tempo, no mesmo espaço social. Há diferenças mesmo entre os jovens que são contemporâneos e vivem em uma mesma sociedade, como é o caso da relação com o campo e a cidade. Devemos ter claro que o “momento e o movimento qualificam a juventude” (Alvim e Paim, 2000, p. 14).

Ser jovem também pode ser considerado um “estilo de vida”, onde a moda é adiar o máximo possível o que se considera “ser velho”. Juventude está, nesse caso, também relacionada a valores sociais e não obrigatoriamente à faixa etária. Crianças querem ser jovens, adultos querem ser jovens, todo mundo que ser jovem.

A partir dessas considerações, parto do princípio que “juventude” é o momento de vida do ser humano marcado pela condição transitoriedade entre a fase infantil e a adulta. Se é transitória, deve-se descartar qualquer perspectiva biologizante e universalizante, pois, apesar de parecer à primeira vista que o jovem esteja mais longe da morte, mais predisposto à vida, tem gosto pela aventura, tem maior curiosidade pelo novo e tem um lado mais propenso ao revolucionismo (Novaes, 2000), algo que só existe no plano ideal, a realidade mostra que nem todos os jovens possuem essas características ou estão submetidos aos mesmos condicionantes socioculturais e econômicos. O que dizer dos jovens das periferias e das favelas das grandes metrópoles brasileiras? Estão mais longe da morte e mais predispostos à vida? Portanto, há uma grande heterogeneidade nas situações vividas pelos jovens brasileiros no seu processo de transitoriedade até a fase adulta.

Desta forma, não podemos chegar a conceituar a juventude rural de modo generalizante. Talvez, uma forma de visualizarmos a possibilidade dos jovens estarem compartilhando certas características, seja descrever diferentes juventudes inseridas na dinâmica do desenvolvimento local (socioeconômico), apontando para a trajetória histórica do lugar – sua propriedade familiar e sua comunidade – os ritos que marcam a entrada e saída da juventude. Como referencial, podemos tomar a juventude como um período em que se associa o acesso aos espaços de aprendizagem e de desenvolvimento de capacidades de auto-realização aos espaços e as relações de gênero e geração. Apesar das diferenças regionais, podemos falar que, de modo geral, a juventude rural dos países

da América Latina vive esta etapa de transição carente de apoio social e empobrecida em seus espaços de auto-realização e aprendizagem (FAO, 1996).

Diante da fluidez e da heterogeneidade da juventude como uma categoria de análise¹³, tratarmos especificamente de jovens de localidades consideradas por nós como rurais não implica torná-los uma categoria que exige uma estrutura conceitual específica, mas observá-los como grupos de indivíduos marcados por condições específicas, dentro de uma determinada conjuntura socioeconômica (o momento e o movimento). Isto é, a utilização da expressão “juventude de localidade rural” serve apenas como um recorte analítico, não significando a identificação a uma categoria social. Além disso, é importante esclarecer que a sociedade é marcada por uma diversidade de formas de se viver o momento da juventude, não sendo a idéia de rural capaz de dar conta das diversas formas de ser jovem dentro de uma “localidade”.

Neste caso, é difícil estabelecer um conceito de juventude já que ela deve ser vista como plural. Assim como é plural a ruralidade apresentada pelos jovens do campo. É o caso dos jovens que enfrentam o êxodo rural, daqueles que exercem a pluriatividade ou daqueles que vivem entre o campo e a cidade. Na verdade, é o contexto local que deve ser levado em consideração, assim como os interesses dos jovens. Não podemos cair na cilada de afirmarmos a existência da “juventude rural” tomando como referência o espaço físico-geográfico, mas podemos falar em juventudes que, diante das diferentes ruralidades, apresentam formas específicas de pensar e agir. Há, portanto, múltiplas juventudes no chamado “rural”.

Apesar dessa multiformidade de juventudes, duas questões fundamentais que se articulam marcam esse momento de vida: a construção de um projeto de futuro, com as incertezas que isso implica na sociedade contemporânea, e a elaboração/definição de uma identidade. Nesse caso, junta-se ao processo de elaboração/definição de uma identidade o fato de os indivíduos estarem inseridos num espaço mais amplo de relações socioeconômicas (a relação campo/cidade) que, sem dúvida, interfere na definição dos caminhos a serem trilhados. Mas seria possível falarmos de uma juventude rural? Existem aspectos relevantes que tornam singulares as identidades dos jovens que vivem o processo de estreitamento das fronteiras entre o campo e a cidade?

Quando olhamos para esses dois universos identificados pelos jovens como rurais – São Pedro da Serra e Baixada de Salinas -, percebemos que a situação deles muito os aproxima dos seus pares dos grandes centros, mas não é a mesma. Apesar das incertezas quanto ao futuro, assim como a questão da droga, da violência, da falta de oportunidades de estudo e trabalho, da intensificação dos contatos sexuais fora do casamento, já não serem características próprias da cidade, o campo ainda se mantém como espaço dotado de especificidades uma vez que seus jovens estarem inseridos em diferentes temporalidades marcadas pela dinâmica da natureza e da organização agrícola familiar. Para Galland & Lambert (1993) e Roudet (s/d), as experiências vividas pelos jovens franceses próximos aos grandes centros informam que já não existem fronteiras entre campo e cidade no nível prático, apenas possibilidades locais diferentes de auto-realização, mas no universo simbólico elas permanecem alimentadas por discursos hegemônicos. Assim, mesmo muito próximos da cidade, há certas condições que alimentam as imagens de campo e cidade como espaços separados e distintos. Importa aqui que condições seriam essas em São Pedro da Serra e Baixada de Salinas?

Nos dois próximos capítulos, descreverei as localidades de São Pedro da Serra e Baixada de Salinas, apontando as diferenças de contextos que servem de base para a

¹³ É fundamental para os estudos sobre juventude ter claro que a história do mundo contemporâneo nos lembra, por exemplo, que não existe uma juventude única e que a diferenciação social, as desigualdades em termos de riqueza ou de emprego aí fazem sentir todo o seu peso (Levi & Schmitt, 1996).

construção das imagens de campo e cidade, sua influência sobre os projetos de vida dos jovens e as possíveis respostas para algumas das questões que me fazem pensar sobre a realidade desses jovens.

CAPÍTULO II – São Pedro da Serra: um contexto para relações sociais em transformação

Neste capítulo discuto a trajetória histórica de São Pedro da Serra, seus condicionantes socioeconômicos, os espaços e os tempos vividos pelos jovens diante da relação campo-cidade. Procuro mostrar que as idéias de campo e cidade apresentadas pelos jovens são resultados da forma como esses espaços vêm se articulando.

2. 1. Tempo e espaço histórico do município

A vila de Nova Friburgo foi criada em 1820. Os primeiros colonos alemães chegaram a região em 1824. Hoje, o município de Nova Friburgo possui uma área territorial de 1.009 km², está dividido em oito distritos¹⁴, com uma altitude de 846 metros¹⁵. Segundo as definições geopolíticas do IBGE, a população está em torno de 173.418 habitantes, com aproximadamente 151.851 pessoas vivendo em área urbana e 21.567 na área rural¹⁶. Nesse espaço rural, os jovens entre 14 e 25 anos representariam 22% da população residente¹⁷.

O município, na região serrana do Rio de Janeiro, é caracterizado como “fonte de abastecimento alimentar voltada para o mercado interno, especialmente no que concerne à produção de olerícolas” (MUSUMECI, SEAA *apud* Schiavo, 1999, p.34), e cada vez mais, representa um importante pólo turístico. A região concentra a segunda maior rede de hotéis do Estado, perdendo apenas para o Rio de Janeiro.

Da mesma forma que os municípios de Petrópolis e Teresópolis, Nova Friburgo enfrenta os problemas do inchaço da parte central do município. Seu desenvolvimento socioeconômico compete com a natureza. Ao mesmo tempo em que se verifica o crescimento e desenvolvimento do turismo (ecoturismo), diminui-se a floresta de Mata Atlântica. Situada em meio às montanhas da Serra do Mar, ali se encontram remanescentes de uma floresta que no conjunto do Estado do Rio de Janeiro está reduzida a menos de 15% do que existia nos primórdios da colonização (Mayer, 2002).

Até 1910, Nova Friburgo se desenvolveu basicamente através das atividades agrícolas que se espalhavam por toda serra. Devido ao seu clima seco, a cidade foi se transformando num lugar propício para o turismo. A partir de então, novas iniciativas econômicas sobem a serra, trazendo para a região a indústria da confecção. Contudo, algumas localidades mantiveram-se como produtoras de culturas agrícolas.

Hoje, Nova Friburgo possui, além da produção de olerícolas e do turismo, um pólo de produção de roupas íntimas femininas e masculinas que abastece o mercado

¹⁴ Os Distritos são: Nova Friburgo (1º), Riograndina (2º), Campo do Coelho (3º), Amparo (4º), Lumiar (5º), Conselheiro Paulino (6º), São Pedro da Serra (7º) e Mury (8º).

¹⁵ Ver site <http://www.guiadoeleitor.com.br>

¹⁶ Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2000. A população residente era de 1.777 pessoas em São Pedro da Serra e de 7.7768 no Campo do Coelho.

¹⁷ No 3º Distrito (Campo do Coelho) temos 21,80% da população jovem e no 7º Distrito (São Pedro da Serra), eles representam 31,10% da população. A proporção de moça e rapazes no município é de 2.279 rapazes e 2.105 moças. No 3º Distrito são 872 rapazes contra 817 moças; e em São Pedro são 358 moças contra 194 rapazes.

interno e externo, considerado o maior do país. Há nesse desenvolvimento um importante papel dos governos do Estado e do Município, que estabelecem políticas específicas para o setor, com apoio técnico e linhas de crédito, inclusive com recursos estrangeiros¹⁸.

Junto às grandes e médias confecções estão as pequenas de caráter doméstico, mantidas sobretudo pela mão-de-obra familiar, mas que se estende também aos parentes e vizinhos. As pequenas confecções se integram a uma rede de produção e comercialização difícil de mapear já que a maioria é considerada ilegal pelos órgãos governamentais locais. Assim, não há dados estatísticos confiáveis sobre o número de pequenas confecções domésticas. Observa-se que elas se espalham por todos os distritos do município, chegando a atingir localidades de difícil acesso, e passam a disputar espaço e tempo com outras atividades econômicas. O seu estabelecimento e desenvolvimento nessas localidades estão relacionados às dificuldades enfrentadas pela agricultura e ao processo de pulverização das indústrias de confecção sediadas no município. Elas passam a ocupar, em parte ou totalmente, o espaço antes destinado à agricultura. Essa dinâmica de reprodução social de algumas famílias coloca seus proprietários e funcionários em contato com outros espaços, ampliando suas relações sociais para além dos limites físicos da localidade (Carneiro e Pereira, 2002).

2. 2. São Pedro da Serra: entre a agricultura e o turismo

O distrito de São Pedro da Serra é uma região montanhosa, onde o relevo apresenta acentuada irregularidade,

“alternando-se entre várzeas e encostas numa ondulação ininterrupta que não deixa espaço para grandes vales na maior parte do território... A região (é ainda marcada por) uma vasta rede hidrográfica, formada por rios e inúmeros córregos que cortam a montanha e garantem o abastecimento de água regular” (Schiavo, 1991, p. 35).

Junto com Lumiar, abrange uma área de 397 km², o que corresponde a 39,3% da área do município. Essa é uma região que pertence à APA (Área de Preservação Ambiental) da Reserva de Macaé de Cima, cuja preocupação com o desmatamento data de 1824¹⁹. Somente em 1985, o lugar passa a ter energia elétrica. Em 1988, São Pedro da Serra é elevado à categoria de distrito, separando-se de Lumiar e tornando-se o 7º distrito de Nova Friburgo. Está localizado a 30 km do centro do município.

Assim como todo município, São Pedro é uma pequena localidade que foi colonizado por imigrantes suíços. Seus primeiros desbravadores foram enviados para a Fazenda do Morro Queimado, na região serrana da província do Rio de Janeiro, em

¹⁸ Através de entrevistas com o responsável do Sebrae de Nova Friburgo, fui informado que a responsabilidade do desenvolvimento da rede de confecções no município é atribuída a entidade que aos poucos tem buscado inserir os médios e pequenos empresários numa rede de exportação, através da capacitação, da consultoria e do controle de qualidade da produção.

¹⁹ Schiavo (idem) coloca que a proibição do desmatamento já existia nos primórdios da colônia. O documento datado de 14 de julho de 1824, segundo ela, uma correspondência entre o inspetor das colônias estrangeiras da província ao diretor da colônia de suíços de Nova Friburgo, já proibía o corte de madeira na região para que não viesse a faltar madeira para os sitiantes do lugar.

1824 quando chegaram os primeiros colonos. Nicolin (1995) comenta que, em função da má distribuição de lotes, muitos colonos os abandonaram passando a ocupar terras a leste. Daí a formação de povoados como São Pedro, Lumiar, Boa Esperança, entre outros.

Embora existissem fazendas com escravos, a ocupação se pautou pelo predomínio de pequenos sítios com o trabalho familiar. E como as condições encontradas não eram nada satisfatórias, através de uma doação de terras de D. Pedro I, as famílias imigrantes foram distribuídas por toda a região dando origem ao lugarejo de São Pedro da Serra. O nome é uma homenagem ao Imperador. Com os imigrantes, essa região, em direção a Macaé, torna-se uma potência agrícola na produção de café, abastecendo principalmente o Rio de Janeiro.

Porém, a maioria dos colonos que se espalhou pela região se colocou à margem da economia cafeeira. Segundo Nicolin (1995), o tipo de colono que veio desbravar a região doada se dividia entre os de origem agrícola (48%), os artesãos de diferentes especialidades que juntos representavam 47% e os que desenvolviam atividades no setor terciário (5%).

Ao analisar a trajetória histórica desses desbravadores, Carneiro e Teixeira (2002) ressaltam que, diante das condições materiais existentes, houve dificuldade em se partilhar uma identidade cultural comum. Elas comentam que “devido à dispersão pela região, que dificultou uma identidade social centrada na origem étnica, a reprodução social através da transmissão da herança de terras, o relativo isolamento das terras adquiridas dificultou a constituição de núcleos sociais mais estáveis. O que foi partilhado por essas famílias foram as péssimas condições de vida que transformaram seus membros em algo parecido com o ‘caipira’, pois ocupando uma posição marginal junto ao comércio do café, se transformaram em pequenos agricultores onde a todo momento sua reprodução social estava ameaçada”.

Com a República, houve um incremento na produção agrícola diversificando as culturas utilizadas (banana, inhame, café etc.). Os produtores desciam por Lumiar em direção a Taboão da Serra em Itaboraí, passando por São Pedro, para venderem seus produtos. Nessas viagens, os colonos enfrentavam as péssimas condições da estrada de chão batido e pedras. Tudo era levado em lombo de burros e mulas. Quando voltavam, traziam arroz, feijão, carne seca, entre outros mantimentos, para a família ou para a “troca no local”.

A “troca” era muito utilizada entre as famílias da região. As dificuldades de acesso aos centros comerciais transformavam os problemas individuais em coletivos. A distância se mantinha como algo a ser vencido, pois continuava a contribuir para o relativo isolamento do vilarejo, o que por sua vez favorecia a diversificação da produção com objetivo de atender as necessidades das famílias.

A condição de passagem ajudou a desenvolver a vila de São Pedro. Porém, com a abertura da estrada que passou a ligar Lumiar a Nova Friburgo na década de 50, o fluxo de mercadorias e de pessoas que circulavam por São Pedro diminuiu, contribuindo para o êxodo na localidade.

Ainda nos anos 60, com a chegada da modernização que trouxe consigo os insumos e defensivos agrícolas, as famílias de São Pedro da Serra que viviam à base de agricultura rudimentar passaram a enfrentar sérias dificuldades. A lógica da troca cedeu cada vez mais espaço à lógica da comercialização, levando os agricultores a buscarem no mercado aquilo que antes era produzido ou trocado na localidade.

Desta forma, as dificuldades impuseram as mudanças, como, por exemplo, o aumento de atividades não-agrícolas, que passam a dominar o cenário local a partir do

final dos anos 70 e início de 80, e a saída de homens e mulheres do campo em direção ao centro do município.

Homens e mulheres desceram a serra em busca de melhores oportunidades de trabalho: “muitos moradores foram embora transformando São Pedro da Serra numa cidade vazia” (entrevista, Dona Isaura, 02/08/2001). O centro do município passou a ser o local de destino dessas pessoas, porém, com a procura dos turistas pela região nos anos 80, houve um relativo movimento de retorno para a localidade. Agora, teriam que enfrentar o aumento do valor das terras que o turismo ajudou a valorizar.

É importante destacar que essa mudança em direção ao turismo parece não fazer parte de políticas de desenvolvimento do município neste momento. Ela ocorre de forma involuntária, descontínua e sem investimento público. Muitos agricultores passaram a exercer outros papéis, atraídos pelos serviços que surgiram com o turismo. Cada vez mais a agricultura foi cedendo espaço, deixando, na maioria dos casos, de ser a atividade principal. Neste caso, o processo de capacitação para o trabalho e manutenção da propriedade agrícola, da sociabilidade antes sustentada na agricultura, passou a competir com outros processos de produção e reprodução da identidade social de crianças e jovens.

A partir do final dos anos 80 houve uma explosão no mercado imobiliário, aumentando a procura de casas de aluguel, principalmente por veranistas. A pavimentação da estrada, em 1982, contribuiu ainda mais para as mudanças que já vinham se processando na região. Com o investimento na lavoura, intensificaram-se também outras relações com o meio urbano. Percebe-se que aumentou a atração pela cidade por parte da população local e estimulou-se também a vinda de turistas para a região. Essa dinâmica passou a representar uma nova fase econômica dessas localidades.

O valor dos aluguéis subiu assustadoramente fazendo com que os moradores de São Pedro se dedicassem a construção e reconstrução de casas de aluguel. Os terrenos foram supervalorizados. Houve um incremento na construção civil local, inclusive desalojando trabalhadores de suas antigas atividades para as novas que se vislumbravam no horizonte. Jovens rapazes, filhos de pequenos agricultores descapitalizados, foram recrutados, transformando-se em aprendizes das ocupações que passaram a orientar o mercado de trabalho da região: servente de pedreiro, jardineiro, marceneiro, entre outras. A localidade se torna, a partir de então, um espaço atraente para os turistas urbanos. A população passa de 2.519, em 1988, para 4.000, em 2000²⁰. Com o aumento da população e o crescimento das novas ocupações, os moradores passaram a estar lado a lado com o turista e o veranista²¹.

Deste modo, verifica-se que, ao lado das tradicionais atividades agrícolas que marcavam a vida da localidade, aparecem cada vez mais as atividades não-agrícolas impulsionadas pelo turismo ou ecoturismo. Para muitas famílias agricultoras, a pluriatividade foi a estratégia encontrada para permanecer na região como produtores rurais, para outras, a saída foi o assalariamento em tempo integral de seus membros nas atividades não-agrícolas, inclusive com a venda das terras herdadas e a construção de casas de veraneio ou comércio. As estratégias são múltiplas diante do contexto vivido.

²⁰ Dados obtidos nos Censos Demográficos de 1990 e 2000.

²¹ Os números que informam a população do 7º Distrito apresentam algumas contradições. Segundo o Cartório da região (Lumiar e São Pedro da Serra), a população do 7º Distrito está em torno de 3.271 pessoas, sendo 2.691 de pessoas fixas e 580 flutuantes. A categoria “flutuante” diz respeito àquelas pessoas que estão na condição de veranistas, isto é, não possuem residência fixa no lugar. A fonte desses dados não é segura, pois o responsável no local não soube identificá-la. Ela é utilizada aqui apenas como forma de visualizar de modo geral a ocupação do 7º Distrito.

Isso demonstra a natureza da relação entre as atividades agrícolas e não-agrícolas no seio da agricultura familiar, que caminha para a construção de famílias pluriativas. A integração dos agricultores familiares à divisão social do trabalho passa a ocorrer não mais apenas através de sua inserção nos circuitos mercantis via processos de produção agropecuários ou mesmo pelas relações de trabalho (assalariamento) em atividades exclusivamente agrícolas, como nos coloca Schneider (2003). Segundo o autor, essa relação tende a ser mais intensa à medida que forem mais complexas e diversificadas as relações entre os agricultores e o ambiente social e econômico em que estiverem situados.

As novas atividades que vêm dominando o cenário colocam em questão a manutenção das atividades agrícolas para aquelas famílias com dificuldades de investirem na produção através de créditos e novas tecnologias. Para os seus filhos e filhas, as atividades não-agrícolas estão dominando cada vez mais seus interesses, os afastando dos processos de produção e comercialização da agricultura familiar. A pluriatividade aparece como estratégia de reprodução social das gerações passadas e a realidade coloca novos desafios para os jovens que buscam uma ocupação econômica capaz de garantir-lhes o direito ao consumo de alguns bens e serviços.

As atividades agrícolas estão mais ligadas às gerações anteriores do que a esses jovens de hoje, inclusive alguns dos seus pais já não trabalham na agricultura. Elas aparecem em alguns casos como uma “ajuda”, sem muito interesse. O olhar se distancia do campo enquanto “agrícola”, em virtude da dinâmica das transformações levadas a cabo pelo turismo e pelas confecções de roupas íntimas. Essas atividades ajudam a redefinir um novo sentido para o rural de São Pedro da Serra. Como veremos mais adiante, novas identidades sociais são produzidas com a inclusão de outros tempos e espaços.

2.3. As oportunidades de trabalho e remuneração

Cada vez mais geógrafos, sociólogos e economistas têm demonstrado uma crescente redução do emprego regular, permanente e em tempo integral, e o conseqüente aumento do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado (Antunes, 1995). Tal situação exige também mudanças nos processos de formação da mão-de-obra orientadas para um mercado de trabalho cada vez mais exigente e restrito. Nesse caso, não é apenas necessário saber executar ações precisas, mas, sobretudo, ser capaz de resolver problemas de outras ordens num pequeno espaço de tempo (Larangeira, 1997). Nessa reengenharia do mercado produtivo, o trabalhador tem que ser polivalente, ser um camaleão.

As análises de Heloísa Martins (2000b), Bock (2000) e Larangeira (1997) demonstram que a situação do trabalho para os jovens é ainda mais complicada, pois estão no início de suas carreiras profissionais. O que dizer, então, dos jovens de São Pedro da Serra cuja entrada no mercado de trabalho orientado para atividades não-agrícolas de melhor remuneração exige conhecimentos que na maioria das vezes eles ainda não possuem, pois não têm acesso no próprio local a centros de formação ou capacitação profissional, sem falar do tempo de experiência? O que tem sido colocado como possibilidades para eles?

O que pude verificar foi que a construção civil é o principal mercado de trabalho para os jovens rapazes com pouca escolaridade ou para aqueles que não conseguem

outro trabalho na região, assim como as confecções e pousadas são para as moças. Mesmo para aqueles que possuem o ensino médio, não há alternativas de trabalho que não sejam o comércio, as pousadas ou a construção civil. São eles que buscam emprego na cidade ou que conseguem alguma ocupação no mercado de trabalho na cidade. Porém, a maioria dos jovens está de forma irregular no mercado de trabalho, como veremos mais adiante.

Na verdade, as mudanças ocorridas no mundo do trabalho atingem a todos, sem distinção, mas a pressão que elas exercem parece atingir mais fortemente os jovens das localidades rurais onde as oportunidades de educação e trabalho ainda se mostram inferiores em relação aos centros urbanos. O mundo do trabalho cada vez mais exige conhecimentos específicos, como a informática e o domínio de uma língua estrangeira, por exemplo, e, sobretudo, experiência, que, para aqueles que procuram o primeiro emprego, é um requisito difícil de ser cumprido, principalmente por aqueles que não possuem condições econômicas e acesso direto aos grandes centros. Nesse caso, as dificuldades colocadas para os jovens que vivem em áreas distantes dos grandes centros de decisão ou de difícil acesso, com educação deficitária, criam fronteiras claras entre campo e cidade, nas quais o campo passa a representar algo contrário à cidade.

Em São Pedro da Serra, por representar uma região historicamente agrícola, é importante, para se perceber as possibilidades de trabalho remunerado para os jovens, olharmos a trajetória do mercado de trabalho. Dos 64 jovens entrevistados na escola, mais da metade (51,56%) revela que o pai e/ou a mãe já trabalhou com agricultura; 29,69% afirmam que eles continuam na agricultura, mas que possuem outra atividade econômica; 14,06% informam que eles nunca trabalharam na agricultura e 4,7% não sabem informar.

Para aqueles jovens que agricultura continua sendo a atividade principal do pai mas que possuem outras atividades, as mais citadas são: pedreiro, comerciantes, motoristas, eletricitas, corretores de imóveis, marceneiro e jardineiro. De qualquer modo, apenas 19 das 64 famílias desses jovens hoje são agricultoras ou lavradoras. O restante das famílias abandonou a agricultura ou tem nela uma atividade secundária. É o caso dos aposentados da agricultura que realizam biscates nas residências dos turistas. No caso específico da mãe, apenas 6,25% são citadas como agricultoras, exercendo o restante outras atividades remuneradas como empregada doméstica (28,13%), diarista (4,69%), em atividades “consideradas do lar” (20,31%), costureira (6,25%), professora (7,81%), entre outras.

Diferentemente das respostas às atividades do pai, onde a variedade de ocupações é maior, para as mulheres há um número reduzido de possibilidades de atividades remuneradas na região. As mulheres jovens e adultas são as mais penalizadas pela pouca dinâmica da agricultura e pelas raras oportunidades de trabalho geradas pelo turismo, uma vez que a maioria está direcionada para as atividades masculinas, como a construção civil.

Há uma condição ainda mais relevante para os jovens cujos pais estão na agricultura, mas que buscam alternativas de empregabilidade. Galland e Lambert (1993) comentam que a relação entre juventude rural e trabalho é muito estreita: os jovens começam a trabalhar muito cedo, dividindo sua atenção com a educação escolar. O que ocorre em muitos casos é que, diante da pouca expressão financeira das atividades executadas no espaço da produção familiar ou da dificuldade dos pais em suprir as necessidades individuais de lazer, vestimentas etc. dos filhos, os jovens buscam atividades remuneradas fora dos limites do grupo familiar ou de parentela. Os estudos se tornam secundários diante da sua realidade. Além disso, as oportunidades de estudar e trabalhar ao mesmo tempo são menores para os jovens rurais cujas localidades são

pouco desenvolvidas. O deslocamento para os centros urbanos no período noturno faz com que muitos desistam dos estudos. Assim, para a entrada no mercado de trabalho, os jovens rurais estão menos preparados que a juventude urbana, pois se apresentam mais cedo no mundo do trabalho e conhecem mais as dificuldades para se inserir de maneira estável nas atividades.

No caso dos jovens de São Pedro da Serra, o investimento dos pais (43,75%) nas atividades não-agrícolas (casas de aluguel, comércio, pousada e confecções de roupas íntimas) representa também uma ampliação dos ganhos financeiros. Os jovens informam que muitos dos antigos agricultores venderam propriedades para investir na construção de casas de aluguel, na abertura de um estabelecimento comercial ou na confecção de roupas íntimas, atraindo outros moradores da região. As famílias desses jovens possuem casas de aluguel (31,25%), pousadas (1,56%), algum tipo de comércio (10,94%) e propriedades de terra (53,3%). No que se refere ao número de propriedades cuja agricultura é a base econômica da família, ele representava, em 2001, cerca de 25% dos entrevistados. Portanto, cada vez mais as atividades não-agrícolas aparecem como as melhores oportunidades de trabalho remunerado na região, ao mesmo tempo em que os agricultores vendem suas terras com objetivo de abrir algum negócio ou construir casas de aluguel.

Essa é uma questão fundamental para observarmos a relação dos jovens com as atividades agrícolas. Nota-se que esses jovens estão cada vez mais distantes das atividades agrícolas, exercendo as atividades proporcionadas pelo turismo. São atividades que funcionam como paliativos diante da falta de outras oportunidades de trabalho mais rentáveis. Elas são tidas como “bicos”. Algo que responde à falta de condições das famílias frente às necessidades dos jovens que procuram consumir os bens que a sociedade urbano-industrial coloca como de interesse dos jovens. A moda da cidade grande chega por diferentes vias, mas é o convívio com o turista que aumenta o interesse dos jovens de São Pedro da Serra pelas novidades da cidade.

Essa constatação fica ainda mais clara quando observamos a relação dos jovens com a agricultura: 64,06% jovens entrevistados afirmaram nunca ter trabalhado em atividades ligadas à agricultura ou pecuária, mesmo em negócio familiar. Segundo eles, as melhores oportunidades de trabalho para os jovens estão direcionadas para aquelas atividades onde a remuneração também é menor: construção civil, prestação de serviço, comércio e agricultura. Cada vez mais diminui o interesse dos jovens pelas atividades agrícolas, onde as oportunidades são menores e com baixos salários, e aumenta a busca pelas atividades ligadas ao turismo. Uma situação que vem acompanhando as transformações na economia brasileira.

Já no final da década de 80, os Indicadores Sociais da Unicef/IBGE, apontam os rumos da economia nacional. Na medida em que a sociedade deixa de ser basicamente agrária e passa a se tornar cada vez mais industrializada, a estrutura da força de trabalho também se altera, com impacto profundo na experiência e nas oportunidades de trabalho para os jovens. O declínio do trabalho na agricultura e o aumento da frequência escolar são os responsáveis pela queda, durante as décadas de 1960 e 1970, na participação dos jovens homens, de menor idade, na força de trabalho. Já entre as jovens, o aumento da frequência escolar, que lhes melhora o nível educacional das mulheres, faz com que elas se tornem qualificadas para ingressar na força de trabalho não-manual e no setor de serviços, em expansão, especialmente nas áreas urbanas. Essa condição representa a saída das jovens rurais em direção as melhores oportunidades de trabalho nas áreas urbanas. Assim, a participação dos jovens, no início da década de 1990, no mercado de trabalho alcança o quantitativo de 8,2 milhões de homens e 4,8 milhões de mulheres na faixa etária de 15 a 29 anos (Unicef e IBGE, 1989).

Os dados revelam ainda que também devido à redução do trabalho agrícola e ao aumento do nível de emprego nos setores da indústria e da prestação de serviços, a principal tendência é o afastamento do trabalho familiar não-remunerado em direção ao trabalho remunerado, especialmente entre as mulheres. Em 1989, 89% dos rapazes rurais e 66% dos urbanos, de 15 a 19 anos, encontram-se na força de trabalho. Entre as moças na mesma faixa etária os percentuais caem para 41% e 45% respectivamente. Dados de 1990 mostram que 40,13% das mulheres das zonas urbanas e 36,2% das áreas rurais estão no mercado de trabalho, e revelam, por conseguinte, que as moças das áreas rurais são as que possuem as menores possibilidades de trabalho no seu local de origem. Além das mudanças nas estruturas do país, as altas taxas de participação precoce da juventude no mercado de trabalho revelam que, conforme a situação econômica foi se deteriorando e a inflação subindo, as famílias passaram a depender cada vez mais do salário de cada um de seus membros. A pobreza acabou levando a população jovem a ingressar mais cedo no mercado, com baixo grau de escolarização ou sem qualquer escolaridade, já que a maioria dos jovens acaba abandonando os estudos em busca de um emprego.

Essa realidade se manteve e pode ser observada em São Pedro da Serra. A diminuição dos espaços agrícolas empurra os jovens para o setor de serviço e a informalidade. Dos 64 jovens entrevistados, 78,46% trabalham, sendo 21,57% com carteira assinada (seis homens e duas mulheres) e 56,89% sem carteira assinada (mercado informal); 21,54% estão desempregados (quatro homens e 11 mulheres). Dos que trabalham sem carteira assinada, 56,76% (10 homens e 11 mulheres) trabalham em negócios locais, 24,32% se dizem autônomos/biscateiros/trabalhadores eventuais (oito homens e um mulheres), 13,51% trabalham em negócio familiar sem receber remuneração (três homens e duas mulheres), geralmente em atividades ligadas à agricultura familiar²², 2,7% trabalham em negócio familiar recebendo remuneração (mulheres), 2,7% são empregadores (homens). De modo geral, esses jovens estão trabalhando para aquelas atividades geradas pelo turismo na localidade (hotéis, pousadas, sítios, construção civil e para o comércio local) que lhes aparecem como as melhores oportunidades de obter renda.

²² Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), em todos os ramos de atividade econômica em que se inserem os jovens de menos idade brasileiros, a grande maioria trabalha na condição de empregado, com exceção da agricultura, onde a relação predominante entre eles é o trabalho familiar sem remuneração. Do total de crianças e jovens que trabalham na agricultura, em 1989, 62,3% não recebem rendimento algum.

Tabela 1: As melhores oportunidades de trabalho na região segundo a visão dos jovens entrevistados na escola municipal

ATIVIDADE	Nº ABSOLUTO	%
Prestação de Serviço	37	57,81%
Agricultura	25	39,06%
Construção Civil	17	26,56%
Comercio Estatístico	16	25%
Administração/ Serviço Público	3	4,79%
Comercio Ambulante	3	4,69%
Transporte e Comunicações	3	4,69%
Industria de Transformação	1	1,56%
Serviço Financeiro/ Técnicos Profissional	1	1,56%

Cabe informar que, de modo geral, quando se pergunta sobre “trabalho”, a maioria das pessoas considera estar trabalhando somente quando recebe remuneração, isto é, quando se está “empregado”. Portanto, afirmar que nunca trabalhou em atividade agrícola, como foi colocado anteriormente pelos entrevistados, não quer dizer que não se tenha alguma experiência com agricultura. Na verdade, os jovens revelam o fato de que o seu trabalho na propriedade do pai ou de algum parente próximo, não é remunerado por não ser considerado trabalho e sim ajuda.

Uma outra informação importante, com base nas entrevistas, é o significado das atividades informais desenvolvidas pelos jovens na região. As atividades informais e com baixa remuneração se tornam as mais propícias para os jovens com pouca idade e sem experiência profissional. São tidas como passageiras, uma forma de ganhar algum dinheiro para ajudar a família e fazer frente às despesas pessoais. No caso das moças, apesar do nível de escolaridade ser maior que a dos rapazes, as oportunidades de trabalho são menores. O que favorece sua participação no mercado de trabalho local é o fato das atividades estarem próximas as suas casas, o que informa a manutenção de um forte controle dos pais e parentes sobre elas. Ao mesmo tempo a proximidade lhes permite continuar a dividir sua atenção entre as atividades da família e as oportunidades de trabalho remunerado fora do espaço familiar.

A mãe de um jovem entrevistado revela: “aqui em São Pedro todos os jovens trabalham”. Essa frase resume uma idéia dominante na localidade de que, para os jovens, não há desemprego devido ao movimento do turismo. Na verdade, são eles que, diferente dos adultos, se submetem mais facilmente aos baixos valores pagos nas atividades de prestação de serviço, comércio, construção civil e agricultura. Quando se tornarem adultos, será preciso buscar as atividades que lhes garantam melhores rendimentos porque com a idade chega também os laços matrimoniais e os filhos. No entanto, devido à falta de emprego com melhores remunerações, os adultos passam a disputar as atividades informais com os jovens.

As remunerações mensais, em média, seguem o movimento de desenvolvimento do turismo na região: serviços gerais (R\$ 366,00), construção civil (R\$ 300,00),

jardinagem (R\$ 240,00), confecção (R\$ 210,00), comércio (R\$ 200,00), agricultura (R\$ 180,00), serviços domésticos (R\$ 170,00). De modo geral, os valores pagos por essas atividades são pouco atrativos para os jovens que, apesar de afirmarem que gostam do que fazem (56,25% contra 18,75%)²³, revelam que não gostariam de continuar trabalhando na mesma atividade (75,75%). Os motivos mais apontados são: a não-possibilidade de crescer profissionalmente (50%) e os baixos salários (12,5%). Observemos que essas atividades são aquelas que, por estarem ligadas à informalidade, exigem baixo nível de escolaridade e favorecem a não-permanência dos jovens na escola.

2.4. Trabalho e papéis de gênero

Quanto à dinâmica interna das relações de gênero, as mudanças no mundo do trabalho também são de grande significância em São Pedro da Serra. Vejamos o caso das confecções de roupas íntimas em São Pedro cujo movimento vem chamando a atenção pela sua capacidade de empregabilidade. Elas têm exercido papel fundamental para que as moças locais iniciem seu contato com o mundo do trabalho. A partir dessas confecções, as moças vão adquirindo experiências e futuramente poderão abrir seu próprio negócio. Contudo, a confecção, apesar de ser considerada uma atividade feminina, tem atraído também os rapazes. É possível encontrarmos jovens rapazes revezando com as mulheres nas atividades. Deste modo, as confecções são espaços de inovação não apenas econômica mas também social, contribuindo para a reelaboração de identidades sociais. Como foi observado num trabalho anterior (Carneiro e Pereira, 2000), transformando a casa em *locus* de produção, a confecção de roupas íntimas femininas torna-se, em alguns casos, atividade econômica principal, possibilitando introduzir novos conteúdos às relações de gênero dentro da esfera familiar. Deixando de ser considerada uma atividade exclusivamente feminina e passando a ser vista como a mais importante para a renda familiar, a costura aos poucos vai incorporando os homens em suas atividades. A delicadeza na montagem das peças não parece incomodar os homens adultos, porém os jovens não demonstram muita satisfação em trabalhar nas confecções e evitam falar sobre o assunto.

De modo geral, quando os homens – jovens e adultos - falam sobre sua atuação nas confecções, ressaltam os aspectos financeiros. Os dados verificados em pesquisas anteriores sobre confecções domésticas (Carneiro e Pereira, *idem*) sugerem uma explicação possível para a distinção entre o comportamento de um e de outro grupo de participantes masculinos: o momento do ciclo de vida. Os rapazes e garotos estão ainda no processo de socialização de seus papéis masculinos e, portanto, fortemente referenciados pela divisão de papéis culturalmente construídos para homens e mulheres. Importa satisfazer ao imaginário, onde traços como delicadeza e atividades como a costura são femininas. Nesse sentido, a possibilidade de desconstrução ou de reelaboração das atribuições tradicionais de gênero passa primeiro pelo reforço da identidade masculina. Já no caso dos homens casados, a posição de provedor da família é um importante valor da identidade masculina que pode se sobrepor a classificações preestabelecidas sobre os espaços masculinos e femininos. Além disso, o fato de serem casados e a maioria com filhos já é um forte indicativo da efetivação da identidade masculina, sobretudo a que se sustenta no exercício da sexualidade.

²³ Vinte e cinco por cento não responderam a pergunta.

Observamos que o turismo e as confecções, apesar de oferecerem trabalho para os jovens, são de pouca atração para eles, assim como acontece com a agricultura. De certa forma, continuar na agricultura, na construção civil ou na confecção não representa um desejo, mas uma realidade. No caso da agricultura, como já vem sendo apontado por Carneiro (1998) em um outro estudo na região, o jovem, filho de agricultor, já não demonstra interesse pela atividade agrícola. Segundo os dados da pesquisadora, 47,36% dos jovens mostram intenção de não trabalhar na lavoura por achar o trabalho penoso demais e com baixa remuneração, o que não compensa o esforço gasto, ao passo que 18,42% afirmam ter intenções em trabalhar na agricultura, apesar de se tratar de um trabalho “pesado”. Ela conclui que entre os jovens filhos de agricultores, o índice de intenção em permanecer em atividade agrícola é maior que o número de filhos de não-agricultores que pensam em trabalhar na lavoura. Aos poucos o número de filhos de agricultores que pretendem continuar na agricultura está diminuindo, como foi confirmado pelas entrevistas que realizei. Apenas 12,45% dos jovens afirmaram ter a intenção de permanecer como agricultores.

Como exemplo, transcrevo parte da entrevista com jovem de 20 anos, filha de agricultor:

E – O que você faz?

R – Estou cursando a faculdade de Engenharia mecânica.

E – Quais as melhores oportunidades de emprego na sua região?

R – O turismo. O turismo tá crescendo muito. O emprego é temporário, abre vários bares aqui.

E – E o mercado de trabalho para a sua profissão?

R – Aí tem que sair porque aqui (Friburgo) é fraco. Tem que sair pra uma grande cidade como Rio e São Paulo.

Essa busca pelas atividades não-agrícolas representa uma crescente individualização do trabalho familiar, o que por sua vez reorienta as relações internas de poder e hierarquia do grupo. Como já apontou Durston (1996) para a realidade da América latina, o trabalho individualizado dos filhos fora da agricultura familiar, ao mesmo tempo que contribui para o aumento da renda familiar, leva também à diminuição do poder dos pais sobre o comportamento dos filhos, seja em relação ao respeito ou à elaboração dos seus projetos de vida. As atividades não-agrícolas exercem forte pressão sobre os projetos de vida dos jovens visto que as experiências que eles vêm tendo com o mundo do trabalho, informam que as melhores oportunidades de trabalho para os jovens não estão ligadas à agricultura. Além disso, elas orientam seus interesses para aquelas atividades desenvolvidas na sede do município ou nas grandes metrópoles.

É preciso observar que o trabalho que aparece como possibilidade de auferir alguma renda para a maioria dos jovens que estão no mercado de trabalho (78,46%) é informal. A informalidade das atividades desenvolvidas também reorienta seus interesses para o mundo do trabalho na cidade. Eles acreditam que terão melhores chances de emprego na cidade e melhores remunerações. As atividades informais urbanas lhes parecem mais bem remuneradas que as atividades no campo.

É o caso deste jovem de 18 anos:

E - O que você faz?

R – Sou ajudante de pedreiro?

E – Pretende mudar de trabalho?

R – Pretendo.

E – Por quê?

R – Acho que não é prá mim. Eu não gosto de trabalhar com construção.

E – Gostaria de fazer o quê?

R – Educação Física (diz rindo e respirando fundo).

E – Quais as melhores oportunidades de trabalho na sua região?

R – construção civil e agricultura. (Jovem, filho de não-agricultor, 18 anos).

Essa busca pelas atividades não-agrícolas se apresenta como uma possibilidade mesmo que o jovem saiba que ela dificilmente se realizará. É o que representa o seu riso acanhado e seu respirar fundo. São formas de traduzir o campo de possibilidades que se desenha à sua frente. Como veremos no penúltimo capítulo, para cada jovem as possibilidades de realização do seu projeto de vida estará marcada por múltiplos fatores. Por enquanto, gostaria de expressar que o interesse desses jovens em abandonar as atividades agrícolas, se insere na lógica do desenvolvimento urbano-industrial que favorece o desenvolvimento do setor de serviço, valoriza as atividades da cidade em detrimento daquelas historicamente desenvolvidas no campo. Por outro lado, as atividades não-agrícolas que estão sendo desenvolvidas nessa localidade, apontam para a precarização e falta de oportunidades de trabalho para os jovens que, como revelei acima, estão, na sua maioria, desprotegidos dos direitos trabalhistas. As atividades ligadas ao turismo também demonstram que não são atrativas para os jovens, pelo menos em relação ao futuro, porque não lhes aparecem como promissoras, são informais e de caráter eventual.

Exemplo:

E – Quais são as melhores oportunidades de emprego aqui?

R – Nenhuma. Aqui é muito difícil de se arrumar serviço. Aqui você tem que fazer de tudo: é lavoura, polda,... O que tiver que fazer, é fazer. (entrevista 60).

A fala descreve jovem traduz um campo de possibilidades de trabalho pobre, uma certa desesperança em relação ao futuro na própria localidade: aqui é muito difícil.

A autonomia também representa uma possibilidade de trabalho para aqueles que já dominam o fazer de certas atividades como as da construção civil. Quando deixam de ser ajudante de pedreiro, passam a ser pedreiros e mas tarde mestres de obra e a ganhar porque podem trabalhar individualmente ou contratar alguém inexperiente para o trabalho pesado, o que representa uma mudança de status social, já que a atividade de mestre de obra na região é bem valorizada. Como nos lembra Bock (2000), o discurso que chega hoje ao jovem é que o emprego não existe mais, que a saída é o trabalho autônomo, que no mercado só sobrevivem aqueles que são empreendedores. O termo que se usa é “autonomia”. Nesse caso, paira a seguinte ameaça sobre a cabeça de todos os jovens brasileiros: “Tudo depende exclusivamente de você”. E, na disputa do mercado profissional, o autônomo vai estar concorrendo com outro autônomo e sobreviverá “o melhor”, o mais “competente”, o mais “qualificado”. Além disso, tem que ser também polivalente ou generalista. Não basta apenas uma qualificação profissional específica; é preciso dominar tudo para poder disputar com condições esse mercado altamente competitivo.

A educação surge, então, como solução para a crise existente no mundo do trabalho. Através do processo educacional, antigos e novos trabalhadores serão

capacitados para as novas atividades que surgem e que se utilizam cada vez mais dos recursos tecnológicos. A informatização exige a todo instante mudanças nos conteúdos dos cursos de capacitação, colocando a educação a serviço do mercado. Mas o mercado de trabalho de São Pedro é pequeno e pouco atraente, o que constitui um problema estrutural.

Bock (2000) coloca que a crise pela qual estamos passando é decorrência de uma educação deficiente, que tem sido usada ideologicamente como um artifício para justificar a existência de desigualdades sociais, já que afirma que os mais qualificados, se a seleção for justa, estarão empregados. Porém, esse pessoal que ficou de fora, por mais que tenha estudado, sempre vai está correndo à margem da competição pelo emprego, pois sempre vai haver alguém que se destaque mais no grupo. Portanto, a qualificação é necessária, mas resolve apenas um problema individual e não o de todos.

“Diante desse cenário, ao escolher uma profissão, o jovem tem a sensação de impotência. Ele vê um mundo construído e não o percebe como o mundo dele. E essa impotência gera pensamentos como: ‘Eu tenho de descobrir pessoal e individualmente a melhor forma de sobreviver e de ultrapassar os obstáculos. E é dessa maneira que vou me relacionar com a sociedade’. Por exemplo, um jovem que pretende entrar na universidade pode ser movido pela idéia de ganhar um carro do pai, como se fosse um prêmio. Com relação as suas perspectivas, seus projetos e expectativas, o jovem não tem muita noção do que pode acontecer com ele. Então, ao discutir a questão da escolha profissional, da existência de um projeto individual, não basta saber o nome de um curso ou o nome de uma atividade, é fundamental o aspecto da postura que assumirá quanto relação ao seu projeto e que o levará a se relacionar de determinado modo com a sociedade” (Bock, 2000, p.15-16).

A realidade para os jovens hoje, mais do que aumentar suas possibilidades, ampliar seus projetos de vida, se apresenta como uma grande incerteza. É claro que se busca errar o menos possível quanto à escolha de uma carreira profissional porque isso exige tempo e investimento que, no caso das famílias que vivem da agricultura, pode representar a retirada de parte dos investimentos na agricultura para fazer frente às necessidades dos filhos. Os jovens cujas famílias podem contribuir para que eles estudem na cidade ou em outros estados buscarão aqueles cursos que lhes favorecerão um futuro menos incerto. Na situação desfavorável da reprodução da agricultura local, cursos ligados às atividades não-agrícolas passarão a fazer pressão sobre as decisões desses jovens, já que o mercado de trabalho se mostra mais promissor para a realização tanto pessoal quanto familiar. É o caso dos jovens citados acima que vêm nos cursos de Engenharia mecânica e Educação Física possibilidades de realização pessoal, e essas atividades, segundo os informantes, poderão melhorar a qualidade de vida dos seus pais.

De qualquer forma, podemos observar que o trabalho se mantém como referência na formação do indivíduo, seja ele do campo ou da cidade, e deve ser visto como a dignificação da pessoa humana (Martins, 2000b). Estudiosos como Larangeiras (1997) que discutem as mudanças no mundo do trabalho e afirmam que hoje o trabalho não é mais fundamental na vida das pessoas, parecem desconsiderar o fato de que os jovens constroem toda a sua identidade neste momento do fim da sociedade do trabalho, como aponta Martins (2000b). É o meio de que dispõem para manter sua dignidade.

Essa perspectiva de formação, trabalho e remuneração que orienta os interesses dos jovens tem conseqüências sobre a organização familiar agrícola. Nas entrevistas, os

jovens de São Pedro da Serra geralmente se referem à agricultura associada à idéia de fracasso. Afirmam que agricultura é coisa do passado, que não dá dinheiro. Somente aqueles que não conseguem alternativa de trabalho é que procuram a agricultura.

É o que indica, por exemplo, a entrevista a seguir, em que o ficar na roça é associado não só à falta de iniciativa, como à produção de menor valor e menor remuneração:

E – Você tem alguma profissão?

R – Agora é de eletricista, servente de pedreiro, pintura.

E – Já trabalhou na roça?

R – Muito.

E – Até que idade?

R – Até os 13 anos.

E – Entre o trabalho na roça e esse, qual o que você prefere?

R – Prefiro esse, entendeu? (...) Fiz aquilo ali prá ter valor. Aí eu peguei esse hábito de fazer essas coisas pra ter um pouco de valor. Prá não ter que precisar ficar só lá na roça, na roça, na roça.

E – Você acha que o trabalho na roça dá menos condição de vida que o trabalho que você faz?

R – Dá menos. O trabalho que eu faço dá mais condições, dá para comprar roupa. Fazer tudo tranqüilo e da roça não dá.

E – No momento você está o que?

R – desempregado

E – E também não tá estudando?

R – Não.

E – Onde tem mais oportunidades de trabalho aqui?

R – obra.

E – Além de obra?

R – Jardinagem. (J. S. J., rapaz, 18 anos).

Num certo sentido, o papel socializador do trabalho na agricultura familiar aos poucos vai perdendo sua força no sentido de que futuramente os jovens possam assumir a propriedade agrícola. Diante dos interesses dos jovens pelas atividades não-agrícolas, da formação escolar e técnica para as atividades desenvolvidas na área urbano-industrial, inclusive deslocando os jovens para os centros urbanos, os pais, em menores condições de reprodução social, vêem a possibilidade de reprodução da identidade de agricultor nos filhos cada vez mais distante. Eles acreditam que seus filhos não serão agricultores e colaboram para que isso aconteça. Incentivam os filhos a buscarem outras atividades remuneradas em virtude das dificuldades enfrentadas pela pequena agricultura familiar. Por outro lado, essas mudanças que vêm se operando na relação dos jovens com o mundo do trabalho mostram que a autoridade dos pais sobre eles tem diminuído porque os valores locais passam a perder espaço para outros valores no processo socializador dos filhos.

2. 5. Escolarização e profissionalização: uma porta de saída

A educação exerce um importante papel na relação entre os jovens com o mercado de trabalho. Ainda com base nas informações nos Indicadores Sociais da Unicef/IBGE (1989), podemos observar que os salários são mais baixos entre os adolescentes que têm os menores níveis de escolaridade e melhoram progressivamente à medida que aumenta o nível de escolaridade. No Brasil, mais de 60% das moças de 15 a 19 anos que trabalham, com dois ou menos anos de escolaridade, ganham menos de 50% do salário mínimo mensal. Na faixa de 15 a 17 anos, os rendimentos ficam em torno de 1,4 salários mínimos. São poucos os trabalhadores jovens que possuem um bom nível de estudo. A grande maioria das crianças e adolescentes, participantes do mercado formal no Brasil possuem nível de instrução até a 8ª série completa. O número dos que conseguem ter um diploma de nível de superior, que se caracteriza, pelo menos teoricamente, como uma forma de atingir ocupações de alto nível e agir como um elevador social, é muito pequeno.

Em São Pedro há duas escolas que vão do ensino fundamental ao ensino médio. Uma é pública e funciona em três turnos, possibilitando aos jovens que trabalham durante o dia concluírem seus estudos no horário noturno²⁴. A outra é particular e se dirige àqueles jovens cujas famílias podem pagar pela formação. Antes, os jovens que não podiam pagar pela educação recebida eram obrigados a se dirigir para a escola de Lumiar cuja distância e falta de transporte no período noturno dificultavam a frequência e a permanência na escola. A partir do final dos anos 90, já podem terminar o ensino médio na escola pública da localidade.

Com a possibilidade de estudarem no horário noturno na sua própria localidade, segundo informações da direção da escola municipal local, os jovens passam a se dedicar mais aos estudos visto que a aprovação de alguns alunos da escola nos vestibulares das faculdades públicas do Rio de Janeiro e Nova Friburgo serve como estímulo para os desistentes. Antes, somente alguns se dirigiam para as escolas com a intenção de continuar os estudos após o ensino fundamental. Agora, o número de jovens que irão tentar o vestibular aumenta consideravelmente.

A educação do ensino médio dirigida à formação geral possibilita aos jovens tentar o vestibular público e privado, mas principalmente o público, já que a maioria das famílias não possui condições de pagar pela faculdade do filho. Para aqueles cujo interesse se dirige para os cursos profissionalizantes, a localidade não oferece nenhuma possibilidade de estudo, o que também exige que eles busquem a sede do município para completarem seus estudos. Assim, a formação profissional desses jovens para atender às novas necessidades do mercado de trabalho, inclusive do turismo, está limitada pela falta de melhores possibilidades locais de estudo.

A grande maioria dos jovens entrevistados (90,53%) tem a intenção de prestar o vestibular para as universidades ou faculdades do município ou do estado. Para isso, acreditam que terão que se deslocar da sua localidade em direção aos grandes centros urbanos (17,19%) ou para a sede do município (68,75%). Esse deslocamento pode ser diário ou de forma que os jovens permaneçam fora da localidade até que concluem os estudos. Apenas 9,38% dos entrevistados acreditam que poderão continuar os estudos sem ter que ir morar fora do seu lugar de origem. Dos jovens entrevistados, 4,69% apresentaram a possibilidade de irem para outros estados e 3,13% não souberam responder.

²⁴ Como coloquei inicialmente, parte da pesquisa aqui apresentada foi realizada na escola pública local já que concentra uma diversidade de juventudes com diferentes condições sociais.

Vamos a uma fala recorrente que indica já a representação de crescer através do estudo em tensão com sair do lugar:

E – Qual o seu projeto de futuro?

R – Continuar os estudos, fazer uma faculdade, tentar crescer o máximo.

E – Pretende fazer o quê?

R – Faculdade. Talvez de informática.

E – Mas prá fazer faculdade você vai ter que sair daqui?

R – Pretendo sair também.

E – Pretende sair?

R – Só prá estudar, mas pretendo continuar morando aqui.

E – Por quê?

R – Eu gosto daí. (entrevista 070)

A família é um importante apoio para os jovens que têm intenção de continuar os estudos porque acreditam num futuro diferente dos pais que enfrentam dificuldades de reprodução social. Ao contrário daqueles jovens que entram em conflito com os pais por causa da pouca terra, os que buscam uma profissão via escolarização são apoiados, já que seus pais acreditam que através dos estudos eles podem conseguir “coisa melhor na vida”. Assim, os pais coadunam com a visão dos filhos de que trabalhar na agricultura ou continuar sem carteira assinada não é o melhor a se fazer. O estudo, nesse caso, amplia o campo de possibilidades para os jovens cujos pais dependem da pequena produção familiar para sua reprodução social; aparece, portanto, como uma estratégia coletiva.

As expectativas dos pais muitas vezes refletem suas frustrações e indicam ou reforçam projetos de vida onde a possibilidade de uma vida melhor vem do estudo, como na fala seguinte:

“Ela (a mãe) trabalhou na agricultura e naquele tempo era muito puxado. O pai dela tirava ela do colégio pra trabalhar. Hoje, ela seria uma grande profissional. Ela é muito esforçada. Ela voltou a estudar agora. E ela fala comigo: você tem que meter a cara porque oportunidade nós estamos te dando. Seu patrão tá ti dando pra estudar. Então mete a cara” (rapaz, 26 anos , solteiro).

Para 12,37% dos pais entrevistados, o trabalho na lavoura não é considerado “profissão” e sim um “ofício”. A mãe ou o pai respondem que o filho tem “profissão” quando trabalha de motorista de ônibus ou mecânico. Para esses pais, cuja sobrevivência depende da pequena lavoura, o futuro dos filhos está vinculado ao seu esforço para conseguir uma “profissão”. Como estudaram muito pouco, geralmente apenas o ensino fundamental, acreditam que através dos estudos os filhos possam ir mais longe: agricultura é trabalho, um meio de vida, assim como as atividades informais (construção civil e comércio) e não “profissão”, oportunidade de melhoria.

A saída para a sede do município, aparece para os jovens como uma possibilidade de realização profissional, o que não significa um distanciamento do seu lugar de origem, visto que nesse lugar estão as relações familiares, de parentesco e

amizade²⁵. São elas que funcionam como barreiras, limites nessa relação com a sede do município. Desses jovens de São Pedro da Serra, 93,75% afirmaram gostar do lugar onde moram e 64,06% pretendem continuar morando no mesmo lugar. Na verdade, é a falta de melhores oportunidades de educação e trabalho que ajuda a empurrar os jovens para fora da sua localidade. Mas não é só isso. A falta de espaços de lazer e de instituições bancárias, de médicos, dentistas etc. também é motivo para que os jovens olhem para a cidade como um espaço capaz de responder às suas necessidades.

De qualquer modo, a busca por um melhor nível de escolaridade está orientada para profissões que possibilitem melhores rendimentos financeiros e que só existem fora da localidade, tanto para os rapazes quanto para as moças. Trabalhando e/ou estudando fora da localidade de origem, esses jovens têm a oportunidade de realizar seus projetos de vida, mas são poucos os que conseguem estudar e trabalhar na sede do município sem ter que sair definitivamente do seu lugar de origem. Os laços de família, bem como a segurança que ela representa e a certeza de estarem num lugar onde as relações se apresentam como mais solidárias, fazem com que moças e rapazes estejam olhando para fora, mas com os pés dentro da sua localidade de origem. Nesse sentido, aparecem as ambigüidades quanto a permanecerem ou saírem do seu local de origem: querem permanecer no campo, almejam a estrutura da cidade, isto é, querem se aproximar da cidade, mas não viver nesse espaço que lhes parece desorganizado e sem sentido.

Há por parte desses jovens um estranhamento quanto às formas das relações sociais que eles consideram “urbanas”. Na cidade, o tempo lhes parece descontínuo, assim como tudo é sentido como transitório, fluído. A imagem é de uma sociedade com ausência de laços afetivos. Assim, os jovens entrevistados identificam os espaços como contrários. Ressaltam os valores sociais locais como os de amizade e os familiares (discutirei essa questão no capítulo VI), mas eles parecem concorrer com as possibilidades de realização que a cidade lhes oferece, caso seja necessário sair do lugar onde vivem.

Haveria, no caso, tensões sem limites entre imagens construídas para identificar o seu local e aquilo que eles definem como pertencente à cidade. A negação da possibilidade de irem morar na cidade devido à sua desorganização, à falta de laços familiares e de solidariedade, e o constante contato com os modos de vida, identificado por eles como urbanos, na verdade se trataria de uma atitude de reserva diante do desconhecido ou daquilo que parece ameaçar sua identidade social.

O campo, por sua vez, se é capaz de dar sentido às suas vidas afetivas, já que fortalece suas relações de parentesco, familiares e de amizade, por outro lado, deixa de lhes proporcionar uma infra-estrutura que os ajude a se aproximar da imagem de jovem moderno. É aí que entram a escolarização e os empregos mais bem remunerados que estão fora da localidade. São eles que são vistos pelos informantes como capazes de favorecer o desvencilhamento da imagem de jovem do campo atrelada ao atraso e ignorância, aproximando-os daqueles jovens considerados “modernos”.

²⁵ Não foi possível realizar entrevistas com os jovens que saíram da localidade para morar na sede do município ou nos grandes centros urbanos do Rio de Janeiro. Talvez, em um outro momento, fosse interessante entrevistá-los para nos informarmos a respeito da manutenção dessas relações sociais com pais, parentes e amigos.

2. 6. Lugar de morador e lugar de turista

As igrejas são importantes espaços para a sociabilidade dos moradores da localidade. Dos jovens entrevistados, os católicos representam 64,06%, apesar de muitos afirmarem não freqüentar a igreja. Os protestantes perfazem o universo de 12,5%, sendo a Igreja Assembléia de Deus (pentecostal) a mais citada; e 17,19% se colocam como “sem religião”. Temos ainda 1,56% de judeus e o mesmo percentual para os espíritas.

Não obstante, o número de jovens católicos ser maior nota-se que nas celebrações o percentual de jovens presentes é muito pequeno. Mesmo aquelas que são realizadas semanalmente já demonstram pouca atração para eles. Nas festas da igreja encontramos um número maior de jovens. O interesse é pela possibilidade de estarem juntos sem a monotonia do ritual da missa, de poderem circular livremente entre os grupos e conversarem. A porta da igreja pode ser uma ótima oportunidade de se encontrarem no final de semana e colocarem a conversa em dia.

Ser católico, de certa forma, representa ter mais liberdade de comportamento que os protestantes. Os católicos podem, por exemplo, freqüentar lugares festivos, tomar bebida alcoólica, fumar, vestir roupas mais sensuais ou namorar sem compromisso. Os evangélicos têm a aparência e o comportamento fortemente controlados pela igreja, isto é, pela comunidade de irmãos, o que não quer dizer que eles não possam circular pela localidade, ter amizade com jovens que não sejam evangélicos ou praticar esporte²⁶, mas evitam os lugares onde possam colocar em questão a sua identidade religiosa, como, por exemplo, os bares e as festas locais. Geralmente freqüentam os lugares esportivos, a praça e a casa dos amigos. Em grupo, aparecem nos finais dos cultos subindo ou descendo as ruas, normalmente separados por gênero.

Nota-se que as igrejas da localidade como espaços de sociabilidade são pouco atraentes para os jovens, principalmente para os rapazes. Eles preferem freqüentar, nos finais de semana, aqueles lugares procurados por turistas: as cachoeiras, os bares, as lanchonetes, a rua principal. Os rapazes são os menos adeptos à religiosidade, conforme indicado nas entrevistas. Estão sempre envolvidos com jogos de futebol, de volêi, caminhadas, bem como, formando pequenos grupos de jovens que se colocam na rua principal para observar as moças que transitam.

2. 6. 1. O lazer

Os espaços de lazer nos ajudam a perceber como os jovens vivem e constroem suas imagens de campo e cidade. A dinâmica dos jovens de São Pedro da Serra com esses espaços mostra que se a localidade é um forte atrativo para os que chegam em busca de descanso e tranquilidade, além de proporcionar ao jovem local oportunidades de

²⁶ O neopentecostalismo de igrejas como a Assembléia de Deus traz algumas novidades ao cenário religioso: apelam fundamentalmente para a rigidez nos comportamentos sociais, buscam a exaltação emocionada da fé, a cura dos sofrimentos corporais e sociais (a figura do demônio está muito presente), os dons das línguas e, principalmente, a vida no espírito mas não mais em detrimento da vida mundana. Para maiores informações, ver o trabalho de Pedro Oro (1996) e Machado (1996).

trabalho, também os coloca em contato com os valores considerados urbanos, influenciado nas suas idéias sobre campo e cidade.

São Pedro da Serra se apresenta, para os que chegam de fora como um espaço de lazer, porém, para os jovens da localidade, aparece como um lugar desprovido de recursos (infra-estrutura) e divertimentos. Apesar das cachoeiras, das trilhas que tanto atraem os jovens de fora, dos bares, festas e jogos de futebol formar o principal repertório de atividades de lazer descritas por moças e rapazes de São Pedro, a elas se juntam às atividades que se encontram na sede do município, como ir ao cinema, ao *shopping*, à praia, às danceterias, às boates e aos *shows*.

Há dois times de futebol na localidade: o São Pedro Futebol Clube e o Estrela. Os jovens que moram na parte de cima da localidade geralmente jogam e torcem pelo Estrela, enquanto os de baixo jogam no São Pedro. Mas essa divisão não é rígida. Ao contrário dos outros espaços de diversão, o campo de futebol é ocupado predominantemente pelos moradores. Os visitantes dos finais de semana não parece interessarem por esse espaço.

Nos jogos, que ocorrem geralmente nos finais de semana, as rivalidades entre os times de futebol ficam mais evidentes. Não somente entre os grupos de moradores locais, mas também entre eles e outras localidades vizinhas, como é o caso da rivalidade histórica entre São Pedro e Lumiar. Nos times locais, é possível observarmos a presença de certas lideranças que em geral correspondem a pessoas da localidade com prestígio financeiro ou com conhecimento suficiente de forma a levar jovens do local para treinar em times com maiores estruturas financeiras e de prestígio estadual ou nacional.

Os jovens se colocam em torno desses personagens que, em alguns casos, agem como verdadeiros técnicos. Nem sempre é possível que todos participem dos jogos. Aqueles que demonstram muita destreza com a bola são os que constantemente estão em campo. Assim, os jogos funcionam como um diferenciador interno entre os jovens rapazes do lugar, inclusive criando rivalidade entre aqueles mais requisitados e os que parecem preencher os espaços com poucas alternativas de jogadas. Funcionam também como espaço de coesão, na hora que se opõem aos de fora. São como festas: as relações se exacerbam.

De qualquer forma, os jogos são restritos aos moradores na medida em que deve haver uma relação de confiança para manter o prestígio dos times mais importantes da região. Há jogadores que são remunerados para evitar que sejam cooptados pelo time adversário. Mas são poucos os jovens que têm sua participação nos times valorizada. O time de São Pedro é o mais cogitado entre os jovens locais porque, além do prestígio de ser jogador do tradicional time, também pode se esperar por uma remuneração.

Em volta do campo, nos torneios anuais ou nas partidas rotineiras dos finais de semana, estão os parentes masculinos que desde cedo incentivam os rapazes a jogarem futebol. Mais uma representação: o gênero. A presença masculina é valorizada no esporte, no espaço da rua, nos grupos masculinos.

Mesmo com o acesso permitido a todos que circulam pela rua principal da localidade, somente aqueles que se sentem parte desse universo é que entram pelo portão do clube e ali permanecem, principalmente porque entre o portão e o campo de futebol estão os moradores numa atitude festiva que parece funcionar como uma barreira ao visitante desconhecido. Qualquer um que não seja convidado a entrar no recinto se sente pouco à vontade diante dos olhares críticos desses moradores.

Diferente do futebol, as festas da região são espaços de confraternização entre os moradores e os de fora. São apontadas pelos jovens como importantes espaços de lazer. Elas reúnem pessoas das localidades vizinhas e de fora. Possibilita aos jovens reunir os amigos, realizar os passeios de namoro e conhecer pessoas novas. Para aqueles

que buscam relações passageiras, as festas são esperadas com maior entusiasmo. É o momento de encontrar alguém ou fazer novas amizades, começar um relacionamento sério ou simplesmente “ficar”, algo rápido, sem compromisso.

A tradicional festa de São Pedro no final de junho é uma homenagem ao santo padroeiro, um grande evento²⁷ que envolve toda a região. A cidade recebe todo ano um enorme contingente de turistas. Com pelo menos seis meses de antecedência já não há vaga nas pousadas. Muitas famílias alugam suas casas mobiliadas para turistas e vão se abrigar na casa de parentes e amigos mais distantes. Desta forma, conseguem obter em apenas quatro dias de festa, um rendimento muito acima do valor dos aluguéis estabelecido na região.

O principal acesso à cidade é interditado, exigindo que os visitantes abandonem seus carros distantes do local da festa. Os engarrafamentos são constantes de dia e de noite. É quase impossível transitar à noite pela rua principal. A festa muda completamente a rotina do lugar. A maior parte dos moradores é envolvida com o comércio de comidas e bebidas e com o preparado da celebração religiosa.

A festa de São Pedro é marcada ainda por uma mistura de ritmos. Cantores e grupos de dança se revezam no palco montado na praça principal. Ao lado do forró está o pagode e o *axé music*. Grupos de dança *couver* de cantores estrangeiros ressaltam a influência da música americana sobre a preferência dos jovens. Nesses grupos, estão alguns jovens da localidade. Pelas ruas é possível ouvir também o *funk* e o *tecno dance* que saem das malas dos carros dos turistas e também dos jovens de São Pedro. A localidade parece cada vez mais inserida na moda das grandes cidades, seja pelos ritmos das músicas, seja pelas roupas e falas dos moradores. Nesse sentido, a festa torna-se um intercâmbio de experiências entre turistas e moradores. Lado a lado estão os jovens da localidade, da região e de fora delas, como os jovens da sede do município, de Niterói e do Rio de Janeiro.

Se as festas atraem tanto “os de dentro” quanto “os de fora”, quando não há festas, há muito pouco o que se fazer em São Pedro da Serra durante a noite. A sede do município aparece como uma boa possibilidade de lazer. Apesar do horário espaçoso entre os ônibus que chegam e saem da localidade, muitos jovens se deslocam para a sede em busca de divertimento.

Ao lado dos turistas, os jovens de São Pedro podem usufruir dos ritmos e dos estilos que vêm sendo produzidos muito distante dali. Na sede do município convivem com outros jovens de diferentes classes, etnia e gêneros, ampliando seus espaços de sociabilidade. Assim, os amigos e as amigas, como também os relacionamentos amorosos, não estão limitados pelo pertencimento a um determinado espaço geográfico. O processo de socialização desses jovens se amplia no sentido de estarem convivendo com pessoas dentro da sua localidade, através do turismo e das festas, como também nas suas incursões aos grandes centros. Trazem nas roupas, nas palavras e nos gestos o gosto pelo que é moda hoje para os jovens.

Desta forma, a imagem produzida na cidade e veiculada pelos meios de comunicação que descreve o rural como local de atraso, de pessoas que falam errado e só trabalham, está muito distante dos gostos e comportamentos dos jovens de São Pedro da Serra. Nota-se que ali também se falam gírias, usam marcas de roupas e sapatos e freqüentam lugares onde dificilmente poderiam ser identificados como jovens ignorantes ou atrasados, pois não trazem a insígnia do rural representado pela cidade.

²⁷ É interessante observar que há uma mistura de simbolismo quanto à figura do patrono da cidade. O nome da cidade faz referência ao doador das terras para o assentamento das famílias colonizadoras da região. Nesse caso, a festa é uma homenagem ao Imperador Dom Pedro I, mas ela ocorre no dia de São Pedro, o apóstolo de Cristo.

Os rapazes usam chapéus e botas e ouvem *funk*, forró e outros ritmos. Dentro e fora da sua localidade, dividem sua atenção, seus gostos, entre aquilo que os identifica como um jovem do campo (o trabalho na lavoura e o contato constante com a natureza, longe da poluição), e as novidades da sociedade urbano-industrial (moda, espaços de lazer e consumo, informática e telecomunicações, por exemplo). É o que demonstram os ritmos das músicas preferidas e a vontade de permanecer morando no campo. Em primeiro lugar vem o forró²⁸ (56,25%), em seguida a MPB (51,56%), as músicas românticas (43,75%), o *rock* (40,63%), o *funk* (20,31%). Outros ritmos como o *tecno dance*, evangélico, *reggae* e *pop*, atraem muito pouco os jovens. Nota-se que, apesar das influências de outros ritmos, o forró continua sendo o ritmo preferido, tanto pelos turistas adultos quanto pelos jovens locais. Inclusive há vários grupos de forrozeiros na região que animam as noites e as festas da localidade e que vieram de fora, isto é, não são moradores antigos ou filhos de moradores, mas pessoas que com o turismo passaram a frequentar a localidade. No caso da MPB, o fato de ter sido muito citada pelos jovens talvez esteja ligado também à influência dos turistas da classe média que trazem violão e outros instrumentos para animar as rodas de bar nas noites de São Pedro. Em todo caso, não se pode afirmar que os jovens de São Pedro apreciam o forró porque moram no campo ou que ouvem *funk* porque estão sendo influenciados pelos jovens turistas. O que parece mais relevante é que, independentemente do espaço ou do ritmo ser considerado urbano ou rural, os jovens de São Pedro apreciam todos os ritmos que chegam.

Uma outra questão que aponta as ambigüidades dos interesses dos jovens são os programas de televisão. Os jovens preenchem seu tempo livre com os programas destinados à sua faixa etária. Os programas mais citados, em ordem, são: os jornais, as novelas e os programas dedicados aos jovens como o seriado *Malhação*. Esse programa tem grande repercussão sobre os jovens em geral, pois trata de vários problemas relacionados a eles. Contudo, há muitas críticas quanto às imagens veiculadas diariamente. Em concordância com os jovens da periferia carioca, os jovens de São Pedro afirmam que a televisão, de modo geral, divulga um clichê dos jovens cariocas como modelo de juventude e apresenta os conflitos vivenciados por eles de forma simplificada. No caso do seriado *Malhação*, é considerado como a realidade de uma minoria que é passada para todo o país. Portanto, não vêem sua realidade representada naquelas imagens e naqueles jovens (Minayo et.al., 1999). Mas, por outro lado, observam a linguagem, os estilos das roupas, das músicas e da estética. Assim, é possível encontrar jovens em São Pedro com os mesmos cortes de cabelo e roupas dos personagens do seriado ou das novelas.

No que diz respeito às possibilidades de lazer na sua localidade, os jovens colocam que São Pedro da Serra é um local ideal para o turista ou ecoturista, mas não para eles que procuram divertimento. Além disso, sossego e tranquilidade, condições valorizada pelo turista adulto, já fazem parte do seu dia-a-dia e, portanto, não representam qualquer novidade para eles. Essa condição também irá aparecer nas falas dos jovens de Baixada de Salinas. Por isso, enquanto a localidade recebe turistas adultos para os finais de semana, alguns jovens de São Pedro vão para a sede do município, em busca dos bailes e outros divertimentos.

Essa falta de lazer em São Pedro também os aproxima dos jovens da periferia do Rio de Janeiro analisados por Minayo et al. (1999) para quem as oportunidades de lazer

²⁸ Não podemos deixar de observar que o forró é um ritmo criado muito longe dessa localidade. Ele não faz parte de algo que poderíamos considerar como expressão de uma identidade local. Foram os turistas que trouxeram o forró para o local, tornando um ritmo apreciado também pelos moradores. Em outras palavras, representa um modismo da cidade no campo.

são bem menores, geralmente limitadas aos bailes *funk* e *charme* e às praias onde os custos são bem pequenos. Esses jovens da periferia do Rio reclamam do fato de tudo estar muito longe deles: “*Aqui é horrível, não tem opção nenhuma, tem que ir para fora se divertir, mas tudo é muito longe*” (alunos das escolas públicas). Minayo et al. (idem) ressaltam que, diante dessa realidade, alguns jovens da periferia manifestam vontade de morar em uma cidade menor, onde imaginam haver menos trânsito, menos poluição, mais contato com a natureza e mais tranquilidade, sem, contudo, querer abrir mão da infra-estrutura de uma cidade grande. Apesar de inseridos numa outra realidade, essa também é a imagem de campo que alimenta o pensamento e o comportamento dos jovens de São Pedro, porém, também não querem abrir mão do lugar onde moram, mesmo que não exista uma boa infra-estrutura como na cidade. Observa-se que são as experiências locais com a falta de melhores e maiores espaços de lazer, trabalho e estudo, associadas às imagens produzidas e reproduzidas na cidade que alimentam as polaridades entre campo e cidade, adjetivando o campo ora como lugar positivo, ora como negativo.

No caso dos jovens da periferia do Rio, a sensação de insegurança também é um dos motivos apontados para quererem viver numa cidade pequena distante dos grandes centros. Acreditam, como os jovens de São Pedro, que a juventude urbana é a mais violenta e também vítima da violência e, por isso, a cidade é boa para trabalhar, estudar e se divertir, mas não para residir. O campo, em contrapartida, aparece como lugar de sossego e não violento. Desta forma, “juventudes” inseridas em diferentes contextos socioeconômicos e culturais compartilham de algumas imagens que servem como referências para informar a cerca dos espaços.

Essas imagens dos jovens da periferia do Rio de Janeiro sobre a violência são discutidas também em outros estudos, como os de Soares (1996), Miguel (1998), Vianna et al. (2003). Como mostra Soares, os jovens de 15, 16 e 17 anos têm sido em escala crescente, vítimas de homicídios dolosos no Rio de Janeiro. A cidade está partida (Ventura, 1994) entre o morro e o asfalto, mas a violência não se limita aos que se encontram em situação de pobreza, apesar de atingir preferencialmente os jovens rapazes negros (Minayo et. al., 1999, Novaes, 2000), pelo contrário, ela se ramifica por toda a sociedade, atingindo inclusive os espaços mais isolados e distantes, como as localidades rurais.

No caso das grandes metrópoles, como o Rio de Janeiro, os jovens “do asfalto”, em contraste com os “do morro”, onde fica a maioria das favelas, também cresceram aprendendo como identificar o perigo, desviar-se de suspeitos e controlar o medo (Novaes, 2000). Os diversos espaços juvenis urbanos são exemplos das formas de convívio marcadas pela violência. Na periferia aparece o *funk*, que aos poucos contagia também os jovens da classe média e das localidades rurais próximas. Por outro lado, grupos organizados como *skinred* e lutadores de *jiu-jítsu*, integrantes da classe média, são novos protagonistas de atos violentos que vêm se somar aos *funkeiros* das classes populares. Portanto, a violência dos jovens não se limita a uma classe ou espaço social. Droga e violência já não podem ser vistas como atributos da cidade, apesar do senso comum e da mídia as colocarem como pertencentes aos pobres urbanos, estigmatizando a periferia. Como informaram alguns dos entrevistados, cada vez mais os jovens de São Pedro e Baixada de Salinas, respectivamente 18,67% e 7,67%, estão se envolvendo com o uso da maconha. O sentido de pertencimento ao grupo ou ao bem se opõe ao de fora, portador do mal. Os estranhos vêm e deixam sua marca.

“O pessoal de Friburgo tá vindo muito pra cá. À noite tá vindo prá cá. Trazem coisas ruins também. Trazem drogas. A droga chegou com o pessoal de fora” (W. L., rapaz, 21 anos).

Na verdade, tanto para os jovens da periferia quanto para os jovens das localidades rurais aqui estudados, a escassez de opções de divertimento no local onde vivem, bem como a imagem e as experiências com a violência, os levam a imaginar que existe um lugar onde a realidade seja diferente para eles. Nota-se que em ambas as situações, campo e cidade, os jovens não querem abrir mão do lugar onde residem, seja pela infra-estrutura, no caso dos jovens da periferia do Rio (Minayo et. al., 1999), seja pela tranquilidade, pelas relações de amizade e familiares, no caso dos jovens de São Pedro. Mais uma vez fica evidente que as ambigüidades que envolvem as falas dos jovens estão dirigidas para as imagens que foram criadas para informar o que é campo e cidade, e que na prática elas informam muito pouco a respeito dos espaços tidos como referência.

Uma outra condição que relativiza as imagens de campo e cidade é o consumo de bebidas alcoólicas. Para a maioria dos entrevistados, o álcool não é considerado droga ou é visto como uma droga leve, social. Dos jovens entrevistados na escola, 76,56% afirmam beber. Todos os entrevistados na rua disseram utilizar álcool. Note-se que, independente de ser católico ou evangélico, os jovens consomem bebida alcoólica, sendo os evangélicos os que menos a utilizam. Portanto, o álcool é uma droga que atrai grande parte da juventude dessa localidade, principalmente os rapazes. O motivo está no fato ou nas representações de a bebida além de facilitar ou favorecer a aproximação entre os sexos, também representa a busca de um status adulto. Os rapazes mais tímidos se dizem mais corajosos de chegar perto de uma menina quando ambos estão bebendo ou mesmo de se sentirem mais aceitos pelo grupo de amizade. Por outro lado, o uso do álcool aparece como um rito símbolo que confere a aquisição de uma condição adulta para aqueles que o utiliza diante dos seus pares, assim como acontece com o tabaco.

Os pesquisadores que trabalharam com o uso de psicotrópicos têm mostrado que o álcool é a droga mais experimentada/usada, seguida de longe pela maconha e pela cocaína, entre os jovens urbanos (Galduróz, 1997, Bastos e Carlini-Contrin, 1998, entre outros). Galduróz, numa enquête feita com jovens de 1º e 2º grau de 10 escolas das capitais brasileiras, mostra que 69,9% dos estudantes, especialmente meninos, já usaram bebida alcoólica alguma vez na vida. Essa realidade também pode ser constatada em São Pedro da Serra. Dos jovens entrevistados, 68% afirmam preferir a cerveja, seguida do vinho e outras bebidas quentes como a cachaça, independente da idade, sendo os 15 anos, para a maioria dos jovens, o momento da primeira experiência. Em São Pedro, os finais de semana e as festas são os momentos mais propícios²⁹. A utilização de drogas como maconha e cocaína se restringe a um grupo menor, porém, significativa para o universo da pesquisa: 28,13% afirmaram já ter experimentado maconha e 3,13%, geralmente os jovens mais velhos, a cocaína. A experimentação da cocaína se dá, portanto, com o crescimento da idade, sendo bem significativa nas faixas de 19 e 20 anos para os jovens cariocas, como ressalta Galduróz (idem).

Esses dados demonstram que, quando o assunto é droga, não há diferenças entre as juventudes, apesar da droga no imaginário social, estar associada à cidade. Isto é, a droga de certa forma sempre esteve associada ao estilo de vida urbano. Podemos

²⁹ Assim como as informações de Galduróz, de que a utilização do álcool é maior entre os meninos e cresce com a idade, ao passo que diminuem as proporções dos que nunca a usou, o mesmo pode ser dito com relação a São Pedro da Serra e Baixada de Salinas.

verificar essa visão nas respostas dos jovens de São Pedro quando indagamos sobre os aspectos positivos e negativos da presença do veranista e turista na localidade. Eles afirmam que são os de fora que trazem drogas para a localidade, que antes não havia “essas coisas”, “foi o turismo que desenvolveu o uso das drogas no local”.

Os entrevistados tendem a associar os atos de violência e as confusões ao uso das drogas. Na explicação desses jovens sobre os atos de violência observados na localidade, verifica-se uma associação causal entre drogas e violência, e que essa relação é resultado do movimento crescente de turistas na região:

“O pessoal de fora trás coisas boas e coisas ruins. Aqui tá crescendo. São Pedro tá crescendo com o pessoal de fora. Mas também cresce a violência, o tráfico de droga que tá aumentando em São Pedro. E o pessoal vem prá cá pensando que vai encontrar uma coisa diferente e não, tá indo pelo mesmo caminho” (E.S.S., rapaz, 19 anos);

“Aqui ninguém sabia disso até 5 anos atrás. Se falasse maconha, ninguém sabia o que era isso. Aí começou a desenvolver a cidade. Aí começou o pessoal da cidade a querer usar. Isso é uma influência má” (D.O. E., rapaz, 19 anos).

Mas há um outro motivo que leva os jovens de São Pedro a buscarem os lugares jovens da cidade: cada vez mais o turismo em São Pedro se dirige as pessoas acima dos 40 anos. O movimento de jovens de fora, seja da cidade ou das localidades vizinhas, tem diminuído. Segundo o depoimento de um jovem, os filhos dos turistas já não aparecem com tanta frequência como antes, pois há poucos atrativos para eles na localidade. As casas noturnas que tocam forró, hoje, atraem poucos jovens da localidade e da redondeza.

2. 6. 2. Moralidade, repressão e diversão

Uma casa de São Pedro em especial chama a atenção pela cor – lilás – e pela decoração – fotos da Madonna. Na verdade, trata-se de um lugar “alternativo” para os visitantes, ponto de encontro de homossexuais e simpatizantes. Apesar da pouca frequência de moradores, percebe-se que os jovens são os que visitam o local eventualmente. Comentam que os gays e lésbicas que vêm de fora são pessoas que respeitam os moradores e por isso não há motivos para não irem a esse restaurante dançante. Os moradores que se sentem atraídos por esse espaço são os rapazes. Nota-se que, apesar de afirmarem que freqüentam o local, eles geralmente são vistos apenas na porta de entrada, pois o consumo no local é caro. O preço das bebidas e comidas limita a presença dos moradores nesse espaço. Assim eles ficam por ali, em frente à casa, como coadjuvantes de um espetáculo.

Mas não são somente os altos preços que fazem com que os jovens se limitem a estar por ali, em frente ao estabelecimento. Em conversas com os pais de alguns jovens, o fato de a casa noturna ser freqüentada por gays e lésbicas faz com que o local seja mal visto. Isso por sua vez exerce uma forte pressão moral para que os jovens não se misturem às pessoas de fora que chegam e se dirigem à casa. Um ano após minha

estadia em São Pedro, observei a casa fechada³⁰. Há, nesse sentido, um forte controle social na relação entre os moradores e os turistas homossexuais. Isso não quer dizer que não existam homossexuais que pertençam à localidade antes mesmo da chegada dos turistas. Pelo contrário, há alguns homens que são apontados pelos moradores como homossexuais, mas, diferente dos de fora, são parte da localidade, têm família e trajetória conhecidas, o que permite certa aproximação entre os jovens e eles. Esses homens são tratados muita das vezes com brincadeiras e chacotas, ao contrário do turista homossexual, que é respeitado porque pode se tratar de alguém de grande poder aquisitivo, influência política ou algo do gênero. Além disso, sendo turista, ele é alguém que traz divisa para os moradores. Assim, distância e respeito são formas de se relacionar com alguém que transgride as normas, mas que tem outras maneiras de se valorizar.

Antes, havia um movimento maior de jovens de fora. Chegavam os turistas de final de semana e os ritmos do forró e do *funk* atraíam os diferentes públicos. O *funk* chegou a predominar entre os jovens da localidade por um curto período de tempo. Era o ritmo apresentado por uma danceteria, cujo *DJ* (*Disc Jockey*) era um jovem local. O ritmo atraía outros jovens da redondeza. Mas o baile acabou devido ao forte controle social que a comunidade local exerceu sobre o proprietário, também morador da localidade, depois que um incidente que envolveu a morte de um rapaz da vizinhança ocorreu. As brigas passaram a ser constantes e a envolver pessoas do local e de fora. A morte do rapaz se transformou numa demonstração de violência associada ao *funk*, corroborando com a imagem apresentada pela mídia carioca e que Cecchetto (2003) contesta ao chamar atenção para o preconceito com que os poucos espaços de divertimento dos jovens da periferia do Rio de Janeiro são tratados pela mídia. A autora não nega a violência que existe em alguns bailes *funk*, chamados de “bailes de corredor”, onde diferentes galeras se colocam umas em frente às outras, trocando insultos até que as brigas ocorram de fato. Há nesses bailes uma demarcação de territórios geográficos da cidade, inclusive proibindo a entrada no clube de galeras rivais. Porém, segundo ela, os bailes *funk* representam também importantes espaços de convívio dos jovens que não possuem alternativas de lazer. As letras das músicas cada vez mais falam de paz e união das comunidades carentes, procuram combater os atos de violência do dia-a-dia das comunidades, chamam a atenção para os preconceitos e a cidadania, e falam da realidade dos jovens da periferia.

Lima (2003) mostra, baseado no estudo de Cecchetto (1997), que o mundo *funk* do Rio de Janeiro é um universo de socialização de jovens pobres, suburbanos ou favelados, distantes do Rio de Janeiro urbanizado e sofisticado. Esse mundo é marcado pela presença de rapazes cuja afirmação de identidade masculina é forjada através de um “ethos de virilidade”. Deste modo, a violência no *funk* é uma atribuição exterior estigmatizante, mas é também um aspecto interno aos bailes, ritualístico, que aciona a produção de territórios e identidades através da constituição das galeras. Portanto, há no *funk* uma representação simbólica de processos complexos que organizam a vida social das favelas e dos bairros periféricos do Rio de Janeiro, segundo uma lógica antagônica, territorial e guerreira. Serve para namorar e agregar galeras ou turmas, mas também serve para manifestar oposição à ordem constituída e praticar a violência.

O baile tem um forte apelo sobre o comportamento sexual dos jovens. Como afirma Lima (2002),

³⁰ A casa foi fechada devido aos altos preços dos produtos e a baixa frequência do público.

“o *funk* carioca é um fenômeno de mercado que incide sobre o sexo. As letras das músicas tocadas pelos DJ’s (Disc Jockey) e cantadas pelo MC’s (Mestres de Cerimônias) que fazem os bailes apresentam personagens sexualizados e definidores de uma ordem de relações de gênero em que o masculino parece ser sensual e virulento, o feminino parece ser sedutor e subordinado. Domesticado pela indústria da música, propaga um discurso de paz nos bailes, erotizado, atrai a simpatia de parte da mídia, estimula a liberação sexual de jovens de “boa família” e contribui para a reificação da sexualidade e o uso do corpo, como sempre fizeram os *funkeiros* pobres e negros” (Lima, 2002, s/f).

Lima (idem) conclui que os jovens *funkeiros*, assim com os pagodeiros e timbaleiros baianos, são, no meio musical racializado (geralmente são jovens negros), objeto de uma ideologia do erótico. Tal ideologia, segundo o autor, permite a busca no corpo do prazer sexual, a expansão da construção do desejo para além do que é visto como pecado e luxúria, a formação de uma cultura juvenil irreverente e sedutora. Entretanto, atrelada às estruturas de poder do gênero e da cor, legitima o corpo negro como mercadoria, torna-o um bem alternativo à ordem sexual para aqueles que podem pagar pela transgressão das proibições. Assim todos, *funkeiros*, timbaleiros e pagodeiros, carregam na genitália parte da sua identidade.

Num estudo feito com jovens de uma favela do Rio de Janeiro, Monteiro (1999) também chama atenção para essa questão sexual que envolve os bailes *funk*. Segundo a autora, os bailes têm uma importância para a realização dos atos sexuais já que neles estão contidos todos os apelos para a afirmação das identidades masculinas. Na iniciação sexual, os rapazes informam que os bailes são estratégicos para se conseguir as parceiras. Além disso, há um fator importante que é a condição de gênero. Ao invés da virgindade, na trajetória sexual dos rapazes valoriza-se a experiência. Nota-se que a iniciação sexual está relacionada à aquisição da masculinidade, isto é, a constituição da identidade masculina se dá através da afirmação da virilidade (Bozon e Heilborn, 1996).

No caso dos jovens de São Pedro da Serra, suas características socioeconômicas e culturais deslocariam esse sentido original do *funk* e suas representações em torno. Se a lógica do baile e as letras das músicas chamam a atenção para a vida das favelas, marcada pela violência, pelo preconceito racial, pelas desigualdades entre o asfalto e o morro e pelos apelos ao sexo, em São Pedro, esses jovens filhos de agricultores e ex-agricultores, herdeiros das formas de sociabilidade camponesa, brancos, de olhos claros e trabalhadores, assumem o ritmo da moda, mas não o conteúdo de todas as letras. Como ressalta Giddens (1991), numa intensificação das relações sociais, relações que ligam localidades distantes, as ocorrências locais são moldadas por acontecimentos que foram produzidos em outras realidades. Contudo, numa localidade pequena, elas podem receber outros sentidos que não o original. Além disso, há que se destacar que no mundo *funk* existem duas direções para as letras das músicas: aquelas que pregam a paz, que falam da relação entre namorados, que falam da violência sofrida pelos jovens e que, portanto, a maioria dos jovens, independente dos espaços, se identifica, e o considerado *funk* “proibido” que prega a violência, a separação de facções e o uso de drogas, que atinge preferencialmente os jovens da periferia do Rio e dos morros, e não é tocado em qualquer lugar, assim como suas músicas não são veiculadas pelos meios de comunicação.

O que atrai os jovens de São Pedro é o que o baile pode proporcionar no seu contato com os jovens de fora. Isto é, tendo um baile *funk* no local ou participando dos bailes da cidade, eles podem estar lado a lado com outros jovens, dominando seu

vocabulário e a lógica das suas relações. Assim, o baile aproxima jovens de diferentes localidades ou condições, ampliando as oportunidades para que eles possam se encontrar e estabelecer novos relacionamentos. Nesse momento, as imagens de campo e cidade são diluídas. Não representam nenhuma essência ou referencial. Todos se tornam parte do baile.

Antes mesmo de a danceteria ter sido fechada, os jovens de São Pedro já freqüentavam os bailes *funk* do centro de Nova Friburgo. Sua presença só não era mais constante porque exigia sacrifícios: eram obrigados a esperar o dia nascer, quando os ônibus voltavam a circular, para retornarem a São Pedro da Serra. Essa situação dificultava a participação das moças de São Pedro nos bailes da cidade, pois não poderiam “se aventurar” como os rapazes a passarem a noite fora e só chegar em casa pela manhã. Há aqui uma clara distinção de gênero, isto é, enquanto os rapazes podem se aventurar, experimentar o contato com outros universos, circular pelos espaços jovens distantes, as meninas, não. Elas até podem arriscar uma maior aproximação desde que seja tutelada por pessoas de confiança da família, como irmãos, primos e parentes mais velhos. Em nenhuma das entrevistas feitas às moças, o baile *funk* aparece com uma possibilidade de divertimento.

Portanto, os jovens que vivem longe desse universo descrito por Lima que são as favelas cariocas, como os de São Pedro da Serra, estão expostos a uma ideologia que, ao se incorporar à sua identidade, não necessariamente a inverte. Os apelos à violência e ao sexo que trazem a maioria das letras do *funk* podem não surtir o mesmo efeito nessa localidade, já que os jovens não são negros e favelados, isto é, não há uma identificação de raça e *status* social, mas os identificam com a condição de gênero, onde a mulher é vista como objeto de desejo e a masculinidade está associada à virilidade, e à condição de geração, já que buscam também a novidade. Além disso, o *funk* os aproxima também de outras juventudes, fazendo com que dominem essa linguagem presente no discurso dos jovens turistas ou que estão nas falas de seus colegas de escola e faculdade da cidade. Isto é, o *funk*, num certo sentido, os introduz nessa cultura juvenil mais ampla que vem dos centros urbanos. Termos como “poposuda” (mulher de glúteo grande), “filé” (mulher de belo corpo), “saradinho” (rapaz magro com os músculos à vista), entre outros, que aparecem nas letras das músicas passaram cada vez mais a integrar o seu vocabulário. Deste modo, a dominância da linguagem que vem da cidade aproxima os jovens da localidade dos seus pares urbanos, principalmente os rapazes.

2. 6. 3. Turistas: a interação da diferença

Mas, voltando aos jovens turistas, podemos dizer que os que chegam hoje à localidade estão normalmente acompanhados de seus pais, em férias. Assim, observa-se que os freqüentadores da maioria das casas noturnas de São Pedro são cada vez mais os casais de idade mediana, como já mencionamos, profissionais liberais e intelectuais da classe média do Rio de Janeiro e Niterói, que se juntam aos jovens da localidade.

Os espaços de sociabilidade (família, escola, igreja, campo de futebol, quadra de vôlei, entre outros) aos poucos vão incluindo os que vêm de fora, em alguns casos com certa resistência, como no caso do futebol. Na rua, apesar da intensificação do contato entre os dois grupos, alguns lugares ocupados pelos moradores também são diferentes dos de fora. Os jovens se colocam em lugares próximos aos freqüentados pelos de fora como se estivessem assistindo a uma encenação teatral, inclusive de pé, do outro lado da

calçada ou formando um meio círculo em frente aos bares e restaurantes que possuem música ao vivo, diferente do que ocorre no dia-a-dia quando alguns desses lugares estão fechados ou os jovens da localidade são seus principais freqüentadores.

Quanto aos jovens turistas é muito difícil nos referirmos a eles porque sua presença não é constante, isto é, nem sempre são os mesmos em todos os finais de semana. O que pode ser observado é o fato de que alguns que possuem casa em São Pedro, cujas famílias se conhecem fora dali, aparecem juntos nos bares, lanchonetes e restaurantes. Outros trazem amigos para o fim de semana em suas casas. Os grupos não são grandes, alguns inclusive contêm jovens da localidade.

Os jovens da localidade, ao se misturarem aos de fora, fazem com que as diferenças se tornem pouco perceptíveis à primeira vista. As roupas de “marcas” famosas e os acessórios já não os diferenciam internamente. Contudo, os de fora passam uma imagem de ostentação. Com eles chegam as pequenas motocicletas que se tornaram uma febre entre os jovens urbanos, as famosas Honda Biz³¹, mas os jovens locais dão preferência àquelas que sirvam ao mesmo tempo para trabalhar, deslocar-se para a sede do município e divertir-se. As *motocross* são as preferidas. O comportamento dos jovens turistas também não os distingue dos jovens da localidade: circulam o dia todo pelas cachoeiras, trilhas e lanchonetes, e à noite estão sempre ocupando os lugares mais movimentados da localidade.

Na verdade, a interação com outros jovens que chegam da sede do município e da cidade do Rio de Janeiro amplia a rede de sociabilidade para além dos grupos de parentela. A família não é mais o núcleo privilegiado ao alcance das possibilidades desses jovens (Galland e Lambert, 1993). Aqui, como nas cidades, o trabalho fora de casa e a freqüência a escola e cursos, bem como as idas a clubes, *shopping cente*, etc., criam condições para a formação de grupos de convivência propriamente juvenis, muitas vezes alheios aos laços de parentesco, o que favorece, nos termos de Durhan (1978), a corte entre jovens do sexo oposto (e, talvez, do mesmo sexo), a participação nos divertimentos de massa e a prática de esportes. Nesse sentido, a vida dos jovens rurais (agrícolas ou não) passa cada vez mais a se realizar fora do grupo doméstico e do campo, que estariam perdendo, gradativamente, a hegemonia do processo socializador. Esses jovens estão expostos a outros espaços sociais e, portanto, passíveis de questionarem e, possivelmente, combinarem valores distintos. Por outro lado, isso não significa a negação da sua origem, dos valores familiares, como já dito anteriormente. A mudança parece exigir uma reflexão sobre os modos de vida herdados e as possibilidades de alterá-los. A mudança talvez represente apenas uma maior flexibilidade dos papéis vividos no interior da organização familiar.

Os jovens da localidade de São Pedro parecem compartilhar de certas experiências vividas pelos jovens agrícolas franceses. Roudet (2001) ressalta que a visão de uma família rural tradicional na França cujas normas organizam a vida de todos, baseada na hierarquia entre adultos, jovens e crianças, está cada vez mais distante da realidade do rural hoje. Podemos inferir que esses jovens, tanto no Brasil quanto na França, próximos aos grandes centros urbanos, demonstram viver as ambigüidades do processo de modernização dos valores de sua sociedade mais ampla. Nesse processo de mudança é possível que haja uma ruptura parcial com os velhos moldes adotados tradicionalmente pela sociedade local. Por outro lado, no processo de

³¹ No Rio de Janeiro, ter uma Honda Biz tornou-se um símbolo de diferenciação entre os jovens urbanos de classe média. Como não é exigida a carteira de motorista para essas motocicletas de baixa cilindrada (50), os adolescentes passaram a utilizá-las para se locomoverem na cidade. É comum vê-los em bandos nas escolas, nas praias e nos lugares de movimento à noite. Essas motocicletas atraem o público feminino e os rapazes as utilizam para conquistar esse público.

destraditionalização³², “a tradição deve cada vez mais ser contemplada, defendida, examinada, em relação à consciência de que existe uma variedade de outras formas de fazer as coisas” (Giddens, 1993, p. 98). Os jovens de São Pedro, assim como os de Baixada de Salinas, se inserem nessa dinâmica relacional entre o local e o global, onde a identidade cultural local, ao mesmo que é preservada, através do apontamento da cidade como algo negativo, passa por um processo de adaptação aos novos valores e formas de comportamentos que chegam com o turista. Há uma clara intenção em se manterem ao mesmo tempo como iguais e diferentes dos de fora.

As festas, assim como os finais de semana em São Pedro, são dinamizadas a fim de atrair o turista, o que demonstra a diferença entre festa para si e festa para os de fora: a festa de São Pedro é para o de fora. Através desses espaços, os moradores também têm a oportunidade de se comunicar e conviver com o diferente. Para os jovens, essa relação entre moradores e turistas na localidade possibilita ainda estabelecer laços de amizade e namoro. No que diz respeito à escolarização, ao trabalho e ao lazer na sede do município, o contato desses jovens com formas de sociabilidade diferentes da sua localidade de origem os aproxima dos seus pares de fora. No entanto, esse contato não significa a perda dos laços que os prendem à cultura local.

Diante da fluidez das fronteiras entre campo e cidade, os jovens agirem de forma pragmática, unindo o que existe de favorável para sua reprodução social em ambos os espaços. Essa fluidez não significa a perda de sua identidade local, mas uma resignificação da mesma. Essa também é a conclusão de Carneiro (1998), quando afirma que os jovens por ela estudados demonstram um processo de assimilação e resistência aos apelos da cultura urbana.

No estreitamento das fronteiras entre campo e cidade, os jovens vêem sua auto-imagem refletida no espelho da cultura “urbana”, “moderna”, que lhes surge como uma referência para a construção de seus projetos para o futuro. Essa aproximação com a cultura “urbana” geralmente está orientada pelo desejo de inserção no mundo moderno. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem (Carneiro, *idem*).

Essa relação seria, então, um componente importante na ruralidade desses jovens, visto que está permeada por valores que correspondem a mundos aparentemente diferentes.

2. 7. Moradores e turistas: a disputa pelas representações de campo e cidade

Todo o município, por estar situado na região serrana do Rio de Janeiro, é considerado Área de Proteção Ambiental, sofre forte fiscalização dos órgãos competentes. Assim, diferente de Baixada de Salinas, os agricultores de São Pedro e localidades vizinhas são visitados periodicamente pelo pessoal da Polícia Florestal. Isso se dá pelo fato de a região estar inserida no circuito do ecoturismo. Em outras palavras, são os neo-rurais e os turistas que possuem propriedades no local, que exigem a preservação ambiental da região, dificultando a reprodução dos produtores familiares que buscam as encostas dos morros para a rotação das culturas plantadas. Já em

³² Para Bourdieu (1989), a aquisição de um capital cultural é que contribui para mudanças no *habitus*.

Baixadas de Salinas, apesar dos produtores locais se utilizarem dos adubos e defensivos agrícolas, não verificamos o mesmo rigor das autoridades. Não houve relatos por parte dos jovens ou dos adultos sobre conflitos com as autoridades, provavelmente em virtude da pouca expressividade do turismo na localidade.

É possível distinguir dois tipos de turismo em São Pedro da Serra: o fixo e o de fluxo (Carneiro e Teixeira, 2002). O fixo é representado por aqueles que, vindos da cidade, adquiriram propriedade nas localidades rurais ou alugaram casas por períodos prolongados, geralmente pessoas acima dos 40 anos e com filhos pequenos. Já o de fluxo se refere àquelas pessoas que vão apenas visitar a região nos finais de semana ou feriados, em sua maioria jovem à procura de práticas esportivas (canoagem, escaladas, rafting) e modalidades do chamado ecoturismo.

Carneiro e Teixeira (idem) ressaltam as dificuldades em categorizar esses turistas já que a sua relação com a região e com os moradores é muito heterogênea. Elas afirmam que, grosso modo, os turistas são movidos por uma imagem idealizada e idílica da natureza, onde se busca a satisfação de um prazer imaginário localizado na expectativa de novas experiências de contato com a natureza e, em alguns casos, com a população local e seu modo de vida.

Em São Pedro da Serra verifica-se também que algumas construções são pousadas que, como informam as placas ao lado da estrada, oferecem todo tipo de serviço aos turistas. Junto à estrada encontram-se também bares, restaurantes e lojas de material de construção e de móveis.

Quando nos aproximamos da área central de São Pedro, uma placa na entrada informa o que a localidade se propõe a oferecer aos seus visitantes: “toda a paz do universo”. Na praça, encontramos casas antigas e outras que, com o tempo, foram sendo refeitas com uma fachada mais moderna. Ao lado dos moradores, descendentes suíços, novas residências são construídas a todo o momento. Jardins, garagens, antenas parabólicas e grades de ferro revelam que a localidade não parou no tempo. Assim, as marcas do passado recebem novos contornos, dando origem a uma mistura de estilos arquitetônicos.

Algumas das casas antigas na rua principal foram vendidas para os que chegaram à localidade, entre eles, os donos de pousadas, restaurantes e bares. Há famílias que também são proprietárias de alguns estabelecimentos comerciais, mas, de modo geral, as famílias da localidade são constituídas de trabalhadores formais e informais, como os confeccionistas, os jardineiros, os agricultores, os pedreiros, os marceneiros, os comerciantes, os funcionários públicos, entre outros.

No decorrer da semana, quando a localidade está praticamente vazia, ouve-se constantemente o barulho das serras elétricas e marteladas. Nota-se o movimento de caminhões de materiais de construção subindo e descendo a rua, e dos moradores, entre eles, jovens rapazes, informando que algum novo empreendimento está sendo construído ou reformado para os visitantes ou novos moradores.

Nas ruas, as boas condições das estradas favorecem a circulação de ônibus. Porém, o transporte coletivo representa mais uma necessidade dos moradores do que dos turistas que chegam geralmente em carros ou motos particulares. Charretes e cavalos ainda disputam espaços com os veículos.

Alguns moradores, na sua maioria os idosos, reclamam das transformações que vêm se operando nas fachadas das casas que serviram de abrigos para suas famílias e amigos, e, assim, cerram suas janelas diante do desconhecido. Segundo eles, esses imóveis representam um pouco da história da ocupação da região que cada vez mais passa a ser monopólio dos velhos e dos professores das escolas da localidade, depositários da memória do grupo.

Através de um esforço de memorização, esses moradores relatam o rumo que tomou a vida da localidade nas últimas décadas, como neste depoimento:

“Minha avó me contava que na época do Império, as mulheres ficavam tudo na praça, de vestidos longos, sombrinhas de renda, os homens, uns de fraque, de gravata, de cartola na cabeça e de bengala. Onze horas o sino da igreja tocava. Aí aquela comitiva toda que ficava conversando na praça subia em pares para a igreja. Aí havia a celebração da palavra na igreja de São Pedro. Acabava a celebração, eles voltavam para a praça e brincavam ali de passar lenço, passar anel, vinha os empregados da fazenda e serviam lanches, a banda tocava. Foi uma época áurea para um grupo. Agora, tinha produção de café. Eu não sei se esse luxo todo era pago pelo Império.

(Hoje), nós temos mais 30 pousadas aqui. Temos pousadas 3 estrelas classificadas pela Revista de Turismo. Acho que nós já temos mais de 20 pousadas classificadas de alto nível aqui dentro. Temos a escola com 2º grau. Agora nós estamos querendo frear porque nós não temos fossa, nós não temos água, não temos rede de esgoto, água potável decente. Agora veio a explosão do telefone. Mais de 500 telefones instalações em menos de um mês. Agora a maioria tá trabalhando pela Internet. Tradutores de livros, nós temos aqui vários tradutores de livro, nós temos aqui artesãos de alto nível que trabalham aqui de 2ª a 6ª que no final de semana vai prá São Paulo vender. Temos várias pessoas de alto nível que estão aí. Morando aqui praticamente escondidos, que mal abrem a porta porque estão fazendo tradução de livro, intelectuais” (M. J. São Pedro da Serra, entrevista realizada em 02/08/2001).

Os que demonstram angústias ao verem a localidade se transformando, falam do barulho, do movimento de carros e pessoas, da degradação ambiental que parece não ter fim. O dono de um bar comenta que, “antes, pouco se notava a presença de pessoas de fora circulando pela região, agora parece que são a maioria dos que vivem ali”. Hoje, estão em todos os lugares e fazem questão de ser notados ou ficam em casa “traduzindo”, ao contrário dos moradores antigos que evitam circular pelas ruas da localidade nos finais de semana. Assim, passado e futuro travam uma batalha onde a memória é uma forte aliada dos moradores antigos.

Nesse movimento de turistas entrando e saindo da localidade, a afirmação do pertencimento ao local é constantemente acionada pelos moradores para legitimar as críticas, assim como para diferenciá-los internamente. Mostrando as fotografias, que os remetem aos fatos vividos no passado, apontam o que se perdeu no movimento do tempo. O álbum traz a cronologia dos fatos familiares (casamentos, aniversários, batismos, entre outros), mas nele também ganha destaque o lugar dos amigos e parentes que ajuda a entender os laços de solidariedade desses moradores. Além disso, as fotos de família se misturam às das festas da localidade. As festas são marcadas pela predominância de moradores locais, cujo nome e sobrenome são conhecidos por todos.

Como afirma Da Matta (1986), vemos que as festas são momentos significativos no que se refere às relações sociais. Acentuam conflitos e alianças, fazem aflorar sentimentos e emoções. A forma de lembrá-las resgata, portanto, estas relações, mesmo que filtradas pela memória.

O recurso às imagens é um suporte da memória (Le Goff, 1997), fala mais da alma do que da história propriamente dita. Funciona como uma verdade, não pessoal mas coletiva. Segundo Bourdieu (1965), nas fotografias,

“as imagens do passado dispostas em ordem cronológica, ‘ordem das estações’ da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente” (p. 54).

Essas linhas do pensamento bourdiano nos fazem refletir sobre o que representam o vivido, a história de família, o sentimento de pertencer ao local. Em São Pedro, as pessoas, lugares e monumentos são, na verdade, parte de uma mesma identidade. Juntos, resistem ao movimento do tempo antes ditado pela dinâmica da agricultura. Nela, se inserem os motivos dos laços de família, de amizades, de parentescos, das festas e outros eventos da localidade e que, agora, acompanhando o movimento do tempo, estão se transformando com a chegada de novas pessoas, novas atividades e outros valores. A nova realidade traz com ela uma nova concepção sobre o lugar, onde aparecem os modos de vida considerados urbanos, da sociedade de consumo, que os jovens têm facilidade de assimilar, mas que os mais velhos parecem resistir. Como coloca um agricultor, “antes se plantava para comer e comprar alguma coisa para dentro de casa. Agora, se planta para juntar dinheiro”.

As imagens trazidas pela mídia ajudam nesse movimento de aproximação dos espaços sociais, assim como a melhoria das estradas, as idas à cidade e o turismo que cada vez mais ganha espaço na vida rotineira da localidade. As fronteiras, que antes poderiam delimitar os espaços, tornam-se fluídas. Agora, são as relações de amizade, produção e comercialização estabelecidas com os novos moradores (turistas e neo-rurais) na localidade e com a sede do município que devem informar a existência de algo particular ou identitário de São Pedro da Serra. A localidade se constitui em um lugar para além das imagens tradicionalmente construídas de campo e cidade. Imagens que o desenvolvimento ajuda a destruir e reconstruir num processo ininterrupto.

Da estrada que liga Lumiar a São Pedro da Serra, observa-se que as escassas áreas de produção agrícola se intercalam cada vez mais com pequenas propriedades residenciais. O cenário é dominado por grandes áreas não cultivadas. Muitas vezes, trata-se da reserva florestal da Mata Atlântica vigiada constantemente pela fiscalização pública, com apoio dos proprietários neo-rurais que se estabeleceram na região com propósitos econômicos.

Como ressalta Giuliani (1990), essas localidades rurais de Nova Friburgo vêm passando por mudanças significativas no cenário econômico e social. Enquanto a agricultura se modernizou, reduzindo a área de cultivo, houve um aumento da produção. Baseado nos dados dos Censos Agropecuários, Giuliani, mostra que o pessoal ocupado na região entre 1970 e 1985 aumentou em 40%, “embora a área dos estabelecimentos duplique, $\frac{1}{4}$ do número total dos estabelecimento ainda está nas mãos de parceiros. A relação de parceria, embora em leve retrocesso, é mas importante nessa região do que no resto do Estado.”(p. 60). Essa realidade diz respeito principalmente ao 3º Distrito de Nova Friburgo como veremos no próximo capítulo. Para a região que envolve o Distrito de São Pedro da Serra, o que aparece como vocação da região é o turismo fortemente ligado aos centros urbanos, principalmente com a chegada dos turistas de final de semana e os neo-rurais que se transferiram para as localidades do Distrito.

Os neo-rurais são aquelas pessoas que se transferiram para a região em busca de qualidade de vida, longe dos centros urbanos. Ali estabeleceram residência e vêm desenvolvendo alguma atividade econômica ligada à agricultura, à pecuária ou ao

turismo. Diferente da realidade dos antigos produtores e trabalhadores rurais da região, os neo-rurais pertencem à classe média do Rio de Janeiro. Num estudo realizado por Giuliani no final dos anos 90, podemos compreender os motivos que levaram essa classe média à estabelecer um empreendimento na região. Ele comenta que o neo-ruralismo expressa, na prática, “a idéia de que uma série de valores típicos do velho mundo rural, e que se pensava estarem em vias de extinção, passam por certo revigoramento e começam a ganhar para si a adesão de pessoas da cidade” (1990, p.59). Ele representa um retorno às “relações diretas com a natureza, a ciclos produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, ao ar puro e à tranquilidade, assim como o desejo de relações sociais mais profundas e, sobretudo, da autodeterminação” (p.59-60). São essas dimensões que, segundo o autor, “atraem pessoas da cidade para o campo, assim como outrora as luzes da cidade atraíram a população do campo” (idem).

Entretanto, Giuliani, chama a atenção para as diferenças entre os neo-rurais no Brasil, principalmente na região de Nova Friburgo/RJ, e os do Antigo Mundo, a França, no caso. Segundo ele, os neo-rurais de Nova Friburgo, seguindo a ordem da realidade brasileira, representam uma classe social que ao se dirigirem ao campo, reeditam as antigas relações de exploração dos trabalhadores rurais. Enquanto na França, os que se dirigem ao campo são aquelas pessoas que se estabeleceram como agricultores, se utilizando da mão-de-obra basicamente familiar e contribuindo para a ressignificação do lugar, através da politização das condições do produtor rural, em Nova Friburgo, os neo-rurais são pessoas que detêm um capital financeiro e social que lhes possibilita se estabelecerem no local como empresários. Exploram não somente as riquezas da região (o ecoturismo), mas também a mão-de-obra local. Eles reproduzem antigas relações entre patrão e empregados vividas na cidade. Desta forma, o campo se mantém para os pequenos produtores e trabalhadores rurais como local de atraso, isto é, não houve uma desterritorialização e reterritorialização para os antigos moradores da região, no sentido de transformar sua concepção e atuação sobre o rural (a politização do produtor rural, a busca por melhores condições de produção e de vida, sua organização sindical e assim por diante). Para os neo-rurais, o enaltecimento da natureza é ao mesmo tempo a busca pelo nostálgico e a possibilidade do desenvolvimento do seu negócio financeiro, o que mantém os antigos moradores numa situação marginal. Nessa ordem, podemos observar que o mercado de trabalho que aparece para os jovens rurais lhes empurra para essa relação de exploração dos novos rurais, enquanto os filhos dos neo-rurais são aqueles que mais têm acesso à sede do município, cuja as oportunidades de trabalho são melhores.

Vê-se que nas sociedades contemporâneas, não se pode mais falar de um campo isolado e de uma cidade separada do campo. Os valores e as formas de vida de ambos os espaços estão imbricados, sendo quase impossível nos referirmos a eles como se fossem detentores de características específicas. Isso não quer dizer que haja uma homogeneização dos espaços, mas sim uma intensificação das relações. A localidade se insere num processo mais amplo de desenvolvimento, há também um movimento de resistência mediante a valorização das tradições locais (Featherstone, 1996). É através da existência do outro, do geral, que se pode olhar para si e se pensar como um espaço específico, de identidade própria. Isto é, há uma dialética na relação entre o local e o global, que faz com que os indivíduos se pensem diante desse processo de homogeneização e busquem sua alteridade (Giddens, 1991).

Assim é São Pedro da Serra. Nesse caso, quem não pode se queixar das mudanças são os comerciantes da construção civil, pois o movimento de construção de casas, chalés e piscinas intensifica os seus ganhos financeiros. Indo de São Pedro da Serra a Vargem Alta ou Bocaina, verifica-se o crescimento do número de imóveis que

aos poucos vão disputando espaço com as plantações dos agricultores familiares. Por outro lado, à medida que nos afastamos do centro da localidade, vemos várias áreas que se mantêm agrícolas.

À disputa dos espaços físicos soma-se a dos espaços simbólicos. O responsável do cartório de Lumiar afirma que os primeiros a se mostrarem preocupados com a preservação ambiental na região são os veranistas, mas que são também os primeiros a contribuir com a diminuição da flora local. Segundo ele, ao construírem casas de veraneio na região, incentivam os moradores locais a abandonarem a agricultura e desmatarem suas terras para construírem casas de aluguel. Contudo, é a percepção dos moradores do potencial de ganho com aluguéis pelos turistas que os leva à construção de casas de aluguel.

Essa responsabilização dos veranistas pela degradação ambiental aparece ainda nos relatos dos jovens que, mesmo reconhecendo a sua importância para a economia local, ressaltam que os visitantes também representam problemas. Segundo eles, os visitantes não são turistas e sim “duristas”, pois representam uma classe falida urbana que economiza seus poucos recursos para se distraírem no campo. Não trazem recursos para a região, mas contribuem para o aumento dos problemas de infra-estrutura da localidade. Eles se vêem obrigados a compartilhar da pequena infra-estrutura que possuem, como água, luz, telefone público, posto médico etc., com os visitantes. Além disso, movidos pelos interesses de aproveitar a tranquilidade da serra, longe dos tumultuados centros urbanos, muitos turistas reproduzem aquilo que parecem querer evitar: a poluição e a degradação ambiental.

Quando predominavam as atividades agrícolas que marcavam a vida cotidiana do lugar, quando não havia telefone e televisão, as estradas dificultavam a chegada de pessoas estranhas à localidade, os moradores se conheciam mutuamente. Os mais novos passavam pouco tempo na escola porque a família envolvia praticamente todos os seus membros com a produção agrícola. Agora, a localidade se vê às voltas com outros valores e outras possibilidades de reprodução social.

2. 8. O lugar do jovem no movimento de mudança

O jovem de São Pedro deixou de ser agrícola, mas não deixou de ser rural. O rural agora é o que atrai os novos moradores e os turistas, que oferece trabalho nas ocupações não-agrícolas, que fala da natureza de forma idílica; o rural da paisagem alimentada pelo olhar e interesse do turismo; o rural do final de semana, onde música, ar livre, sossego, reunião com amigos em volta de uma mesa de bar, caminhadas e banhos de cachoeiras redesenharam o que antes era lugar predominantemente de produção agrícola. O agrícola, assim como o agricultor, se tornou parte desse cenário turístico.

Os turistas que vão em direção à região serrana, sendo moradores do Rio e de Niterói, estariam buscando se afastar do cenário violento que tem marcado os grandes centros urbanos. O Rio de Janeiro tem sido apresentado pela mídia como uma das cidades mais violentas do Brasil nos últimos anos. Essa violência por sua vez tem contribuído para a construção de uma imagem idílica do campo. Essa sensação constante de violência tem sido chamada de “cultura do medo” (Zaluar, 1985). Mesmo tomando como referência a violência da cidade, o objeto de análise da pesquisadora, ela mostra que a cultura do medo é cotidianamente realimentada pela leitura dos jornais e

pelas imagens da televisão. A imagem idílica do campo “pode”, digo “pode” porque estou supondo, realimentar a esperança da classe média de viver num lugar tranquilo, longe da degradação do espaço público da cidade, pelo menos por algumas horas, dias ou semanas, onde as áreas pobres ao redor não representem uma ameaça à integridade dos visitantes. Este seria um dos motivos para a constituição dos neo-rurais que saem da cidade em direção ao campo.

Acrescente-se ainda que a classe média procura retirar seus filhos da rotina da cidade para mostrar-lhes alternativas à forma violenta que tem dominado o cenário urbano, uma visão também idílica de campo, portanto. Assim, o contato com o jovem do campo aparece como algo próximo do ingênuo, sem interesses maldosos, sem violência ou hostilidades.

Como veremos mais adiante, ao mesmo tempo em que turistas fogem da violência urbana, eles são tidos pelos jovens entrevistados como representantes desse universo, algo que também deve ser evitado por eles. Assim, mesmo não convivendo diariamente com a cidade, os jovens se inserem na “cultura do medo”. A violência urbana e os atos de violência na localidade estiveram todo tempo presentes nas nossas conversas e entrevistas.

2. 9. As articulações entre gênero e sexualidade na localidade

Gostaria de iniciar essa discussão, definindo o uso do termo gênero e sua articulação com a sexualidade. Basearei-me no trabalho de Heilborn (1997), onde a antropóloga busca desnaturalizar essas categorias, ao enfatizar o seu caráter relacional, isto é, como a cultura constrói aquilo que classifica como masculino e feminino e molda subjetivamente os corpos. A autora parte de uma perspectiva construtivista, contrariando as abordagens essencialistas que colocam a sexualidade como algo natural, quase ao nível do instinto.

Gênero, nas suas palavras,

“é um conceito das ciências sociais que se refere à construção social do sexo. Significa dizer que a palavra sexo designa agora no jargão da análise sociológica somente a característica anátomo-fisiológica dos seres humanos e a atividade sexual propriamente dita. O conceito de gênero existe, portanto, para distinguir a dimensão biológica da social” (Heilborn, 1997, p.102).

Assim, “é a cultura que humaniza a espécie, e o faz em sentidos muitos diferentes” (idem). Através do estudo clássico de Margareth Mead na década de 30, em Nova Guiné, *Sexo e Temperamento* (Mead, 1969), ela conclui que é a cultura que constrói o gênero, simbolizando as atividades como masculinas e femininas, inclusive, estudos etnográficos como o de Mead revelam ainda que a área dos sentimentos também é socialmente construída. Portanto, o caráter relacional é a marca das categorias de gênero, pois estão ancoradas no social e não no biológico.

“O conceito de gênero (...) tem como origem a noção de cultura. Essa noção aponta para o fato da vida social, e os vetores que a organizam como, por exemplo, tempo e ou espaço são produzidos e sancionados socialmente através de um sistema de representações. As idéias e os valores constituem uma realidade coletiva, autônoma e parcialmente inconsciente para os membros do grupo estudado. A cultura composta de conjuntos ideacionais específicos apresenta-se como um todo integrado; cada domínio pode ser objeto de concepções particulares, contudo eles mantêm entre si uma tessitura que não é de simples justaposição, ao contrário, integram um sistema interdependente que provê a coerência de uma determinada visão de mundo. Vê-se, dessa maneira, de que forma o conceito de gênero é profundamente devedor da idéia de arbitrariedade cultural, de relativismo. Deve-se acrescentar ainda um outro aspecto importante dessa noção, que é também comumente aceita e debitável da noção de cultura: o caráter necessariamente relacional das categorias de gênero”(Heilborn,1997, p.13).

Quanto à sexualidade, ela demonstra da mesma forma e no mesmo sentido, o seu caráter relacional. Define sexualidade a partir de uma subjetivação das relações sexuais. Ela seria a expressão das trocas eróticas entre sujeitos de sexos diferentes ou de um mesmo sexo e que possui caráter transhistórico e/ou transcultural. Desta forma, não haveria uma essência na sexualidade, mas uma multiplicidade de sexualidades ligadas a outras esfera da vida social, como família, religião, status social, localidade e assim por diante.

“A sexualidade é uma forma moderna (século XVIII) de arranjo e construção de representações e atitudes acerca do que seria uma orientação erótica espontânea, traduzindo uma dimensão interna dos sujeitos, ordenada pelo desejo. O termo ganhou tal força, que precisou ser desconstruído, salientando-se que tal representação é particular a uma determinada cultura. Nesse sentido, não existe sexualidade em si, apenas pode-se recorrer a tal explicação quando o contexto cultural assim o autorizar. Muitas vezes o que sob um certo prisma identifica-se como sexualidade, é na verdade um dado grupo social recortado por outras instâncias que escapam às classificações exclusivas de uma dimensão interna dos sujeitos. Acopla-se a um campo maior de significação – família, parentesco e/ou moralidade -, englobando uma possível instância individual” (Heilborn, 1997, p. 16).

A antropóloga não descarta os aspectos da individualidade ou do psicológico que ajudam a dar significados às práticas sexuais, contudo, o peso maior está nos atributos que a cultura vincula aos comportamentos sexuais. Em outras palavras, o corpo tem uma importante instância ancorada na cultura. É ela que ajuda a moldar os corpos sexuais, que dá sentidos às suas práticas, seja no sentido da intimidade, seja na sua relação com o espaço público.

A partir dessa perspectiva, Heilborn (1997) afirma que o sexo é um “domínio social equivalente a outros tantos: carece de socialização, de internalização de representações, de introdução a determinadas práticas, de negociação de significados sobre atitudes do que venha a se constituir como erótico ou sexual em um determinado

contexto social” (p.106). é preciso inseri-lo numa gama mais ampla de relações sociais, pois tomando-o como natural, perde-se de vista as outras esferas da vida que o ajuda a moldá-lo.

“É necessário neutralizar a crença da sexualidade existindo em si como um domínio da existência autonomizado; ela se integra a estratégias matrimônios e de integração em uma rede social. O sexo é um canal de comunicação, um meio de troca, articulado numa visão de mundo, onde estão igualmente presentes concepções sobre amor romântico, intimidade, corpo e os sentimentos a ele relacionados como gosto e desgosto, também estes culturalmente fabricados” (Heilborn, 1997, p.107).

É nessa perspectiva que podemos pensar gênero e sexualidade como questões articuladas e ligadas aos contextos sociais: tanto gênero quanto sexualidade são partes constituintes de relações sociais mais amplas que envolvem família, religião, trabalho, comunidade. Para Godelier (1996), a sexualidade se encontra subordinada às condições de reprodução das relações sociais

“que não derivam dela, mas que a obrigam a ter com seus próprios meios um discurso que, para o essencial, não vem dela e vai além dela, pois legitima a ordem social à qual ela deve se submeter. Essa subordinação não é somente aquela de um sexo sobre outro; é a subordinação de um domínio da vida social às condições de funcionamento de outras relações sociais” (p.354).

No que diz respeito aos jovens aqui analisados, podemos observar como gênero e sexualidade se articula com os contextos sociais onde estão inseridos, e como essas categorias aparecem nos seus discursos sobre a idéia de campo e cidade: sua autoidentificação e a identificação do “outro”, o “de fora”. Nesse momento, discutiremos o caso de São Pedro da Serra, no próximo capítulo voltaremos a essa discussão enfocando os jovens de Baixada de Salinas.

Em São Pedro, no final do dia, durante a semana, muitos homens adultos fazem dos poucos bares abertos um lugar de encontro para se discutir assuntos do dia-a-dia, beber e jogar sinuca. Os jovens por sua vez, quando não estão trabalhando ou estudando, quase não são vistos na rua. Alguns aproveitam o final da tarde para se encontrarem na quadra de vôlei ou no campo de futebol e se reunirem na porta da sorveteria para conversar, geralmente rapazes na faixa etária entre 14 e 21 anos. A presença de moças nesses espaços é menor. Algumas trocam poucas palavras com um ou outro rapaz e vão embora. Andam sempre em grupo e nunca sozinhas.

O que marca a diferença é que no final de semana o transitar pelas ruas em motos e carros aumenta com a presença de jovens de fora, apesar do número de jovens que visitam a localidade ter diminuído, como tenho constatado nesse período de dois anos e confirmando pelos jovens com quem vivi durante o trabalho de campo.

À noite o movimento é maior e concentra todos na rua principal. Observei que os adultos da localidade parecem limitar sua circulação no final de semana a casos de necessidades irremediáveis. Os que moram na rua principal se deixam atrair pelo ir e vir dos turistas e acabam como observadores nas portas de suas casas. Os turistas adultos aparecem de vez em quando nos espaços de maior movimento à noite.

Se, por um lado, os jovens fazem referência aos problemas que o movimento de turistas no local representa, como o uso de drogas, a violência, o desmatamento e a poluição, por outro lado, a chegada dos jovens os remete a outros discursos. Os que chegam tornam-se atrativos para moças e rapazes da região.

Os rapazes, ao tecerem seus comentários a respeito das relações de namoro ou “ficar com” as moças da localidade e de fora, principalmente de Lumiar, expressam suas identidades de gênero e as preferências sexuais. Alguns informam que as de fora são as preferidas para um relacionamento passageiro (31,25%), enquanto outros (43,75%) preferem as da localidade porque isso pode levar a relacionamento mais duradouro. Para 9,38% tanto faz ser de fora ou da localidade e 15,62% não responderam. Os que preferem as de fora, ressaltam o fato de todas de São Pedro serem conhecidas e isso não as torna interessantes porque não possibilita uma maior intimidade passageira e a ampliação do grupo de amizade.

Muitos comentários expressam suas representações sobre as diferenças, como o seguinte:

“É totalmente diferente. De fora você já chega não conhecendo ninguém. Aí você fica com a garota. Você já começa a conhecer todo mundo, as amigas dela. Aí, você que não é uma pessoa de confusão, só vai arrumando amizade, tranqüilo” (D. B., rapaz, 18 anos).

Os rapazes que afirmam ser as moças da localidade as preferidas para um relacionamento afetivo, apontam a situação de estarem próximos, de poderem se ver sempre, de conhecer melhor a pessoa como os principais motivos para que eles invistam numa conquista. Mais do que uma “relação de confiança”, como aparece no discurso das moças que colocam os rapazes locais como os preferidos, os rapazes que se dizem mais interessados nas moças de São Pedro ressaltam os problemas de deslocamento (é o rapaz que vai atrás da moça). Diante da falta de um meio de transporte ou dos poucos recursos financeiros disponíveis, a busca pela moça que esteja próxima se torna o mais indicado.

Assim também acontece com as moças de São Pedro em relação aos rapazes que chegam. Entre as entrevistadas, 33,33% afirmam preferirem os rapazes locais, 27,28% se dizem interessadas pelos de fora, 30,30% dizem que independe do rapaz ser de fora ou da localidade, o importante é a atração, os sentimentos, e 9,09% não responderam. Em relação à preferência pelos rapazes que chegam nos finais de semana ou moram nas localidades vizinhas, as moças colocam o fato deles serem diferentes, não morarem na localidade, “são mais legais, têm outra cabeça” (moça, 17 anos), “são mais inteligentes e interessantes” (moça, 17 anos). Assim, o contato com os rapazes de fora podem representar o contato com outras formas de comportamento, diferentes das observadas nos rapazes locais. O importante é se aproximar de pessoas diferentes das moradoras do local. Para essas moças, o fato de estarem distantes do rapaz não representa uma impossibilidade de romance. A distância, segundo as entrevistadas, é algo que ele terá que vencer se realmente estiver afim de um compromisso sério.

De qualquer forma, o contato com o de fora amplia as redes sociais desses jovens, inclusive para fora dos limites do município. A partir desse contato, eles têm a oportunidade de se aproximarem de outros comportamentos jovens e outros valores sociais, inclusive aprendendo gírias.

Já as moças que se dizem atraídas pelos rapazes locais, colocam o conhecimento sobre os limites do contato íntimo como um fator importante, assim como o fato de se

tratar da partilha de uma identidade local. O fato de se conhecerem, de serem da mesma localidade, estarem sob os mesmos valores morais, principalmente os religiosos, estabelece uma relação de confiança, o que para elas é importante devido ao controle que os pais exercem sobre seus namoros.

Quanto às experiências sexuais, 53,13% dos rapazes e 56,25% das moças afirmaram já não serem mais virgens. Os contatos sexuais se fazem, geralmente, entre os jovens da localidade, mas ocorrem também com pessoas de fora, no caso, das localidades vizinhas ou mesmo com os veranistas e turistas. Não há uma determinação nesse sentido. O que torna as experiências sexuais possíveis é relação de confiança que se estabelece. Assim, mesmo os jovens - moças e rapazes - ressaltando suas preferências pelos jovens de fora, as relações sexuais ocorrem dentro de certo limite que envolve a confiança e dentro de um projeto: a possibilidade de contrair um matrimônio, no caso das moças.

Na verdade, todos ali se conhecem. Como a localidade é pequena, esses jovens geralmente estudaram ou estudam juntos, suas famílias se conhecem há muitos anos e freqüentam os mesmos espaços, como a igreja. No caso daquelas que buscam se relacionarem com os rapazes de fora, o melhor é freqüentar as noites dos finais de semana quando a pequena localidade está cheia de turistas.

Nos diferentes espaços da localidade, moradores, veranistas e turistas podem estabelecer algum contato e, quem sabe, “paquerar”, “namorar” ou simplesmente “ficar”, uma relação que serve a ambos, pois a distância espacial entre eles funciona com um empecilho para relações mais duradouras, assim como o controle dos pais sobre as filhas que já namoram. Ela pode se tornar uma preocupação a mais para os pais que procuram colocar o casal sob seus olhos. O namoro pode se tornar uma perda de liberdade para as moças circularem pelas festas e noites da localidade.

Quando eles dizem que apenas “ficam”, eles estão falando de relações momentâneas que não geram compromisso, e na maioria das vezes nem sexo. Seus depoimentos nos levam a concordar com Chaves, quando afirma que:

“Ficar com”, é um código de relacionamento marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos. O objetivo principal é a busca de prazer. É um encontro de um dia e/ou uma noite que pode ir de uma troca de beijos a uma relação sexual. Nele há um distanciamento acentuado entre o plano ideal e o plano real do sujeito. “Ficar com” é a maneira mais fácil de chegar perto de um outro sem se comprometer. É um exercício de sedução” (Chaves, 2001, p.12).

Chaves descreve historicamente o “ficar com” como tendo surgido no início da década de 80 e se tornado um relacionamento muito comum entre os jovens das camadas médias dos grandes centros urbanos do Brasil. Segundo a autora, ele existe independentemente do conhecimento prévio do namoro e/ou da paixão. O “ficar com” adquiriu identidade própria. Apesar de sua prática mostrar uma pluralidade de desejos e de regras, ele é organizado por princípios fixos, o que o caracteriza como um código estável. “Ficar com” não é apenas um novo nome para o que a geração anterior chamava de “transar” – ter relações sexuais com alguém. Sexo, no “ficar com”, pode existir ou não, depende da vontade de cada um no momento preciso.

Esse novo código de relacionamento, o “ficar”, de acordo com Chaves (2001), só poderia crescer dentro da sociedade urbana contemporânea, marcada pelo individualismo, pelo igualitarismo. Uma sociedade formada por indivíduos que se pensam como autônomos, singulares, que valorizam a espontaneidade, a liberação da

sexualidade e da agressividade, a verdade interior e o desejo próprio. Uma sociedade hedonista, consumidora e pouco resistente à frustração. Nela as famílias estão em permanente mobilidade, os indivíduos mudam de posição social e há uma separação entre os planos ideal e real. Segundo a autora, o indivíduo se sente como se dependesse basicamente dele mesmo e como se todas as escolhas a serem feitas fosse uma questão de opção individual.

Contudo, descrever o “ficar com” como um código urbano é, de alguma forma, estabelecer fronteiras entre os jovens da cidade e do campo. Não se pode dizer que as localidades consideradas rurais expressam algo distante do que é dominante na sociedade em geral. O que ocorre é que códigos como o “ficar” recebem uma ressignificação diante de contextos específicos. Os jovens rurais também “ficam”, mas estão sob forte controle da sociedade local visto que os espaços de sociabilidades, os espaços de lazer são menores, o que diminui as oportunidades de se estabelecer relações afetivas passageiras. O controle dos pais e da sociedade local sobre as relações afetivas das moças ainda se mostra maior do que elas afirmam ser as relações dos jovens na cidade. Para 45,47% das entrevistadas, a virgindade ainda é colocada para elas como um valor, mesmo que na prática, muitas já não sejam. O medo da gravidez nessa etapa da vida faz com que elas evitem certas intimidades. Além disso, a dificuldade de acesso a medicamentos e informações constrói em torno delas uma barreira que as separa do estilo de vida das moças da sede do município ou das turistas e veranistas do Rio de Janeiro.

A expectativa de arrumar um namoro que demonstre confiança para os pais e a localidade, leve a casamento pode aproximar mais os jovens da própria localidade. O momento do ciclo de vida, nesse caso, também estabeleceria um limite para as relações passageiras, obrigando os jovens a encontrarem seu par dentro das suas possibilidades. No plano ideal, o lugar apresentaria as maiores probabilidades para a concretização desse projeto matrimonial ou indicaria que quando o assunto é casamento, a lógica é: cada um no seu lugar. O que estabeleceria limites entre moradores locais, turistas e veranistas quando o assunto é casamento.

Na prática, o casamento formal ou informal ainda se dá preferencialmente entre os que vivem no lugar. Observa-se que a probabilidade do casamento ocorrer entre jovens de diferentes contextos é muito pequena, principalmente no caso das moças. De acordo com os dados obtidos no cartório de Lumiar (os casamentos civis de São Pedro são realizados em Lumiar, onde está localizado o cartório da região), verifica-se que os laços matrimoniais envolvem, geralmente, pessoas do próprio lugar ou da região.

Dos casamentos civis que ocorreram em São Pedro em 2002, 57,14% foram entre moradores da própria localidade e 42,86% deles envolveram pessoas de fora, no caso homens do lugar que se casaram com mulheres de fora. Isso não quer dizer que sejam todas da cidade. Quando eles informam se tratar de mulheres de fora, eles estão fazendo referência àquelas que não residem na localidade. Nesse caso, podem ser de localidades vizinhas, da sede do município ou do Rio de Janeiro.

Moças e rapazes comentam que é mais fácil um rapaz da localidade casar com uma moça de fora do que o contrário. No caso de uma gravidez, os pais acabam por aceitar o casamento formal ou informal, pois a honra familiar não está com quem a filha se case ou se a união é apenas consensual, mas no fato de não ter uma filha grávida sem marido. O relacionamento afetivo com os de fora, portanto, pode colocar em risco os códigos morais dessas famílias que valorizam, por exemplo, a virgindade feminina.

Aos homens são permitidos, com mais frequência, relacionamentos onde as famílias não conhecem a futura esposa do filho e seus parentes, do que no caso das moças. Há um controle maior da família, dos parentes e vizinhos no que diz respeito ao

futuro casamento das moças, pois em tese os filhos terão maiores condições de se manterem, se sustentarem, do que as filhas, visto que culturalmente é o homem que deve trabalhar e promover o sustento da família. É ele que não pode ficar desempregado. Assim, o casamento se torna mais importante para as filhas que devem buscar uniões que lhes possibilitem uma garantia de futuro, mesmo para aquelas que trabalham.

Em todo caso, com o passar do tempo, muitas moças e rapazes de São Pedro, especialmente as moças, vão perdendo a ilusão de se casarem com alguém de fora. Nessa constatação, a família, os parentes e vizinhos contribuem para fortalecer o namoro entre os jovens locais, sobretudo pela relação de confiança que há entre as famílias. Além disso, os pais temem que seus filhos casem e sofram ao irem embora para a cidade, principalmente com a violência e o desemprego. Preferem que eles continuem por ali, que ali se casem e construam suas famílias.

Uma outra condição que se impõe é o fato das moças locais que afirmam preferirem os rapazes locais, acreditarem que os rapazes da localidade se mostram mais propícios à responsabilidade que envolve o casamento. São considerados por elas como mais “adultos” (trabalham), “respeitam mais as mulheres” (valores morais), têm uma “atitude mais máscula” (identidade masculina obtida nas performances como, por exemplo, montar cavalo) do que os homens da cidade. São representações que elas utilizam para definir os jovens locais, inclusive quando colocam os motivos que levam as mulheres de fora a se sentirem atraídas pelos homens da localidade. Elas são unânimes ao afirmarem que os rapazes do campo são mais respeitadores e trabalhadores do que os da cidade, porém não existem muitas diferenças quando o assunto é namoro ou o “ficar”. Para elas, os homens vão sempre tentar uma incursão sexual, cabendo a mulher dizer não.

Assim, nem toda relação entre os jovens direciona-se a um relacionamento duradouro, pelo contrário, os relacionamentos passageiros se tornaram os mais comuns para moças e rapazes da localidade, principalmente quando envolvem pessoas de fora. Para os rapazes, as moças da cidade são melhores para amizade, “ficar” ou namorar porque elas ajudam a ampliar o seu círculo de amizade, possibilitando maiores contatos nas festas, nas noites de final de semana e feriado, e assim por diante.

No discurso desses rapazes há um claro interesse no que esse contato pode proporcionar à sua aquisição ou manutenção do *status* masculino. A regra é “ficar” sem fazer planos para o futuro, pois uma relação momentânea com alguém pouco presente no lugar não representará à primeira vista um compromisso. O oposto acontece com os relacionamentos entre pessoas locais, que, devido à proximidade, pode se tornar um compromisso sério onde a família, os parentes e vizinhos interferem no sentido da sua manutenção.

Nas falas desses rapazes da localidade, a relação com as moças “de fora” possibilita também o exercício da sua virilidade e funciona como um símbolo de distinção entre os rapazes. Aqueles que conseguem conquistar as moças de fora são respeitados pelos demais porque demonstram uma capacidade de conquista para além do espaço local. Das definições mais citadas, eles afirmam que as moças de fora são mais liberais (48,35%), livres (59%), simpáticas (76,25%) e não querem compromisso sério, querem só “ficar” (95%), assim como eles, isto é, a relação com as moças de fora é boa porque podem exercitar sua sexualidade com menos cobranças. Ao contrário, as moças da sua localidade são metidas (dão pouca atenção aos rapazes locais) (28%), não falam com os rapazes da localidade (37,42%), preferem a companhia dos rapazes de fora (52,25%) e só pensam em casamento (88,7%), seja com um rapaz de fora ou de dentro. Em relação aos rapazes de fora, eles são vistos como “briguentos” (49,21%),

que gostam de confusão (31,89%). As amizades devem ser escolhidas com muito cuidado (93,82%). Essas definições apontam para uma demarcação de território cujo objetivo em questão é a demonstração da virilidade para mulheres.

No grupo que convivi e observei mais intensamente, notei que, apesar desse discurso sobre as possibilidades com o contato com as moças de fora, há certo exagero nas falas dos rapazes sobre suas relações sexuais. Nas festas ou mesmo durante os finais de semana, o contato com elas era esporádico. Dificilmente encontrei esses rapazes na companhia de moças de fora. O discurso sobre as relações sexuais toma uma dimensão muito maior que os atos. A maioria dos rapazes afirmou nunca ter “namorado de verdade”, mas apenas “ficado” (72,13%).

Na verdade, “ficar” ou namorar com alguém de fora se torna mais excitante e pode valorizar a moça ou o rapaz da localidade. É quase que uma transgressão da norma, pois muitos pais não gostam de ver suas filhas e filhos envolvidos com os de fora. Os pais são muito desconfiados dos motivos que levam os rapazes que chegam a se interessarem pelas moças do lugar. De qualquer forma, o contato com os jovens de fora favorece a auto-estima tanto de moças quanto de rapazes, mesmo que a relação ou o contato não seja vivido sempre de forma harmônica, principalmente quando os rapazes de fora procuram sexo com quem está em busca de sentimentos. O que nos parece em jogo é a “conquista”. Conquistar alguém de fora pode ser a prova da capacidade de sedução perante os amigos e amigas, mesmo que seja apenas por alguns dias ou horas.

O que aparece nos discursos das moças, é que, diferente do que falam os rapazes, elas prezam por relações descompromissadas. Elas dão maior valor às relações mais duradouras (48,15%), algo que possa se transformar em casamento (17,48%), mesmo sabendo que com os de fora isso será mais difícil por causa da distância geográfica entre eles, porque os rapazes de fora podem ter vários relacionamentos ao mesmo tempo devido às facilidades da cidade, e porque nada garante a volta desses rapazes para São Pedro (34,37%). As características mais utilizadas para se referirem os rapazes de fora são: mais inteligentes (37,18%), falam coisas sérias (25,29%), não são “bobalhões como os da localidade (18,75%), apesar de muitos só pensarem em sexo (68,4%). Quanto às moças que chegam à localidade ou moram nas localidades mais próximas a sede do município, elas define-as como: moças fáceis (47,32%), “metidas” (28%), extravagantes (47,21%), gostam de chamar a atenção (22,48%). Essas amizades devem ser evitadas porque representariam uma ameaça à sua moral (52,13%). Essa representação contida nos discursos dos jovens em relação aos seus pares de fora, nos remete às hierarquias que são construídas tanto intergênero como intragênero. O que os rapazes consideram “livres”, para as moças significa “facilidades”. Isto é, com as moças de fora eles podem ter mais acesso a relações íntimas, carícias sexuais ou sexo com penetração, o que para as moças locais tornam as moças de fora mais fáceis do que elas, cujo ato sexual se insere num relacionamento de compromisso. Contudo, o número significativo de moças que se declaram não ser mais virgens, mostra que se no ideal, elas se afastam das moças de fora, na prática, essa busca pelo “relacionamento sério” perde cada vez mais espaço na identidade feminina. Nesse caso, existem algumas oposições de gênero e intragênero que são construídas a partir das definições que rapazes e moças utilizam para se referirem uns aos outros e aos de fora. Elas estão carregadas de valores positivos e negativos. São relações construídas a partir da imagem da cidade, mas também são resultados das relações praticadas entre os diferentes grupos e gêneros.

Um jovem turista chama a minha atenção para o fato de haver poucas moças circulando em São Pedro acima dos 20 anos no final de semana. Em um bar onde há forró a partir de sexta-feira, e que se tornou o ponto de encontro de jovens, nota-se que a maioria das moças possui entre 14 e 17 anos, enquanto para os rapazes não há uma

visível definição etária. A explicação para esse fato está relacionada aos lugares definidos como próprios para homens e mulheres. Os espaços públicos, da rua, que envolvem os bares, os campos de futebol, cachoeiras, entre outros, são destinados aos homens. Esses espaços, por sua vez, vão em direção aos interesses das moças mais novas porque neles, elas podem estabelecer contato com os garotos, apesar de excessivo controle dos mais velhos. Quando já estão namorando, nota-se uma diminuição das moças nesses espaços.

Segundo o Livro de Registro de Casamento do 5º e 7º distritos de Nova Friburgo, em São Pedro as moças casam-se por volta dos 20 anos, já os rapazes casam-se aproximadamente aos 29 anos. Portanto, na faixa dos 20 anos, as moças já estão casadas ou com compromisso de namoro, o que as retira dos espaços públicos, principalmente noturnos. Essas faixas etárias para o casamento de homens e mulheres estão dentro da média nacional, não demonstrando nenhuma especificidade quanto ao rural³³.

É importante destacar ainda que outros fatores também contribuem para o número menor de moças circulando à noite pela localidade. Segundo os dados do questionário aplicado na escola, há mais moças religiosas que rapazes e, nesse caso, as proibições da Assembléia de Deus evitam que os jovens freqüentem tais lugares.

De qualquer forma, “ficar” ou namorar com alguém de fora é a demonstração de um poder de sedução e, para os rapazes, também de virilidade. No caso dos rapazes, os contatos sexuais devem ser contados aos amigos porque são eles que irão validar as experiências com sendo atitudes de macho, isto é, são eles que irão dar valor ao fato. Esse reconhecimento intragênero é crucial para a construção da identidade masculina (Heilborn, 1999).

Nas entrevistas abertas, apenas um rapaz afirmou ser virgem. De modo geral, há uma resistência do universo masculino de se manifestar abertamente como virgem, pois ser virgem não é um valor da identidade masculina. Observei que, entre eles, os rapazes falam muito “de mulher”, das coisas que são capazes de fazer com elas, mas diante das moças, principalmente das de fora, as palavras saem quase como obrigação. Alguns são muito tímidos, chegando mesmo a não pronunciar uma palavra. Deixam que os amigos mais extrovertidos façam os primeiros contatos. Os tímidos nesse caso são os que mais sofrem. Primeiro, porque se vêem obrigados a cumprir um papel que se espera dele como homem: sair com uma mulher e “transar” com ela. Segundo, porque têm maiores dificuldades em se relacionar com estranhos. Para Heilborn (1999), a timidez reflete os obstáculos na aproximação com o sexo oposto. Há uma tensão e expectativas em relação à conquista da moça (Bozon & Heilborn, 1996), pois o que está em jogo

“não é somente conseguir ser bem-sucedido em atrair parceiras, mas sobretudo ter suas conquistas aprovadas pelo seu grupo de pares. (...) Assim, mais do que afirmar uma certa configuração psicológica dos sujeitos, a timidez masculina revela de que modo a hierarquia de gênero, ao lado do leque de privilégios sociais que designa a cada um dos sexos, pode ser constrangedora para o indivíduo” (p.46).

Neste caso, a timidez, como coloca Bozon & Heilborn apresenta-se como “um designativo sociológico de uma inabilidade ou incapacidade momentânea (talvez

³³ Para maiores informações, ver dados do IBGE/PNAD de 2000. Maiores informações à respeito do matrimônio no Brasil podem ser verificados no trabalho de Berquó, intitulado: Arranjos Familiares no Brasil: Uma Visão Demográfica. In: *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea*, São Paulo, Companhia das Letras (1998).

persistente em alguns casos) de ser bem-sucedido com os roteiros prescritos para o gênero masculino” (p. 47).

Por outro lado, percebo também a intenção de certos rapazes de questionarem a minha identidade masculina ao se discutir sobre sua vida sexual. A citação de muitas experiências nessa questão, inclusive confessando a saída de pequenos grupos em direção à sede do município, para encontros com prostitutas é significativa. Se, por um lado, pode ser vista como uma demonstração de confiança masculina na nossa relação, por outro, procura fazer com que eu também revele as minhas experiências já que, como homem, a conversa sobre essas questões aproxima as diferentes localidades, no caso, o campo e a cidade. É o mesmo que dizer que homem é tudo a mesma coisa. Que todos buscam as mulheres para os prazeres sexuais. Sinto que não falar das minhas experiências pode romper com o nosso “código de confiança”, algo que eles estabelecem entre eles e que nem todos podem participar, principalmente porque as idas à cidade envolvem sigilo dos participantes e daqueles que sabem dessas incursões.

2. 10. Preconceito e alteridade

A relação com os de fora nem sempre é cordial. Dos jovens entrevistados (moças e rapazes), 46,88% afirmam já terem sofrido alguma forma de discriminação. O estilo de vida, o status social e o tipo de trabalho que executam, respectivamente 41%, 30,68% e 28,32%, são, segundo eles, os principais motivos dessa discriminação. Apesar de considerarem os visitantes como pessoas “normais”, afirmam que não são tratados como iguais.

P - Você já sofreu algum tipo de preconceito (de pessoas de fora)?

R - Acho que os pais da minha namorada me discriminaram. Eu desconfio pelo jeito deles. Pelo tipo de trabalho (que o entrevistado fazia. Ele é pedreiro). Porque ela ia ser uma advogada, fazia faculdade” (E.S.S., rapaz, 19 anos, ajudante de pedreiro);

R - Sim. Por causa do lugar onde moro” (E.D.A., rapaz, 19 anos, jardineiro autônomo);

R - Sim. O pessoal, tipo assim, indiretamente: “eu moro na cidade, você mora na roça”. Isso já é normal prá gente. Isso rola entre o pessoal da minha idade. O pessoal que vem com filho, tipo casal, já pensa de outro jeito. Vem prá cá querendo uma tranqüilidade. Sabe que o pessoal daí tem pouca cultura, alguns né, não é tido mundo. O pessoal mais jovem tem outra idéia” (D.O.E, rapaz, 19 anos, estudante universitária).

Para esses jovens de São Pedro, os que chegam querem se mostrar melhor do que os residentes da localidade. Por isso, agem como se o pertencimento à sede do município ou a cidade do Rio de Janeiro os transformasse em seres superiores. Quando

a entrevistada ressalta que “o pessoal mais jovem tem outra idéia”, ela aponta para as diferenças entre elementos do gênero feminino: a moça que chega “pensa que é mais avançada, faz sexo”. Como se isso estabelecesse um diferencial entre elas, do lugar, e os turistas, o que, segundo as moças de São Pedro, não é verdade.

Diante das atitudes dos de fora, eles também respondem de forma preconceituosa. Os rapazes se referem aos jovens visitantes como “baderneiros”, “mal educados”, “provocadores”, “gostam de confusão” e “não respeitam as pessoas do lugar”. As moças se dirigem às de fora como moças “fáceis”, “sem moral”. Essas definições não falam apenas das relações de afinidades entre os jovens de diferentes contextos sociais, elas expressam também a afirmação de uma identidade local.

Nota-se que a forma de identificarem moças e rapazes de fora está ligada às imagens da cidade, segundo os valores atribuídos ao sexo do indivíduo, como também às identificações de gênero que definem o comportamento sexual de moças e rapazes. Como enfatiza Elias (2000), “os conceitos usados pelos grupos estabelecidos como meio de estigmatização podem variar, conforme as características sociais e as tradições de cada grupo. Em muitos casos, não têm nenhum sentido fora do contexto específico em que são empregados” (p. 26). A referência a valores negativos e positivos em relação aos da cidade segue a ordem dos interesses de namoro e amizade. No que tange à pessoa do mesmo sexo, mas de lugar diferente, os atributos positivos e negativos servem também como um legitimador da sua identidade local, valorizando-a em relação àquele que parece igual, mas, no fundo, deve ser tratado como diferente.

A relação entre as juventudes aparece, portanto, como uma figuração social. No estudo de Elias (idem) sobre os aspectos hierarquizantes dentro de uma localidade, onde grupos de trajetórias diferentes se relacionam, ele chama a nossa atenção para a questão do tempo ou temporalidades. Segundo o autor, os que chegaram primeiro na localidade se autodenominavam superiores aos que chegaram num outro momento. Os primeiros construíram entre si uma identidade que funcionava como signo de distinção, um carisma grupal que somente os antigos possuíam. É a partir desse carisma que eles vêm e se dirigem aos de fora, os *outsiders*.

Nem sempre o *status* social está ancorado no aspecto econômico. A temporalidade que um determinado grupo possui em relação ao outro num local é fundamental para se entender as relações de hierarquia e poder dos grupos constituídos. Algo construído e transmitido através de um processo de socialização de longo tempo.

No caso de São Pedro, a figuração social também estaria ancorada na temporalidade do grupo estabelecido, porém, diante do outro, os *outsiders*, o sentimento é ao mesmo tempo de aproximação e de repulsão. Aproximação porque aqueles que chegam trazem as novidades que marcam o universo juvenil, sobretudo o que é apresentado pela mídia em relação a comportamentos e estilos de vida. E repulsão porque, diante do preconceito daqueles que chegam, eles reagem também com indiferença.

Portanto, apesar de menos reticentes ao contato e convívio com os turistas, os jovens demonstram um descontentamento na forma como são tratados por seus pares. Eles não aceitam ser tratados como pessoas inferiores, “caipiras”, como às vezes se dizem tratados pelos turistas. Fazem questão de demonstrar que conhecem a realidade do país, suas transformações mais recentes na política e na economia, comentam sobre os programas de televisão, principalmente aqueles direcionados ao público jovem, a utilização de drogas, a prevenção da AIDS/HIV, entre tantos outros assuntos que também são apontados como as preocupações dos jovens urbanos por Minayo et. al. (1999). Porém, devido à falta de acesso a melhores meios de comunicação como telefonia celular, Internet, assim como de empregos que proporcionem melhores

remunerações e de acesso mais rápido e próximo à escolarização superior, os jovens rurais acreditam que se encontram numa situação de déficit social e cultural em relação aos jovens urbanos.

Na verdade, muitas vezes desprovidos de recursos sociais e econômicos, como aqueles jovens que Elias (2000) aponta como *outsiders*, os jovens de São Pedro não agem com violência desmedida, não constroem grupos de enfrentamento ou fronteiras contra os visitantes. Apenas se mostram mais cautelosos quanto à forma e ao grau de contato, evitam o preconceito se colocando distantes dos lugares onde os visitantes é maioria. De certa forma, a regra é incluir sem se perder de vista as diferenças que os unem e os separam.

Em contraste com a visão das perdas pela distância, os jovens de São Pedro acreditam que, por estarem numa localidade valorizada pelo turismo e por estarem longe do “tumultuado mundo urbano”, estão em melhores condições de vida do que aqueles que chegam em busca de sossego. Nesses momentos, compartilham com os de fora a idéia de serem privilegiados por morarem no campo, algo reafirmado pelas imagens da violência urbana, estabelecendo um signo de distinção entre eles e os da cidade. O campo, então, apresenta ao mesmo tempo valores positivos e negativos quando comparado às imagens da cidade.

Em resumo, podemos notar que os comportamentos e as experiências dos jovens de São Pedro da Serra colocam desafios para uma interpretação que tome como perspectiva a separação entre campo e cidade, a existência de fronteiras fixas entre os espaços sociais. Suas práticas no cotidiano mostram que eles apresentam as ambigüidades de estarem próximos aos valores e comportamentos urbano-industrial, mas ressaltarem sua identidade local, valorizando seu pertencimento ao local de nascimento.

Apesar dos seus comportamentos apontarem para uma diluição das representações de campo e cidade, eles se utilizam de categorias identificatórias para se referirem a eles mesmos e aos de fora. Os atributos negativos com que se referem aos de fora não são apenas somente fruto das suas experiências locais com o turismo, mas também resultado das informações que chegam pela mídia. Eles constroem seus discursos a partir dessas diferentes experiências para justificar seus pontos de vista. São definições que buscam positivar a cultura local, atribuindo ao “outro” as imagens negativas da vida urbano-industrial. Por outro lado, estão a todo o momento tentando se aproximar daqueles considerados “diferentes”, se inserir na cultura jovem dominante. Adotam comportamentos cujas imagens poderiam confundi-los com alguém da cidade. As ambigüidades, nesse caso, estão ao mesmo tempo nos discursos e nas práticas.

Mas isso seria resultado da diminuição dos espaços agrícolas e do desenvolvimento do turismo, com a presença constante dos valores considerados “urbanos” no campo? Foi o turismo que causou essa diluição das fronteiras sociais, intensificando o contato entre diferentes valores? Ou, na verdade, as fronteiras, as imagens são produtos de uma interpretação que tenta encontrar características que identifique a existência de algo puramente rural? Não seria essa relação uma ampliação do contato entre diferentes identidades sociais, o estabelecimento de uma nova ruralidade para essa localidade?

CAPÍTULO III – Baixada de Salinas: a predominância da agricultura familiar

Este capítulo, seguindo a discussão anterior, aponta o contexto socioeconômico e cultural que serve de pano de fundo para as idéias de campo e cidade. Chama atenção para as especificidades de Baixada de Salinas, enfocando as questões relacionadas à juventude, à agricultura, à educação, à religião e aos espaços de lazer que ajudam a orientar a visão e os significados de campo e cidade para estes jovens. Inseridos numa realidade onde a agricultura familiar é dominante, há tanto uma escola técnica que busca fixar os jovens no campo como há também a distância, a dificuldade de transporte coletivo e os valores religiosos que ajudam a afastá-los da cidade. Na verdade, há uma sobreposição de tempos ou temporalidades e espaços que ora os aproxima da cidade, ora os afasta. Diferente das gerações anteriores, os jovens se mostram entre as fronteiras das imagens construídas para campo e cidade, atribuindo novos e velhos significados a ambos os espaços.

3. 1. O espaço em Campo do Coelho

Baixada de Salinas está localizada no 3º distrito de Nova Friburgo, chamado de “Campo do Coelho”. O distrito está a 48 km do centro do município. Sua população residente em 2000, segundo o IBGE (2002), era de 7.768 pessoas, a maior população rural³⁴ do município, assim como de jovens vivendo no meio rural: 21,74% (872 rapazes e 817 moças). Portanto, o número de jovens neste distrito é superior ao encontrado em São Pedro da Serra (14,25%) tanto em relação à população local ou quando comparado aos jovens no meio rural do município.

O distrito que envolve Baixada de Salinas apresenta várias cachoeiras e os famosos “Três Picos” - um conjunto de morros muito procurado por alpinistas e turistas. A Mata Atlântica desta região forma um corredor ecológico bem preservado que vem desde o Parque Nacional da Serra dos Órgãos e vai até a Reserva Ecológica de Macaé de Cima, cortado pela RJ-116.

O distrito possui vários rios, entre eles o rio Grande que nasce na serra do Morro Queimado, em São Lourenço, percorre todo o distrito e vai desaguar no rio Paraíba do Sul. Possui, ainda, quedas d’água e poços que se tornaram pontos turísticos. Desta forma, o distrito atrai gente de vários cantos do Rio de Janeiro, principalmente dos municípios vizinhos, mas o turismo é ainda pouco difundido apesar da proximidade e das facilidades de acesso à região.

Apenas uma visão contrasta com o verde da região. São as extrações de pedra, areia e saibro que alimentam a construção civil e, devido ao solo dominante na região ser argiloso, há algumas olarias instaladas no distrito, uma atividade que aos poucos tem sido incorporada aos negócios dos agricultores em melhores condições econômicas.

Segundo dados obtidos no Mercado do Produtor da Região Serrana, o distrito é o maior produtor agrícola do município e do estado do Rio de Janeiro. Basicamente a região é constituída de médios e pequenos agricultores familiares, cujos produtos comercializados no Mercado do Produtor, próximo à Baixada de Salinas, estão

³⁴ É importante ressaltarmos que o rural definido aqui pelo IBGE está ligado às atividades agropecuárias, não levando em consideração as atividades não-agrícolas desenvolvidas nessas localidades.

direcionados para os mercados consumidores dos grandes centros urbanos. Essa é uma região produtora de olerícolas, de morango, e em alguns casos, a pecuária.

Ao lado da estrada principal que liga a rodovia federal às diversas localidades próximas à Baixada de Salinas, as plantações de pimentões, couve-flor, cenoura, salsa tomam o imenso cenário do vale avistado. As casas existentes na região aparecem, na maioria das vezes, no centro das plantações, rodeadas por pequenos jardins coloridos que chamam a atenção dos que transitam por ali. Entretanto, o interesse pelo turismo vem alterando esse cenário. Aos poucos o número de casas vem aumentando, onde antes eram áreas plantadas.

A intensa utilização de maquinário e defensivos agrícolas coloca parte dos agricultores como modernizados e, apesar de a mão-de-obra principal ser familiar, podem também contar com trabalhadores assalariados, arrendatários e meeiros. Essas diferentes relações de trabalho ou de parcerias vão depender das condições econômicas de cada família e do número de pessoas da família capaz de fazer frente às atividades de produção.

3. 2. História e atualidade: estratégias de sobrevivência e diferenciação

Campo do Coelho faz parte do chamado “Caminho do Imperador”. Um caminho que levava os viajantes até Morro Queimado (Cantagalo), Porto das Caixas (Itaboraí) ou Cachoeira de Macacu. Na região se encontra a fazenda do Barão de Nova Friburgo, utilizada como local de descanso durante suas viagens de Cantagalo ao Rio de Janeiro, inclusive, do imperador D. Pedro II quando vinha para a região.

O 3º distrito foi criado em 1924 com o nome de “Terras Frias” devido às baixas temperaturas registradas no local, a menor do município. A denominação de “Campo do Coelho” foi adotada em 1938. Ela faz referência à tradicional família Coelho, possuidora de terras e que abrigava os viajantes que passavam pela região.

Seguindo a história de Nova Friburgo, o distrito de Campo do Coelho foi a última região que os colonos europeus buscaram como alternativa às péssimas terras da colônia. As baixas temperaturas registradas e o valor das terras contribuíram para que os imigrantes buscassem essa região. Na época da chegada dos colonos suíços, as regiões valorizadas eram aquelas consideradas “terras quentes”, principalmente as que serviam à produção escravocrata de café. Para se instalarem nessa região, os colonos compraram terras dos fazendeiros portugueses que já existiam na região. Mais tarde chegaram os espanhóis, italianos, libaneses, japoneses e austríacos.

A posição do 3º distrito era estratégica para o escoamento do café, o que ajudou no seu povoamento e desenvolvimento. Pelo distrito passavam várias trilhas vindas de outras regiões em direção aos centros de comercialização. Uma trilha ligava a região a Cachoeira de Macacu. Outra seguia em direção ao centro de Nova Friburgo, passando por São Lourenço. Havia, ainda, uma trilha que seguia por Serra Baixo em direção a Cachoeira de Macacu. E outra finalmente, que saía de Três Picos passando pelo Frade em direção a Teresópolis. Essas trilhas serviam a fazendeiros como o Barão de Nova Friburgo, o quarto homem mais rico do Império, cuja produção vinha da região de Cantagalo e que, ao chegar ao Rio de Janeiro, seguia para a Europa. Consta em alguns registros históricos que a “trilha do Barão” foi uma das mais antigas via de acesso a Nova Friburgo, utilizada no século XIX pelos imigrantes suíços para chegarem às terras prometidas de Morro Queimado. Em 1872, quando os trilhos da estrada de ferro que

vinham da Leopoldina, no Rio de Janeiro, alcançaram a serra através de Theodoro de Oliveira, por iniciativa do Barão, o caminho aos poucos deixou de ser freqüentemente utilizado como passagem e foi mantido apenas pelos moradores locais.

Mais precisamente, os colonos suíços compraram terras em Baixada de Salinas e localidades vizinhas por volta de 1870. Às famílias portuguesas como os Botelhos, Mendes, juntaram-se os Schuencks, os Brandes, os Breders, entre outros. A família extensa dominou o cenário no início dessa ocupação. Era possível encontrar colonos com 20 filhos na primeira e segunda geração, favorecendo a ocupação do território. Basicamente, a agricultura e a pecuária se desenvolveram através do trabalho familiar, principalmente, quando as grandes fazendas foram divididas.

Com o tempo, as propriedades foram sendo desmembradas, através da herança ou da venda para terceiros. Os que pretendiam aumentar suas áreas de produção podiam comprar terras vizinhas, fossem elas de parentes próximos ou dos grandes fazendeiros. Isso só foi possível devido ao preço da terra manter-se muito baixo em relação àquelas mais próximas ao centro do município ou da produção do café, em direção a Cantagalo. Até 1960, segundo proprietários antigos, era comum se criar gado para se investir em terras. As terras, antes de boa qualidade para a criação de gado, aos poucos foram cedendo espaço à olericultura, enquanto que algumas famílias como os Schuencks e os Brandes passaram a dominar grande parte da região.

Inicialmente, a região se desenvolveu através da lavoura de milho, feijão, batata, com baixo investimento e marginal à grande lavoura de café. Segundo informações levantadas no local, a pequena lavoura teve início em 1920, com a introdução do feijão de vargem, e em 1950 chegaram à região as culturas da cenoura, do nabo e da abóbora. Toda a produção descia para o Rio de Janeiro.

Com o tempo, por volta de 1944, as trilhas foram se transformando em estradas, facilitando a ocupação e o desenvolvimento da região. Dessa forma, o distanciamento entre o 3º distrito e os centros de comercialização *a priori* não significava isolamento dos moradores, mas uma dificuldade a ser enfrentada pelos que transportavam suas mercadorias em lombos de burros. Assim, as estradas para veículos facilitaram o escoamento da produção e a circulação dos moradores e atravessadores.

Por volta dos anos 70, ao mesmo tempo em que o 5º e o 7º distritos de Nova Friburgo (Lumiar e São Pedro da Serra) sofriam uma diminuição das atividades agrícolas, acontecia um movimento de potencialização da agricultura no 3º distrito. Suas localidades tornaram-se grandes produtoras de olericulturas. A pavimentação das estradas possibilitou a chegada dos veículos motorizados e da mecanização da agricultura. Obras de drenagem, políticas de investimentos financeiros na agricultura e na sua comercialização e assistência técnica, também ajudaram nesse movimento de desenvolvimento da agricultura local.

Órgãos públicos como Pesagro e Emater atuaram no sentido de orientar o fluxo migratório de culturas agrícolas que deixavam de ser produzidas em regiões vizinhas como as do município de Teresópolis e localidades como São Pedro da Serra, de forma a atender os objetivos econômicos do município e do estado. A construção de um entreposto no distrito, próximo aos produtores, vinha a confirmar essa estratégia do estado.

O Mercado do Produtor da Região Serrana foi instalado em dezembro de 1977 na região, na localidade de Conquista, e fazia parte de um conjunto de medidas que buscaram potencializar a produção de hortigranjeiros para o mercado consumidor do Rio de Janeiro. Além de Nova Friburgo, o Mercado do Produtor envolve também os municípios de Teresópolis e Sumidouro, por isso foi construído junto à BR-130, nos limites entre Nova Friburgo e Teresópolis. O Mercado do Produtor foi instalado com

uma infra-estrutura capaz de dar suporte aos produtores, tais como facilidade de comunicação terrestre com todos os municípios produtores próximos, facilidade de obtenção de energia elétrica, facilidade de crédito e financiamento, e a conexão com outros mercados de produtores: Barracão dos Almeida e dos Mendes.

Esse movimento de melhoria da infra-estrutura e de desenvolvimento da agricultura na região fez com que as terras fossem valorizadas no mercado. Num primeiro momento, aumentou a mão-de-obra na produção através da contratação de trabalhadores assalariados e meeiros. Por outro lado, a melhoria da localidade fez com que alguns descendentes dos colonos passassem a vender terras na região, diminuindo o tamanho do patrimônio individual e aumentando o número de produtores familiares. Para alguns desses agricultores, os rendimentos obtidos na agricultura ou na venda de terra, possibilitou o estudo dos filhos na cidade; no caso, os rapazes.

Houve também uma saída de parte dessa geração para o centro do município, investindo em outras atividades, mas muitos mantiveram uma parte da propriedade como “poupança”, um imóvel a ser valorizado ou explorado por terceiros. A produção agrícola ficou sob responsabilidade de administradores e meeiros, pessoas de confiança que faziam parte das relações pessoais das famílias na região. Esses proprietários, moradores das cidades, passaram a freqüentar a região somente em épocas festivas. Assim, as famílias se dividiram entre o campo e a cidade, fazendo com que a circulação entre esses espaços ajudasse a aproximar os moradores do campo da vida urbana. Ir à cidade visitar um parente, passar dias é algo que faz parte do lazer de muitos jovens e crianças de Baixada de Salinas.

O 3º distrito possui algumas especificidades em relação ao restante do município. Em primeiro lugar, sua localização próxima a Sumidouro e Teresópolis, demonstra que, em vez de pensarmos no distrito como parte do desenvolvimento econômico municipal ou local, é preciso situá-lo num movimento “regional”, pois grande parte da sua produção tem como destino os municípios de Teresópolis, o Rio de Janeiro e a Região dos Lagos, mas também os municípios próximos de São Paulo e Minas Gerais. Assim, a economia deste distrito está para além dos limites geopolíticos e econômicos do município da qual faz parte.

Em segundo lugar, a comercialização de terras orientou o fluxo migratório neste distrito. Devido às facilidades de acesso, ao clima da região, e sua proximidade a grandes centros urbanos (Rio de Janeiro, Teresópolis e Nova Friburgo) tem crescido o interesse em se adquirir terras no local, seja para as atividades agrícolas ou para o turismo, principalmente para esse último, apesar do elevado preço das terras. Hoje, o interesse em se conseguir terra para a construção de casas de veraneio, inclusive por parte dos próprios moradores, ajuda a encarecê-lo nestas localidades.

Por outro lado, o aumento do preço da terra dificulta a reprodução da agricultura familiar para as próximas gerações com menores possibilidades de adquirir novos espaços para a produção e novas tecnologias. Apesar da fragmentação e da comercialização de terras, boa parte ainda se mantém nas mãos das famílias consolidadas, isto é, daquelas famílias que chegaram no início da comercialização de terras pelos grandes fazendeiros e que foram capazes de reinvestirem na produção e compra de máquinas. Os que procuram terras hoje na região para veraneio são os moradores da cidade do Rio de Janeiro, assim como acontece em São Pedro da Serra e Lumiar, ou alguns produtores rurais para transformá-las em sítio de final de semana.

3. 2. 1. Diferenciação interna: diferenciação e continuidade

Observa-se também uma grande diferenciação social entre famílias com capacidade de reprodução social e aquelas que, com dificuldades de permanecerem na agricultura, se mostram instáveis quanto ao seu futuro e ao futuro dos filhos. Entretanto, quando estabelecemos algum princípio norteador de diferenciação social entre esses agricultores, é importante levarmos em consideração a complexidade que os esquemas de classificação apresentam. “A adoção de esquemas de classificação, assumindo todos os riscos que lhes são inerentes, deve levar em conta a relatividade dos termos, principalmente quando eles adquirem o caráter de dicotomia, apreensão quase sempre inocente porque valorativa da aparência. Mesmo quando eles adotam uma gradação, o que está freqüentemente em jogo são os níveis de afastamento de dois pólos” (Neves, 1997, p.9). Qualquer classificação serve apenas como orientação para a análise, sendo pouco significativo para os atores envolvidos.

Através das entrevistas, mapeamos o seguinte cenário: 63,04% dos jovens colocam que seus pais são proprietários, 32,61% afirmam se tratar de filhos de meeiros ou parceiros e 4,35% são filhos de trabalhadores assalariados. Nota-se que no 3º distrito, dos proprietários, 46,24% podem ser considerados como *consolidados* e 16,76% representa os pequenos produtores descapitalizados. No primeiro caso, os produtores se utilizam, em parte, da mão-de-obra de alguns membros da família, principalmente os homens, e também de assalariados, arrendatários, meeiros ou parceiros, moradores da localidade. As atividades agrícolas permitem não só a reprodução da família, mas também algum nível de investimento e acumulação (Abramovay et al., 1998), além de possibilitar a reprodução social de outras categorias. No segundo caso, os pequenos produtores descapitalizados, são aqueles com menores condições de reprodução são geralmente constituídos de mão-de-obra familiar. Não conseguem realizar investimento e, portanto, encontram-se ameaçados de declínio em sua situação socioeconômica (Abramovay et al., *idem*).

Nessa situação encontramos, além de proprietários, também os arrendatários. Estes proprietários descapitalizados também podem se utilizar das terras de outros familiares quando esses já não trabalham com agricultura. Seus filhos, assim como esposas, desenvolvem outras atividades financeiras no local (comerciantes, motoristas de caminhão, mecânicos, atravessadores, entre outras) ou na cidade. Essa condição atinge preferencialmente a terceira geração (casais jovens) que, na condição de pequenos agricultores descapitalizados com pouca terra, utilizam-se da relação de *meia* com seus parentes que trabalham e moram na cidade. Há também trabalhadores assalariados que vendem sua força de trabalho para os agricultores consolidados.

Existem alguns pequenos agricultores na condição de *meeiros* ou parceiros (32,61%) e trabalhadores assalariados (4,35%) que, diante da falta de recursos para investimento na produção em suas terras, utilizam-se da parceria com os produtores consolidados. Há também aqueles considerados *meeiros* que moram nas propriedades de produtores consolidados ou nas localidades. Junto com os trabalhadores representam uma categoria flutuante na região, visto que a sazonalidade do trabalho faz com que eles migrem para outras regiões, dentro ou fora do município. Assim como os pequenos produtores descapitalizados, no caso dos *meeiros* que possuem residência fixa, parte da família, principalmente os jovens, exercem, hoje, outras atividades econômicas, como a manutenção das casas de veranistas, a construção civil, serviços que ajudam a gerar alguma renda para esses moradores que possuem as menores oportunidades de reprodução social.

É importante colocar ainda que, segundo informações dos produtores rurais, a relação de *meia* tem diminuído na região devido aos baixos preços dos produtos agrícolas, à fragmentação das propriedades, através da herança e à venda de lotes para pessoas da cidade. Encontram-se também casas de veraneio próximas às plantações.

A diferenciação social pode ainda ser observada na estrutura das construções residenciais, como o número de cômodos e acabamentos. Há também residências que se utilizam de antenas parabólicas e moradores que possuem meios de transporte particulares como carros e motos. Aqui todos os médios e pequenos possuem carro ou moto, diferente dos trabalhadores assalariados e meeiros. Há propriedades com mais de uma casa. As casas dos trabalhadores assalariados ou meeiros são menores e mais simples.

Em resumo, tempo e espaço em Baixada de Salinas sempre estiveram atrelados à dinâmica da agricultura, fortalecida com políticas públicas, onde grande parte dos produtores puderam se consolidar, proporcionando aos filhos dos produtores consolidados a oportunidade de continuarem na região, fosse através da herança ou da compra de novas terras. Para os filhos de pequenos produtores descapitalizados, meeiros e trabalhadores assalariados, as condições de reprodução social são menores. O que muitas das vezes aparece como estratégia é a busca por remuneração em atividades não-agrícolas, principalmente aquelas realizadas na sede do município ou através do ecoturismo que aos pouco vai ganhando terreno na localidade. Entretanto, essas atividades ligadas ao turismo (construção civil, caseiros, jardineiros, marceneiros, entre outras), ainda são muito incipientes, assim como são poucos aqueles que vão para a cidade em busca de trabalho, não demonstrando uma importância significativa para a economia da região.

Os acessos entre a localidade e outros espaços sociais, como a sede do município e os municípios vizinhos foram ampliados e trouxeram para o local o discurso da necessidade de capacitar as futuras gerações para assimilarem as novas tecnologias e a importância da produção ecologicamente correta. Apontando para uma nova transformação, com os filhos dos agricultores tem se buscado a adoção de práticas mais ecológicas. O rural agrícola agora também é o rural da natureza, fortalecido pela presença cada vez maior do ecoturismo e dos discursos científicos que alimentam as novas práticas agrícolas, trazidos pelos técnicos da Pesagro e pelos professores da escola-família. Para serem agricultores hoje, os jovens precisam romper com práticas arcaicas, precisam se “modernizarem”, e o moderno hoje está atrelado à idéia do ecologicamente sustentável.

3. 3. Usos e abusos dos agrotóxicos: a relação com a produtividade

Independentemente do tamanho das propriedades, uma condição nos chama a atenção. É o uso indiscriminado de defensivos agrícolas como expressão da “modernização” para aumento da produtividade. Nessa região, a cultura do uso de defensivo tornou-se parte das práticas que atravessam as gerações. Apesar do número de casos de contaminação seguida de morte que vêm crescendo na região, os produtores se mostram resistentes ao uso de métodos naturais ou alternativos no combate às pragas. Os jovens são os que se mostram mais conscientes das conseqüências do uso de agrotóxicos e defensivos agrícolas. Essa consciência tem sido patrocinada por instituições como a Pesagro e a Emater, mas as mudanças mais significativas no modo

de ver a agricultura e suas relações com a natureza, é resultado da aprendizagem adquirida no Ibelga.

Como informado anteriormente, os anos 70 são fundamentais para o desenvolvimento da olericultura nesta região. Há uma migração de culturas (alimentícias) que se tornaram praticamente impraticáveis em Venda Nova e Vargem Grande, no município de Teresópolis. O motivo dessa migração é o uso abusivo de agrotóxicos, que resulta em pragas mais resistentes. É o caso da alface e da salsa, cujos cultivos vêm se intensificando em Nova Friburgo, em virtude da ocorrência de doenças nas regiões tradicionalmente produtora dessas culturas (Carvalho, 2001)³⁵. Entretanto, mesmo nessas localidades, olericulturas, como a salsa, já começam a apresentar problemas fitossanitários.

Outro problema que vem se agravando nessas localidades, devido ao uso abusivo de adubos químicos, herbicidas e outros agrotóxicos, é a contaminação dos resíduos d'água, nascentes e lençóis freáticos, que, além de atingirem as populações locais, contaminam também os mananciais de abastecimento de água das cidades. Há muitos casos relatados pelos jovens sobre problemas de saúde causados pelo uso de agrotóxicos, inclusive resultando em morte. Por outro lado, cada vez mais se diminui a variedade das culturas produzidas e novos espaços territoriais são abertos para o aumento da produção.

Dos 46 jovens entrevistados em Baixada de Salinas, 38,25% demonstram a assimilação dos discursos ecológicos obtidos no Ibelga. Eles ressaltam a importância da Agricultura Orgânica (AO)³⁶ tanto para os produtores quanto para os consumidores, porém enfatizam as dificuldades da sua implementação na região.

Depoimentos com este teor se repetem:

P – você acha que a agricultura orgânica é viável na sua localidade?

R - Eu acho que sim. Mas nessa grande fase de transição, de começar a usar a urina de vaca, é uma grande transição, principalmente porque mexe c/ o financeiro. Há um a grande resistência, mas alguns estão dispostos a trabalhar. As pessoas não trabalha porque desconhecem (V.S.C., 18 anos, rapaz);

R - Eu acho que até seja, mas primeiro a gente ia ter que despoluir o solo contaminado, despoluir a água (70% é contaminada). Teria que despoluir, o produto orgânico é até mais caro, mas para a gente recomendar.... (B.S., 16 anos, moça).

Segundo 89,22% dos entrevistados, há uma grande resistência por parte dos pais e parentes em mudar a forma de produção, principalmente para aqueles cujas práticas estão ligadas às formas tradicionais da grande lavoura.

³⁵ Entretanto, Nova Friburgo também já começa a apresentar problemas fitossanitários.

³⁶ Utilizo-me dessa denominação como recurso para referir-me às agriculturas que se contrapõem àquela tida como hegemônica e constituída a partir de um modelo conhecido como Revolução Verde (ver Hobbelink, 1990). Procedo dessa forma com o intuito de não provocar um desacerto, caso optasse por um dentre tantos adjetivos qualificadores desta “outra agricultura”, como, por exemplo, agricultura *biológica*, *orgânica*, *biodinâmica*, *natural*, *ecológica*, *alternativa*, *agroecológica*. Cada um desses termos fala da “outra agricultura” em relação à “convencional” e representam campos de relações de poder de saberes diferentes.

P – você acha que a agricultura orgânica é viável na sua localidade?

R - Ate poderia ser, mas tem que conscientizar as pessoas daqui ainda porque eles não têm essa visão. Eles acham que orgânica, eles não iam conseguir colher. Era preciso o auxílio de um técnico para tentar conscientizar eles disso. Eles acham que é bom, mas..... (V.B.A., 16 anos, moça).

Isso, segundo eles, é o que mais contribui para a utilização do agrotóxico já que a maioria dos agricultores não detém o conhecimento necessário para a produção dos orgânicos e acreditam que o retorno financeiro é menor, exige um tempo maior e um volume menor de produção. Os filhos dos agricultores informam também que seus pais e parentes têm medo de produzir orgânicos por desconhecerem suas formas e lugares de comercialização. Em suma, a Agricultura Orgânica é algo que não faz parte da prática produtiva desses produtores, mas está cada vez mais presente no discurso dos jovens que cursam a escola técnica local.

Quando perguntado aos jovens se há interesse em trabalhar com Agricultura Orgânica, 43% afirmam que ela é muito interessante, mas inviável economicamente para aquela região.

P – você acha que a Agricultura Orgânica é viável nessa localidade?

R - Acho que é sim. Depende. Se você for cooperado sim, mas se você não for cooperado não vai ser viável não. Porque só os cooperados conseguem vender seus produtos orgânicos.. (R.R., 19 anos, rapaz);

R - Embora aqui, a gente não tem como produzir porque a gente não vai ter competição c/ os outros porque todo mundo que usa agrotóxico produz mais, então para gente que está precisando de lucro, não vai ter como competir. Eu acho que dá certo, mas eu acho que ainda não é o caso. (A.T.S, 15 anos, moça);

R - Não. Lá é difícil produzir orgânico, lá todo mundo usa agrotóxico. Para produzir orgânico, você tem q fazer barreira de mata para o agrotóxico não chegar na lavoura, dá muito trabalho, até formar essa barreira, demora muito. (L.C.R.V., 16 anos, rapaz).

Devido à região ser uma grande consumidora de agrotóxicos, eles informam que fica praticamente inviável produzir sem agrotóxicos, já que seus vizinhos insistem nessa prática. Todavia, há um grupo de jovens entrevistados que já vem desenvolvendo algumas atividades junto às suas famílias, no sentido de utilizar minimamente o recurso dos agrotóxicos e adubos químicos, mas ainda são atitudes inexpressivas diante do conjunto de agricultores que se utilizam dos recursos convencionais.

Observa-se que a utilização das técnicas alternativas à agricultura *convencional* exige a apropriação de novos conhecimentos, a incorporação de um novo saber-fazer a partir do já incorporado através do *convencional*. Para que esse novo saber-fazer se torne um *habitus* é necessário que ele seja incorporado nas estruturas mentais (Bourdieu, 1989) que orientam as formas de produção e reprodução desses agricultores, mas para que isso aconteça é preciso que eles reconheçam a necessidade de mudança de comportamento através de uma análise crítica da realidade.

Esta perspectiva da incorporação de novos saberes parece estar mais próxima dos jovens, devido à sua capacidade de lidar com o momento e com as novas

tecnologias que estão a sua disposição, projetando seu olhar para o futuro, do que dos mais velhos, cujo olhar presas às formas de produção dominadas está voltado para o passado. Elas representam a segurança dos agricultores adultos diante da incerteza do desconhecido.

No caso dos agricultores de Baixada de Salinas, há diferenças no que diz respeito à orientação da produção: só se utilizam de agrotóxicos para a produção comercial. Para a alimentação da família e vizinhos, os agricultores evitam a utilização dos produtos químicos. Portanto, tem-se o conhecimento de que os mesmos podem causar mal à saúde, porém, como não se conhece aqueles que consumirão tais produtos, a distância e o não-contato possibilita a utilização dos produtos químicos. O fato de não dominarem as novas práticas ecológicas ou não adotá-las não significa o não-conhecimento sobre suas consequências. A não adoção da AO está ligada à racionalidade com que esses agricultores operam no sentido de “produção” e “comercialização”. O tempo e o espaço do trabalho e da comercialização impõem limites no lidar com as formas de produção.

No Estado do Rio de Janeiro existem algumas organizações governamentais trabalhando já há algum tempo em pesquisas que comprovam a viabilidade técnica e econômica da Agricultura Orgânica na produção de olerícolas, como é o caso da Pesagro e a Embrapa. A utilização de culturas consorciadas ou a manutenção do ecossistema em torno das espécies plantadas dificultam o ataque de pragas e assim evita-se a utilização de produtos químicos. Quando necessário, pragas e doenças são combatidas com preparos de “caldos” e outros remédios elaborados a partir de substâncias encontradas na natureza.

A solução encontrada pelo Sistema de Vigilância do Rio de Janeiro³⁷ é a estruturação de serviços e desenvolvimento de pesquisas que melhorem a qualidade de vida das populações expostas aos agrotóxicos. Nesse caso, o que vem sendo implementado na região de Salinas é o que um jovem (jovem rapaz, 20 anos, filho de agricultor consolidado) definiu como “agricultura consciente”, isto é, a menor utilização possível dos produtos químicos, quando não é possível deixar de utilizá-los totalmente.

As principais instituições que vêm desenvolvendo essas técnicas são: a Estação Experimental de Nova Friburgo, a Pesagro e o Centro Nacional de Pesquisa em Agrobiologia – Embrapa (UFRRJ, Seropédica, RJ). A Estação Experimental de Nova Friburgo está localizada em Salinas, onde se podem constatar as dificuldades econômicas enfrentadas pela entidade. Falta investimento nas pesquisas e na infraestrutura da Estação.

Uma das estratégias utilizadas pela Estação Experimental é trabalhar mudanças de comportamento na concepção de agricultura. Junto aos filhos e filhas dos produtores são desenvolvidas técnicas menos predatórias, através de estágios cedidos ao Ibelga, localizado próxima à Estação Experimental.

Apesar de 78,44% dos jovens se mostrarem mais abertos à utilização de novas técnicas de produção, aos apelos ecológicos, conscientes dos limites do uso de produtos químicos e, portanto, capazes de transformar essa realidade, unindo necessidade e prevenção, o que dificulta a introdução dessas novas técnicas é que os jovens detêm o conhecimento, mas não o acesso às decisões sobre o uso da terra e às formas de produção. A manutenção da hierarquia dos saberes entre pais e filhos no interior da família coloca os jovens numa posição pouco confortável. As diferenças de saberes em alguns casos levam às relações conflituosas, alimentadas pelo momento do ciclo de vida

³⁷ O Sistema de Vigilância do Rio de Janeiro é formado pela Fundação Oswaldo Cruz, Fundação Nacional de Saúde, Programa de Saúde do Trabalhador/RJ, Emater e Secretaria de Saúde, Meio ambiente, Agricultura e Educação dos municípios.

desses jovens, ao contrário do que vem se verificando na Associação dos Produtores locais, onde sua participação se faz sentir de forma mais incisiva. Ser aluno do Ibelga ajuda nessa participação mais ativa na Associação, no reconhecimento dos saberes desses jovens diante das exigências de produção e comercialização, visto que a escola tornou-se um referencial para os moradores. Os agricultores, na Associação, passam a ouvir mais os jovens na hora de tomar algumas decisões, o que, sem dúvida deve influenciar nas suas decisões de ficar ou sair, já que a permanência no campo estaria ligada à possibilidade de um futuro melhor.

3. 4. Diversidades familiares e seus reflexos nas escolhas

A importância do trabalho coletivo familiar nas estratégias de reprodução social é bastante visível; porém, internamente há diferenças quanto à participação de cada membro de acordo com as necessidades de mão-de-obra das famílias, ligadas ao gênero e ao ciclo de vida. Para os produtores que contam com grandes parcelas de terra, com capacidade de reinvestimento, com parceiros, meeiros e máquinas, os membros da família como os filhos menores, as filhas e a esposa aparecem menos na rotina das atividades agrícolas. Seus filhos jovens, liberados do trabalho, são aqueles que podem se dedicar aos estudos, inclusive na sede do município. Além do sucesso na agricultura, o estudo também representa para essas famílias a aquisição de um *status* social maior em relação a outras famílias na região.

Apesar das condições dessas famílias com melhores condições de reprodução social possibilitar a manutenção dos seus filhos jovens na escola, nem todos se interessam pelos estudos. Segundo 18,39% dos jovens entrevistados, seus irmãos mais velhos que não chegaram ao ensino médio, não vêm nos estudos um motivo para investir seu tempo e acabam por permanecer trabalhando com o pai. Eles afirmam que devido às condições de sua família, assim como o tipo de trabalho, muitos jovens são levados a se dedicarem muito mais tempo à produção, o que faz com que eles desistam da escola. Em certas situações, poderão utilizar máquinas agrícolas da família e obter um ganho, uma renda capaz de proporcionar-lhes meio de transporte, roupas e sapatos da moda, bens eletrônicos e passeios, mas também conseguir casar.

Observei que alguns na localidade prestam serviço para outros agricultores fora do grupo familiar ou de parentesco. Tornam-se especialistas na utilização dessas máquinas e na sua manutenção. Essa atividade, segundo eles, possibilita a constituição de uma nova família de forma mais rápida. Desta forma, ao se aproximarem da idade adulta, sem terem conseguido concluir os estudos, ou mesmo na intenção de não mais estudarem, esses jovens passam a se envolver cada vez mais com o mundo do trabalho agrícola, de forma a atingirem seus objetivos: casar e se individualizarem na produção agrícola ou na utilização das máquinas. Possuir alguns bens e casar são os principais objetivos dos que possuem pouca escolaridade, mas contam com a propriedade da família e suas máquinas agrícolas. Enquanto isso não acontece, dividem parte dos ganhos obtidos com sua família de origem.

Já os filhos dos meeiros e trabalhadores assalariados não contam com tais possibilidades. Eles se mantêm na escola até que precisem contribuir com o grupo familiar, seja trabalhando com os pais ou adquirindo um trabalho separado. Como possuem as menores possibilidades de reprodução social (não possuem terra ou máquinas), a escola técnica também não atrai a maioria desses jovens. Dos jovens filhos

de meeiros e parceiros entrevistados, 25% ressaltaram o fato dos irmãos mais velhos não terem chegado a completar o ensino médio, apesar das facilidades que se tem em estudar no Ibelga (veremos a dinâmica dessa escola mais a frente).

Entre os jovens que estão no último ano do ensino técnico (36,96%), há aqueles que procuram trabalhar individualmente ou em parceria com algum outro irmão ou amigo. Geralmente são jovens aos quais os pais cedem uma parte de terra para desenvolverem uma pequena produção experimental. Além da terra, recebem também apoio financeiro dos pais e técnico dos professores do Ibelga. Os produtores, tanto os consolidados quanto os não-consolidados, segundo eles, consideram fundamental para o futuro desenvolvimento da agricultura, essas experiências dos filhos. O dinheiro obtido nessas empreitadas geralmente se destina à compras e gastos com automóveis, motocicletas, passeios e cursos de idiomas, informática e pré-vestibular. A relação entre a capacitação técnica e o apoio dos pais ajuda a direcionar os interesses dos jovens para as atividades agrícolas.

Apesar do pequeno número, 4,35% dos entrevistados, não podemos nos esquecer dos que estudam no Ibelga e que não são filhos de produtores e/ou não moram no campo. São os jovens dos centros dos municípios ou das localidades cujos pais são assalariados do comércio ou da indústria. Para os rapazes, as atividades ligadas à construção civil são as mais comuns visto seu caráter de eventualidade. Elas lhes proporcionam uma pequena renda, não os afastam dos estudos. Seus ganhos estão destinados à manutenção da família, mas eles afirmam que podem utilizar pequenas somas para divertimentos e gastos com roupas e sapatos. Segundo eles, seus pais acreditam que a obtenção de um diploma no Ibelga possa contribuir para o futuro dos filhos, já que a região serrana é um pólo agrícola. A valorização da educação dirigida para as atividades agrícolas ou pecuárias nos faz acreditar que ela funciona como uma estratégia de ascensão social para aqueles jovens que não herdarão terras, mas que poderão se tornar técnicos agrícolas.

No caso dos produtores ou parceiros em menores condições de produção agrícola, devido principalmente ao tamanho de suas áreas, a família é fundamental para a obtenção da renda complementar. É nesse grupo que encontramos uma diversidade maior das atividades econômicas. São eles que investem os poucos recursos num pequeno comércio local, que poderá ser levado adiante pelos filhos e a esposa que se dividem entre a roça e o comércio. Mas são principalmente os filhos – moças e rapazes que se tornarão pessoas-chave para a manutenção deste pequeno negócio. Eles passam a dividir sua atenção entre o trabalho em casa ou na roça, com o comércio da família e a escola técnica.

Esses pequenos comércios também podem remeter parte dos ganhos para o desenvolvimento da agricultura ou simplesmente na compra de terra para aumentar a propriedade familiar. Assim, os rendimentos obtidos nas diferentes atividades não informam a existência de uma individualização dos sujeitos; pelo contrário, os diferentes rendimentos fazem parte do orçamento familiar. A não individualização do rendimento obtido com o trabalho dos filhos, por outro lado, funciona como um investimento da família para a realização da futura geração. A ampliação das alternativas de reprodução da família, na verdade, funciona como uma futura viabilização dos filhos diante das restrições de acesso à terra para a reprodução de uma nova família (Neves, 1997).

Os jovens do último ano podem também realizar estágios nas empresas agrícolas locais ou junto aos agricultores consolidados que representam uma opção de renda que será incorporada ao orçamento familiar. Mas, por outro lado, diante das necessidades e dos gastos com educação, os filhos podem utilizar também esses recursos para suprir

suas necessidades. Eles chegam a ganhar mensalmente até R\$ 90,00 reais por atividades executadas, como a hidroponia, uma técnica que vem sendo adotada na região, com a ajuda do Ibelga e da Pesagro.

Em relação aos trabalhadores assalariados da agricultura e meeiros, os jovens do Ibelga (42,22%) ressaltam que suas possibilidades de reprodução são ainda menores em relação aos pequenos agricultores descapitalizados. Seus filhos e esposas são que exercem as atividades menos remuneradas na região, inclusive fora da agricultura, se especializando nas atividades informais. No caso das mulheres, não há trabalho local para elas, além daqueles oferecidos pelo setor de serviço junto a um pequeno número de turistas, e para os rapazes, quando não conseguem um emprego na agricultura, a construção civil ou os pequenos biscates tornam-se as únicas alternativas possíveis. Para os entrevistados, são esses jovens, moças e rapazes, que demonstram maior propensão para buscarem na sede do município alguma forma de remuneração. São eles que precisam se retirar mais cedo da escola, em busca de trabalho remunerado que ajude a manter o grupo familiar ou a constituição de uma nova família.

Uma melhor escolaridade pode ser a saída para se conseguir futuramente um emprego fixo ou com melhores rendimentos. Porém, como alguns desses jovens não trabalham com agricultura e a lógica, o programa e a dinâmica da escola-família agrícola estão ligados à agricultura e à pecuária. A educação rural não os atrai e a da cidade pode se tornar inviável diante da necessidade de deslocamento e gastos. São esses jovens que encerram seus estudos cedo.

São principalmente os filhos dos produtores descapitalizados, trabalhadores assalariados, meeiros e parceiros que, ao chegarem a certa idade, buscam atividades remuneradas individualmente para custear seus desejos de consumo ou, como já comentadas, para constituir uma nova família. Os jovens reconhecem que sua família precisa da sua “ajuda”, mas também precisam ganhar dinheiro para manter suas necessidades pessoais.

Portanto, há diferentes condições de vida para os jovens de Baixada de Salinas e localidades vizinhas. As atividades não-agrícolas dentro ou fora da localidade atraem principalmente aqueles cujas famílias enfrentam dificuldades para se manterem no local. As oportunidades são diferentes, definem diferentes campos de possibilidades e apontam para diferentes caminhos a serem trilhados. Para aqueles pequenos produtores cuja propriedade e recursos da família são pequenos, assim como para trabalhadores e meeiros, é preciso contar com uma participação maior dos filhos, inclusive das mulheres, crianças e jovens, demonstrando uma difícil individualização dos sujeitos diante das necessidades coletivas. Em outras palavras, dificilmente se pode falar em individualização dos sujeitos jovens na agricultura familiar ou de subsistência. Uma situação que pode se tornar conflitiva quando os jovens querem gastar o que ganham com suas necessidades individuais de consumo ou planejam um casamento.

Na realidade, os jovens de Baixada de Salinas estão inseridos na lógica da produção familiar onde não cabe *a priori* remuneração pelos serviços prestados pelos diferentes membros no trabalho conjunto, assim como os ganhos obtidos individualmente contribuem para a reprodução social do grupo. Estabelece-se assim, um paradoxo para os jovens, que além de precisarem enfrentar as baixas remunerações existentes na região, se vêem obrigados a se manter por um tempo maior junto a sua família para que essa possa se consolidar, algo que dificilmente acontece para aqueles cujas condições de vida demonstram uma resistência ao empobrecimento imposto. Ao invés de autonomia e individualização, o que os jovens experimentam são relações conflitivas que os subordinam às necessidades e aos interesses daqueles que detêm os rumos da propriedade da família.

Isso demonstra que diferentemente do que presumem os estudos sobre juventude urbana (Melucci, 1997), os jovens das localidades agrícolas ainda estão muito distantes da autonomia e do individualismo apontados pelos estudos sobre juventude (CEPAL, 1996, FAO, 1996). Estudiosos como Durston (1996) e Rodríguez (1996) vão chamar a atenção para as especificidades dos jovens latino-americanos que são invisíveis nas políticas públicas de desenvolvimento rural, idéia corroborada pelos estudos de Abramovay, entre outros, sobre a agricultura familiar no Oeste catarinense (Abramovay, 1996, 1998, Woortmann, 1994). De modo geral, esses estudos sobre juventude apontam o problema da sucessão, considerado uma das causas do êxodo rural.

A realidade dos jovens de Baixada de Salinas confirma a análise de Durston (1996) para a juventude da América Latina. Segundo o pesquisador, a realidade dos jovens rurais é ainda marcada pela falta de uma maior autonomia e participação devido à dinâmica da agricultura camponesa, que coloca os projetos coletivos acima dos interesses pessoais. Mesmo com um grau de escolaridade maior que o das gerações passadas, os jovens rurais latino-americanos de hoje não têm sua participação valorizada nos espaços de decisão. Estão subjulgados pela lógica de desenvolvimento que se concentra na figura do chefe de família. É o enfrentamento dessas diferenças nas relações de gerações que dificulta um maior acesso dos jovens aos espaços de decisão e a realização de seus projetos individuais. Por isso, Durston (idem) coloca que é preciso elaborar estratégias que venham a favorecer sua organização e sua participação nos espaços de decisão através de investimentos e políticas públicas. Essa perspectiva aparece em vários documentos de organizações latino-americanos, como o Fórum de Juventude Rural realizado no Panamá, em 2001.

Fica também evidente que os rapazes são considerados os mais propensos a executarem as atividades agrícolas remuneradas na região onde se encontra Baixada de Salinas. As moças informam, porém, que já não seguem o destino das mulheres da família: as jovens mulheres da região têm buscado alternativas de renda: são professoras, faxineiras ou empregadas domésticas em casas de veraneio ou no centro do município.

Nota-se que a escolaridade das mulheres da segunda geração vem aumentando também em relação aos homens. Antigamente, homens e mulheres dessa região só atingiam até a 4ª série do ensino fundamental, quando aqueles que pretendiam continuar os estudos eram obrigados a se deslocar para outras localidades mais próximas à cidade. As oportunidades de trabalho das mulheres acabavam se limitando aos espaços em torno da família e dos vizinhos. Segundo 73,2% das informantes, com o aumento da escolaridade das mulheres, elas passaram a buscar emprego fora da região.

3. 5. Circulação das idéias e diluição das fronteiras

Tem-se reconhecido que a juventude no campo está marcada pela falta de uma estrutura que venha a favorecer a permanência ou consolidação dos espaços agrícolas diante do aumento do contato com a sociedade urbano-industrial. Devido a essa falta de estrutura, a educação e a capacitação dos jovens rurais são apontadas como uma forma de se evitar ou dar segurança no êxodo rural, assim como se deve ampliar e respeitar a participação dos jovens nos espaços de decisão.

Em 1993, a atividade agrícola na região de Baixada de Salinas ganha reforço com a fundação do Ibelga. Com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento dos

produtores familiares, essa instituição escolar busca manter os jovens no meio rural, trabalhando ou não com atividades agrícolas. Por outro lado, esse interesse vem se somar ao dos agricultores que buscavam ampliar seus negócios com a capacitação dos filhos diante das novas tecnologias que vêm se desenvolvendo na agricultura e pecuária, e dos filhos dos agricultores que tinham de se deslocar para fora da localidade em busca de completar os estudos.

Quando se circula pela região, observam-se que algumas escolas rurais estão fechadas, os imóveis abandonados, fazendo com que crianças e jovens se dirijam para a alternativa mais próxima, no caso, o Ibelga. Eram escolas que ofereciam apenas o ensino fundamental, onde havia um pequeno número de alunos matriculados, sem infraestrutura e professores, o que contribuía para a evasão escolar. Hoje, moradores de todas as idades, mesmo os mais distantes, consideram o trabalho da escola de boa qualidade.

No acesso à escola, os alunos que vêm de fora da região, como aqueles que residem na cidade e outros municípios vizinhos, assim como os professores, são transportados por um pela própria escola através de uma Kombi (perua). Isso responde às exigências do Ministério da Educação quanto ao transporte de crianças que residam muito distante das escolas. Em alguns casos, alunos e professores podem pernoitar no Ibelga, que conta com uma pequena infra-estrutura de alojamento.

É importante observarmos que diferentemente do que vinha acontecendo até então, os jovens já não precisam ir à sede do município ou às escolas mais próximas da sede para que possa terminar o ciclo fundamental e/ou ingressar no ensino médio, cujos programas curriculares não levam em consideração as especificidades do meio rural, como as atividades agrícolas. O número reduzido de crianças e jovens do meio rural contribui também para a homogeneização dos alunos, de forma que suas especificidades apareçam como casos isolados, desassociando a teoria da prática.

Os programas de educação escolar tradicionais sempre tomaram como perspectiva a homogeneização na transmissão de conhecimento, isto é, não levam em consideração os contextos socioculturais de crianças, jovens e adultos (Freire, 1997, 1983), e, ainda, dos diferentes “rurais”, como por exemplo, aqueles que trazem no seu seio os movimentos sociais no campo (Caldart, 2000) ou a dinâmica da agricultura familiar. Por outro lado, a representação dominante da educação no campo³⁸ sempre esteve associada à não-necessidade de se educar aqueles que trabalham com a agricultura: “para se trabalhar com terra, para mexer com a enxada e para cuidar do gado não são necessárias muitas letras” (Arroyo, 2000). No instigante livro de Roseli S. Caldart (2000), encontramos o resumo do modelo de pensamento que orientou as políticas educacionais brasileiras, cujo prefácio é de Miguel Arroyo.

“Essa visão poderia ser uma síntese da história do pensamento político e educacional ao longo deste século: a escola rural apenas das primeiras letras, milhões de camponeses condenados ao analfabetismo, a educação básica do campo ignorada e marginalizada. Ignorada inclusive pelas pesquisas, pela reflexão pedagógica, pelas propostas curriculares a até pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (Arroyo, 2000, p.9).

³⁸ Ver também o trabalho de Romanelli (2002), em que a autora descreve a História da Educação no Brasil, onde a educação sempre esteve orientada para a vida na cidade e os trabalhadores rurais não são vistos como aqueles que necessitavam de formação educação para além de saber ler e escrever, pois o trabalho no campo não é percebido como aquele que exige maiores habilidades de raciocínio.

Assim, os modelos oficiais de educação não estavam orientados para o desenvolvimento do sujeito enquanto capaz de intervir na sua realidade social, mas apenas para a transmissão de saberes e habilidades demandados pela produção e pelo mercado. Portanto, essa situação apontava para o processo de exclusão contido na lógica do desenvolvimento capitalista (Frigotto, 1996), cujo acesso à educação de qualidade e de ponta se destinaria a poucos, principalmente para os que apresentam as melhores condições de concorrer no mercado de trabalho. Contudo, vemos no próprio interesse dos jovens rurais hoje, que cada vez mais a melhoria da educação ou do seu acesso, tem favorecido a aproximação dos jovens do campo dos modos de consumo urbano-industrial. Mas nem todas as crianças e jovens têm acesso a essa qualidade e a esse consumo.

De qualquer forma, as escolas capazes de ampliar as perspectivas de empregabilidade dos jovens geralmente se localizam na cidade. Assim, os projetos dos jovens também apresentam a possibilidade de se deslocarem para lá. A formação escolar sempre aparece como uma forma de o jovem se tornar algo melhor do que seus pais, parentes e vizinhos. Nos discursos dos jovens, ela aparece como símbolo de libertação. As famílias se esforçam, inclusive aumentando a carga de trabalho de alguns membros da família, para que os considerados mais inteligentes possam progredir na cidade. Para os jovens de famílias consolidadas (38,55%), a formação escolar representa também um ganho a mais no status dentro e fora do grupo familiar. A educação dos jovens é, portanto, uma estratégia familiar.

Para os moradores, de modo geral, a escolarização de um filho na cidade pode aumentar as possibilidades de reprodução do núcleo familiar quando este é capaz de exercer outras atividades que não as agrícolas. Nesse caso, também a escolaridade e a profissionalização por uma perspectiva urbana não significa *a priori* a saída do campo, mas a ampliação da capacidade de reprodução social do filho e da própria família à qual ele pertence.

Diante desse cenário, o interesse dos jovens pela educação nas escolas da cidade vai depender das escolhas pessoais que estão subordinadas aos projetos familiares e das possibilidades que se vislumbram à sua frente. Entretanto, quando se investe numa escola cujos programas curriculares levam em consideração a realidade dos produtores e trabalhadores rurais, a coisa muda de figura.

Assim foi com o Ibelga. Era preciso unir educação à dinâmica da produção agrícola familiar e ao interesse de crianças e jovens, mesmo que futuramente eles viessem a decidir trilhar caminhos diferentes daqueles que marcam a vida dos seus familiares. Além disso, o ensino técnico oferecido pela escola não responde aos anseios de todos os jovens, já que alguns desejam trabalhar e morar fora do campo, mas amplia os horizontes daqueles que pretendem ficar no lugar de seus pais quando chegar a hora ou investir em outras atividades fora da agricultura. O seu desejo, apesar de reconhecerem as dificuldades que enfrentam com a agricultura, é permanecer como agricultores (75,23%), mas pretendem adotar práticas diferentes dos seus pais, numa demonstração da influência do Ibelga e da realidade econômica dessa região onde aos poucos vem sendo inseridas novas atividades que ampliam as possibilidades de escolhas dos jovens.

As fronteiras entre campo e cidade se tornam cada vez mais imprecisas nos últimos anos e configura uma nova realidade, plena de diversidade (Soares e Oliveira, 2002). Os espaços rurais estão marcados pelo desenvolvimento de empresas, corporações e conglomerados agroindustriais, que demonstram uma articulação entre diferentes formas de organização e desenvolvimento da agricultura e do agricultor como forma de atender às múltiplas faces que configuram o rural, sem perder a sua

singularidade (Ianni, 1977). Por outro lado, esta perspectiva toma como referencial que os interesses dos jovens rurais pela educação se dirigem ao mundo da agricultura, o que nem sempre é verdade. Entre campo e cidade, as condições individuais podem levar a considerar as atividades fora da agricultura como as mais capazes de responder aos anseios dos jovens.

Com a instalação do Ibelga no 3º distrito, um conteúdo programático e uma pedagogia que levam em consideração a realidade dos pequenos produtores familiares, direcionada para o desenvolvimento rural, reorienta os interesses dos moradores pela educação. A educação se torna mais próxima. Através dela, os filhos podem investir seu tempo em algo que beneficia suas famílias e o seu futuro na própria localidade. O interesse pela escola urbana tradicional passa a disputar espaço com a escola rural participativa e contextualizada. Assim, pode-se realizar o desejo daqueles que buscam apenas um status social e/ou uma profissão de nível médio. Para os menos favorecidos ela surge como uma maior possibilidade de se inserirem no mercado de trabalho local, mais próximos à sua realidade, à sua família, a seus parentes e amigos. Para aqueles cujo objetivo é chegar ao nível superior, as possibilidades se tornam mais próximas também, visto que o ensino médio possibilita o concurso do vestibular. Mas, no começo, a dúvida e a desconfiança desse modelo educacional exigem um certo tempo para que os moradores se acostumem com a idéia.

Inicialmente, as famílias são convidadas a participar das reuniões de fundação e funcionamento da escola. É formado o Conselho Administrativo. Algumas famílias da região tornam-se parceiras na elaboração e execução dos projetos pedagógicos da escola. A realidade tomada como referencial é “a pequena agricultura familiar” cujo sucesso depende das próximas gerações, consideradas mais aptas a assimilar novos conhecimentos, desenvolvendo práticas e tecnologias produtivas diferentes das gerações anteriores.

Nessa realidade também é diagnosticado pela escola que as gerações anteriores à que existe hoje, de modo geral, não havia chegado a concluir o ensino fundamental. Como foi dito anteriormente, apenas uma pequena parcela dos filhos dos agricultores bem-sucedidos é levados ao ensino médio e superior. O Ibelga aparece, assim, como uma novidade em todos os sentidos.

Inicialmente, há uma resistência ao sistema proposto pela instituição, já que os filhos permaneceriam por tempo integral na escola por alguns dias. Quando não, têm que pernoitar na escola por uma semana, afastando-se do controle direto da família. Nesse caso, é preciso que os próprios agricultores, considerados como os “mais esclarecidos e de confiança”, intervenham junto aos moradores, tornando-se porta-vozes da escola e do seu modelo de educação. É preciso adequar a realidade da dinâmica da agricultura e da pecuária, da organização da agricultura familiar local, aos programas desenvolvidos pela escola-família.

A escola-família Rei Alberto I, conhecida como Ibelga, possui 273 mil metros quadrados e é formada pela parceria entre o Disop (uma organização não-governamental) e o Instituto Bélgica Nova Friburgo. O Ibelga conta ainda com a participação do estado e da prefeitura para a contratação do corpo docente e funcionários auxiliares. As atividades da escola se iniciaram com 39 alunos, tendo hoje mais de 180, entre crianças e jovens.

Segundo informações do material de propaganda da escola, o Ibelga é criado a partir das experiências dos camponeses franceses cuja preocupação é compartilhar com os brasileiros a necessidade de promoverem a fixação de seus filhos estudantes no campo, proporcionando-lhes educação moderna ao lado de conhecimentos de técnicas agrícolas atualizadas. Segue-se assim o modelo de escola-família francesa.

A escola-família teve sua origem em 1935, na província de Lot-et-Garone, França. Os agricultores, ajudados pelo abade Granereau, organizaram um tipo de ensino para seus filhos, onde a permanência na paróquia e na família se alternavam. Este ritmo alternado possibilitava aos jovens conciliarem o trabalho agrícola com o estudo. Essa iniciativa foi posteriormente estruturada em uma semana no internato, seguida de duas ou três semanas de trabalhos práticos na propriedade familiar. Os pais aceitaram essa metodologia e nomearam o internato de *Maison Familiale*. A denominação de “casas familiares” prendeu-se ao fato de que os pais, além de instrutores de seus filhos na propriedade familiar, também acumularam a responsabilidade de administrar esse novo tipo de escola (Pessotti, 1981).

A *Maison Familiale* e seu método evoluíram, dando origem a uma rede nacional de escolas de aprendizagem rural. Elas estão integradas ao sistema oficial de ensino francês desde 1960 e recebem alunos da escola primária. Atendem separadamente, por escola, a moças e rapazes na faixa de 14 a 18 anos.

Na década de 60, as escolas-famílias foram implantadas na Itália, Espanha, norte da África, Argentina e Brasil. No Brasil, elas se localizam ao norte e sul do Espírito Santo, em regiões rurais colonizadas por imigrantes europeus, em sua maioria italianos. São administradas pelo Mepes (jesuítas católicos), uma instituição sem fins lucrativos, de inspiração católica e filiado à Companhia de Jesus. No Mepes, os jovens ingressam com 14 anos e são separados por sexo. Há duas escolas femininas e sete masculinas. Possui convênio com prefeituras municipais, paróquias, legião Brasileira de Assistência, Emater-ES, Secretaria da Educação, Ministério da Educação e Cultura, PIPMO, Ministério da Previdência Social e, no exterior, com o Mesereor, na Alemanha, com o Cebemo, na Holanda, com a Fundação Interamericana, nos EUA, e com a Associação de Amigos do Espírito Santo e Itália, na Itália (Pessotti, 1981).

Seguindo o modelo das escolas-famílias européias e o Mepes, o Ibelga foi instalado em Baixada de Salinas por ter sido considerada uma região propícia à agricultura familiar. A escola trabalha com a pedagogia da alternância, que, segundo Passotti (1981), consiste em repartir a formação do jovem em períodos de vivência na escola e na família. Eles permanecem na escola por uma semana em horário integral, retornando as suas casas onde permanecem pelo mesmo período. Os que necessitam, podem pernoitar durante esse tempo na escola, mas na maioria dos casos, eles retornam todos os dias para suas casas. Esse ritmo alternado busca a conciliação entre a escola e a vida, não permitindo ao jovem desligar-se de sua família e do meio rural. É uma pedagogia que considera que a pessoa se educa mais pelas situações em que vive do que apenas pelas tarefas que realiza na escola. É a ligação da escola com a ambiência familiar que permite ao jovem refletir sobre o meio em que vive³⁹.

Contudo, diferente do Mepes do Espírito Santo, no Ibelga as crianças e jovens têm acesso ao ensino fundamental (1ª a 8ª série) e ao ensino médio técnico (o antigo 2º grau técnico). O ensino também é gratuito. A escola funciona em horário integral e internato (os alunos que moram próximos à escola voltam no final do dia para suas casas). Os alunos dispõem de alojamentos, refeitórios, salas de aula, biblioteca, laboratório, instalações rurais e campo experimental. A escola possui também um espaço de recreação, onde são improvisadas as atividades esportivas, já que não há uma infra-estrutura para tais atividades.

Além das atividades internas da escola, os alunos podem ainda participar de visitas técnicas e excursões para outras regiões agrícolas do Rio de Janeiro ou de outro

³⁹ As bases dos instrumentos metodológicos da pedagogia da alternância se apoiam na experiência que o aluno adquire no meio rural. Os instrumentos são: o plano de estudo, a viagem de estudo e o estágio (Pessatti, 1981).

estado. Um jovem (rapaz, 17 anos) relata que a escola tem possibilitado aos moradores jovens da região, o contato com os pontos turísticos do Rio de Janeiro, como praias e parques aquáticos. Nesses espaços, ele percebe que os moradores da cidade possuem mais espaços de lazer do que eles, que vivem no campo, causando uma sensação que aumenta quando passam a frequentar os espaços jovens da cidade, como os cinemas, os *shoppings*, as danceterias, entre outros.

Voltando à dinâmica da escola, assim como as demais escolas-famílias, os pais e a comunidade são a base do processo educativo. Todos participam das reuniões, encontros, festas e outras atividades. O objetivo principal da escola é a integração dos jovens à comunidade através de um projeto participativo: no último ano do nível profissional é solicitado aos alunos, em grupo ou individualmente, que elaborem um projeto de atividades ligado ao meio rural local, como estratégia de aumentar os rendimentos familiares. Os projetos seguem diferentes direções dentro da localidade, como por exemplo:

“Agricultura orgânica - produção de brócolis. Sei lá, eu pretendo continuar os estudos fazer agronomia” (W.J.J.M., rapaz, 19 anos);

“Eu não tô bem definido não, mas deve ser alguma coisa na área de administração ou pecuária” (P.G.S., rapaz, 17 anos);

“Eu tava pensando em ecoturismo, se fosse possível” (A.F.B., rapaz, 17 anos);

“Aqui toda turma que se forma tem um projeto. Meu grupo tá fazendo um projeto de criação de galinha caipira” (A.S.F., moça, 16 anos);

“Ecoturismo rural. Eu acho que tem tudo a ver com a região. É só olhar em volta, tem tudo a ver com turismo. O turismo tá crescendo no mundo, as pessoas não querem mais ir para a cidade, para os grandes centros, quer mais a natureza”. (J.F.C., moça, 20 anos);

“Ecoturismo rural. A região aqui tem um grande potencial para ecoturismo e não tem nenhum projeto nessa área aqui e resolvi fazer o projeto e futuramente contar esse projeto na região” (W.J.J.M., rapaz, 19 anos);

“Eu quero fazer agroindústria porque aqui tem muito desperdício, quando não tem como vender as coisas assim, não tem para onde levar. Eu queria aproveitar as lavouras dos nossos sítios para arrumar algum lugar (M. G., moça, 14 anos).

Quanto a viabilidade dos projetos de fim de curso, eles comentam:

(Agricultura Orgânica). *“Vou precisar de um solo que não esteja poluído, que esteja seis meses pelo menos sem usar produtos químicos e vou precisar de uma estufa que deve estar em torno de 800 reais, vou ter que adquirir sementes. Botar alguém para trabalhar comigo”* (R. R., rapaz, 19 anos);

(Ecoturismo). *“Meu projeto é mais cavalgada. Tem um hotel lá perto de casa que entra em contato com a gente, procurando um cavalo para alugar para os*

clientes dele. Aí ele falou com a gente se queria pegar esse trabalho dele” (P.G.S., rapaz, 17 anos);

(Ecoturismo). *“Não dito assim sozinho porque eu tenho certeza que vários outros alunos entraram nesse ramo. Então vários alunos trabalhando em conjunto pode trazer esse ecoturismo para cá”* (A.F.B., rapaz, 17 anos);

(Criação de galinhas). *“A gente já tá encaminhando as coisas, já tá vendo os ovos de galinha”* (A.S.F., moça, 16 anos);

(Ecoturismo). *“Precisaria da conscientização da comunidade de estar poluindo bastante os rios, as estradas, e fazer um fazer um turismo num lugar poluído não tem como. Meu projeto fez eu e o Willian juntos”* (J.T.S, rapaz, 20 anos);

(Ecoturismo). *“Tem algumas atribuições, mas nada demais não. Tem o cansado de montar, pesquisar, mas é bem retribuído sim”* (W.J.J.M, rapaz, 19 anos);

(Agroindústria). *“Acho que sim. O meu irmão quer fazer fruticultura e eu posso aproveitar as coisas da propriedade e incluir tudo. Juntar o dele (o projeto) com o meu”* (M. G., moça, 14 anos).

Observamos ainda que a escolha dos projetos se dá, principalmente, pelas oportunidades que cada jovem possui, seja através da família, dos parentes, vizinhos e, em alguns casos, os empregadores:

(Criação de scargot). *“Em custo é muito caro, eu não sei se vou ter esse recurso para implantar. Eu vou fazer a criação baseada onde eu faço estágio. Dá muito trabalho, a comercialização é difícil. Tem que analisar com muita calma”* (J.F.N.C, rapaz, 16 anos);

(Apicultura). *“Tenho. Porque tem uma certa facilidade. Tem um lado positivo e negativo. O negativo é que é um projeto caro. Tem o meu pai (ajuda financeira) e eu estou fazendo aos poucos”* (O pai está trabalhando junto no projeto. Foi o entrevistado que incentivou o pai) (J.G.R., rapaz, 17 anos);

(Apicultura). *“Sim, envolve na parte de trabalho minha família, porque não vai ser muito grande e o meio ambiente, pra as abelhas é essencial ter um ambiente equilibrado”* (D.C.R., rapaz, 16 anos);

(Produção de tomate). *“Por que a gente tem um sítio lá em Mariana, Sumidouro e lá a maior produção é de tomate, então eu queria fazer pra ajudar a população de lá”* (A.S.F, moça, 16 anos);

(Produção de animais). *“Eu fiz acompanhamento de um grupo de bezerras com ração. Com esse projeto eu vi saber quais são as bezerras produtoras e que vão dá lucro no futuro.*

P. Por que você escolheu esse tema?

R. Porque fica mais fácil para mim que eu trabalho para ele (o patrão), e são temas ligados à minha área de produção de leite. Então porque eu não tenho dinheiro, facilidades para montar um projeto. Com esse, eu não tenho gastos. Meu patrão apoiou o projeto e eu resolvi fazer” (V.S.C., rapaz, 18 anos).

Os projetos de fim de curso são acompanhados pelos professores da escola. Nas entrevistas, 13,4% dos jovens chamam a atenção para o sucesso dos ex-colegas de escola, que já conseguem bons lucros com o desenvolvimento dos seus projetos. Segundo a diretora da escola, o objetivo dos projetos é fazer da propriedade familiar uma extensão da unidade educacional. A escola trabalha com o espírito de solidariedade onde todos os participantes (família, profissionais e entidades afins) estão diretamente envolvidos no processo educativo e na elaboração e execução dos projetos financeiros dos jovens. Portanto, os projetos de fim de curso estão orientados para a sua realização no meio rural.

Segundo o material de divulgação da escola, suas diretrizes são: desenvolver atividades educacionais amplas, ajudando, assim, o meio rural a acelerar o seu desenvolvimento integral, sem perder os seus valores históricos e culturais; oferecer ao meio rural uma liderança motivada e devidamente preparada para que possa estimular e orientar o desenvolvimento técnico em geral, e agropecuário e comunitário em particular; evitar ou reduzir o êxodo rural; fortalecer a pequena propriedade da região; difundir novas tecnologias; valorizar o homem do campo; incentivar a participação dos pais na vida escolar dos filhos; desenvolver a solidariedade entre os próprios agricultores; tornar o jovem sujeito da sua própria história.

O número de alunos evasivos no Ibelga é, segundo a direção, quase nulo. Ela informa que quando um aluno se ausenta por alguns dias da escola, a família é visitada pela instituição para saber os motivos da ausência. A escola estabelece desta forma, um forte vínculo com as famílias, de forma que os alunos não desistam dos estudos. Nota-se também que a escola exerce grande influência junto às lideranças locais, contribuindo para a solução dos seus problemas como aqueles que envolvem doenças. Através do Ibelga, há trabalhos de capacitação de moradores, principalmente jovens, para lidarem com as enfermidades que se desenvolvem nessa região. Essa capacitação é feita pelos agentes da Fiocruz.

Nas entrevistas fica evidenciada a importância que essa instituição possui no processo socializador dos moradores, principalmente de crianças e jovens. Além de formadora profissional, influenciando nos seus projetos de vida, ela também oferece um espaço de convivência juvenil e desenvolvimento de sua participação junto às organizações dos produtores rurais. Ali os jovens reafirmam seus laços de amizade, tornam-se mais próximos uns dos outros e estabelecem vínculos afetivos. Mas também aprendem a importância da participação na Associação dos Produtores Rurais, na qual se vêem jovens ocupando cargos administrativos. Não são apenas números nos quadros da Associação, mas se fazem valer do seu conhecimento na escola para influenciar nas decisões da Associação. Atrás deles, está o *status* de serem alunos de uma escola considerada importante pelos moradores da região.

Nas nossas conversas, moças e rapazes afirmaram que o futuro da agricultura na região depende da forma como os jovens a vêem hoje. As informações e a capacitação profissional proporcionada pelo Ibelga ajudam a construir uma visão menos perturbadora quanto às incertezas do futuro para alguns desses jovens. Contando com o apoio da família, uma parcela de terra e o conhecimento adquirido na escola, esses jovens se sentem mais seguros. A escola é ainda uma forte influência sobre sua auto-

estima. Ao se considerarem rurais, eles informam que na cidade os jovens enfrentam mais dificuldades, entre elas a de possuir um emprego remunerado. As incertezas aparecem mais no discurso daqueles cujo interesse não está nos estudos. Através das conversas informais que tive com jovens que não estudam no Ibelga e são filhos de meeiros ou parceiros, observei que, para eles, o mercado de trabalho é considerado a principal batalha a ser enfrentada, dentro ou fora da localidade.

Resumindo, o Ibelga é uma importante instituição que favorece a permanência dos jovens no campo ao dirigir seu olhar para as possibilidades que existem na localidade, seja como agricultores ou técnicos agrícolas, ou para a valorização da identidade de produtor rural. Como veremos, diferentemente dos projetos de vida dos jovens de São Pedro da Serra, os projetos de vida dos jovens de Salinas e adjacências estão direta ou indiretamente ligados à agricultura ou à pecuária, não apenas como um destino mas também como uma opção a ser trabalhada. Aqui como em São Pedro, as imagens de rural e urbano também ajudam a construir tais projetos e contribuem para fortalecer ou não as identidades rurais.

3. 6. Rotina e circulação dos moradores de Baixada de Salinas

Além das propriedades agrícolas que dominam o cenário local, as localidades do 3º distrito⁴⁰ são marcadas por aglomerados de casas residenciais e comerciais. A localização das casas segue a lógica da ocupação espacial das famílias nas propriedades: estão dispostas umas próximas a outras. Pais, filhos e filhas casadas possuem áreas cultivadas próximas, facilitando as relações de ajuda mútua, e a elas se juntam as propriedades de parentes e amigos que perfazem as relações de dom e contra-dom das localidades (Brandão, 1999). Assim também acontece com as casas das localidades.

As localidades, com poucas ruas de pequeno alcance, concentram as famílias que vivem da agricultura ou não, como comerciantes e prestadores de serviços locais. Neste caso, verifica-se que há moradores cujo trabalho está fora da localidade ou da agricultura, chegando mesmo ao centro do município. Mas são minoria, em torno de 12,7% da mão-de-obra ativa, segundo dados levantados na localidade de Baixada de Salinas. Trabalham na construção civil, no comércio, nos serviços domésticos, em empresas de transporte, entre outros, como foi dito anteriormente.

Na localidade encontram-se barbearia, salão de beleza, borracharia, oficina mecânica e as igrejas, na sua maioria, evangélicas. Nos locais onde se concentram estes pequenos comerciantes de beira de estrada, tem-se a sensação de clareiras abertas no meio das plantações de olericulturas. São empreendimentos comerciais próximos às suas casas que favorecem a circulação dos diferentes membros da família durante a rotina das atividades exigidas em cada espaço. Assim, é possível que uma pessoa possa se dividir em diferentes frentes de trabalho.

Não há pousadas ou locais específicos para o alojamento de turistas⁴¹. Esse pouco movimento do comércio responde às necessidades de algumas famílias locais.

⁴⁰ O 3º distrito é formado pelas localidades de Campestre, São Lourenço, Barracão dos Mendes, Salinas, Baixada de Salinas, Santa Cruz, Centenário, Três Picos, Jaborandi, São Felipe, Prainha, Três Cachoeiras, Rio Grande, Conquista e Vieira.

⁴¹ Apesar da existência da Pousada dos Três Picos, o único local a receber visitantes para estadia, a região pouco demonstra interesse em desenvolver o mercado turístico. Contudo,, através do Ibelga, os jovens

Também quase não há movimento de pessoas circulando pelas ruas. Observa-se algum movimento nos bares de homens jovens e adultos no final do dia ou nos finais de semana. As mulheres jovens e adultas só são vistas na escola local ou nos finais de semana nas igrejas. Nas localidades, observam-se algumas mulheres conversando no portão com crianças brincando em torno, e moças e rapazes formando pequenos grupos também no portão de casa, informando que as relações sociais mais significativas acontecem nesses espaços próximos as suas residências, que envolvem parentes e vizinhos. Ao dirigirmos nosso olhar para as lavouras, encontramos as famílias, onde os diferentes membros se revezam nos cuidados com a produção. É uma condição verificada a qualquer hora do dia e da semana.

No caso do movimento de entrada e saída das localidades dessa região, os poucos ônibus que circulam têm horário fixo e estão distribuídos segundo os interesses da empresa e algumas exigências dos moradores. Geralmente seus horários obedecem ao movimento de entrada e saída daqueles que vão em direção às cidades e dos estudantes que freqüentam o Ibelga. Mas o vazio dos dias é a marca do espaço da rua, dos bares, dos mercados e tudo o mais. Para aqueles que não moram nas localidades, a distância entre a maior parte deles informa uma tendência ao isolamento geográfico. Contudo, esse isolamento é constantemente rompido pelas idas às igrejas, ao campo de futebol, à escola e o movimento de saída nos finais de semana em direção à sede do município para fazer compras, cursos ou lazer. Assim, a sede do município se torna mais distante, mas nem por isso inacessível. De lá trazem as novidades que acompanham a vida moderna, como a moda, os utensílios e eletrodomésticos.

Quanto ao contato com pessoas de fora, os visitantes mais comuns em Baixada de Salinas são os atravessadores, vendedores de produtos químicos, amigos ou parentes dos moradores que moram fora. Turistas e veranistas aparecem esporadicamente. Um movimento maior é dos esportistas que procuram à região para caminhadas e escaladas.

Assim é a região que envolve Baixada de Salinas: uma região agrícola, atraente para o turismo, mas que não possui infra-estrutura para a permanência de visitantes. Apesar das belezas naturais da região, o turismo é pouco expressivo. Os turistas não freqüentam os bares, a igreja, o campo de futebol ou outro espaço qualquer de convívio dos moradores. Entram e saem da localidade nos finais de semana e feriados sem serem muito notados. Ao conversar com um grupo de jovens rapazes, na porta de um bar local, eles afirmaram que os veranistas são pessoas que se interessam apenas em fazer caminhadas nas trilhas e cachoeiras. De vez em quando, compram alguns alimentos com os agricultores e nos bares. Contudo, pouco se observa seu movimento na localidade.

Por outro lado, há moradores no local que também se hospedam na sede do município com interesse de lazer. Passam o final de semana ou feriados junto a outros parentes e amigos que se transferiram para lá. Assim, longe da localidade onde moram, os jovens de Baixada de Salinas passam a freqüentar os mesmos lugares que os jovens na sede do município. O mesmo ocorre com os jovens que possuem meio transporte particular, e que, portanto, podem circular mais livremente pela região ou se afastar dela. As idas por necessidade de compras e assistência médica, assim como os cursos feitos na sede do município, são fortes motivos para que os jovens se dirijam para esse espaço, como apontam esses depoimentos:

P – Você costuma ir à cidade? Fazer o que?

têm sido levados a pensar nas possibilidades de renda que podem obter com o desenvolvimento de um corredor turístico. Inclusive alguns projetos já vêm sendo desenvolvidos por eles no sentido de atrair turistas para a região.

R - Costumo. Vou mais quando preciso ir ao médico dentista, comprar roupa, calçado, só mais prá isso (V. A .P., moça, 17 anos);

R - Sim, quase toda semana. Comprar comida, ir ao médico (N. S. S., rapaz, 16 anos);

R - De vez em quando. Ir ao médico, comprar alguma coisa. Para se divertir não (P. V. A ., moça, 20 anos);

R - Nova Friburgo eu vou muito. Fazer compras, resolver alguma coisa. Não costumo ir para passear. Cinema, shopping é muito raro (D. T. Q., rapaz, 17 anos);

R - Eu faço curso de informática e às vezes quando precisa comprar alguma coisa, eu vou ao centro de Friburgo (V. B. A ., moça, 16 anos);

R - Geralmente ir à Igreja. Fazer umas compras (C. Q. R., rapaz, 17 anos).

O que nos chama a atenção são as formas de lazer que aparecem nos diferentes espaços. Em relação ao lazer, a sede do município não atrai todos os jovens, mas nem por isso deixa de fazer parte de suas vidas, como é o caso dos religiosos que participam dos encontros das igrejas matrizes ou simplesmente comercialização seus produtos nos mercados do centro do município ou do estado.

Assim, falar de isolamento pode levar o leitor a acreditar que são jovens que não possuem contato com os modos de vida ditos “urbanos” ou possuem pouca informação sobre os acontecimentos das grandes metrópoles e do mundo. A distância geográfica não necessariamente indica isolamento social e cultural, apenas informa que esses jovens não possuem tanto contato com pessoas de fora como vem acontecendo com os jovens de São Pedro da Serra, e, portanto, estão menos expostos às atrações dos bens modernos ou outros estilos de vida na sua própria localidade. Trabalhando ou estudando na sede do município, participando de eventos esportivos, musicais ou religiosos, ou simplesmente se reunindo com “os irmãos de fé” nas igrejas matrizes, nota-se que não existem fronteiras entre campo e cidade; mas assim como os jovens de São Pedro, eles continuam se referindo a esses espaços como simétricos, quando o assunto é comportamento. É o que informam os seguintes depoimentos:

P – Você já reparou no comportamento das pessoas da cidade? Sente alguma diferença em relação ao pessoal daqui?

R - Acho que tem um pouco de preconceito no sentido da gente trabalhar na lavoura. Você sabe, você sente quando a pessoa não gosta... Se você chega num lugar, como o pessoal daqui que foram em dois ônibus pro shopping no Rio, o pessoal fechou as lojas pensando que eram animais (W. L. S., rapaz, 17 anos);

R - Aqui, todo mundo se conhece, todo mundo procura se respeitar, tem uma certa solidariedade entre as pessoas. No Rio, como um dos nossos professores falou: na cidade tem muito egoísmo. Aqui as pessoas tentam se ajudar. Lá tem essa parte do egoísmo mesmo (V. B. A ., moça, 16 anos);

R - Não sei. É diferente. Não sei explicar. As pessoas aqui são mais abertas. Os de fora são mais fechados (C. Q. R., rapaz, 17 anos);

R - Tem bastante diferença, os hábitos são bastante diferentes. As pessoas pensam, tem uma cabeça diferente. Lá em São Paulo, as pessoas pensam diferentes. O mercado de trabalho é um pouco melhor. Eu conheci uma mulher lá que para mim não serviria não. Muita desconfiança (V. S. C., rapaz, 18 anos);

R - Sim. As pessoas daqui têm a vida mais tranqüila. As pessoas de fora já andam mais relaxadas, falam mais gírias. O pessoal daqui é mais sério (L., rapaz, 18 anos);

R - Tem. O pessoal de lá (cidade) o jeito de conversar... Aqui você chega, não conhece ninguém, mas conversa, lá não. Um passa olhando para frente, ninguém conversa. (M. M. C., rapaz, 15 anos).

Mesmo que na prática, campo e cidade não apresentem fronteiras, as experiências dos jovens fazem com que eles sejam percebidos como espaços opostos e/ou complementares. Guardam especificidades que não se anulam e que se expressam social, política e culturalmente. Nessa perspectiva, o espaço identificado como rural é capaz de incorporar as novidades produzidas na cidade sem se anular, sem se transformar na essência (Wanderley, 1997).

Wanderley questiona a definição do IBGE referenciada na aglomeração e na atividade produtiva e procura mostrar a permanência dessa categoria apesar de muitos estudiosos apontarem seu fim com o processo de urbanização. A autora afirma que a definição do IBGE pressupõe certa homogeneização do quadro da vida social, que nem sempre pode ser comprovada pelos fatos e, na verdade, pouco esclarece quanto à experiência imediata e efetiva que os habitantes do campo vivenciam da vida urbana. São essas experiências que informam as especificidades dos grupos rurais e sua dinâmica relacional.

Assim, podemos pensar em diferentes possibilidades de desenvolvimento local, ao situarmos nosso olhar na realidade regional (que envolve campo e cidade). Além disso, a possibilidade da agricultura familiar existir numa economia mercantilizada dá outras dimensões ao contato com a cidade o que não significa, necessariamente, o fim de uma identidade cultural. Isto é, a adaptação aos imperativos do progresso econômico não significa a perda de uma identidade construída historicamente, mas sua reelaboração. É o que acontece quando os diferentes membros da família estão ao mesmo tempo envolvidos com as atividades agrícolas, mas inseridos em outros espaços, tendo contato com outros valores, como acontece com os jovens que mesmo trabalho na agricultura, ou apenas morando em localidades agrícolas, participam de outros espaços sociais fora da sua localidade. O acesso aos espaços de lazer urbano, assim como as atividades não-agrícolas desenvolvidas dentro ou fora das localidades rurais representa possibilidades de ressignificar esse rural. Portanto, qualquer tentativa de especificar as características de determinado grupo apenas através da cultura será imprecisa e arbitrária.

Essa também é a perspectiva de Carneiro (1998) ao observar o sentido de localidade. O rural não se define mais exclusivamente pela atividade agrícola e a cultura camponesa é capaz de conviver com os valores do mundo urbano sem abrir mão dos seus. As fronteiras entre os espaços se tornam cada vez mais imprecisos se tomarmos

por base as atividades econômicas de pequenas localidades ou mesmo os hábitos culturais. Essa fluidez das fronteiras, segundo a autora mostra que dificilmente poderíamos falar de ruralidade no geral; “ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos” (1998, p.53).

Nesse sentido,

“a manutenção de tradições culturais (as quais designadas de camponesa) não seria incompatível com a modernização da sociedade que deve ser encarada apenas como uma nova fase, com novos objetivos, que pode incluir o que anteriormente era tido como ‘tradicional’ e ‘atrasado’”(idem, p.55).

É o que vemos nas formas de lazer desses jovens. Apesar dos seus projetos de fim de curso estarem direcionados para as atividades rurais e de se mostrarem interessados em permanecer no lugar de origem, as formas e os lugares de lazer da sede do município exercem forte apelo atrativos sobre parte deles, indicando a possibilidade de uma simultaneidade de modos de vida no mesmo espaço e tempo.

3. 7. Representações do moderno dentro da tradição

Como discuti no capítulo anterior, os jovens de ambas as localidades estão inseridos em contextos distintos que influenciam diretamente nos seus atributos de gênero e na sexualidade. No caso dos jovens de Baixada de Salinas, eles e elas estariam inseridos num universo mais restrito de relações sociais do que os jovens de São Pedro da Serra. Gostaria de chamar a atenção aqui também para as experiências de gênero e sexualidade dos jovens dessa localidade que se articula com outras esferas da vida social. A sexualidade aqui, como em São Pedro da Serra, aparece moldada pelos valores familiares. Contudo, as relações de gênero e o exercício da sexualidade recebem ainda uma forte influência das religiosidades locais, visto que o contato entre eles está orientado para relações mais duradouras que resultem no matrimônio. Observemos como essas questões estão articuladas com as possibilidades de lazer:

Segundo 92,21% das moças e 66% dos rapazes da região, os espaços de lazer onde moram são muito restritos. Geralmente se limita aos eventos religiosos, às eventuais festas das localidades, aos jogos de futebol, às idas em grupo às cachoeiras, ouvir música e assistir televisão. Mas, há também a possibilidade de se deslocarem para a sede do município em busca do contato com os parentes, avós, tios e primos, e os amigos de fora. Juntos, no centro do município, freqüentam lugares considerados jovens, como os *shoppings*, as danceterias, os *shows*, o cinema e etc. Ali, como em São Pedro, moças e rapazes ampliam seus espaços de sociabilidade.

Entretanto, apesar de os jovens informarem que a sede do município apresenta vários espaços de divertimento, isso não quer dizer que eles se desloquem com muita freqüência para outras localidades onde o movimento de pessoas seja maior, como o centro do Rio de Janeiro. Pelo contrário, esse contato representa algo eventual para 32,3% deles que só se deslocam para o centro do município para resolverem problemas, estudar, fazer compras, ir ao médico, como demonstra os depoimentos transcritos acima. Assim, nem todos se dizem atraídos pelos espaços de divertimentos fora da sua

localidade. Para eles, a sede do município representa apenas um espaço onde se resolvem problemas, sendo o verdadeiro lazer, aquele ligado à sua localidade, longe do convívio com pessoas estranhas e distantes do seu modo de vida. É o que ressalta esses exemplos:

P – Quais os melhores lugares de lazer para você?

R - Cachoeiras. Perto da minha casa tem umas estradas perto de umas matas onde eu gosto de andar de bicicleta, caminhar. Não gosto de shopping. Eu acho chatas essas coisas da cidade, mas dar uma volta na praça, eu acho legal, sentar, papear com os amigos (moça, 16 anos).

R - Nos aqui não temos lugares específicos para lazer. Temos possibilidades de inventar nosso lazer aqui. Eu gosto muito de churrasco, passeio com os amigos. Não gosto do movimento da cidade não. É muito barulho e violência (rapaz, 17 anos).

A maioria dos jovens (67,7%), afirmam gostar também de ir à sede do município ou para a cidade do Rio de Janeiro. À distância e as dificuldades de transporte são apontados por 60,5% dos jovens como os principais impecilhos para que eles se desloquem para esses espaços.

As vezes gosto de ir pra casa da minha tia no Rio, conversar com ela, gosto muito de sair, não gosto de ficar em casa não (rapaz, 17 anos).

Adoro praia, adoro o mar, o barulho do mar, a noite, o silêncio da noite, aqui é mais escuro parece que você tá mais próximo do céu é muito bonito, o forró, cinema, teatro, pizzeria (moça, 24 anos).

Praia, Friburgo (sede), festas de aniversário, casamento. Toda noite tem torneio de bola lá (rapaz, 16 anos).

Tanto para os que preferem não sair da localidade para se divertir, como para os que elegem a sede do município e a cidade do Rio de Janeiro como locais mais propícios para o lazer, há uma percepção que a sede ou o Rio de Janeiro são lugares do “movimento”, algo contrário do que informa a vida do lugar onde moram. Esse movimento, pode tanto atrair como repelir os jovens. Isso vai depender do que eles buscam nos locais fora de Baixada de Salinas e com que objetivos. Assim, a sede do município aparece nos seus discursos ora no sentido positivo, ora no negativo.

Em primeiro lugar, existe uma forte relação entre trabalho na roça e “tempo livre” utilizado no local. Isso quer dizer que as opções de lazer ou de preenchimento do “tempo livre”, como os banhos de cachoeiras, os jogos de futebol, visitas aos amigos e parentes, as festas, estão imbricadas com o tempo dedicado ao trabalho na lavoura (no caso dos rapazes), ou dos afazeres domésticos (no caso das moças). Portanto, as formas de lazer local não os afastam da preeminência de executarem alguma atividade de trabalho enquanto então se divertindo.

É importante observarmos as especificidades de gênero que marcam esse cenário. Para as moças entrevistadas, as atividades da casa, religiosas e da escola não

aparecem como obrigações, mas como uma forma de também preencherem o tempo de lazer ou tempo livre, principalmente para aquelas cuja dedicação aos irmãos mais novos, aos estudos e à vida religiosa marca mais a sua rotina de vida do que dos rapazes. Assim, o tempo livre das moças é preenchido de forma diferente da dos rapazes que possuem maior liberdade para circular pelas localidades, se afastarem da casa, assistir televisão, ouvir música, freqüentarem a casa dos amigos, parentes, os campos de futebol e a igreja. A seguir, algumas possibilidades que mostram suas representações em relação ao tempo livre:

P – O que você faz com o seu tempo livre?

R - “Eu só fico mexendo nas coisas, no jardim, coisas de escola. Se não tiver fazendo nada, pego nos cadernos” (moça, 20 anos).

R - “Às vezes eu leio, ajudo minha mãe. Às vezes saio, vou à casa de amigos por aqui, vou à cachoeira” (moça, 16 anos).

R - “ Eu só tenho tempo livre quando tô em casa mesmo. Eu não posso dizer assim que tenho tempo livre. Quando eu não estou tomando conta dos meus primos, eu tô estudando. Eu gosto de estudar, de nunca ficar à toa” (moça, 14 anos)

R - “Jogo futebol, nado. Tem umas cachoeiras bonitas. Saio de casa, passeio” (moça, 18 anos).

R - “Jogo bola com os amigos, ando ou fico em casa com os amigos” (rapaz, 16 anos).

Desta forma, moças e rapazes trazem as marcas de uma socialização diferenciada que se inicia ainda em tenra idade e que influencia na sua relação com o tempo livre. Enquanto para os meninos, o tempo livre está dirigido para o mundo da rua, com as meninas ocorre o contrário: sua condição de mulher coloca o tempo livre como algo que pertence ao mundo da casa e à família. As atividades religiosas e escolares ajudam a reificar a imagem da mulher que se torna responsável pela salvação espiritual da família e pela educação dos filhos e irmãos menores. Assim, os meninos são empurrados para o espaço público e as meninas são mantidas próximas aos olhos da família (Heilborn, 1997). Elas devem ser preparadas para assumir os papéis culturalmente construídos para a mulher. O mesmo se dá com os meninos quando são empurrados para o espaço da rua. Ali, eles devem aprender a ser forte, lutar, e também a ser responsável por aqueles que futuramente estarão sob sua tutela: mulheres e filhos. Mesmo com todas as mudanças que vêm se operando na organização e nos papéis de geração e gênero, as relações de subordinação ainda se mostram muito marcantes em cenários como este, visto que a organização do trabalho agrícola familiar está ligada à figura masculina do pai, como comentei em outras passagens.

De qualquer forma, os meninos gozam de muito mais liberdade que as meninas devido a possuírem um tempo livre fora das vistas de seus familiares e parentes, que só podem, portanto, exercer sobre eles um controle menos direto.

“As meninas e adolescentes, via de regra, são objeto de restrições relativas aos locais que podem frequentar e ao tempo que podem passar na ‘rua’. Assim o tempo jamais é neutro. A infância é experimentada a partir de indicações sociais, que conformam a trajetória da vida” (Heilborn, 1997, p.105).

Por outro lado, se observarmos mais atentamente esse tempo livre para os rapazes do campo, veremos que o tempo também jamais é livre, já que suas famílias dependem da utilização da mão-de-obra disponível para a sua reprodução social, mesmo quando eles estão em momentos de lazer. Muitas vezes, o lazer próximo à sua casa só se torna possível porque os jovens têm que dividir esse tempo com as atividades que necessitam da sua presença. É o caso de se buscar uma vaca que se separou do grupo e foi para outra propriedade ou de quebrar lenha para alimentar o fogo à noite. Essa é uma demonstração das impossibilidades de se falar de autonomia na utilização do tempo livre no campo para crianças e jovens.

Em segundo lugar, para os jovens que se dizem pouco atraídos pelo movimento da cidade, enfatizando a preferência por aqueles lugares de lazer mais próximos de suas casas, existem dois motivos importantes para esta perspectiva. Primeiro, eles apontam a distância e os poucos horários dos ônibus que fazem com que apenas aqueles que possuem meios de transporte particular se dirijam para os divertimentos da cidade ou outras festas mais distantes dentro ou fora da região. Assim, os que não conseguem se deslocar com tanta facilidade, só o fazem eventualmente, em momentos de dificuldades, na hora de resolver problemas, ou como uma necessidade importante, como os cursos, a continuação dos estudos ou o contato com a sede da sua igreja. Segundo, a religiosidade funciona como o preenchimento do seu tempo livre já que não há muito que fazer na localidade. Por sua vez, isso faz com que eles evitem a sede do município ao se dedicarem aos estudos religiosos ou a frequência aos templos.

P – O que você faz no seu tempo livre?

R - Eu saio, vou para a casa dos meus primos, vou à igreja, fico em casa ajudando (P.V.A., moça, 20 anos).

R - Vou à casa dos vizinhos conversarem, dos amigos. Vou à igreja também. (C.Q.R. , rapaz, 17 anos).

R - Eu leio a bíblia, vou a Igreja, saio com os amigos sábado a noite, ver um filme, fazer um churrasco, jogar uma bola (P.G.S., rapaz, 17 anos)..

R - Vou à igreja, namoro, vejo televisão, estudo, fico lendo, não tem muita coisa pra fazer lá, mas é muito difícil eu ter tempo vago (N.C.P.L., moça, 18 anos).

Assim, não é somente a distância, o controle dos pais e das igrejas, e a falta de transporte que impõem limites para que os jovens se interessem pelos atrativos da sede do município ou do Rio de Janeiro. Veremos nos próximos depoimentos que os jovens que confessam timidez (18,25%) e que possuem pouca idade, se dizem pouco à vontade com os jovens de fora. A divisão etária dos jovens entrevistados é a seguinte:

Tabela 2: Faixa etária dos entrevistados no Ibelga

Idade	Nº Absoluto	(%)
14 anos	2	4,35
15 anos	3	6,52
16 anos	13	28,26
17 anos	15	32,61
18 anos	8	17,39
19 anos	2	4,25
20 anos	3	6,52
TOTAL	46	100

A falta de domínio sobre os mecanismos que marcam as relações sociais na sede do município, isto é a dificuldade em decifrar os códigos que orientam as relações interpessoais na sede do município ou em outras localidades a conjugação das diferentes temporalidades aí inseridas, o domínio sobre o espaço social, onde os endereços não falam de pessoas e famílias, mas de lugares onde a lógica é da produção e comercialização de bens, e, portanto, impessoais, afastam esses jovens da realidade da sede do município ou do convívio com espaços sociais mais distantes, fazendo com que eles se sintam “fora do lugar”.

“Quando a gente foi para Viçosa (Minas Gerais), a gente achou até um ambiente diferente porque o povo lá não é muito assim....de fácil contato com as pessoas de fora. O que é diferente daqui. Aqui o pessoal recebe melhor as pessoas. Lá eu quase não conheci ninguém” (V.A .P., moça, 18 anos).

“Questão do respeito. A educação aqui, todo mundo se respeita, lá fora é diferente, pelo que eu vejo. Eu não tenho contato direto, então eu não posso dizer a diferença ao certo. Eu sei a realidade daqui. Aqui tem mais companheirismo” (W.L.S., rapaz, 18 anos).

Esses jovens são, geralmente, os menos informados, com pouca escolaridade, evitam os lugares onde predominem jovens que não conheçam, pessoas distantes do seu ciclo familiar e de amizade. Temem também sofrer alguma forma de preconceito.

Assim como os jovens de São Pedro da Serra, os jovens de Baixada falam que pela sua condição de agricultores, se sentem discriminados pelos moradores da sede do município que lhes atribuem a denominação de roçeiros.

“Os rapazes daqui são mais amigos da gente, menos ignorantes. As vezes vem gente da cidade assim: “eu sou o Tal, eu sou da cidade, você é roçeira”. O pessoal daqui tem mais compromisso, que nem aqui o rapaz com 13 anos tem seu próprio carro, sua moto” (V.M.A., moça, 17 anos).

“Muita gente discrimina. Eu tinha até uns amigos no Rio, uns colegas. Eles não sabiam que a gente morava no interior, aí a gente falou. Eles: Pô você é roçeiro. Eu falei: Peraí, roçeiro é uma coisa, morar no interior é outra” (G.B.C., moça, 16 anos).

Ser chamado de roçeiro, para um jovem rural, é o mesmo que afirmar que se trata de uma pessoa ignorante, alguém que fala errado, que tem modos grosseiros, em suma, alguém sem educação. Dizer que alguém reside no interior é o mesmo que afirmar se tratar de uma pessoa que está fora, na margem, dos avanços obtidos pela sociedade moderna. Moderna que se confunde com a idéia de urbana. As transformações na educação, os avanços tecnológicos que proporcionam melhores qualidades de vida, as mudanças nos comportamentos sexuais, tudo que é de “ponta”, não faz parte da “margem”, mas do centro.

Essa relação discriminatória, por outro lado, serve para aumentar o sentimento de alteridade dos jovens, pois se são considerados atrasados pelos jovens da sede do município, por outro lado, os jovens de fora são obrigados a sair de suas cidades para terem alguns momentos de contato com uma vida mais saudável, sem estresse, poluição, drogas e violências, isso só parece possível saindo das grandes cidades em direção às localidades rurais, como São Pedro e Baixada de Salinas. De alguma forma, essa busca pelo natural ou natureza parece valorizar um tipo de jovem que os próprios jovens rurais já não são mais. Assim, os espaços são representados como opostos entre aquilo que consideram próprio das suas vidas e da vida do desconhecimento, por outro lado, seus comportamentos demonstram que questionam tais demarcações. Não há essência em categorias como tempo e espaço, mas representações a partir das experiências vividas (Da Matta, 1985).

Mais uma vez observa-se que o campo, simbolicamente, se mostra diferente da cidade. Isso faz com que alguns jovens resistam a compartilhar com os seus pares da sede do município e do Rio de Janeiro, os espaços de convivência. Não são apenas tímidos e semi-analfabetos, muitos são evangélicos de igrejas que proíbem certas práticas de divertimento como o uso de bebidas alcóolicas e as danças sensuais, como das igrejas evangélicas pentecostais. O preenchimento do tempo livre, além do trabalho e do estudo, envolve também a dedicação à religiosidade. Nesse caso, o contato ou o convívio com os jovens da sede do município que não possuem os mesmos preceitos religiosos, pode representar uma ameaça às formas de relacionamentos consideradas moralmente corretas para essa localidade. Quanto aos jovens locais que não são religiosos, o contato parece ser facilitado pelo fato das famílias se conhecerem e partilharem de certos valores locais.

Durante nossa permanência em Baixada de Salinas, observei que no 3º distrito encontra-se um número impressionante de igrejas. São 14 capelas católicas, com sua sede no Campo do Coelho, e 15 templos evangélicos, sendo nove da Igreja Batista e o restante dividido entre a Assembléia de Deus e suas dissidências. Segundo informações levantadas com os entrevistados, cerca de 60% dos moradores são evangélicos e o restante católico. Dos jovens a que tivemos acesso, 78% deles freqüentam as igrejas, sendo a maior parte de evangélicos. Nota-se que tem crescido o número de igrejas evangélicas nesta região e diminuído número de fiéis católicos, uma situação que já vem

sendo apontada a algum tempo no espaço urbano, e que atraiu mais as mulheres e menos os jovens⁴².

Entretanto, apesar da maioria dos jovens se intitularem evangélicos, 38,17% deles, os rapazes principalmente, afirmam burlar as normas das igrejas e o controle dos pais. O álcool e a participação em bailes na cidade (os bailes *funk*) são os principais atrativos para que desertem das igrejas. O uso do álcool e do cigarro logo que se atinge uma certa idade, por volta dos 14 anos, é uma forma de identificar-se com uma imagem de adulto. Simbolicamente mostram que não são mais crianças e não querem ser tratados como tal, isto é, o cigarro e o álcool funcionam como signos num rito de passagem. São demonstrações que dificilmente acontecem na frente dos pais e parentes próximos. Buscam lugares onde se concentram os jovens da mesma idade ou daqueles jovens mais velhos que apresentem esses comportamentos adultos. Essas atitudes dos iniciantes são motivos de piadas e chacotas pelos jovens mais velhos, assim como acontece com as discussões sobre sexualidade, porém, com o tempo, vão sendo aceitas.

Ao circular pela região, observa-se que os botequins são os espaços onde encontramos homens de todas as idades no final do dia e da semana. Como comentei acima, os jovens iniciam o contato com o álcool muito cedo, por volta dos 14 anos, representando um forte motivo para serem expulsos da igreja ou se afastarem por conta própria. A aproximação da maioridade contribui para a perda do controle da igreja e da família sobre esses jovens. Por volta dos 17 anos, eles se organizam em pequenos grupos, dividem os gastos com combustível e vão para a cidade em busca de divertimento. A volta pode acontecer somente pela manhã.

Essas demonstrações de interesse pelo álcool, cigarro e os novos ritmos musicais, por outro lado, os ajudam a se aproximar dos jovens da cidade. As músicas e as danças, que hoje são moda na cidade do Rio de Janeiro, passam a fazer parte do seu repertório. As gírias são cada vez mais utilizadas para informar que, mesmo morando distante dos locais onde são criadas, elas não possuem fronteiras. O que importa para esses jovens é se sentirem parte da juventude da moda.

Uma outra questão vem se somar a esse interesse pelas novidades produzidas nos grandes centros. É o problema da falta de divertimento à noite, que se soma ao fato do banho de cachoeira e a caminhada pelas trilhas, hoje, atraírem mais as crianças e adultos locais ou as pessoas que vêm visitar a região do que a maioria dos jovens. Além de não serem mais crianças, já incorporaram as cachoeiras como parte do seu dia-a-dia e, assim como as igrejas, elas passam pouco apelo sobre seus interesses de lazer. Ir para os aglomerados urbanos, quando não há festas nas localidades próximas, pode ser uma possibilidade diferente de divertimento.

Essa possibilidade é ainda alimentada pelo contato com outros jovens que frequentam o Ibelga e que são da sede do município, os tios e primos que moram fora, e as influências da mídia que atrelam os divertimentos jovens aos espaços urbanos e às novidades que estimulam o consumo de roupas, tênis, ritmos e meios de transporte. Nesses espaços, e consumindo as mesmas novidades, eles partilham da idéia de que são iguais aos jovens da cidade.

⁴²Nos últimos anos têm-se desenhado no cenário nacional o crescimento de templos evangélicos adeptos ao pentecostalismo, ao mesmo tempo em que o processo de modernização da agricultura aumenta o empobrecimento e a marginalização das populações rurais. Nesse contexto de mudanças, as mulheres se destacam. Segundo os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios)/IBGE, já em 1992 se verificava um crescimento expressivo na região metropolitana do Rio de Janeiro de evangélicos pentecostais. Assim como no meio urbano, as igrejas pentecostais têm demonstrado uma grande capacidade em conquistar adeptos. Essa adesão ao pentecostalismo, segundo Fernandes (1996), está diretamente ligada à questão da pobreza e ao nível de escolaridade baixo.

As festas da redondeza são eventos que atraem todos e fazem parte do calendário comemorativo da região. As mais famosas são a Festa de São Lourenço, a Festa do Produtor, no Ceasa, e a festa do Ibelga, onde são arrecadados recursos para ajudar na manutenção da escola e na formatura dos jovens do último ano do ensino médio. Nelas podemos notar a presença de jovens de fora da localidade, mas as roupas e os cortes de cabelos, assim como acontece em São Pedro da Serra, se confundem com os dos jovens da localidade. Os estilos acompanham a moda das novelas e dos seriados. São roupas, sapatos que trazem o nome das *griffes* jovens, como *Cantão*, *Toulon*, *Pixação*, entre outras. Assim, os estilos se misturam aos chapéus e botas de couro dos que dão preferência ao estilo *country*. A mistura de estilo passa, então, a ser a marca juventude de Baixada de Salinas que demonstra compartilhar com as gerações anteriores algum estilo, e é capaz de incorporar a moda de fora.

Durante nossa estadia na região, pudemos acompanhar a organização e o desenvolvimento da festa do Ibelga que acontece na escola. A organização da festa começa alguns dias antes, com a divisão das tarefas. Jovens, crianças e adultos funcionários da escola e moradores da localidade se dividem nas tarefas que irão ocorrer durante o dia todo do evento. Aos jovens cabe a decoração do terreiro, a participação na dança de quadrilha, a “caipira” que será apresentada e a ajuda na montagem das barracas. Professoras, diretoras e merendeiras preparam as comidas que serão vendidas na festa, e as crianças também ajudam na montagem da decoração.

O dia da festa se inicia com a montagem das barracas, decoração e o torneio de futebol, que reúne homens jovens e adultos de várias localidades da região. As partidas ocorrem durante o dia inteiro. No início da noite, começam a chegar as pessoas para a festa. Realizam-se as danças de quadrilha com suas vestimentas ainda no estilo antigo, isto é, roupas simples, de pano barato e com alguns remendos, no caso dos homens, fazendo menção à imagem do “caipira” pobre e desarrumado. As moças de vestido de “chita”, como fitas no cabelo, resgatando uma imagem de ingenuidade das moças da roça, presas fáceis dos homens mal-intencionados. As falas com pronúncias erradas, os dentes pintados de preto, a forma desajeitada dos corpos em movimento dos rapazes, o jeito trigueiro das moças que não se deixam cortejar pelos rapazes, às vezes de forma dura e violenta, cabelos amarrados com fitas e rostos pintados com bolinhas pretas, em nada faz lembrar os estilos de roupas e comportamentos dos moradores dessa região fora da dança, isto é, a imagem do caipira descrito no comportamento e nas roupas dos jovens, em nada tem a ver com seus estilos e comportamentos. No cotidiano, as roupas e maquiagem das moças não demonstram respeitar os limites impostos pelas igrejas evangélicas locais. Assim como as moças católicas, elas estão sempre bem vestidas e maquiadas. Como estivemos em Baixada de Salinas na época do frio, as roupas estavam sempre escondendo a silhueta dos corpos, o que não tornam as moças menos belas.

No caso da representação dos rapazes nas danças “caipiras”, há uma exacerbação dos estilos e comportamentos do homem simples do campo, uma imagem que lembra o “Jeca-Tatu” de Monteiro Lobato, que, no dia-a-dia, esses jovens fazem questão de demonstrar não fazer parte da sua identidade. É a representação do rural no “rural”. Nas festas, muitos estão sempre desfilando seus tênis, calças e camisas das *griffes* conhecidas entre os jovens, algo comum do que se vê no dia-a-dia dessa localidade, quando não estão trabalhando na lavoura com suas botas e chapéus, algo que os aproxima do rural tradicional.

Num certo momento da festa é apresentada a dança “Maneiro Pau”. Uma dança que reúne alguns homens jovens e adultos, que vão girando em círculo tocando em dupla os pedaços de pau com um metro de tamanho aproximadamente, que levam em ambas as mãos. O “capitão” no meio do círculo marca o ritmo das batidas e as

mudanças do contato entre os dançarinos. Um grupo de 3 ou 4 músicos tocando violão, acordeão, triângulo, vão cantando músicas que falam da luta entre colonos e invasores europeus. Não é permitida a participação das mulheres, visto que a luta é uma condição da masculinidade desses homens e o descuido com a batida dos pedaços de madeira pode causar acidente entre os dançarinos. É uma demonstração de masculinidade que enaltece a imagem forte de homem do campo. Há dois grupos na região que desenvolvem essa dança e que, segundo o responsável por um deles, mantém a tradição do lugar.

Além das danças de “caipira” e “Maneiro Pau”, segue ainda a apresentação de capoeira de um grupo local. As músicas tocadas no decorrer da festa remetem às tradicionais festas juninas com muito forró, onde são servidos o “quentão” (bebida feita de cachaça com gengibre no caldeirão), doces, cachorro-quente, pipocas e refrigerante. Porém, se dentro da festa, as danças e os intervalos são embalados pelo forró, no estacionamento alguns jovens se reúnem para ouvir o *funk* e o *rock* brasileiros. Esses ritmos se tornam marginais diante da preferência pelo forró. Seus ouvintes, embora distante da realidade onde essas letras são criadas, já que elas falam da vida das favelas e da periferia das grandes cidades, se mostram envolvidos e interessados pelo ritmo das músicas. Afirmam gostar do ritmo onde a letra tem pouca importância. Desta forma, se aproximam dos seus pares urbanos, informando a existência de uma cultura juvenil que atinge a todos os jovens do Rio de Janeiro, independentemente de serem rurais ou urbanos.

Crianças, jovens e adultos circulam pelo local em grupos. Um jovem informa que não há pessoas que ele não conheça por ali. Todos fazem parte da “comunidade”. No caso, eu, o observador, seria a única pessoa de fora naquele momento presente na festa, já que os professores e a direção da escola já foram incorporados pelos moradores como parte da comunidade. Na verdade, a festa é um momento íntimo da localidade, onde é ritualizado o sentimento de pertença ao local.

Portanto, as festas, assim como a participação nas atividades locais, como a Associação dos Produtores, o Ibelga, junto com a religiosidade e os espaços de lazer proporcionados pela natureza, ajudam a construir um sentimento de pertencimento ao local. Os atrativos da sede do município, para alguns desses jovens, se dão por forças maiores, pela necessidade para outros. É a vontade de se aproximar dos espaços considerados jovens como os *shoppings* e as danceterias. Por outro lado, eles passam a se utilizar da mesma moda, dos mesmos ritmos musicais, na sua localidade de origem, mas nem todos os jovens se interessam pelos espaços ou pela moda que chega de fora. Não há uma regra nesse sentido, isto é, nem todos os jovens de uma mesma localidade que se sentem atraídos por aquelas novidades passam a dominar a juventude de modo geral. Mesmo dentro de uma mesma localidade há diferentes formas de se viver a juventude.

3.7. 1. As relações de amizade, namoro e casamento

Assim como ocorre com as vestimentas, podemos observar que seus comportamentos são resultados do contato entre ambos os espaços, mas que os valores tradicionais, como a constituição de um núcleo familiar logo que se chega à maioridade, se mantêm, mas num processo de ressignificação do passado. Moças e rapazes informam que são diferentes de seus pais quanto às formas de se relacionar com namorados e namoradas. Mostram-se mais abertos às relações passageiras, como “o ficar” sem compromisso, mas que, diferentemente dos rapazes, para as moças o peso da tradição se mostra mais forte, já que a virgindade se mantém como um valor feminino para o casamento. Por outro lado, mais distantes dos movimentados centros urbanos e mais próximos de familiares, vizinhos e amigos nas suas relações cotidianas dentro da sua localidade, os jovens fortalecem sua identidade, suas relações de amizade e familiares, com o discurso de que esses valores já não fazem parte da vida urbana. Nota-se que, diferente de São Pedro da Serra, a formação dos núcleos de amizades em Baixada de Salinas é mais restrita aos moradores da localidade, assim como a família continua a exercer forte papel sobre a sociabilidade desses jovens. Como mencionado anteriormente, em São Pedro a família se vê cada vez mais dividindo espaço com outros espaços de sociabilidade para além dos limites da comunidade.

Ainda são presentes valores como a importância dada à amizade que representa ajuda mútua, que amplia os laços de família e parentesco. A família e os parentes estão sempre presentes na hora que se precisa recorrer para se resolver problemas e ajudar aqueles que passam necessidades com algo produzido para consumo. A busca pelo casamento surge como forma de atender às exigências dos pais e o respeito dos moradores da localidade. As igrejas ajudam nessa visão de um todo integrado, na construção da idéia de partilharem a vida em comunidade.

Uma jovem relatou que, diante dos poucos espaços de lazer, eles elaboram algumas estratégias para se aproximarem uns dos outros. No caso daqueles que estudam no Ibelga, o fato de estarem juntos a maior parte do tempo facilita o contato entre os diferentes sexos, mas para aqueles que não estudam ou não moram perto, é preciso utilizar outros artifícios.

Gostaria de abrir um parêntese para explicar os limites de se falar sobre assuntos ligados à sexualidade com esses jovens. Eles se mostram mais resistentes para falar sobre esses assuntos devido à forte presença da religiosidade nas suas falas. Nesse caso, falar sobre o comportamento sexual desses jovens impõe limites. Foi possível observar algumas demonstrações de intimidade no cortejo entre os casais, mas isso ainda assim é insuficiente para análises mais substantivas. Considero que uma outra limitação estava posta logo no início da pesquisa: o pesquisador era homem e, entre essas moças, não se fala de sexo com os rapazes, nem mesmo com a família. Apenas as amigas mais íntimas são as privilegiadas dessas informações.

Os espaços de corte entre os jovens dessa localidade, além das festas, são as igrejas, a escola e os jogos de futebol. As igrejas e os jogos de futebol reúnem uma grande parte dos moradores, mas é no jogo de futebol que se encontram os rapazes da região fora do olhar dos pais. Há casos em que esses espaços estão imbricados. Uma moça relatou que algumas delas se utilizam do artifício de terem parentes jogando bola, como os irmãos, para se aproximarem de outros jovens rapazes que, muitas vezes, não estão na igreja. Enquanto os rapazes jogam bola, irmãs, primas e outras moças se colocam ao lado do campo em pequenos grupos. Ali mesmo pode se iniciar uma paquera, rendendo longas conversas que, à noite, poderão se transformar num “ficar”. Aqui, o “ficar”, a relação descompromissada, também já conquistou espaço junto aos jovens. Acompanhando as mudanças nas formas de relacionamento íntimo entre os jovens na sociedade contemporânea, em Baixada de Salinas e localidades vizinhas, o

namoro comprometido passou a disputar espaço com os relacionamentos mais flexíveis. Contudo, há que se destacar que 62,5% dos rapazes e 53,13% das moças afirmaram já ter namorado, isto é, assumido um compromisso, mesmo que por pouco tempo. Aqui, “o ficar” não é tão comum como em São Pedro da Serra.

Para as moças que exigem compromisso dos rapazes no namoro ou que não vêem razão em apenas “ficar com” um rapaz local, não é bom ir para o campo de futebol porque poderiam passar uma imagem de que está tentando controlar o movimento do namorado, uma demonstração de insegurança. Os rapazes, por sua vez, evitam que as namoradas se aproximem do campo de futebol porque seriam alvo das brincadeiras dos amigos ou porque poderiam ser paqueradas por outros rapazes, servindo inclusive de piadas de mau gosto.

Quando chega a noite, as portas das igrejas estão repletas de jovens. A porta de uma delas em particular chama a atenção. No decorrer do culto, nem todos os jovens estão chegando com a intenção de assisti-lo, mas de utilizá-lo como estratégia de se aproximarem uns dos outros. No decorrer do evento, a porta da Igreja vai se tornando um espaço onde eles se encontram para conversar. Tudo se dá numa penumbra que, às vezes, fica difícil reconhecer as pessoas que estão por ali devido à falta de iluminação nas ruas de Baixada de Salinas. Antes do final do culto, entre os carros e motos, encontramos jovens trocando carícias, inclusive aqueles que conversavam no campo de futebol. Apesar das reclamações dos moradores mais adultos, os jovens não se intimidam para tais investidas.

Eles e elas afirmam: “não há para onde ir à noite aqui”. O encontro na porta da igreja ou nos cultos e missas acabam por se tornar importante momento de contato entre os jovens à noite. Uma festa na localidade ou em localidades próximas representa algo diferente: pode-se ter contato com jovens que não morem por ali e, assim, encontrar alguém para namorar ou simplesmente “ficar”, principalmente, os rapazes, como acontece com os de São Pedro da Serra. Note-se que os momentos de lazer noturno para os jovens, de modo geral, envolvem sempre a possibilidade de encontrar alguém com quem possa se estabelecer algum contato mais próximo ou de exercer a sedução.

Entretanto, o namoro ou o “ficar com” é mais comum entre os próprios moradores da localidade e circunvizinhas. Os rapazes, assim como algumas moças, declaram que moças querem logo arrumar um namorado para passear longe dos olhos dos pais e que, diferente dos irmãos homens, sofrem um controle rigoroso dos pais. Os pais não aceitam a idéia de suas filhas ficarem “passando de mão em mão entre os rapazes”. Assim, fazem pressão para que qualquer aproximação torne-se antes que um simples “ficar”, uma possibilidade de compromisso..

Algumas delas, por sua vez, evitam os relacionamentos passageiros com o discurso moralista da igreja e dos pais. Contudo, outras afirmam evitar os namoros sérios porque isso faz com que seus espaços de circulação fiquem limitados devido à pressão que os pais e a igreja exercem sobre elas. Como as igrejas envolvem um grande número de moradores, há ainda o controle diário de todos sobre todos. Uma forma de se evitar que uma moça fique mal falada e um rapaz se torne vítima dos atrativos do “demônio” é o casamento. Os moradores dizem que as moças casam muito cedo, entre 17 e 20 anos, e os rapazes em torno dos 25 anos. Essas perspectivas etárias para o casamento fazem com que as moças invistam logo cedo num relacionamento que possa se transformar em casamento, enquanto os rapazes passam a aceitar um relacionamento sério quando a idade dos 25 se aproxima. Nesse caso, as exigências para a escolha do conjugue vão se tornando menores na medida em que a idade considerada própria vai se aproximando.

Segundo 46,32% dos entrevistados, um rapaz que tenha carro ou moto torna-se mais atraente para as moças. Isso faz com que os rapazes invistam na compra desses bens.

Apesar de 22,78% das moças relatarem que é necessário para a mulher estudar, trabalhar e ter sua própria independência, este discurso parece pouco convincente quando elas falam dos casamentos das moças que estudaram no Ibelga. Nos seus relatos, elas ressaltam que o fim do ensino médio pode ser o início de uma relação conjugal, porém não é a escolaridade que define o momento do casamento, mas as idades dos cônjuges e a pressão da família e da igreja.

Portanto, em Baixada de Salinas, o namoro sério é a prática mais comum entre eles, onde as experiências sexuais acontecem dentro da lógica do compromisso. No questionário fechado apenas 15% das moças afirmaram já ter tido experiência sexual, diferente de São Pedro da Serra (56,25%). As experiências sexuais desses jovens (moças e rapazes) se inserem num universo menor de pessoas e recebem ainda os contornos dos valores da comunidade.

Os argumentos das moças para se evitar o contato sexual se inscrevem na assimetria de gênero. Elas afirmam “não estarem preparadas ainda”, “não ter encontrado a pessoa certa”, “não ter encontrado alguém especial e sexo tem que ser com alguém que se goste”. Na visão dessas moças, sexo está relacionado ao amor, a romance e não apenas ao prazer. A virgindade ainda é um valor para a comunidade da qual elas fazem parte. Como mostra Giddens (1993), “a virgindade para as moças é ainda considerada como uma entrega” (p.61). E acrescenta:

Para a maioria, a questão não é realizá-la ou não como parte da experiência sexual precoce, mas como escolher o momento e a circunstância certos. O acontecimento está diretamente relacionado a narrativas românticas. Os rapazes esperam forçar a questão da iniciação sexual, enquanto as garotas preferem ‘retardar as coisas’ (grifo do autor, p.61).

Para as moças, sexo está relacionado a compromisso, envolve casamento. Esse é o melhor momento para que elas possam realizar aquilo que a sociedade espera delas: ser mãe e esposa.

Dos rapazes que preencheram o questionário em Salinas, 38,46% afirmaram não ter tido ainda experiência sexual por falta de “oportunidade” e 50% se dizem não serem mais virgem. Diferente das moças, Giddens (1993) coloca que a perda da virgindade para um rapaz, hoje em dia, assim como desde os tempos imemoriais, continua sendo uma expressão imprópria: “para os rapazes, a primeira experiência sexual é uma adição, um ganho” (Giddens, p.61). Ela é vista como um talismã, que segundo Giddens, aponta “para o futuro; entretanto, não se trata disso em relação aos aspectos íntimos do eu, mas um dentre outros símbolos da capacidade masculina” (idem).

Mais uma vez observa-se que o sexo está imbricado com a identidade masculina no sentido de valorizar quem o pratica. Para os rapazes da localidade que iniciam a vida sexual cedo, isso representa, assim como uso do álcool e do cigarro, um rito de passagem, já que não serão mais vistos como crianças pelos colegas e amigos. Entre outras palavras, ajuda a legitimar uma imagem que o aproxima do adulto e rompe com a idéia de que ele ainda é criança: sexo é coisa de adulto.

Essa perspectiva fica evidente também no controle que indiretamente os pais exercem sobre o comportamento sexual dos seus filhos. De modo geral, os jovens enfatizam as dificuldades de falar sobre sexo com os pais, e informam que as melhores

pessoas para tratar sobre o assunto são os amigos e professores, assim como a escola é o lugar mais apropriado para essa discussão, principalmente porque é um lugar de jovens (amigos e amigas), pessoas da mesma faixa etária e os professores se mostram mais abertos para tratar sobre a questão. Segundo 34,87%, o problema está na visão dos pais que os tratam como criança ou falta informação. Consideram ainda que os pais não sabem falar sobre o assunto e por isso evitam tais discussões. Para 22,25% dos jovens, quando os pais tomam conhecimento sobre as histórias sexuais dos filhos, agem com discursos moralistas. Deste modo, a escola cumpre um papel socializador importante na transmissão de conhecimentos e de espaço de convívio entre os jovens.

Em relação aos rapazes, o sexo se inscreve no exercício da masculinidade. Porém, mais ligado ao prazer do que ao compromisso, num determinado momento essa perspectiva pode se inverter. É o que ocorre com a gravidez não planejada, que obriga o indivíduo a refazer seus projetos para o futuro. Há um caso que ilustra bem essa questão: Marcos, um jovem de 24 anos não planejava ser pai e casar tão cedo (casou-se com 22 anos). Conta que gostava de frequentar as noites de fim de semana da sede do município ou das festas que havia nas localidades vizinhas. Namorava várias moças de diferentes localidades e, com sua moto, atraía a atenção de todas. Conheceu uma moça de 16 anos que vinha de vez em quando para Baixada de Salina visitar o pai. A moça engravidou, segundo ele, de propósito para “amarrá-lo”. Hoje, ela está grávida do segundo filho. Afirma que não gosta da mulher, mas tem que manter a sua família e parentes: “antes passeava, agora tem que sustentar mulher, filho e parentes da esposa que passam muito tempo em casa” (M. J., rapaz, 22 anos). Separou-se do trabalho com o pai e agora tem roçado próprio. Vendeu a moto, entrou para a igreja onde o pai é o Pastor. Afirma que foi pressionado pelas circunstâncias e se considera muito jovem para enfrentar o sustento da família e abrir mão dos divertimentos com os amigos. Gostaria que a mulher voltasse para a sua cidade (Niterói/RJ) e o deixasse em paz: “se pudesse voltar atrás, faria tudo diferente”. Mesmo não gostando da mulher, Marcos se sente obrigado a manter o casamento porque é isso que a sua família e a comunidade esperam dele: deve ser responsável diante do fato de ter tido um filho. Portanto, os ritos, como o exercício sexual e o casamento, reforçam as identidades de gênero e os valores culturais: a responsabilidade e o compromisso são valores colocados para os rapazes.

Uma outra questão que se coloca são os modos de namoro nessa localidade. Quando perguntados sobre a existência ou não de diferenças entre eles e os jovens da cidade nas relações de namoro, 66,66% dos rapazes e 50% das moças afirmam que não. Contudo, apenas um rapaz comentou sua resposta. Segundo ele, “embora haja no lugar maior número de casais com ‘moderação’” (grifo do entrevistado). No caso das moças, somente três apontaram os motivos para se acreditar que não existam diferenças de comportamento entre os jovens. Alguns depoimentos significativos:

“Na verdade parece que há, mas na realidade não há” (moça, 17 anos).

“Tem casais comportados na cidade e na roça e outros casais mais assanhados tanto aqui como lá” (moça, 15 anos).

“Não com relação a todas as pessoas. Existe exceção” (moça, 20 anos).

Nota-se que as moças acima chamam a atenção para a existência de comportamentos mais moderados no contato entre os namorados no rural, o que na cidade parece ser a regra para elas.

Para aqueles que acreditam existir diferenças – 33,33% dos rapazes e 50% das moças - a idéia dominante é que os jovens da cidade possuem mais liberdade nos encontros de namoro. Os rapazes colocam que:

“O namoro daqui, na maioria das vezes, é responsável” (rapaz, 17 anos);

“Os da cidade são mais ‘atiçados’” (grifo do entrevistado) (rapaz, 16 anos);

“Há facilidades” (rapaz, 16 anos);

“Aqui as coisas são mais sérias” (16 anos);

“As meninas da cidade querem sexo, as do campo querem amor” (17 anos);

“Os jovens da cidade são mais avançados” (16 anos);

“Porque os jovens da cidade são mais avançados sexualmente” (16 anos).

O sentido de “avançado” aqui se confunde com a idéia de liberdade que, segundo esses depoimentos, os jovens da cidade têm mais autonomia sobre seus comportamentos sexuais. As definições das moças em relação àqueles que elas definem como jovens urbanos seguem as mesmas representações que os rapazes:

“Os namoros da cidade são mais depravados, mal começam a namorar, transam” (moça, 18 anos);

“Porque a maioria dos jovens da cidade só quer saber de namorada para o sexo e nada mais” (moça, 17 anos);

“Porque, aqui todos estão em busca de amor para a vida toda, cujo outros se igualam as pessoas da cidade que apenas querem brincar com os nossos sentimentos” (moça, 14 anos);

“Acho que as pessoas da cidade são mais liberais” (moça, 16 anos);

“Os da cidade são mais avançados” (moça, 20 anos);

“No rural, são mais educados, bobos e não avançados. Na cidade, geralmente namoram com segundas intenções” (moça, 16 anos);

“Acho que as pessoas do campo se prendem mais, ao sentido de pensar antes de fazer. Tem mais responsabilidade. Já os da cidade estão acostumados fazer bagunça” (moça, 16 anos);

“Os da cidade são um pouco mais ‘abusados’” (grifo da entrevistada) (moça, 16 anos).

Para moças e rapazes de Baixada de Salinas, as relações de namoro entre os jovens urbanos são mais promíscuas porque o controle sobre eles é menor. Por outro lado, assim como em São Pedro da Serra, as moças enfatizam os sentimentos que, na cidade, deixam de fazer parte das relações entre os jovens. Há uma idéia dominante

entre os jovens de Salinas e São Pedro que, na cidade, os jovens têm mais liberdade sexual, muitas experiências íntimas, mas que são vazias de sentimentos, principalmente para as moças. Além disso, elas enfocam a ingenuidade dos rapazes do lugar em relação aos da cidade; e juntos, apontam a questão da responsabilidade que marcam as relações entre os jovens do campo, como ilustramos acima.

O namoro para as moças inicia-se por volta dos 12-13 anos e os rapazes afirmam que o contato com as moças começa aos 13-14 anos. Um fato interessante são as possibilidades para a primeira relação. Diferentemente de São Pedro da Serra, onde os rapazes muitas das vezes afirmam que a sua primeira relação sexual foi com uma moça de fora, em Salinas os rapazes dizem que o seu primeiro contato sexual foi com moças do lugar. Algo que acontece por volta dos 15 anos de idade, mas pode iniciar mais cedo. Dos entrevistados, três revelaram ter tido sua primeira experiência sexual com 13 anos de idade e um aos 12 anos. Segundo os informantes, 45,63% já tiveram experiências sexuais. Essas experiências aconteceram de forma inesperada e, às vezes, frustrantes por não saber o que fazer:

P – Como aconteceu sua primeira relação sexual?

- Primeira experiência aos 13 anos.

R – Através do instinto de duas pessoas inexperientes (rapaz, 17 anos).

- Primeira experiência aos 12 anos.

R – Foi horrível por não saber o que fazer (rapaz, 17 anos).

- Primeira experiência aos 16 anos.

R – Aconteceu inesperadamente (rapaz, 17 anos).

- Primeira experiência aos 13 anos.

R – Eu estava em casa, pintou um clima e aí rolou (rapaz, 15 anos).

- Primeira experiência aos 15 anos.

R – Aconteceu quando eu namorava e fui levá-la em casa e seus pais não estavam. Aí rolou tudo (rapaz, 16 anos).

Apesar de nenhum jovem ter comentado experiências homossexuais, não podemos deixar de observar a existência de alguns rapazes e adultos apontados por eles como “boiolas”, “viados”, e “gays”. Há em torno de quatro rapazes nessa condição. São filhos de agricultores que trabalham no roçado ou no mercado da família local e que no final da semana se reúnem para irem a sede do município ou beberem juntos e conversar na casa de um morador também apontado como homossexual. Há também casos de mulheres homossexuais, mas que, assim como os rapazes, desenvolvem atividades consideradas femininas: cuidar da casa, das crianças (filhos de irmãos e irmãs). O

interessante é que algumas mulheres apontadas como homossexuais pelo próprio grupo são casadas, informando assim as dificuldades enfrentadas pelas mulheres homossexuais diante da pressão de terem que casar e desvincular a sexualidade das relações de gênero.

Nós tivemos oportunidade de conversar com essas pessoas, mas nada foi relatado sobre suas relações de gênero e as experiências sexuais na localidade. Podemos inferir a partir das observações realizadas que, as experiências homossexuais para moças e rapazes se dão num universo muito restrito de possibilidades de parceiros, o que os empurra para os espaços próprios – as boates (Nova Friburgo tem boate GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes) ou daqueles que não poderão ter reconhecida sua localidade de moradia e o contato se dê com pessoas que não façam parte das suas relações cotidianas – familiares, parentes e vizinhos. É o que geralmente acontece com os rapazes, como fomos informados por uma mulher homossexual⁴³. Porém, isso não descarta a possibilidade dos rapazes locais terem envolvimento sexual com os outros considerados homossexuais, o que, de certa forma, aponta para uma maior possibilidade de contatos sexuais entre rapazes do que entre as moças.

Os rapazes heterossexuais principalmente naturalizam suas experiências sexuais quando se dizem levados pelo momento. O prazer, a aventura e o medo são partes desses cenários que envolvem a necessidade de afirmarem sua identidade masculina. Por outro lado, nem sempre essas experiências são apontadas como positivas visto que elas envolvem certo saber que, dependendo da idade, eles ainda não possuem, como por exemplo, evitar uma gravidez.

As moças, por sua vez, afirmaram ainda serem virgens. Apenas duas moças afirmaram já terem tido relações sexuais. Para uma delas, os 15 anos representam o início da sua vida sexual, para a outra, isso aconteceu aos 16 anos. Diferentes dos rapazes acima, elas colocam a experiência como uma decisão consciente:

P – Como aconteceu sua primeira relação sexual?

- Primeira experiência aos 15 anos

R – Com responsabilidade, tendo muita certeza que era isso que queríamos (moça, 17 anos).

- Primeira experiência aos 16 anos

R – Foi de momento, mas já estávamos a fim. (moça, 16 anos).

Os motivos, segundo as moças, para a não realização do ato sexual, estão no fato de que ele envolve sentimentos e preparo:

P – Você já teve relações sexuais?

R – Ainda não tive. Não encontrei alguém especial e sexo tem que ser com alguém que goste (moça, 15 anos);

⁴³ Não foi possível realizar um trabalho minucioso sobre esse grupo devido a questão do tempo. Seria necessário um acompanhamento maior e o estabelecimento de uma relação de confiança para que informações importantes nos fossem passadas.

R – Não. Acredito que sexo não envolve somente prazer, mas além de outros aspectos, o compromisso (moça, 20 anos);

R – Não, porque cada coisa tem sua hora (moça, 18 anos);

R – Não, porque não chegou a hora certa (moça, 17 anos);

R – Não. Acho que ainda não é a hora certa e ainda não chegou a hora (moça, 14 anos);

R – Não. Porque não me sinto preparada (moça, 16 anos);

R – Não, porque ainda não estou preparada (moça, 20 anos).

Os discursos sobre as experiências sexuais para homens e mulheres estão inseridos mais uma vez, numa assimetria de gênero onde, o masculino trata a questão de forma casual e desprovida de conseqüências; enquanto para o feminino, o ato, além de envolver sentimentos, envolve também responsabilidade, compromisso: é preciso pensar antes de realizá-lo. Para elas, exige-se um “preparo”, não somente um preparo biológico, mas também emocional e social. Este último ligado à “hora certa”. Simbolicamente, é preciso encontrar alguém que realmente valha a pena se doar. A partir dos depoimentos, percebe-se que não se tem relações sexuais sem se levar em conta a subjetividade e a objetividade que envolve o ato. Principalmente numa localidade de pequena extensão e número de moradores, envolvida por forte pressão religiosa sobre as mulheres, as conseqüências podem ainda ser maiores: o fato de ficarem mal faladas poderia atrapalhar um futuro relacionamento via casamento. Assim, para aquelas que se arrisquem a ter relações sexuais fora do casamento, as relações sexuais envolvem sigilo e confiança, inclusive em relação aos amigos.

Quanto ao silêncio dos pais, o “evitar falar” sobre sexo representa uma forma de controle que eles exercem sobre seus filhos. É um assunto que envolve conhecimento e que faz parte das relações de poder dos adultos sobre os mais novos e entre os adultos (pais com honra). Um conhecimento que deve ser protegido dos jovens como forma de não facilitar seu contato com o universo da intimidade interpessoal. Desta forma, o silêncio age como forma de evitar o próprio ato, o início das experiências, principalmente porque ele se inscreve num contexto mais amplo: o casamento. Por exemplo, quando as moças dizem não “estarem preparadas” para o sexo, na verdade, elas dirigem sua afirmação para o fato de ainda não se considerarem preparadas para passar pela experiência desconhecida e porque sexo envolve casamento. Desta forma, a visão sobre sexo ainda se faz, para as moças, dentro da lógica da reprodução biológica e do compromisso social, que por sua vez envolve sua família. São a família e a comunidade que agem como controladores da sua vida sexual.

De modo geral, nas duas localidades, São Pedro da Serra e Baixada de Salinas, a trajetória sexual de moças e rapazes informa que, no caso dos rapazes, em vez da virgindade, valoriza-se a experiência sexual. Vamos ao encontro do argumento proposto por Bozon e Heilborn (1996), que ressalta o fato da iniciação sexual está relacionada à aquisição da masculinidade através de ritos de passagens, isto é, a constituição da identidade masculina se dá através da afirmação da virilidade em diferentes momentos na trajetória etária dos indivíduos. Nesse universo, a iniciação amorosa conjugal e a aprendizagem sexual são fenômenos distintos, não fazem parte do mesmo calendário, conforme expressa a diferenciação entre a namorada (moça direita, de família) e a outra

(safada, vadia, fácil). No caso das moças, o sexo deve ser controlado, refletido, mesmo que na prática isso seja difícil de realizar. Portanto, há muitas semelhanças entre os jovens de São Pedro da Serra e Baixada de Salinas. Mas as moças de São Pedro da Serra vêm demonstrando uma abertura maior para as experiências sexuais já que em Baixada de Salinas elas se fazem mais dentro da órbita do compromisso e do casamento.

CAPÍTULO IV – Entre campo e cidade: práticas e representações sociais no universo dos jovens

Nos capítulos anteriores procurei apontar as relações entre os jovens e deles com os espaços próximos, ajudando a construir sua imagem de campo e cidade. As duas localidades estão mais distantes de uma visão que associa o rural ao isolamento, ao arcaico e ao tradicional. Sua capacidade de atrair os moradores da cidade em busca de tranquilidade, descanso e o contato com a natureza, demonstra a complexidade da relação campo e cidade que tem favorecido novas formas de “rural” e “urbano”: a cidade está no campo, assim como constantemente os moradores do campo vão para a cidade se divertir, resolver problemas, trabalhar e estudar.

Assim, diferentemente das gerações passadas, que construíram suas experiências num espaço social mais restrito, as gerações atuais estão cada vez mais inseridas num campo muito mais amplo de relações sociais e culturais que possibilitam um repensar sobre suas identidades e suas realizações pessoais. Como enfatiza Velho (1994, p.44), “nas sociedades complexas modernas, a multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em cheque e sujeita a alterações drásticas.(...) O trânsito intenso e freqüente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores”. No caso dos jovens aqui analisados, novos desafios são colocados para aqueles que estão cada vez mais inseridos num mundo globalizado, onde suas experiências falam ao mesmo tempo de uma identidade local mas que recebem influências de lugares distantes. O campo de possibilidade de realização de suas projeções quanto ao futuro foi ampliado como resultado da complexificação das relações entre campo e cidade.

As mudanças que ocorreram em São Pedro em direção ao turismo e, que, aos poucos, vão tomando espaço em Baixada de Salinas, mostram que a hierarquia familiar, o lugar de nascimento, as condições da localidade são questões a serem levadas em consideração na hora de decidir o que fazer no futuro, mas não são as únicas (Roudet, s/d). O acesso aos bens de consumo, aos espaços de diversão, aos empregos melhor remunerados fora e dentro da localidade e à escolaridade de qualidade, também fazem parte desse universo do “possível” ou do “sonhado”. Se para São Pedro, as oportunidades de trabalho, estudo e lazer estão imbricadas com o turismo e com a sede do município, em Baixada de Salinas as oportunidades internas, como o espaço agrícola familiar, a educação técnica e as relações sociais (religiosa, familiares, de parentesco e de amizade) também favorecem a permanência dos jovens na localidade. Nas duas localidades, independentemente do nível de contato entre campo e cidade, o lugar já não é o único espaço para onde os jovens dirigem seus projetos de vida. O olhar para a sede do município ou do estado informa que, para muitos deles, o conhecimento adquirido no local pode servir como estratégia na busca de melhores oportunidades de trabalho e a continuação dos estudos, como por exemplo, fazer uma faculdade longe da localidade.

Em cada localidade, as características físicas e culturais aparecem revestidas de diferentes significados. Nelas encontramos práticas e representações que orientam o fazer social dos sujeitos. Em Baixada de Salinas, a localidade é o espaço da agricultura, da natureza porque a paisagem das lavouras e a rotina do trabalho familiar, marcado pelo tempo de plantar e colher serve de base para a construção da identidade social dos seus moradores. Em São Pedro da Serra, o sentido de localidade está revestido de relações com o ecoturismo, a chegada e a saída dos turistas e veranistas, onde a agricultura é parte constituinte desse cenário. Nesta relação encontramos a conjugação de diferentes tempos e espaços que complexifica a existência de campo e cidade, seja no nível simbólico, seja nas relações cotidianas, como espaços separados. O que reafirma a

idéia de que a sociedade brasileira se singulariza pelo fato de ter muitos espaços e muitas temporalidades que convivem simultaneamente (Da Matta, 1985). O significado de localidade pode variar não somente no que diz respeito às relações econômicas e políticas que são desenvolvidas em determinadas localidades com o seu entorno, mas também em relação às interações culturais. As relações entre os jovens e deles com a sede do município podem mostrar como as definições de campo e cidade, que aparecem no universo simbólico como dualidade, na prática estão constantemente sendo reelaboradas, demonstrando a complexidade das imagens que servem como referências para as pessoas definirem os espaços.

4.1. A ressignificação do rural

As condições das localidades estudadas, com a melhoria da infra-estrutura, comunicações, transporte, etc., aliadas às modificações ocorridas no mundo do trabalho com o assalariamento de parte dos membros da família dentro e fora da agricultura, às atividades não-agrícolas que se intercalam com a produção agrícola, ao ecoturismo que questiona o rural como sendo definido apenas pelas atividades ligadas à agricultura, à indústria no meio rural, entre outras mudanças, cada vez mais nos têm levado a questionar os modos de vida ditos “rurais”, ou a existência do “rural” oposto à “cidade” (Carneiro, 1998, Wanderley, 1997). As imagens de referência que foram construídas pela Sociologia Rural para se referirem ao campo, falam de polaridades, mas na prática, as dicotomias fazem pouco sentido. As relações sociais entre campo e cidade estão cada vez mais interligadas, apontando para uma desconstrução das perspectivas dicotômicas que orientaram o fazer sociológico. Mas o que alimenta a manutenção das dicotomias no pensamento e nos discursos dos jovens?

Há que se esclarecer aqui duas perspectiva para visão dicotômica de campo e cidade: uma como categoria analítica e outra como categoria de pensamento. Como categoria analítica, falar de “rural” como espaço detentor de características reais e ideais específicas é acima de tudo reificar sua existência. Há no meio rural, processos sociais em curso que necessitam de uma área específica do conhecimento sociológico. “A própria noção de rural é elaborada a partir de determinadas condições e circunstâncias sociais” (Martins, 1981, p.12), isto é, está situada no tempo e no espaço, faz parte da mentalidade que é condicionada temporalmente pelas relações sociais de grupos específicos; além disso, ela “é parte de uma forma de construção social da realidade, ainda que no âmbito do chamado conhecimento sociológico” (Martins, idem).

Historicamente, essa dicotomia entre campo e cidade foi alimentada por vários estudos clássicos como os desenvolvidos por Durkheim, Weber e, mais precisamente, por Sorokin e Zimmermann (1981)⁴⁴, preocupados com o desenvolvimento urbano que levaria ao fim dos espaços rurais. O crescimento populacional das cidades e a diminuição da população rural em alguns países da Europa a partir dos anos 20 apontava para uma homogeneização dos espaços. Essa representação do rural prevaleceu ainda durante os anos 50 até o início dos 80, principalmente no Brasil, e

⁴⁴ Sorokin e Zimmerman procuravam mostrar a oposição entre campo e cidade, utilizando-se de definições compostas e, principalmente, da noção de solidariedade de Durkheim - solidariedade orgânica = campo e solidariedade mecânica = cidade, ao mesmo tempo que estabeleciam tipos ideais (teoria weberiana) homogeneamente configurados e de caráter universais.

serviu de referência para várias políticas governamentais no sentido de desenvolver o meio rural, levando para o campo a infra-estrutura urbana.

O rural se confundia com o agrícola. Isso acabou por reduzir a Sociologia Rural à sociologia da atividade agrícola, pois muitos dos estudiosos deste campo se voltaram para a análise do rural a partir da perspectiva de sua modernização. Partindo da definição do rural pela ótica da escassez, da falta e do atraso, constituiu-se uma sociologia baseada muito mais na imagem criada pelos sociólogos sobre como o rural (e seus habitantes) deveria ser, do que na análise do modo de ser e de fazer das populações tidas como rurais (Martins, 2000a).

Como ressalta Mannheim (1981), a sociedade moderna, com o desenvolvimento do capitalismo, criou essas polaridades como se elas falassem da “realidade”, atribuindo significados específicos às categorias como campo/cidade e rural/urbano. Mas, essa visão de polaridades, de relações complementares, de continuum, devem ser relativizadas porque estão ligadas a contextos social-históricos (Martins, 1981), são formas de interpretação da realidade. A categoria rural não é uma ficção, mas “produto necessário de um *modo de construir a realidade social*; construir no nível do entendimento que se pode ter sobre essa mesma realidade numa determinada formação social, como a capitalista”(Mannheim, *idem*, p. 36-37).

Como categoria de pensamento, ela aparece “realizada”, tornando-se um *habitus* - estrutura-estruturante e estrutura-estruturada (Bourdieu, 1989), isto é, está inscrita nas estruturas sociais e mentais, funcionando como princípio criador e regulador das práticas e dos pensamentos. As definições que os jovens utilizam para expressar os significados de campo e cidade, rural e urbano, estão ancoradas nas suas experiências individuais e coletivas, são heranças de uma forma de se olhar a realidade, influenciados pelo discurso hegemônico das relações de poder entre os espaços tidos como rurais e urbanos. Há, nesse sentido, imperativos na trajetória histórica da sociedade que fornece uma base para que essas representações e práticas sejam legitimadas. Assim, elas ao mesmo tempo em que dão sentido as identidades sociais, estão inseridas numa relação de poder entre diferentes discursos e ideologias.

No espaço da política direcionada para a educação rural, era preciso levar para o campo formas que fizessem com que os jovens definidos como rurais, fossem capazes de assimilar novas tecnologias. Seguindo a divisão da educação que colocava o ensino superior para as classes superiores e o ensino técnico para a população menos privilegiada (Soares e Oliveira, 2002), o ensino agrícola aparecia como uma resposta “natural” às necessidades dos jovens que viviam no campo. Era preciso, portanto, capacitar os jovens para as novas tecnologias, reforçando a visão dicotômica entre campo e cidade ao mesmo tempo que os jovens rurais apareciam como seus principais interessados, já que a agricultura era a sua única realidade.

Em relação aos aspectos culturais, as Ciências Sociais, de várias formas e por vários motivos, também contribuíram para a manutenção dessa visão de espaços polarizados, alimentados por diferenças culturais quase que isoladas. Segundo Featherstone (1996), na tradição sociológica, o termo *local*, assim como localismo e localidade, tem sido em geral associado à noção de um espaço particular delimitado, com seu conjunto de relações sociais face-a-face baseadas em fortes laços familiares e valores tradicionais. Essa visão presumia, ressalta o autor, normalmente, uma identidade estável, homogênea e integrada, e ao mesmo tempo duradoura e única. Pensava-se que os membros de uma localidade formavam uma comunidade distinta com sua própria cultura única – algo que transformava o local de suas interações cotidianas de um mero espaço físico em um “lugar”. Certo fazer antropológico, como os “estudos de comunidade”, contribuiu para essa visão de um lugar isolado. Com a necessidade de

fornecer descrições etnologicamente ricas da particularidade de pequenas cidades ou aldeias relativamente isoladas, os estudos de comunidade se preocupavam em delimitar as suas fronteiras. Para o autor, com o tempo, essa perspectiva analítica foi sendo abandonada: a “ilusão de isolamento espacial que levava pesquisadores a focalizar a rica particularidade das tradições locais, logo se desfazia ante a aceitação de que ‘a pequena cidade estava *dentro* da sociedade de massa’” (grifo do autor, p.12). Assim a idéia de *local* muitas vezes estava associada ao que não era cidade: um espaço múltiplo, heterogêneo, como bem demonstrou Simmel (1990). Fala-se das localidades como identidades apartadas no tempo e no espaço das culturas dominantes, como era o caso das metrópoles européias.

É o que demonstra Thomas (1989), ao analisar as mudanças de mentalidades quanto à idéia de natureza no século XVII. Quando a imagem de campo estava associada à idéia de rudeza e rusticidade, a lógica era buscar a cidade, um espaço considerado civilizado: “a cidade era o berço do aprendizado, das boas maneiras, do gosto e da sofisticação. Era a arena da satisfação do homem”.(p.290). Porém, com o desenvolvimento das cidades - aumento da população, violência e poluição -, o campo passou a ser visto como local de tranqüilidade: “um abrigo rural era mais saudável e tranqüilo; e proporcionava maior espaço para jardins e pomares” (p.294). Assim, parte da semana a aristocracia permanecia na cidade, nas atividades econômicas e, no final de semana, no campo, para o lazer. Desta forma, campo e cidade respondiam a diferentes interesses. Aqui, nota-se uma visão idílica do campo, algo próximo da ingenuidade. No caso brasileiro, essas imagens servem como pano de fundo para o ecoturismo da modernidade, alimentadas pela literatura que mostrava o rural apartado da vida urbana com modos de vida que o aproximava quase dos animais: o homem do campo é ingênuo, não tem maldade. Essa é a imagem do Jeca-tatu, a representação do rural na cidade transmitida pelas imagens do cinema, da televisão e da fotografia, que reificam as fronteiras entre campo e cidade.

Cristopher Phillips (s/d) comenta que já nos anos 20, na Europa, as imagens da cidade influenciaram a fotografia e o cinema. Segundo ele, máquinas e arranha-céus tornaram-se cada vez mais a fonte de inspiração dos artistas dessa época. Por exemplo, o cinema alemão é marcado pelo desenvolvimento da cultura urbana modernista que enaltecia o desenvolvimento das cidades ao mesmo tempo em que olhava para o campo com nostalgia, algo que pertencia ao passado. Surge o retrato-montagem do alemão Otto Umberh, Kisch, entre outros; o cinema é invadido com filmes como *Kino Pravada*, do alemão Dziga Vertov, e *Berlin, die sinfonie der Grobstadt*, de Walter Ruttmann⁴⁵, que enaltecia a vida desenfreática urbana. Para o autor, “o entusiasmo suscitado pelas promessas de uma cultura urbana e tecnológica nunca foi tão grande como nos anos vinte; e, talvez, nunca a cidade moderna tenha sido tão mostrada pelo cinema e a fotografia da época de forma mais fascinante e mais sedutora” (p.84).

O ritmo da cidade, o acesso ao consumo das novas tecnologias, passou a ser o referencial de vida do homem moderno. A cidade passou a representar o dinâmico enquanto o campo mantinha-se como algo ligado às tradições de uma sociedade que deveria ser superada. Os alemães seguiam o que já vinha ocorrendo na Inglaterra e na França. Nasce a sociedade de consumo avessa às condições de vida do morador do campo.

Essa visão não levou muito tempo para ser incorporada ao pensamento brasileiro. É bom lembrar que o Brasil, até os anos 50, era considerado um país rural. O

⁴⁵ Para maiores informações sobre a produção fotográfica e cinematográfica dos anos 20 na Alemanha, ver o artigo de Christopher Phillips intitulado: “*A Fotografia dos Anos Vinte: a exploração de um novo espaço Urbano*” (s/d)

cinema brasileiro nasce e com ele a caricatura do homem do campo: o caipira - o homem nordestino ingênuo, retirante, atrasado, ignorante, avesso às mudanças. Na literatura - o *Jeca Tatu*, de Monteiro Lobato, no cinema - os filmes de Mazarope enfatizam a natureza rude do homem rural. O referencial de campo para o cinema são as dificuldades enfrentadas pelas famílias do sertão nordestino, e o referencial de cidade são os problemas sociais gerados pelo inchaço das metrópoles.

As idealizações dos “produtores culturais” urbanos do que seria a vida no campo e na cidade, através da arquitetura, da literatura, do cinema e da televisão, são difundidas e somam-se às políticas de desenvolvimento do Estado brasileiro.

Os filmes que tratavam da vida urbana, falavam da violência, da prostituição, das traições amorosas, da delinquência juvenil, da vida contrária à ingenuidade e o desconforto. Assim, o pensamento moderno urbano marca tanto a arquitetura de Oscar Niemayer, quanto os filmes de Nelson Rodrigues e a direção cinematográfica de Cacá Diegues; Oscar Niemayer, com suas formas, inova.

As escolas estão nas cidades e os livros didáticos tentam homogeneizar a sociedade brasileira. As festas caipiras tomam as cidades, caricaturando as condições e os modos de vida do homem do campo: vestido de chita (tecido barato e florido), dentes estragados, barba a ser feita, roupa remendada, alcoolismo, comidas simples etc. As novelas “globais” difundem valores e práticas, conformando o que seria a identidade brasileira.

A partir dos anos 70, a TV Globo torna-se a maior produtora de telenovelas brasileira, construindo uma relação favorável com o Estado autoritário e difundindo valores e práticas fundamentais ao processo de modernização/urbanização em curso no país (Romano, 1999). A maioria das histórias falava de situações de mudança (campo/cidade; pobreza/riqueza; dependência/independência; tradicional/moderno). A abordagem das telenovelas era o contraste entre o *modus vivendi* rural e o urbano. De um lado, teríamos o que representaria o rural - pobreza, dependência e tradição; do outro, o urbano - riqueza, independência e modernidade. Para Romano (1999), as novelas do horário das oito, horário nobre da televisão, tratavam os temas mais atuais, articulando-se com a intensa urbanização da sociedade brasileira. Entretanto, o sucesso da TV Globo se devia à perfeita sintonia com o pensamento dominante dos seus telespectadores e às políticas econômicas e sociais do Estado brasileiro. Há um *feedback* entre produtores (emissoras) e consumidores (telespectadores), articulando-se com processos mais amplos de desenvolvimento econômico orientado pelo Estado a partir dos anos 70. É o discurso hegemônico produzido nas relações de poder do Estado que produzirão também imagens de campo e cidade no cinema e na televisão.

Nos anos 90, em torno das discussões sobre meio ambiente, ecologia (ECO 92) e reforma agrária, o cinema e as telenovelas apresentaram o rural, por um lado, de forma idílica, feito de belas paisagens naturais, por outro, chamam a atenção para os problemas da estrutura agrária brasileira. *Pantanal* (Rede Manchete), *Fera Ferida* e *Rei do Gado* (Rede Globo), programas como o *Globo Rural* e *Globo Repórter* (Rede Globo), passam a enfatizar as paisagens rurais (pesca, rodeios, festas típicas, etc.), as riquezas da diversidade cultural brasileira e as múltiplas possibilidades de lazer e trabalho das diferentes regiões. O rústico é ressaltado, assim como a vida simples e tranqüila do campo.

Ao lado dessa nova visão da elite rural, entretanto, convive uma outra sociedade marcada pelas dificuldades das condições de vida, que enfrentam as imposições do Estado e dos coronéis. São as imagens de filmes como *Cabra Marcado pra Morrer*, *Morte e Vida Severina* e *Central do Brasil*, escritos em diferentes momentos da história brasileira, que mostram que não existe apenas um rural, mas uma multiplicidade de

rurais e formas de interagir com as cidades. Alguns como o do *country* e do agroturismo (De Paula, 1999), outros, miseráveis como os dos desapropriados da terra.

Tanto na perspectiva de Featherstone, que estuda as relações entre diferentes culturas na modernidade, quanto de Thomas, que nos remete ao século XVII, e de Romano (1999) sobre o cinema e a televisão brasileiros, nota-se que as fronteiras entre campo e cidade são fluidas. Mas no discurso dos indivíduos, os ajuda a se localizar em relação ao seu espaço social, já que são categorias, além de analíticas, também operatórias, um modo de construir a realidade, como coloquei anteriormente. As imagens de campo e cidade ajudam os indivíduos a se situarem no contexto em que vivem, ajudam a construir sua identidade social e individual porque fazem parte da sua visão de mundo.

Essa separação e diferenciação entre campo e cidade torna-se cada vez mais secundária. Para Saraceno, ao analisar a 3ª Itália, é através da dinâmica regional que podemos compreender o sentido dos espaços, pois é ela quem informa diferenças nas relações entre a indústria, a agricultura e o setor de serviços (Saraceno, 1994). O rural não pode mais ser visto como sinônimo de agricultura e oposto a urbano. A utilização do par rural/urbano de análise da diferenciação espacial foi válida para o padrão fordista de industrialização (Saraceno, idem). Entretanto, com uma industrialização difusa, a pluriatividade⁴⁶ e a descentralização dos serviços públicos, o par rural/urbano torna-se obsoleto no que diz respeito à capacidade de explicar a dinâmica da localidade, pois a divisão do trabalho não guarda mais o padrão clássico.

Não somente a divisão do trabalho demonstra que as fronteiras são secundárias, mas também todo universo relacional, como a cultura. A perspectiva de espaços polarizados, cada vez mais perde sentido quando se observa as experiências na interação entre o local e o global. Giddens (1991) vai mostrar o quanto à relação entre a localidade e o global trouxe novos sentidos para as culturas locais, onde os indivíduos se consideram participantes de uma sociedade mais ampla, adaptando seus valores e comportamentos, e lutam para manter as diferenças a partir de um sentimento de pertencimento a um lugar. A identidade cultural é, assim, um processo constante de construção que tem suas bases na localidade, mas está além dela.

Porém, se, como categorias, as práticas ou experiências apontam para uma desconstrução das fronteiras entre campo e cidade, por outro lado, como categorias de pensamento elas fazem parte da visão e divisão dos indivíduos. Como representações sociais, elas são partes das experiências pessoais, da construção social da realidade (Berger e Luckmann, 1973) sejam elas adquiridas através do seu contato direto e indireto com os espaços ou através das informações obtidas no contato com o outro (alguém da própria localidade ou de fora) ou de alguma outra fonte, como os meios de comunicação. Tudo é experiência que se acumula e que pode ser traduzida nas representações de algo vivido ou não.

Em suma, a visão e a divisão de naturezas (campo e cidade) estão estruturadas nas práticas e nas representações simbólicas que fazemos do mundo (Bourdieu, 1995; 1996). Elas se exprimem nas falas, nos discursos, assim como nos objetos, nas práticas. Parece estar na “ordem das coisas”, ser natural. No mundo social, elas estão em estado objetivado e no *habitus*, em estado incorporado. Elas funcionam como princípios

⁴⁶ A pluriatividade é estudo por Silva (1999 como)um dos fenômenos que atinge o chamado “novo rural” , marcado pelo aumento da diversificação das atividades do agricultor, pela inserção de alguns membros da família em atividades fora da agricultura, pelo aumento do contato com as cidades, pelo turismo rural (Teixeira, 1998), entre outros. O “novo rural”, nesse caso, seria uma expressão que chama a atenção para o aumento de atividades não-agrícolas no campo e para a diluição das fronteiras socioeconômicas entre campo e cidade. As transformações no campo mostram o quanto os limites entre esses espaços se tornaram pouco claros, trazendo consequências para os modos de vida em ambos os espaços.

universais, um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação. Nessa perspectiva, quando os jovens falam através da oposição entre campo e cidade, eles fazem a partir de sua percepção do mundo em que vivem.

As representações de campo e cidade são, portanto, alimentadas ao mesmo tempo pelas visões de mundo daqueles que julgam viver num lugar “diferente”, mas também pelos discursos e imagens transmitidos pelos meios de comunicação. É essa visão de mundo, através de suas categorias de percepção, que os ajuda a se identificar com o lugar onde está a base de sustentação de suas identidades sociais. A insistência nas diferenças, assim como aquilo que acreditam os aproximar dos de fora, aparece como uma atitude de alteridade que busca desconstruir as imagens negativas do campo devolvendo-as à cidade. Campo e cidade nos discursos dos jovens se são categorias mutantes, por outro lado permanecem como referenciais na sua visão de mundo.

4.2. Campo e cidade em São Pedro da Serra

Como apontado até aqui, as mudanças que vêm se operando nas localidades de São Pedro da Serra e Baixada de Salinas vão em diferentes sentidos e dão novos significados à idéia de localidade, já que muitos jovens estabelecem um convívio constante com espaços sociais fora dos limites físicos da localidade, principalmente no centro mais movimentado e desenvolvido do município. Desta forma, nas duas localidades, as atividades agrícolas, assim como os espaços de socialização, passaram a compartilhar espaço e tempo com outras atividades no interesse dos jovens. A família, os parentes, os vizinhos e os amigos locais, já não são os únicos que influenciam no comportamento desses jovens. Ir para a cidade nos finais de semana para se divertir, trabalhar ou estudar na cidade, os coloca lado a lado daqueles que moram distantes das suas famílias, parentes e vizinhos. Juntos, passeiam, “ficam”, namoram, freqüentam *shopping centers*, vão à praia, aos *shows*, ao cinema, entre outros.

Em São Pedro, estes tempos e espaços ainda estão imbricados como o tempo e o espaço do turismo vivido na própria localidade. A localidade é marcada pelo frio da serra, das férias escolares, das festas da localidade, dos feriados santos e profanos, o tempo de trabalho que as pessoas dedicam ao turismo e as confecções; a eles juntam-se as possibilidades de lazer que a localidade oferece aos turistas, como a localização das pousadas, dos restaurantes, das trilhas, o acesso às cachoeiras. Aqui, podemos dizer que, em relação às atividades econômicas, tempo e espaço estão relacionados ao turismo, disputando a atenção dos antigos moradores cujo tempo e espaço pertencia à agricultura (tempo de plantar, colher, os espaços dedicados à agricultura, à comercialização, etc.). No tocante à cultura, as antigas relações sociais entre os moradores: casamento, batismo, ajuda mútua, visitas entre parentes, entre outros, agora se mesclam com a atenção dada aos turistas. Assim, os moradores convivem agora com diferentes tempos e espaços proporcionados pela relação entre agricultura, turismo e confecção, sendo esta relação a principal identidade da localidade.

Os espaços sociais agora incluem o “outro” que chega com o intuito de desfrutar do clima e do sossego da região, mas que, em muitos casos permanece. Constrói ou aluga casa, faz pousada, monta comércio e levanta sua bandeira ecológica. Passa a ocupar com os moradores os lugares públicos, assim como os privados. Vão às festas, igrejas, cachoeiras. Dividem o espaço do terreno da casa alugada ou da atenção dos outros turistas e veranistas. Os antigos agricultores, por sua vez, passam a cuidar das

casas de veraneio: cozinham, lavam, arrumam casas e cuidam dos jardins. Os “estilos de vida” se comunicam nas ruas, movidos pelos encontros e desencontros de namoros, a cantoria dos bares e os desfiles dos modismos verificados nas roupas, nos carros e no comportamento dos jovens.

Em São Pedro, o trabalho na agricultura se vê agora imbricado com o tempo de outras atividades como as pousadas, as casas de veraneio, o comércio e as confecções domésticas. Assim, a pluriatividade de algumas famílias, como foi analisada por Carneiro (1997) nessa localidade, impõe a convivência com diferentes tempos e espaços econômicos. Contudo, se diferentes tempos e espaços passam a competir na atenção dos moradores ligados à ordem econômica, contudo, eles não se limitam a esse aspecto.

As férias escolares é um bom exemplo para observarmos o comportamento dos jovens de fora e os da localidade. Quando o frio da serra é uma boa saída para as altas temperaturas na região litorânea, os jovens da localidade circulam mais pelas ruas durante a noite porque de dia estão trabalhando. Enquanto os jovens turistas e veranistas passam o dia se divertindo, passeando pela localidade, ocupando bares e lanchonetes, muitos jovens moradores estão trabalhando de forma a obter algum lucro com esse movimento. Assim, diurnamente, o tempo e o espaço do lazer para o turista, significam trabalho para muitos jovens que, nas férias escolares, vão para o comércio, fazem manutenção nas casas de veraneio e trabalham de ajudantes nas pousadas. Para aqueles que trabalham o ano todo e ainda estudam, a realidade é a mesma. No cair da noite, os espaços antes ocupados pelos turistas agora são divididos com os jovens moradores. Se, para muitos jovens, a rotina diurna os afasta dos de fora devido ao tempo do trabalho, a noite os aproxima, informando que tempo e espaço de lazer noturno faz parte da identidade juvenil independentemente da origem.

Assim, tempo e espaço do turismo (ou ecoturismo) numa região que também possui outros espaços e temporalidades, têm se sobressaído de forma a identificá-la como área turística, mas não descartam a possibilidade de conviver com outros tempos e espaços. Há ainda o tempo e o espaço da cidade que atrai os jovens em diferentes épocas do ano. Nas férias, há também casos em que os jovens de São Pedro alugam casas de veraneio na região dos lagos, se transformando também em turistas, mas são poucos os que podem abrir mão do trabalho nas férias escolares. Em Baixada de Salinas, eles vão para a casa de parentes na cidade.

Nessa interação de diferentes tempos e espaços, novas identidades são construídas. A ruralidade dos jovens de São Pedro da Serra está nessas relações de vários tempos e espaços, potencializados pelo turismo e pela aproximação da cidade: os que são filhos de agricultores desenvolvem outras atividades não-agrícolas e permanecem junto aos pais e amigos, compartilhando com os jovens veranistas e turistas os mesmos espaços sociais. O mesmo pode-se dizer quando estão no centro do município. Ali, constroem outra rede de sociabilidade, demonstrando a dificuldade em se identificar quem é do campo ou da cidade, pois se utilizam das mesmas estratégias de aproximação para namoros e amizades, assim como vestem as mesmas marcas de roupas, possuem os mesmos corte de cabelo e utilizam o mesmo vocabulário.

Quanto às representações que eles fazem dessas experiências, elas informam os aspectos positivos e negativos vividos em ambos os espaços. Apesar dos diferentes graus de desenvolvimento do turismo nas localidades, em ambos os casos, enquanto atividade econômica, tem pouca importância no interesse dos jovens. Aparece como uma forma de remediar a falta de melhores oportunidades de trabalho. Os jovens de São Pedro demonstram também não serem atraídos pelas atividades agrícolas. Para eles então o campo de possibilidades de projeto de vida na própria localidade é restrito, quando se olha para o futuro, isto é, se no momento, as atividades informais favorecem um ganho

financeiro, e elas estão ligadas à construção civil e ao comércio, no planejamento do futuro, os jovens observam a possibilidade de exercerem outras atividades que, no momento, não existe na localidade, são as atividades urbano-industriais.

Assim, mesmo com a intensificação das relações entre diferentes tempos e espaços, a localidade é considerada por eles, atrasada, desprovida de condições para que permaneçam no local. O olhar está dirigido para a cidade que lhes aponta uma saída para as baixas remunerações e a falta de trabalho no local, ao mesmo tempo em que o não desenvolvimento do local informa os benefícios de se manterem longe da violência e da poluição da cidade, próximos à suas famílias e amigos, uma imagem também fortalecida pelo turismo.

Diante do contato com os turistas, o campo passa a estar ligado à idéia de natureza e do discurso que chega da cidade. Essas imagens, trazidas de fora, onde a natureza é o espaço ecológico, algo distante da agricultura convencional (uso de agrotóxico), que se articula à busca do homem moderno pelas formas de vida primitivas, algo que o insira de novo na natureza. São estas idéias, alimentadas pelos discursos dos órgãos de Proteção Ambiental que proíbem o desmatamento das encostas dos morros para o plantio ou ampliação da área agrícola, que têm marcado o olhar dos jovens sobre sua localidade. Eles declaram que agricultura é coisa do passado, assim como as condições verificadas hoje na assistência social: escola, creche e posto médico.

Desta forma, este desenvolvimento turístico na região difere do turismo convencional por apresentar uma preocupação ambiental e resgatar o rural como um ambiente “natural”, com comunidades “tradicionais” e seus costumes e valores (Teixeira, 1998). Como mencionei no segundo capítulo, a região onde está localizado São Pedro da Serra tem sido considerada área de preservação ambiental pelo governo federal. Há constantes conflitos entre os produtores rurais e o “pessoal do Ibama” e do Instituto Florestal no local.

Assim, o agricultor deve ser também um ecologista, já que sua relação, sua vida, está diretamente ligada ao contato com plantas e animais. Por sua vez, o desenvolvimento do ecoturismo, pela imagem que separa campo e cidade e enaltece as formas simples da vida no campo, da vida nostálgica e ingênua, já que as pessoas se retiram da cidade para ir ao campo, faz com que os jovens reifiquem essas representações de espaços separados e o campo dotado de especialidades ora positivas, ora negativas. O turismo produzido pelo olhar da cidade, a preservação ambiental imposta pelos órgãos públicos, a idéia de campo e cidade transmitidas pela literatura e pela mídia, são parte das representações sociais dos espaços feitas pelos jovens. Se a agricultura é vista como algo do passado, o turismo do presente não faz parte dos seus interesses quanto ao futuro. Como vimos no capítulo II, muitos jovens de São Pedro trabalham nas atividades ligadas ao turismo e confecções porque, apesar dos baixos rendimentos, são as únicas oportunidades existentes. O interesse pelos cursos superiores fora do turismo, vem reforçar os seus interesses pelas atividades desenvolvidas no centro do município ou do Rio de Janeiro.

As poucas oportunidades de trabalho, a falta de infra-estrutura, a agricultura decadente, aponta, ainda, que além de uma visão de espaços separados, o campo apresenta para muitos, as menores possibilidades de realização pessoal. Nesse caso, para os jovens o rural é tido como atrasado, porque o ecológico tem por trás uma imagem nostálgica de se manter o lugar preso ao passado. Alguns deles dizem se tratar de uma localidade que está se “urbanizando”, pois a chegada da infra-estrutura que possibilite um maior acesso à cidade e o aparecimento de problemas vistos como urbanos, como a violência e a poluição, informam que o rural de hoje é somente a presença do verde em

torno, seja pela agricultura ou pela Mata Atlântica, mas não mais pelo comportamento das pessoas.

São os comportamentos então que se apresentam como os mais parecidos entre as imagens de campo e cidade, apesar da ênfase que dão a certos valores como a amizade e a solidariedade entre as famílias. Como os entrevistados relatam, para as gerações anteriores a distância, o isolamento, atrelados ao trabalho na agricultura, mostram que as pessoas do campo vivem mais em comunidade, as relações entre elas são mais intensas porque todos se ajudam, seja em caso de nascimento, de alimentação ou morte. No passado, as pessoas que moravam na região casavam entre si, freqüentavam juntas as igrejas, enfim, o reconhecimento entre eles como parte da mesma realidade, dava um certo sentido à idéia de localidade. Isso não quer dizer que não houvesse pessoas de fora circulando pela região, mas sua presença não os aproximava tanto da cidade como hoje. É a busca de uma vida nostálgica no campo pelos de fora ou a necessidade de trabalhar e estudar na cidade que intensifica a relação entre campo e cidade, ajudada pela melhoria das estradas e outros meios de comunicação.

O campo mudou, assim como mudaram as pessoas e suas relações, como a amizade trazida pelos de fora, que, diferentes das suas, são menos profundas, isto é, a relação com o outro passa agora pelo sentido de superficialidade, algo não verdadeiro, de laços frouxos. As imagens da amizade entre jovens do lugar e sua visão sobre as formas de amizades que se constroem na cidade são consideradas diferentes porque são produtos de um processo de alteridade e da busca pelo relacionamento verdadeiro, puro.

Os jovens afirmam (46,76%) que São de Pedro, além de estar associado à idéia de natureza, também representa espaço de lazer, seja para o turista ou para os moradores. Para eles, há a necessidade de se melhorar a infra-estrutura, trazendo para o local, bens que marcam a vida das grandes cidades. Para os jovens, é a chegada desses atributos que informa que a localidade em breve deixará de ser rural:

E – O que falta em São Pedro da Serra?

R - Um banco 24 horas, caixa eletrônica, posto de gasolina. São Pedro tá piorando em vez de melhorar (P.S., rapaz, 16 anos).

R - Melhorar a estrada, colocar um policiamento melhor, o policiamento que tem em Lumiar de vez em quando vem pra cá (G.O .B., rapaz, 16 anos).

O crescimento populacional da localidade com o aumento do número de casas é apontado como um dos principais problemas enfrentados por todos. Para os comerciantes que vieram de fora, o desenvolvimento desorganizado pode prejudicar os “negócios” no local. Nesse caso, a idéia de preservação segue a lógica do capitalismo ecológico, que, segundo Moreira (1993), representa a incorporação dos constrangimentos ecológicos à lógica capitalista. Penso que a natureza não produzida pela mão humana, se transformou num bem material a ser explorado pelo discurso ecológico. São as imagens de uma natureza sem a interferência humana que alimentam os olhos do turista e dos comerciantes.

Outros consideram a localidade como uma transição do rural para o urbano e afirmam que as transformações são inevitáveis e também ruins:

E - Você considera São Pedro da Serra uma localidade rural ou urbana?

R - Tá se transformando numa zona urbana já, numa cidade.

E - Por quê?

R - Quase não tem mais lavoura por aí. O comércio, a indústria tá crescendo bem. Tá virando uma sociedade já (G. O .B., rapaz, 16 anos).

E - O que você acha que falta em São Pedro?

R - Na realidade, eu acho que ainda falta muita coisa aqui. Falta uma organização melhor porque São Pedro da Serra está crescendo muito e se deixar vai acabar se tornando favela. Tem alguns lugares aqui que se deixar, vai virar favela, muitos barracos. Acho que se deveriam prestar atenção nisso pra que isso não aconteça. Acho que falta um policiamento legal aqui em São Pedro que não tem. As pessoas vêm pra São Pedro Serra e pode acabar se tornando um lugar perigoso (C.L.A .B., rapaz, 17 anos).

Isso torna a relação com o turismo ainda mais interessante, já que a lógica do turismo é a preservação da localidade como rural. Para os jovens também é importante manter o local como rural, contudo, que esse rural possa ter uma melhor infra-estrutura, pois, se as condições locais favorecem a vinda do turista em busca da vida rústica, do contato com a natureza, do silêncio, da tranquilidade, por outro lado, representam também um empecilho para os moradores que não têm acesso ao tratamento de saúde, às escolas profissionalizantes, ao lazer, aos serviços bancários, ao comércio mais variado e de menor preço, além de se sentirem ameaçados pela violência que acreditam chegar da cidade. Isto é, manter São Pedro como um local rústico, isolado, agrícola, é coisa de turista. A localidade deve manter-se com a paz e a tranquilidade que possui, mas não sem a infra-estrutura que possibilite melhores condições de vida para eles. Deve se preocupar com a preservação ambiental, mas nem por isso eles devem ser alijados do direito de ter acesso aos bens públicos e de consumo.

Para os de fora, questões como o meio de transporte não representa um problema, já que a maioria que chega à localidade possui transporte particular, mas o mesmo não é observado em relação aos moradores locais que necessitam de transporte de massa para ir à cidade. Além disso, o turista não vive na localidade, apenas a visita, diferente dos moradores que se vêem diante das dificuldades de uma pequena localidade alimentada por sentimentos de nostalgia urbana.

Há, portanto, imagens de rural em conflito entre turistas e moradores movidas pelos diferentes interesses dos agentes sociais. As disputas pela significação do rural são, simbolicamente, também disputas no sentido de impor o modelo de desenvolvimento ao lugar. Munidos de um discurso ambientalista, os turistas e veranistas apontam para a permanência das condições locais, enquanto o sentido de desenvolvimento para os jovens está ligado à criação de uma infra-estrutura aos moldes da cidade que lhes seja capaz de oferecer uma melhor qualidade de vida, mas que isso não represente problemas sociais e ambientais.

4.3. Ruralidade e amizade

Os jovens não desejam que a sua localidade se transforme numa cidade nos moldes dos grandes centros urbanos, pois isso ameaçaria a tranquilidade do lugar. A cidade, nesse caso, deve ser evitada naquilo que tem de ruim. Ao mesmo tempo que os jovens do lugar se aproximam dos de fora, também reforçam fronteiras entre os diferentes grupos.

“Já morei um ano em Niterói (um município próximo ao centro do Rio de Janeiro) para tentar a faculdade. Fiz o pré-vestibular. (...) Niterói é aquela coisa complicada prá sair. Tem que sair com cuidado. Aqui já não tem isso. Você pode sair e chegar de manhã que tá todo mundo (os pais) tranquilo, porque sabe que não tem perigo” (D.O.E., 19 anos, rapaz, estudante universitário).

Portanto, para os jovens, se São Pedro é bom para o turista e veranista, também deve ser bom para os moradores locais. O discurso ecológico dos que vêm de fora de certa forma contribui para aumentar a auto-estima dos moradores. Se as condições de trabalho e lazer são percebidas como um empecilho para eles se manterem na localidade, por outro lado, quando a questão é o espaço físico e afetivo, eles se sentem privilegiados por viverem ali. Alguns jovens trabalham ou estudam no centro do município, mas se isso representa uma dificuldade diante da distância e do transporte, por outro lado preferem continuar morando na sua localidade, próximos a familiares, parentes e amigos. A família representa apoio, segurança e o espaço onde as relações são consideradas mais verdadeiras. A amizade também aparece como um forte motivo para não sair da localidade. Para os entrevistados, na cidade as amizades não são verdadeiras (43,45%), as pessoas são amigas por interesse (32,12%), ninguém é amigo de ninguém (24,43%), diferente da sua localidade, onde todo mundo conhece todo mundo (75%), as amizades são para sempre (25%). Isso corrobora com a visão idílica do turista sobre a localidade.

Vejamos a experiência de um jovem de São Pedro que já morou fora da localidade e retornou: D.O.E., 19 anos, universitário, filho de ex-agricultor e comerciante local, demonstrava dificuldade em se relacionar com os jovens do centro do município de Niterói, onde cursava o pré-vestibular. Já havia passado por outra experiência parecida, inclusive morado fora, em outro município, mais próximo ao Rio de Janeiro. Considerava boa a vida na cidade, mas por outro lado tinha medo da violência, uma realidade, segundo ele, muito diferente da de São Pedro da Serra. Ele questionava a forma como os jovens ali se relacionavam e afirmava que em São Pedro da Serra era diferente. Tinha a sensação que estava fora de lugar.

R - Já morei um ano em Niterói para estudar, tentar a faculdade, fiz o pré-vestibular.

E - O que diferencia a sua localidade de outras localidades como Niterói?

R - Niterói? Ah! Sim! Niterói é aquela coisa complicada prá sair. Tem que sair com cuidado. Aqui já não tem isso. Você pode sair e chegar de manhã que tá todo mundo (os pais) tranquilo porque sabe que não tem perigo.

E - Como foi a sua experiência em Niterói?

R - Foi boa. O pessoal (da cidade) fala assim: "Ah! Quem mora no campo quer ir pra cidade". Eu já não penso assim porque fui pra lá, foi bom ter estudado lá, conhecido vários amigos, mas acho que a cidade ..., aqui é mais tranqüilo, tem mais coisa assim pra se fazer. O atrativo lá, eu não fui de fazer isso, mas tinha uma menina que morava comigo, mais ou menos da minha idade, o atrativo lá é shopping, cinema, você sai, vai a boate, sei lá, acho que você acaba enjoando um pouco: shopping-cinema-shopping, fui duas vezes, já estava enjoado. Vai pra um lado e pro outro e não vê nada. Não me liguei muito não.

E - Sua amiga era de um lugar como esse (São Pedro)?

R - Não, ela era da cidade. Ela é característica, o pessoal da cidade gosta disso.

Sua fala expressa a forma como o grupo de jovens de São Pedro da Serra entrevistados na rua se relaciona com o espaço local, as imagens de campo e cidade, e o seu relacionamento com os que chegam de fora:

E - Você gosta do lugar onde você mora?

R - Adoro.

E - Por quê?

R - Os atrativos aqui são bons, tem sempre alguma coisa pra fazer, pra animar o dia.

E - O que são os atrativos?

R - É que eu gosto muito de esporte radical: rapel, motobycle, escalar montanha. Eu e meu irmão.

E - O que há de bom na sua localidade?

R - Todo mundo conhece todo mundo. Chega um amigo prá conversar..., acho que é uma característica boa. Ter contato com todo mundo.

E - O que você acha que falta na sua localidade?

R - Tava faltando asfalto, mas já estão colocando. Tava faltando telefone, mas já tem. Acho que falta um bom político para resolver os problemas aqui, por exemplo, uma cidade pequena sem saneamento, acho que falta rede de esgoto.

E - Quais são as melhores características do lugar onde você mora?

R - O lugar é tranqüilo, as belezas naturais, a Mata Atlântica.

E - Quando você vai para o centro, o que faz?

R - Vou ao banco, lojas, pagar contas, estudar, fazer depósito, comprar acessórios para a pousada, compras para casa.

E - O que significa a cidade para você?

R - Um local onde todo mundo trabalha, cansativo, onde se localiza tudo que você precisa, não precisa tá saindo muito. Alguns locais são perigosos. Acho que eu tenho uma imagem boa da cidade. Acho que a questão da segurança deixa uma imagem flutuante, você não sabe se boa ou ruim.

E - O que você acha que as pessoas de fora trazem para a sua localidade?

R - Trazem coisas boas como informações para melhorar do lugar. Também trazem coisas ruins como drogas. Aqui ninguém sabia disso até 5 anos atrás. Se falasse maconha, ninguém sabia o que era isso. Aí começou a desenvolver a cidade. Aí começou o pessoal da cidade a querer usar. Isso é uma influência má. Eles fazem também com que as pessoas abram o olho, tipo assim, a questão do esgoto. Eles chamaram a atenção para os problemas do esgoto, que no futuro poderia ser ruim para a cidade. Até no bairro, na cidade onde eles moram já é tudo poluído. Eles trazem idéias boas para cá. A primeira pousada que surgiu

aí foi o pessoal de fora que montou, aí o pessoal da região viu que dava certo, começou a partir pro turismo. Meu pai que era agricultor e passou para o turismo.

Essa perspectiva também pode ser verificada em Baixada de Salinas. Marcos, um jovem de 18 anos, morador local, aponta para diferenças entre seus amigos locais e os da cidade. Nos finais de semana prefere ficar na localidade, na casa dos amigos, tomando banho de cachoeira, mas de vez em quando vai à cidade. Gosta de visitar o *shopping*. Segundo ele, é o que mais atrai os jovens do lugar. Em grupo ou separados, eles vão para a cidade, como nesta fala:

Não. Não gosto da cidade não. Até mesmo prá lazer, eu não costumo ir à cidade. É porque eu já tô acostumado a freqüentar a cidade e por causa das pessoas também. Acho que tem muito garotinho metido. Gosto mais daqui, me relaciono melhor com as pessoas daqui.

As idas à cidade geralmente estão na resposta à situações de necessidades irremediáveis: *“vou mais quando precisa ir ao médico, dentista, comprar roupa, calçado, só mais pra isso”*. A cidade é vista como diferente das experiências locais. Os garotos de fora são “metidos” porque só dão valor a “roupas de marca” e acham que podem “ganhar” todas as garotas. Há, nesse sentido, uma disputa entre os garotos pela atenção das moças da cidade. Além disso, na cidade, segundo Raul (16 anos, Baixada de Salinas), há

“muita violência, muita droga. Por isso que eu não gosto muito da cidade. Uma vida muito balada. Tem uma coisas que eu gosto, mas tem coisas chatas”. (...) Eu gosto da vida no campo. A vida no campo tem seus problemas: estradas ruins, o hospital é longe, as vezes você precisa comprar um negócio é longe da sua casa, mas o lugar é mais tranquilo”.

Por outro lado, ele afirma também que não existem muitas diferenças entre os jovens da sua localidade e os rapazes de fora quando o assunto é comportamento, modos de falar ou coisas do gênero. Quando estão na sede do município, todos parecem possuir o mesmo comportamento social. Mas, percebe que os jovens locais se diferenciam dos que conhecem na sede do município quando o assunto é solidariedade, porque no campo as pessoas são mais solidárias e não são metidas, como na cidade.

Os pais também sentem essa aproximação entre diferentes juventudes. Marcos (18 anos, Baixada de Salinas) nos informa que sua relação com os pais é muito boa, não vê problemas em se falar de assuntos polêmicos. Às vezes ocorre algum desentendimento devido as discordâncias em relação as suas práticas quanto ao uso de determinadas roupas e linguagem. Os pais não gostam que ele use certos estilos de roupas porque não tem nada a ver com sua realidade. A mãe, algumas vezes, tenta comprar as roupas que ele deve usar, uma condição que não aceita.

É o que Velho (1994) chama de uma espécie de “metamorfose”. Esses jovens, na cidade, aprenderam a mudar de papel de acordo com o contexto. Não é esse aprendizado um esforço deliberado e calculado, mas resultado de interações e experiências inéditas. Compartilham desses espaços na cidade, mas não rejeitam as formas de vida no campo.

No caso da amizade, são as experiências compartilhadas que estabelecem os laços de amizade, algo fundamental na juventude. É um momento onde os jovens

começam a se auto-identificarem, criando grupos de convivência. As relações de amizade são partes do processo de socialização dos indivíduos⁴⁷. Compreender “a linguagem da amizade poderia lançar luz sobre o modo de construir e reforçar hierarquias sociais” (Rezende, 2002, p. 17).

O que se denomina amizade é um complexo que envolve um sem-número de emoções e sentimentos em relação ao outro e que o peso dado a cada uma delas varia de acordo não só com a cultura que está envolvida, mas também com o gênero e a classe social dos indivíduos. A confiança, por exemplo, é uma referência de conduta para todos. No entanto, pessoas dos estratos sociais superiores valorizam a troca mais intimista e afetiva, enquanto os operários valorizavam mais o apoio e a segurança entre os amigos (Rezende, 2002, p.24). É o que também ocorre com os pequenos produtores rurais diante da realidade da produção e reprodução no campo. Suas relações de amizade, familiares e de parentesco se inscreveriam no universo da ajuda mútua, da solidariedade entre aqueles que se vêem diante das forças da natureza e do mercado econômico. “É no meio social que os indivíduos aprendem os significados e repertórios das emoções ao longo de todo o seu processo de socialização” (p.170).

São essas experiências de ajuda mútua vividas no âmbito da pequena agricultura familiar, onde os jovens são socializados que servem de referências para o estabelecimento de sua identidade local, mas também na construção de seus grupos de amizade. O que podemos notar até aqui, é que os jovens tanto de São Pedro da Serra quanto de Baixada de Salinas procuram se auto-afirmar como iguais e também diferentes a partir das suas relações de amizade, dos valores sociais, afetivos com os da localidade e os de fora. Suas experiências de amizade marcam os diferentes espaços sociais como escola, igreja, família, vizinhança, e são traduzidas nas suas referências aos jovens da cidade e do campo.

Essa perspectiva se aproxima de Simmel, Weber, Elias e Foucault, que procuram explicitar a emergência de uma subjetividade singular vinculada às mudanças históricas e culturais no mundo ocidental, sem deixar de perceber que, mesmo que o sujeito seja parte de um processo civilizador mais global, mantém alguns princípios e ethos particulares da cultura em que está imerso.

Na relação com a cidade, isto é, com uma sociedade vista como altamente hierarquizada, preconceituosa quando os jovens da cidade se dirigem aos jovens do campo, através de brincadeiras e piadas jocosas, os jovens de São Pedro e também de Baixada de Salinas revidam com um discurso que valoriza suas relações internas. Para eles nas localidades rurais em que vivem, há uma maior igualdade e respeito entre as pessoas, ao contrário das imagens que eles constroem para a vida urbana, marcadas por relações instrumentais, involuntárias, indiferentes, altamente hierarquizadas, não-verdadeiras. Valorizar suas amizades locais, ao mesmo tempo que impõe ao outro, o urbano, uma imagem de degradação social, funcionaria como uma expressão de alteridade. Assim, consideram suas relações de amizade no local verdadeiras porque são pessoais, voluntárias e não-instrumentais.

⁴⁷ A naturalização da amizade como uma preferência individual e, portanto, de cunho pessoal é, como demonstra Rezende (2002), pensamento corrente no pensamento ocidental. Por isso as relações de amizade não foram consideradas tão centrais para a sociedade quanto as relações de parentesco e familiares, mas são fundamentais nos processos de socialização. Por esta razão, a amizade, e podemos estender essa conclusão para os sentimentos e emoções de uma forma geral, foi tratada de forma periférica nos trabalhos clássicos da antropologia.

⁴⁸ Alguns jovens, como Carlos Henrique, fazem cursos fora da cidade, buscando ampliar seus conhecimentos. Não é uma regra, mas há jovens cursando inglês e informática, assim como lutas orientais no centro de Nova Friburgo.

Por outro lado, como nos coloca Giddens (1993), na sociedade contemporânea, diante das mudanças que vêm se processando na ordem da intimidade, os indivíduos procuram estabelecer um bom relacionamento, através de uma idéia de democratização das emoções. Há o interesse mútuo pela satisfação pessoal, uma relação onde não haja hierarquia entre os envolvidos. Algo que não parece diferenciar os jovens do campo ou da cidade naquilo que consideram como “amizade verdadeira” em, um caso, e “um bom relacionamento”, em outro.

Como o próprio autor traduz esse tipo de relacionamento:

“um bom relacionamento é o que se estabelece entre iguais, em cada parte tem iguais direitos e obrigações. Num relacionamento assim, cada pessoa tem respeito pela outra e deseja o melhor para ela. O relacionamento puro é baseado na comunidade, de tal modo que compreender o ponto de vista da outra pessoa é essencial. A conversa, ou o diálogo, é o que basicamente faz o relacionamento funcionar. O relacionamento funciona melhor se as pessoas não escondem muita coisa umas das outras – é preciso haver confiança mútua. E a confiança tem de ser trabalhada; não pode ser simplesmente pressuposta. Finalmente, um bom relacionamento é aquele isento de poder arbitrário, coerção e violência” (Giddens, 1993, p.71).

Essa perspectiva de amizade verdadeira aliada à idéia de comunidade é o que de certa forma alimenta as visões dos jovens entrevistados sobre a diferenciação vivida entre campo e cidade. Nesse sentido, São Pedro da Serra e Baixada de Salinas representariam comunidades no pensamento desses jovens. A cidade passou a ser vista como espaço da heterogeneidade, do individualismo, das relações fragmentadas e hierarquizadas, de uma intensa relação entre subjetividades que buscam diferentes interesses, como demonstrou Simmel (1971), movidas por uma rede densa de códigos sociais (Berger e Luckman, 1973) que somente aqueles que fazem parte desse universo é que são capazes de decifrá-la, a imagem do localismo é o da conservação dos valores que se perdem na cidade, representa a própria imagem da comunidade. O rural é o depositário dos valores coletivos, das verdadeiras relações familiares, de amizade e parentesco, algo que o distancia da cidade. Enquanto a imagem da cidade é a da fragmentação, o rural se definiria, além das atividades agrícolas, pelo coletivismo, integração, onde as relações são mais solidárias, fraternas e próximas. Portanto, a diferenciação se mantém entre campo e cidade porque está na ordem da visão e divisão do mundo na perspectiva de quem as vive, ajudando-os a se situar no mundo. Simbolicamente, é dizer que: “no campo, todos são amigos e solidários. Na cidade, não sabemos quem é amigo e todos são individualistas”.

Os jovens das localidades enfatizam também outras imagens que marcam as diferenças entre os espaços: o problema das drogas, da violência e da poluição urbana. Eles encaram a cidade como lugar de *stress*, onde as pessoas vivem mal, se alimentam de forma errada, apresentam problemas de saúde e onde os jovens estão constantemente envolvidos em confusões, geralmente os rapazes. Esta visão é confirmada pelo seu contato direto com o centro do município, pela mídia, mas principalmente pela sua experiência com os turistas no seu local, no caso de São Pedro. Segundo os entrevistados, a localidade passa por transformações onde turistas e veranistas são os principais protagonistas. Essas transformações vão em dois sentidos, como demonstram estes depoimentos:

“Os de fora trazem boas idéias. Numa determinada situação, isso é bom. Isso é muito relativo também. O pessoal de Friburgo tá vindo muito prá cá. (...). Trazem coisas ruins também. Trazem as drogas. A droga chegou com o pessoal de fora” (entrevistado 61. W.L., 21 anos, masc., Auxiliar de Serviços Gerais);

“O pessoal que vêm de fora é briguento, gosta de tumulto e isso destrói o lugar” (entrevistado 60. F.H.S.M., 25 anos, masc., Auxiliar de Serviços Gerais).

Portanto, as imagens que informam ao morador quem é de fora ou da cidade, estão repletas de ambigüidades movidas pelas experiências locais, mas também pelas imagens criadas fora da localidade, no caso, a mídia e a literatura. Enquanto se valorizam a existência de qualidades diferentes, são elas que informam qual o lugar de moradores e turistas dentro da localidade, e seus possíveis relacionamentos. Independentemente de o turista causar algum transtorno à localidade, parte-se do princípio que ele representa uma ameaça a formas de vida locais. Há nesse universo simbólico, a coexistência de diferentes imagens, todas relacionais, diga-se de passagem.

Numa pesquisa anterior realizada numa localidade em Lumiar (Carneiro, 1996), os jovens (moças e rapazes) apresentam ainda outras imagens dos de fora, com a intenção de diferenciá-los internamente. Expressões como “mãos grossas”, “fofoqueiros”, “simplicidade”, “trabalhadores”, “respeito”, “não gostam de bagunça”, “amizade”, entre outras, servem para informar as possíveis configurações na relação com o outro, o *outsider*, que usa “gíria”, tem “tatuagem”, é “liberal”, “legal”, “bagunceiro”, “estuda”, tem “modo diferente de se vestir”,... Nesse caso, as representações de campo e cidade aparecem sob a forma de uma configuração social (Elias, 2000), isto é, fazem parte de um campo relacional (Bourdieu, 1996) onde as identificações dos sujeitos seguem a lógica de pertencerem ou não à localidade, colocando em discussão as diferenças culturais. Nesse campo relacional, os estabelecidos, os jovens, lutam para manter seus símbolos de distinção.

De qualquer forma, São Pedro é vista como uma “localidade rural”, mas também passa a receber o *status* de “cidade”. Isso aparece geralmente nas falas dos jovens quando eles demarcam o movimento de chegada do turista no local. Assim, tem-se uma sensação de uma maior proximidade entre campo-cidade. Se, por um lado, a presença do turista torna ainda difícil para os jovens definir São Pedro da Serra como uma localidade rural, por outro, não há dificuldades em se identificar o turista.

O mesmo pode ser dito de Baixada de Salinas. Ali, as atividades agrícolas ajudam a demarcar os espaços e os tempos. A vida se inscreve no tempo da agricultura, marcando lugares, hierarquizando relações, estabelecendo prioridades e influenciando o comportamento dos seus habitantes. Por outro lado, o discurso sobre a idéia de campo também se insere na perspectiva do olhar da cidade, como foi verificado em São Pedro da Serra.

Em Baixada de Salinas, a época de plantio e da colheita está ligada ao seu espaço, onde terras próprias para o plantio de determinadas espécies, próximas a locais de escoamento, tamanho das áreas, entre outros, perfazem a organização das atividades econômicas. São esses tempo e espaço que dominam o cenário local, as relações sociais, políticas e econômicas. A eles se juntam o tempo e o espaço da escola que instruem os alunos para as atividades agrícolas, o tempo e os lugares próprios ao lazer e a manifestação religiosa cada vez mais dominada pelo pentecostalismo que vem aumento o número de templos na região. O turismo também participa dessa dinâmica; entretanto, ele é pouco significativo para a construção e reconstrução das identidades que aí estão

contidas. A ruralidade de Salinas, portanto, se traduz nessa dinâmica que não se limita ao tempo e ao espaço da agricultura, mas que tem nela sua referência principal para a organização da vida dos seus moradores.

Para os jovens dessa localidade, o campo além de ser mais “tranquilo”, “não tem stress”, “não tem barulho”, “não tem poluição”, oferece também “mais liberdade” em relação a circular sem os riscos da violência. Eles não deixam de enfatizar as “dificuldade para se estudar” (a distância da escola e ter que trabalhar), “cuidar da saúde”, a falta de mais “lugares de lazer”. Contudo, diante do que consideram coisas ruins, o campo representa uma vida muito melhor do que a cidade.

“Eu gosto de trabalhar no campo. É um lugar que você não é tão preso. Você fica nele e não é aquela cobrança que você tem que fazer isso aqui até tal hora senão não vai dar tempo. Não deu tempo de fazer hoje, você faz amanhã, não tem uma data assim marcada” (rapaz, 18 anos, estudante).

Neste caso relatado, o processo de produção ou a lógica do trabalho agrícola vai ao encontro dos interesses dos jovens, já que muitos estudam e ajudam os pais. A cobrança de responsabilidade é amolecida pelas imposições da natureza: o tempo de plantar e colher é uma decisão da natureza. Falam da “liberdade de circular e conviver com os amigos”. Mas, por outro lado, são obrigados a trabalhar nas férias e nos finais de semana, quando necessário.

Os jovens enfatizam ainda o convívio com a natureza (árvores, frutos, água limpa, etc.). O contato com a natureza também representa uma vida saudável e as amizades parecem fazer parte desse cenário, no sentido de que elas são “verdadeiras”, o que não pode se dizer da cidade: *“O campo é melhor, pelas pessoas serem mais simples, são mais unidas, você pode contar com as pessoas”* (jovem moça, 16 anos, estudante). Na cidade, tudo se apresenta como artificial e sem lógica para esses jovens que desde cedo aprendem a dar valor ao trabalho e as amizades locais:

“Quem mora na cidade, aquele habitat é o dela, e isso é normal. Até esse negócio de morte, de droga, para eles são fatores que fazem parte do cotidiano. Para nós é estranho porque a gente não convive com isso. Pra cidade é fora dos padrões que eu fui criado” (rapaz, 17 anos, estudante).

Aqui, o jovem afirma a existência de padrões de criação e vivências diferenciados, o que os transformaria em pessoas diferentes da cidade.

Um outro valor que os jovens atribuem ao campo no mesmo sentido é a possibilidade de produzir alimentos mais saudáveis, o que revela também uma responsabilidade social para com os outros.

“Aqui é muito bom. A gente pode plantar o que vai comer. A gente não precisa ficar dependendo dos outros. Todo mundo tem uma horta. O que a gente vende pros outro, tem agrotóxico. O que a gente come não tem agrotóxico. A gente tá construindo uma qualidade de vida pra gente” (moça, 15 anos, estudante).

As mudanças que vêm se operando no campo através da intensificação das relações com outros espaços, como aqueles que costumeiramente são identificados como urbanos, demonstram ao mesmo tempo a afirmação de uma identidade diferenciada e a assimilação do diferente. Há nessa relação entre diferentes realidades, um complexo processo de transformação da identidade local que não significa *a priori* o fim da identificação com as formas de ser e viver o meio rural. Poderíamos falar de ruralidades que são construídas a partir de determinadas conjunturas, mas com temporalidades suficientes para se tornarem *habitus*, não negando desta forma a capacidade que as novidades perpetradas pela vida urbano-industrial têm de influenciar o comportamento das sociedades cuja base de sustentação está na agricultura ou na distância dos grandes centros. Mas também não se pode falar de um “rural” fixo e homogêneo. O sentido de ruralidade está na capacidade que as localidades possuem de se relacionar com as novidades sem perder de vista as referências que historicamente lhes dão sentido existencial.

São várias as transformações que vão em diferentes sentidos. As medidas que vêm modernizando a agricultura, se num certo sentido são produtos de uma visão urbano-industrial sobre o campo, suas interações com a população local conformam especificidades. Assim, não se pode falar de um processo de urbanização e homogeneização do campo porque diante de cada realidade local o rural assume formas diferentes. Como ressalta Carneiro (1998), as medidas modernizadoras da agricultura não atingem com a mesma intensidade e proporções as diferentes categorias de produtores. Nesse caso, é complicado falar de ruralidades no geral. As ruralidades se expressam de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos.

A ampliação do campo de possibilidades com a intensificação das atividades não-agrícolas dentro e fora das localidades analisadas, demonstra uma maior aproximação e integração de sistemas culturais distintos. É essa ampliação do campo de possibilidades que torna a juventude um grupo fundamental para se observar os rumos que tomarão a construção da identidade local, já que as novas atividades trazem embutidos novos valores que ajudam a ressignificar o lugar e o sentido de seu pertencimento.

Como discuti anteriormente, observa-se que, em São Pedro da Serra e Baixada de Salinas, a busca dos turistas por uma aproximação da natureza, negando o ritmo acelerado de industrialização, a degradação da vida urbano-industrial, proporciona também aos moradores dos espaços rurais uma revalorização do seu lugar de origem. Se para o neo-rural essas localidades se tornaram espaços alternativos de vida, para os moradores do campo, elas trazem em si as ambigüidades de serem ao mesmo tempo um lugar privilegiado para se morar, mas que apresentam diferenças dificuldades para sua reprodução social. Contudo, é importante observarmos que as ambigüidades que aparecem nos discursos dos jovens também aparecem nos comportamentos dos que vêm de fora, pois a “cidade” é ao mesmo tempo local de melhores oportunidades de trabalho, estudo e lazer, mas que apresenta a degradação da vida através da individualidade e da violência.

Assim, o campo se transforma objetivamente através das relações econômicas, mas também suas representações sofrem modificações para atender aos interesses do olhar do turista. Está implícita, nessa afirmação, uma crítica à visão dualista que opunha o rural, como lugar de atraso, ao urbano, como sinônimo de moderno. A tese sobre o fim do rural vê o avanço da urbanização sobre as áreas rurais, negando as diferenças e descontinuidades entre esses dois espaços. Parte do princípio de que houve uma assimilação pela difusão da cultura, dos produtos, das práticas urbanas e vê na

modernização o motor de homogeneização do espaço. Segundo essa perspectiva, é impossível diferenciar as práticas nos conjuntos sociais rurais dos urbanos.

Se a cidade não urbaniza o campo no sentido restrito da palavra, por outro lado, faz sentir o discurso hegemônico da historicidade social do rural brasileiro. É assim que se mantém a dualidade já não ancorada nas práticas diretamente vividas por esses jovens, mas como herança das relações históricas vividas entre o campo e a cidade. Esta é a tese de Moreira (2002) ao argumentar sobre a necessidade de considerar a especificidades dos países periféricos: “o surgimento de um novo mundo rural e de novas ruralidades no Brasil carrega a reprodução das desigualdades históricas e pode não representar a cidadania, a democracia e o bem-estar vivenciados nos países avançados”.

Segundo Moreira (2002), diferentemente dos discursos que tendem a apontar semelhanças entre os processos de transformação dos campos dos países de economia avançada e do Brasil, ainda se nota a permanência de elementos incivilizados na nossa estrutura agrária mesmo com o desenvolvimento do capitalismo. As heranças do poder oligárquico dos coronéis, fruto das relações entre a casa grande e a senzala (Hollanda, 1984), só simbolicamente foram destruídas. Elas ajudaram a definir nossas imagens de nós mesmos e daqueles com quem o Brasil comercializava.

O autor comenta ainda (2002) que, nesse caso, ao mesmo tempo em que identificaríamos novos sentidos para as definições de campo e cidade, manteríamos também antigas imagem que possuem ressonância na realidade observada. Por exemplo, aquelas imagens que informam o agronegócio, desenvolvido, e o rural periférico, que traz no seu interior as desigualdades econômicas que apontam os aspectos “selvagens e incivilizados”, traduzidos em nossos níveis de pobreza, saúde, escolaridade e qualidade de vida, bem como nas atuais demandas por reforma agrária (Moreira, 2002).

Essas heranças de uma ruralidade marcada pelo clientelismo, pelas trocas de favor (Da Matta, 1986, Schwarz, 1977), pela desvalorização do trabalho mecânico, alimentariam nossos comportamentos e nossas instituições tradicionais como a política e a educação. Como veremos no próximo capítulo, os jovens de Baixada de Salinas quando colocam a intenção de trabalharem com a agricultura, mas de forma diferente de seus pais, fazem emergir o discurso hegemônico de que o trabalho braçal é uma atividade sem valor.

Uma outra questão que emerge dessa discussão sobre ruralidades, e que tem a ver com a dimensão cultural. São os processos de assimilação e resistência. Moreira (2002) ressalta que o processo de globalização é um diluidor das fronteiras das dimensões política, econômica, social e cultural, onde em cada uma delas, e na relação entre elas, conformam-se campos complexos de conflitos, que desautorizam análises simplistas e dos quais deduzem diferentes globalizações, de diversas ordens. As relações sociais pressionam as fronteiras da tradição, do nacional, da linguagem e da ideologia. Assim, nas rupturas dessas fronteiras as relações sociais se globalizam e adquirem um espaço de atuação globalizado. Paradoxalmente, ganham forma identidades locais, regionais e nacionais, porém, com demarcações diferenciadas das antigas experiências, fazendo emergir novos localismos (Santos, 2002).

Nessa perspectiva, as novas ruralidades brasileiras contêm as contradições históricas do desenvolvimento da sociedade brasileira. Elas fazem emergir os discursos de poder que atribuem diferentes significados às imagens de campo e cidade. O globalizado localizado é a expressão de resistência e da assimilação, onde ocorrem tensões entre o hegemônico e o contra-hegemônico (Moreira, 2002). Desta forma, haveria um movimento de resistência, mesmo que inconsciente, pela manutenção das formas culturais locais, ao mesmo tempo que vêm necessariamente inseridos numa

sociedade mais ampla. São essas imagens de assimilação e resistência que permeiam as imagens e os relacionamentos dos jovens com os espaços sociais considerados urbanos.

Portanto, o rural como espaço socioeconômico, político e cultural traz as marcas das relações entre campo e cidade, as imagens construídas historicamente nas relações de poder entre os espaços. Não se pode falar de rural ou de suas representações sem remetê-los ao universo de referência. São múltiplas as experiências que as populações rurais vêm passando no processo de globalização-localização. Elas trazem novos sentidos para antigos papéis como os de gênero, por exemplo, onde as moças já não aceitam seguir o destino de suas mães e avós. Querem trabalhar fora, decidir quando ter filhos, se irão casar ou não e onde irão morar. Como informa uma entrevistada de 18 anos, “*as moças aqui já não pensam em casar tão cedo como era de costume. Agora, elas só falam em fazer faculdade e trabalhar fora*” (jovem, 18 anos, estudante, Baixada de Salinas). Mas isso não se representa uma possibilidade para todas as moças. Muitas terão que negociar com os pais e irmãos o acesso a tais direitos, pois a expectativa para a realização dos antigos papéis de gênero estará sempre presente nesses momentos.

Nas localidades pesquisadas, as imagens de campo e cidade que eles utilizam para definir sua relação com de fora, e com os comportamentos e valores que consideram urbanos, trazem diferentes significados para a vida dos sujeitos. Não podem ser dissociadas porque são partes da mesma realidade, mas estão sujeitas a reelaborações e ressemantizações de diversas ordens. A localidade passa então a ser uma categoria de análise importante para o desvendamento das mudanças e continuidades das práticas e representações em torno do sentido de rural ou ruralidades.

É o que informa De Paula (1999), que ao observar o *country*, o novo rural da elite brasileira, mostra como o comportamento da elite rural do município de Presidente Prudente está inserida no mundo urbano. Faz parte de um processo de reelaboração simbólica que promove a manutenção da distinção entre aqueles que possuem os emblemas e “os outros” da sociedade moderna. Para ser *country* é preciso obedecer à exigência de capital material e à exigência de iniciação nas regras e quesitos deste universo. O *country* é, portanto, um símbolo de alteridade da elite rural. Assim como a sociedade de corte dos séculos XVI ao XVIII, ela deve ser seguida por todos. Uma visão de mundo dominante a ser copiada.

A relação entre localidade e ruralidade mostra como os elementos da cultura local são capazes de se reestruturarem a partir da incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. A ruralidade é tida como um processo dinâmico (Carneiro, 1998, Wanderley e Lourenço, 1995, Saraceno, 1996 e Marsden, 1992). Para Durán (1998), a “ruralidade” é uma construção social contextualizada em coordenadas temporais ou espaciais específicos. Como qualquer outra construção social, a “ruralidade” tem uma natureza reflexiva, isto é, é o resultado de ações (ou está condicionada por elas) de sujeitos humanos que têm a capacidade de interiorizar, debater ou refletir acerca das circunstâncias e requerimentos socioculturais em cada situação espaço-temporal que se apresentam. Durán define a “natureza reflexiva da ruralidade” como a capacidade dela adotar os influxos das ações socioeconômicas endógenas ou exógenas que interferem sobre ela e para adaptar-se aos efeitos dessas ações. Portanto, como processo constante de reestruturação cultural, não significa uma aculturação, mas uma ressemantização da cultura local a partir da natureza reflexiva da ruralidade.

Cada localidade – São Pedro da Serra e Baixada de Salinas – contém uma multiplicidade de “ruralidades” distintas. As próprias experiências individuais e coletivas são vistas como resultados dessas ruralidades. A idéia de rural aqui não se confunde com atividades agrícolas ou tem nelas sua única forma de expressividade, apesar da análise comparada demonstrar diferenças entre as localidades. O rural vivido

e interpretado pelos jovens das localidades observadas está marcado por um passado histórico, por um discurso que chega da cidade por vários canais, entre eles, a mídia e os turistas. Mas a visão desses jovens também é resultado de suas experiências vividas na sede do município, onde seus comportamentos os aproximam daqueles que consideram diferentes.

Nesse sentido, podemos falar de “ruralidades” como expressão de comportamentos culturais que estão ancorados na diversidade das experiências entre o local e o global. Mantém parte de uma identidade construída historicamente para o rural brasileiro, mas está em constante movimento de ressignificação diante das mudanças mais amplas do mundo em torno. Ruralidade, nesse caso, é uma expressão dos movimentos da cultura e não apenas da uma definição espacial. As localidades são vividas e têm significado para os que aí habitam, porém suas fronteiras são fluidas. Não há limites físicos, territoriais, para as relações de qualquer tipo, principalmente as sociais, culturais e comerciais. Na verdade, torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e as pequenas localidades rurais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais (Carneiro, 1999). Por isso, o título da Tese: *“Juventude: para além das fronteiras entre campo e cidade”*.

CAPÍTULO V - Os projetos de vida dos jovens em diferentes contextos

A partir das descrições e análises anteriores, podemos verificar que São Pedro da Serra e Baixada de Salinas, são localidades marcadas por diferentes condições socioculturais, econômicas e políticas (a educação escolar, por exemplo). No geral, são referências para que os jovens construam seus projetos de vida. As relações sociais dos jovens dessas localidades com outros espaços, como aqueles considerados urbanos, e principalmente com os jovens turistas ou da sede do município, aparecem marcados por diferentes discursos que apontam para diferenciações entre pertencer a essas localidades e aquelas que eles consideram “urbanas”: a cidade. A questão é se essas relações com “o outro” ou com aquilo que lhes aparece como pertencente a outra realidade, estaria influenciando nas suas perspectivas quanto ao futuro. Essa diluição das fronteiras entre campo e cidade estaria forjando novos sentidos ou novas direções para os projetos de vida dos jovens que residem no meio rural?

Como comentamos no início desse estudo, alguns autores como Galland e Lambert (1993), afirmam que na realidade dos jovens franceses do meio rural próximos a centros urbano-industriais, suas atitudes têm sido no sentido de unir o que existe de positivo em ambos os espaços: no campo, as relações familiares (segurança e solidariedade), de amizade e a tranquilidade; na cidade, trabalho e escolarização. Essa combinação seria uma atitude pragmática diante das condições existentes em cada um dos espaços. Esse pragmatismo por sua vez não corresponderia a uma perda de identidade ou uma saída definitiva do campo, mas uma atitude consciente diante dos desafios a serem enfrentados. É o repensar constante do indivíduo na interação com diferentes espaços sociais, econômicos e políticos que traria novos sentidos para sua identidade social. Seus projetos de vida passariam então a ser expressão desse campo de possibilidades que aparece para além das fronteiras entre campo e cidade.

Nas definições de Schutz (apud Velho, 1994), há uma estreita relação entre projeto de vida e campo de possibilidades. Aqui, projeto é pensado como uma conduta organizada para atingir finalidades específicas, o que, por sua vez, não quer dizer que a realização pessoal dependa somente da vontade do indivíduo. Pelo contrário, deve-se levar em consideração que um projeto se constrói e se realiza dentro de um campo de possibilidades, isto é, há que se levar em consideração outras dimensões, como o sociocultural (as relações afetivas e de solidariedade, o sentimento de pertencimento à comunidade, e assim por diante), a organização econômica e as políticas públicas onde os indivíduos estão inseridos. Assim, evita-se “um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido” (Velho, 1994, p.40). Nesse sentido, observamos no princípio que essas dimensões que se apresentam de diferentes formas em cenários específicos, como no caso de São Pedro da Serra e Baixada de Salinas, ajudam os jovens a elaborarem seus projetos individuais. Por sua vez estes estão imbricados com os projetos coletivos, sejam eles familiares ou comunitários, que exigem negociações. Por exemplo, os projetos individuais podem entrar em tensão ou conflito com os projetos coletivos. Em outras palavras, o que os pais desejam para seus filhos nem sempre é o que os filhos desejam para si. O que a localidade, o estado ou governo acreditam que seja o melhor para os jovens, nem sempre é o desejo deles.

Essa parece ser a principal característica dos jovens rurais da América Latina. No campo, eles estão numa etapa de vida na qual desenvolvem um pensamento estratégico, e durante essa etapa tomarão muitas decisões que conformarão o tipo de vida adulta que alcançarão mais adiante (Durstun, 1998). As estratégias desenvolvidas pelos jovens rurais se orientam essencialmente através de metas individuais, porém

devem ser levados em consideração outros fatores, como as necessidades familiares. Em cada localidade, as estratégias que os jovens desenvolvem são resultados dos contextos em que cada um deles se encontra e as alternativas que se oferecem.

Como veremos neste capítulo, há pluralidade de situações que envolvem a juventude no meio rural. Mesmo para os jovens que vivem da agricultura em São Pedro da Serra, o agrícola representa o passado, uma herança cultural, que cada vez mais vai ficando distante nos projetos de vida dos jovens. A escolarização, o nível superior abre novas perspectivas para o futuro desses jovens, assim como o turismo e as confecções domésticas de roupas íntimas se tornam as atividades de interesse daqueles que terão ou pensam em encerrar os estudos após o ensino médio. Para os jovens de Salinas, o universo da produção agrícola é importante, mas é vivenciado de forma diferente das gerações passadas, bem como dos grupos de jovens que não pretendem continuar no campo. Assim, suas projeções para o futuro trazem novos sentidos para a forma de lidar com a terra. São diferentes realidades que abrem diferentes campos de possibilidades para os jovens e que, portanto, influenciam as suas perspectivas quanto ao futuro.

Observa-se que, diante da complexificação da sociedade contemporânea, os indivíduos estão em intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados, onde se vivenciam sistemas e valores diferenciados e heterogêneos. Essa relação entre o local e o global aparece nas biografias e trajetórias individuais.

Quando estivemos nas localidades, nos deparamos com diferentes projetos de vida dos jovens marcados pelas condições socioeconômicas de cada família. Além do que, em torno de cada família se constroem redes sociais que podem favorecer o planejamento e o desenvolvimento dos projetos de vida dos jovens. Não poderemos analisar todos os projetos porque isso exigiria muito tempo de descrição, mas buscaremos agregá-los através de aproximações e diferenciações.

5.1. Os projetos de vida em Baixada de Salinas

Como coloquei anteriormente, dentro de uma mesma localidade há diferenciações quanto às condições de reprodução das famílias. Em cada uma delas, os filhos enfrentam diferentes possibilidades de realizar seus projetos quanto ao futuro, mas há também diferenciações entre os jovens ligadas ao momento do ciclo de vida e ao gênero. Apontarei alguns casos em Baixada de Salinas e São Pedro da Serra.

Em Salinas, os jovens, filhos de pequenos agricultores descapitalizados, podem ser representados com o caso de Raul. Com 19 anos, Raul está no segundo grau técnico agrícola. Da geração anterior, somente seus pais permaneceram na agricultura; o restante da família foi para a cidade logo que as terras da região se valorizaram. Além de Raul, seus pais possuem ainda três filhos entre oito e 17 anos, sendo sua irmã, com 17 anos, a única que terminou o ensino médio, mas não trabalha. Seus pais estudaram somente até a 4ª série.

A família de Raul produz, além de olerícolas, flores que são levadas para o Rio de Janeiro. A definição do que plantar vai depender da época do ano e dos interesses do pai. A renda mensal da família varia entre R\$ 800,00 e R\$ 1.200,00. A família não possui outra fonte de renda. Raul informa que não possui salário pela “ajuda” que dá ao pai, apenas recebe algum dinheiro quando há disponibilidade para gastos com divertimentos. Como foi dito anteriormente, essa relação de trabalho familiar é a realidade para a maioria dos jovens entrevistados.

Raul é um daqueles que dividem sua atenção entre a roça da família e a escola técnica (a alternância). O pai não lhe cobra muito a ajuda no trabalho porque entende que é preciso estudar. Ele pretende concluir o ensino médio e ingressar na faculdade de agronomia, um sonho compartilhado com o pai, que vê na futura profissão do filho a oportunidade de melhorar a produção ou a renda da família.

A busca por uma profissão técnica ou superior também é compartilhada com outros jovens cujas famílias apresentam dificuldades para se manterem nas atividades agrícolas (97,28%). Os jovens buscam carreiras ligadas ao campo como veterinária, agronomia, biologia e zootecnia, mas há também quem prefira carreiras ligadas às atividades da cidade, como é o caso de Carlos e Beatriz, filhos de agricultores consolidados na região:

“Estou em dúvida entre Telecomunicações ou Análise de Sistema. Não agora porque estou fazendo eletrônica e já tenho umas propostas de emprego muito boa”(C. H.B., rapaz, 18 anos)⁴⁸.

“Fisioterapia porque mexe com pessoas, ajuda pessoas, mexe com crianças e adultos” (A. T. S., moça, 15 anos).

As condições de Raul informam que, necessitando trabalhar com o pai na lavoura, dificilmente conseguirá chegar a faculdade. Para que isso aconteça terá que acionar uma rede de relações que, muitas das vezes, significará a ida para a casa de algum parente ou conhecido da família na sede do município. No caso de Carlos e Beatriz, as condições socioeconômicas das famílias favorecem ainda mais a continuação dos estudos, mesmo que para isso tenham também que se transferir para a sede do município. De qualquer forma, Raul possui menos probabilidades de chegar ao nível superior porque dele também depende o seu grupo familiar.

Além da busca por uma profissão, os jovens de Baixada de Salinas apontam a intenção de constituir família e ter filhos, no máximo dois (85% dos entrevistados). Raul coloca que, diferentemente dos seus pais e de outros parentes e moradores da localidade que, em alguns casos, chegaram a cinco filhos, o número pequeno de filhos pode diminuir os sacrifícios enfrentados pelas famílias com baixa capacidade de reprodução social. O matrimônio, segundo esses jovens, só é possível depois que se estabelecem na vida através de um emprego fixo ou do desenvolvimento de uma produção individualizada.

Essa aspiração em construir famílias menores que as gerações anteriores é uma realidade que vem marcando os países da América Latina. Os melhores níveis de educação no meio rural estão relacionados à diminuição no índice de natalidade (Celade, 1995). O desenvolvimento dos países da América Latina tem demonstrado a diminuição do ritmo de crescimento da população rural que chegará ao seu ponto máximo na próxima década. Não somente o êxodo rural tem diminuído o contingente jovem no meio rural, mas também o índice de natalidade. Os núcleos familiares das novas gerações têm se conformado em torno de dois filhos, o que segue a tendência da família contemporânea (Berquó, 1998).

Segundo as informações de Durston (1998), em praticamente todos os países da América Latina, nas últimas décadas, a população rural tem crescido a ritmos cada vez mais lentos, chegando a taxas negativas em alguns países, como resultado da imigração (principalmente de jovens) e como consequência de menores níveis de fecundidade.

Consequentemente, há um marcante envelhecimento da população em comunidades rurais.

No caso do Brasil, a Celade (1995) ressalta ainda que o período de número máximo de jovens no campo esteve entre 1980 e 1990, e que a tendência agora é o envelhecimento, já que os jovens têm optado por famílias menores, tendo no máximo dois filhos. A escolarização das mulheres e as novas oportunidades de trabalho são apontadas como as principais causas desse decréscimo das taxas de fecundidade (Durstun, 1998). Durstun ressalta que, na América Latina, o aumento da escolaridade das mulheres vem contribuindo para que elas busquem exercer outras atividades fora daquelas historicamente atribuídas às do gênero feminino no meio rural: dona-de-casa e empregada doméstica. Assim, a educação aparece como um importante fator nas estratégias dos jovens. Ela amplia as chances delas conseguirem melhores ocupações de trabalho e reorienta sua visão de mundo quanto à organização familiar.

No capítulo III observamos que quando os jovens, moças e rapazes estão terminando o curso técnico, são levados a elaborar um projeto relacionado à sua realidade. Alguns jovens optam pela agricultura, outros pela produção de animais e o ecoturismo. As atividades são acompanhadas pelos professores e desenvolvidas na propriedade da família, o que aparece como condição fundamental para o sucesso desses projetos.

Contudo, nem todos os jovens pensam em continuar trabalhando na área dos projetos de fim de curso. Um pequeno número de jovens, em torno de 15,16%, afirma que só estão cursando o colégio técnico agrícola porque os pais insistem ou porque não existe outra escola próxima na região. A formação aparece como uma necessidade de possuir o nível médio, porque pode favorecer a aquisição de um posto de trabalho melhor remunerado, ou porque os pais querem tal carreira para os filhos de forma que eles mantenham os negócios da família. Mas 84,84% dos jovens pretendem dar continuidade às atividades da família como um desejo, mesmo sabendo que, em alguns casos, outros irmãos é que poderão ser escolhidos para estar à frente dos negócios ou que isso só acontecerá com a divisão da propriedade entre os herdeiros.

“Eu pretendo, a princípio, tocar a propriedade. Eu não sei se minhas irmãs vão querer tocar a propriedade depois de casarem. Na parte que ficar para mim, eu pretendo continuar. Eu pretendo administrar tudo” (A. F. B., rapaz, 17 anos).

Os filhos homens são os mais indicados para estar à frente dos negócios: *“meu irmão vai ficar”* (entrevista 22). Mas isso não é uma regra. A realização do curso de técnico agrícola significa que tanto os rapazes quanto as moças estão preparados para levar à frente as atividades agropecuárias da família. A obtenção do curso de técnico agrícola por parte das moças não quer dizer necessariamente que elas trabalharão com agricultura ou pecuária, mas que estarão habilitadas caso a família precise:

Talvez fosse bom. Eu nem sei se vou ficar aqui. Como os meus irmãos casaram e foram embora, talvez eu tenha que ficar (V. M, C., moça, 20 anos)..

Essa entrevistada possui dez irmãos: quatro deles são mulheres e apenas uma permanece na agricultura. O restante trabalha em atividades não-agrícolas.

Além disso, os entrevistados colocam a questão da identificação do sujeito com as atividades de produção e as relações interpessoais. Na falta de filhos homens que se

identifiquem com a produção agropecuária, as moças também podem desenvolver as aptidões para a manutenção das atividades agropecuárias:

“Minha irmã vai ficar no lugar do meu pai porque ela é a que se identifica com ele, faz tudo no sítio. Ela levanta cedo vai pro curral com meu pai, Se tem que buscar o gado longe, é ele que vai. Ela entrega o leite e meu irmão trabalha fora com construção rural” (N. F. C., rapaz, 25 anos).

Portanto, os papéis de gênero não estão tão rígidos assim que não sejam capazes de se reformularem para atender aos projetos de vida dos jovens ou às necessidades da família. No último caso, o importante não é ser homem ou mulher, mas ter uma identificação com as atividades que podem vir a legitimar uma mudança de papel.

Há também pais que afirmam que, com o estudo, seus filhos poderão “conseguir coisa melhor do que trabalhar na lavoura”. Entre os pais que foram entrevistados (18 pais entre homens e mulheres), 23,22% dos pequenos agricultores declaram que o trabalho na roça tem pouco valor porque o retorno é pequeno, não vale a pena se sacrificar tanto: é para aqueles que não sabem fazer outra coisa a não ser plantar e colher. Só valeria a pena para os grandes produtores, que têm mais acesso a crédito e muita terra. Como já informamos, são essas famílias que enfrentam as piores condições de reprodução social, seja pela falta de espaço físico ou de capital para reinvestir na produção.

No caso de Raul, ele comenta que o que seus pais mais esperam dele é que continue estudando. Ele já pensou em parar, mas os pais insistem que continue. Hoje, ele afirma que os pais têm razão, visto que as melhores oportunidades de trabalho para jovens podem chegar com o nível superior. Por outro lado, ele acredita que as melhores oportunidades de trabalho estão fora da agricultura, mais diretamente ligadas à sede do município. Mas não pensa em sair do campo, principalmente porque deve ajudar os pais. O coletivo familiar se coloca como uma questão a ser levada em consideração na formulação dos projetos individuais. Como nos demonstra uma fala, há um sentimento de lealdade e reciprocidade aos sacrifícios enfrentados pela família para que ele estude e consiga se estabelecer na vida:

“Eu vou fazer faculdade e se eu tiver que ajudar financeiramente meus pais, eu vou ajudar. Eles me ajudam sem reclamar”.

Nesta frase está inscrito um projeto de saída da propriedade, o que não significa o abandono das relações familiares já que as condições financeiras da família exigem a todo tempo um repensar dos indivíduos sobre seus projetos de futuro. A viabilidade da realização dos projetos individuais vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades (Velho, 1994).

Dos jovens entrevistados, 97% informaram que os pais têm um papel importante quanto às decisões sobre o futuro deles, mas que deixam a cargo dos filhos a decisão final. Os filhos dos produtores descapitalizados, trabalhadores assalariados e, em alguns casos, meeiros, afirmam que a realidade deles representa um desestímulo para sua permanência na agricultura e na escola agrícola. Segundo eles, seus pais se mostram muito favoráveis ao fato de alguns deles optarem por carreiras longe das atividades ligadas à agropecuária. Para esses jovens, a principal preocupação dos pais hoje é que os

filhos estudem e consigam um bom emprego, nem que para isso tenham que trabalhar na cidade.

Mas o objetivo de jovens como Raul é diferente, pois mesmo com toda a dificuldade da família de se manter na agricultura, ele pensa em ser produtor rural. Não como lavrador, mas como administrador, e com “agricultura orgânica” porque acredita ser a melhor forma de produzir sem prejudicar o meio ambiente.

Quando perguntados se gostariam de ficar no lugar dos pais quando eles pararem de trabalhar na roça, 40,43% afirmam que gostariam, 15,22% gostariam de se dedicar a outras atividades, como aquelas não-agrícolas e desenvolvidas fora da localidade: serviço público, serviço técnico-administrativo, área industrial, área de turismo e lazer, entre outros; e 44,35% não souberam responder porque ainda não pensaram no assunto. São os mais jovens, entre 14 e 16 anos (39,13% dos entrevistados em Baixada de Salinas), que demonstram maiores dúvidas quanto ao que pretendem fazer no futuro. Para 10,90% desses indecisos, isso vai depender do momento porque existem outros irmãos e será o pai que decidirá sobre o assunto. Geralmente, são os filhos que mais se interessam pelas atividades agropecuárias e possuem afinidades com o pai que terão maiores chances de sucedê-lo, como já informamos.

Os que afirmam que gostariam de ficar no lugar dos pais, apontam para uma outra perspectiva no trato com a produção agrícola, principalmente as mulheres, filhas de produtores consolidados, que estudam e não vêem no trabalho braçal a possibilidade de realização do seu projeto de vida. Falam de uma relação indireta com a agricultura:

P – Você pretender trabalhar com agricultura ou pecuária?

R - “Acho que não. Como projeto de vida, não. Eu penso em administrar um terreno com meeiros, uma produção, mas trabalhar com agricultura, pegar na enxada, não. Não tenho afinidade e não é para mim. Eu não gosto. Gosto mais de usar a cabeça.” (V. M. S., moça, 18 anos).

Mas essa perspectiva não se limita a esse extrato social. Ela aparece também no interesse daqueles e daquelas que, mesmo possuindo as menores possibilidades de levarem a frente seus estudos, acreditam que poderão construir uma relação com o trabalho na terra diferente dos seus pais e parentes:

“Não sei. Talvez por mais oportunidade da gente tá estudando, eu não ficaria. Eu penso assim: se eu vou fazer faculdade, eu não vou ficar trabalhando só na lavoura. Eu posso até administrar o que eles têm, mas não trabalhar direto na lavoura” (M. G., moça, 14 anos).

“Ficar no lugar trabalhando não. Gostaria de ficar assim, tipo administradora”. (A. S. F., moça, 16 anos).

“Não. Produzindo, não. Eu pretendo mais dar assistência técnica” (R. R., moça, 19 anos).

Há ainda que se levar em consideração o aspecto do tipo de trabalho que representa a agricultura:

P - Você pretende ficar no lugar dos seus pais?

R – “Em certa parte sim e outra não. Desvantagem é que você não tem seguro nem segurança nenhuma pelo o que você faz e o fato d’eu gostar de ficar é continuar o trabalho da minha família porque você se sente legal. Você cuida e não fica preso. Hoje você trabalha oito horas, amanhã tá à toa” (J. P. F., rapaz, 18 anos).

A possibilidade do trabalho no campo ser regido pelo tempo da natureza e não pelo relógio, como ocorre com as atividades não-agrícolas, aparece como um aspecto positivo na manutenção da condição de produtores rurais. O tempo regido pela natureza, simbolicamente, se apresenta constituído de liberdade. A liberdade, o não controle formal do tempo torna-se um valor que também pode ser considerado na elaboração dos projetos futuros.

No caso daqueles que falam em permanecer no lugar dos pais, mas como administradores, a educação profissional e o acesso ao nível superior, tornam-se estratégias fundamentais. A lógica é manter-se nas atividades agropecuárias, mas não necessariamente como trabalhadores diretos. Pensam em articular conhecimento, capacidade de gestão e propriedade, evitando o cansaço ou o contato direto com a terra. São perspectivas que lhes possibilitam um distanciamento da imagem do produtor rural apenas como um trabalhador braçal. Como coloca a jovem acima de 14 anos: *“se eu vou fazer faculdade, eu não vou ficar trabalhando ‘só’ na lavoura. Eu posso até administrar o que ‘eles têm’, mas não trabalhar direto na lavoura”*. O trabalho braçal na lavoura aparece para essa jovem, uma atividade pesada e que pode ser transformada com a escolarização. Outras jovens colocam a questão do tipo de trabalho executado no campo com as aptidões individuais considerando que também tem haver com a formação intelectual:

P – Pretende continuar no lugar dos seus pais?

R – “Ficar no lugar trabalhando não. Gostaria de ficar assim, tipo administradora” (A. S. F., moça, 16 anos);

R – “Acho que gostaria sim, mas modificando algumas coisas. Exemplo: modificando alguns pontos no modo de administrar” (J. F. C., moça, 20 anos);

R – “Preferia botar meeiro, camarada, mas que eu fizesse a administração” (N. C. R., moça, 16 anos);

R – “Queria, mas de uma forma indireta, não na enxada, aquela coisa de sempre, mas continuar de uma forma indireta” (V. M. S., moça, 18 anos).

São as moças que mais enfatizam a possibilidade de continuar no campo, mas não trabalhando diretamente na terra. A imagem do trabalho do campo como algo pesado, cansativo, fala das diferenças de gênero – homem = trabalho pesado, mulher – trabalho leve. Para elas, a permanência no campo de forma diferente dos pais, e quem sabe como os irmãos homens, pode ser possibilitada através de um investimento na formação técnica rural. Deste modo, a escolarização das moças num tipo de atividade considerada culturalmente masculina diminui as assimetrias de gênero, visto que,

possuidoras das informações técnicas, podem permanecer trabalhando com a agricultura sem que com isso lhes seja leis o trabalho direto na terra, algo que parece contrariar sua condição de gênero feminino.

Por outro lado, há que se levar em consideração também o aspecto das diferenças culturais existentes no Brasil entre aqueles que devem exercer as atividades pesadas e as atividades leves. A educação escolar (trabalho intelectual) se apresenta de forma contrária ao trabalho físico, sendo este último desvalorizado por aqueles que se apresentam capazes de exercer atividades intelectuais.

Essa perspectiva também aponta para as diferenciações intergeracionais. Os entrevistados também procuram se diferenciar dos seus pais ao se referir ao trabalho braçal como uma atividade para quem não tem estudo. Na entrevista, uma moça (A. S. F., moça, 16 anos) confessa que *“o trabalho manual da agricultura pertence aos pais, está dentro da realidade deles que não estudaram”*. Para ela, o estudo é um divisor de águas, independentemente se são parentes, familiares ou amigos. Assim, longe de querer ser “lavradores”, muitos jovens apontam a intenção de se tornarem “técnicos ou administradores”, seja por uma condição de gênero ou geracional. Não podemos nos esquecer que a formação escolar representa para muitos jovens (74% dos entrevistados), uma questão de status social, principalmente para os filhos dos pequenos produtores que acreditam que poderão melhorar a qualidade do trabalho desenvolvido pela sua família e que receberão um título de técnico agrícola, algo muito valorizado pelos moradores da localidade, segundo eles.

Observa-se que, nesse caso, duas considerações devem ser feitas: primeiro, para muitos jovens há uma desvalorização do trabalho físico, que é considerado cansativo, penoso e desgastante: é para aquelas pessoas que não estudaram ou para os homens. O estudo entra na relação de trabalho como forma de valorizar a condição de gênero das mulheres, às atividades mentais, e que por isso deve ser dirigido para atividades mais lucrativas e que denotem menos esforço físico (o trabalho pesado também é desvalorizado porque diferentemente das atividades intelectuais, rende pouco financeiramente). Na identidade cultural brasileira, a valorização do trabalho intelectual em detrimento do trabalho físico é uma herança herdada da sociedade romana, e que aqui teve na relação de escravidão sua forma mais acabada (Hollanda, 1984). Quem tem condições de estudar procura não trabalhar diretamente na lavoura porque simbolicamente denigre a condição humana.

Assim, o olhar dos jovens que estudam, suas perspectivas quanto ao futuro são alimentadas pelas diferentes possibilidades econômicas mas também sociais, como as condições de gênero e geração. A escola, por sua vez, contribui para essa mudança de perspectiva quanto à forma de permanecer no campo, já que insere uma visão mais empresarial na formação dos jovens rurais.

Nota-se que a melhoria da educação desses jovens, assim como a possibilidade de estarem cursando uma escola técnica ligada à realidade local, mas em contato com as mudanças no mundo da produção e comercialização agropecuária, faz com que optem por uma atitude mais empresarial, diferente da realidade de muitas localidades rurais onde a educação técnica se dirige apenas para o exercício das práticas agrícolas (Peres e Filho, 1998). O processo de globalização tem aumentado a competitividade dos produtos agrícolas e o objetivo da escola rural, como o Ibelga é capacitar os jovens para o mercado, criando o seu próprio espaço de trabalho. Peres e Filho (1998) ressaltam que é preciso que as escolas rurais mudem seus currículos, enfatizando questões ligadas à administração rural e desenvolvendo habilidades de liderança. Segundo eles, o que se espera é que a escolarização dos jovens rurais se dirija para a lógica do mercado globalizado, onde as formas locais de produção e reprodução rural atendam a tais

imperativos. Mais uma vez, é o olhar da cidade que procura definir os caminhos que devem seguir o rural, como se os modos de produção e reprodução no campo baseados na agricultura familiar, na verdade, representassem um empecilho para o desenvolvimento da economia nacional.

Uma outra questão são os possíveis conflitos geracionais que os diferentes saberes podem suscitar. Ter escolaridade e liderança não são condições suficientes para que os jovens se tornem verdadeiros empresários da agricultura familiar, fazendo com que eles assumam o negócio da família. Para aqueles que projetam “administrar o negócio da família”, que não é o caso de Raul, por exemplo, a maior dificuldade está no embate dos diferentes saberes em relação à produção que gera conflitos entre as gerações. Em muitos casos, como aqueles onde o pai ainda não se consolidou, este não abre mão do poder de decisão sobre os rumos dos negócios da família. Os jovens entrevistados nessa condição argumentam que é difícil fazer com que os pais mudem sua forma de agir. Apesar do conhecimento adquirido pelos filhos na escola técnica, eles se mostram muito reticentes diante das propostas de mudança dos modos de gerir os negócios. Raul afirma que é necessário negociar porque são os pais que detêm o dinheiro e exercem uma grande autoridade sobre eles, e que muitas vezes, essa autoridade está ligada à forma como está organizado o trabalho em família. Esses diferentes olhares sobre os modos de produção agrícola, em alguns casos, fazem com que os jovens se afastem do trabalho familiar, buscando emprego em outras atividades, já que desta forma evitam os conflitos com o pai.

Na verdade, os jovens reconhecem as dificuldades dos pais na assimilação de novos saberes. Mas acreditam que, no futuro, e com o apoio da família, poderão se manter no campo não como executores de atividades práticas, mas como “administradores”, mesmo que para isso devam esperar pela sua parte na herança ou adquirir um pedaço de terra, com ou sem ajuda dos pais.

De qualquer forma, para os jovens que estudam no Ibelga, filhos de pequenos agricultores e pecuaristas, os maiores níveis de escolaridade abrem possibilidades de uma outra condição social dentro e fora da agricultura, já que muitos pretendem exercer outras atividades econômicas, sem que isso represente uma saída definitiva do campo. Esta é uma visão verificada em ambos os sexos.

P – O que você pretende fazer quando terminar o ensino técnico?

R - “Educação Física. Desde criança tenho vontade de ser professor de Educação Física. Acho que dá para conciliar Ecoturismo com Educação Física. Se eu fizesse Matemática, ficaria mais difícil de conciliar os dois” (D. C. M., rapaz, 20 anos, estudante e trabalhador informal).

R - “Tenho vontade de fazer Agronomia ou vou prestar prova para Aeronáutica. Mas é bem provável que se eu for fazer alguma coisa, eu faça agronomia mesmo porque é ligado ao meio rural. Até no sítio é bom ter um técnico para não ter que pagar um técnico de fora” (A. D. J., moça, 16 anos, estudante).

Dos jovens entrevistados, 38% vêm executando atividades não-agrícolas, seja na localidade ou fora dela (emprego informal), ao mesmo tempo em que trabalham com a família na roça e estudam no Ibelga. As atividades não-agrícolas possuem grande importância nas estratégias de sobrevivência dos jovens de famílias pobres rurais. Como nos coloca Durston (1998), na América Latina hoje, grande parte deles trabalha fora da

agricultura e vivem em localidade rurais. Portanto, não são alternativas incompatíveis. Desta forma, é preciso dar ao jovem o direito da dupla possibilidade de aprender a ser empresário agrícola produtivo e, ao mesmo tempo, desenvolver destrezas que podem ser demandadas em forma de trabalho assalariado, tanto agrícola, como não-agrícola.

Assim, para aqueles cujas condições de reprodução social são ainda mais difíceis, a aproximação com a sede do município e o estudo no Ibelga podem também ampliar as oportunidades de conseguir uma vida melhor, seja permanecendo no campo com ou sem relações com a agricultura, trabalhando na cidade, ou mesmo se transferindo definitivamente para lá. De qualquer forma não existe uma regra, o que existe para cada jovem é um campo de possibilidades, diferenciando-se segundo suas condições socioeconômicas e culturais, exigindo que suas estratégias sejam ao mesmo tempo individuais e coletivas.

Como ressalta Durston (1996), no caso dos jovens rurais, suas estratégias para a realização dos seus projetos de vida se fazem dentro de um universo onde os obstáculos a serem vencidos são ao mesmo tempo seus condicionantes. Um dos principais obstáculos para que os jovens estabeleçam um pensamento estratégico está no peso que a tradição e a autoridade paterna, maior ou menor, dependendo dos pais, possui. O pai tem sua própria idéia sobre qual deve ser a vida futura dos seus filhos. E exerce monopólio sobre as decisões vitais dos filhos. Há, na verdade, uma mescla de elementos de controle sobre a força de trabalho dos filhos adultos com o elemento de responsabilidade para a perpetuação e o fortalecimento do grupo de descendência. Isso não quer dizer que não existam conflitos. Para o autor, mesmo exercendo um grande poder de decisão sobre a vida dos filhos, muitos jovens têm outras aspirações que nem sempre vão na mesma direção de seus pais. Um fator que ameniza os conflitos de interesses entre pai e filho é o papel que a mãe exerce. Ela está sempre pronta a apoiar os filhos.

Entretanto, temos que observar que esse monopólio sobre as decisões vitais dos jovens está diminuindo em muitos contextos rurais, como aponta o próprio autor. Há duas razões que têm influenciado nesta diminuição. A primeira delas é a oferta, quase que universal, de três recursos que os pais não controlam, como a educação, o emprego assalariado moderno e a migração. Eles dão aos jovens opções que fortalecem sua posição negociadora frente aos pais, fomentando sua reflexão sobre o futuro. A segunda razão diz respeito à percepção dos pais sobre as inovações e ao fato de seus filhos estarem mais bem preparados para manejar-se neste âmbito. É o caso daqueles pais que, através da assessoria técnica, do contato constante com a escola e com melhores níveis de escolaridade, compreendem a importância da participação dos filhos nos espaços de decisão, mas ainda são muito poucos, segundo os jovens, os pais que abrem para negociações. Portanto, estão dispostos, não só a não ditar as estratégias de vida de seus filhos, como também a apoiá-los moral e materialmente nas estratégias renovadoras que estes elegem.

Quanto às relações de gênero e familiares, um outro obstáculo apontado por Durston (idem) diz respeito às decisões das jovens camponesas em relação às decisões dos homens. Em muitos países onde as relações entre homens e mulheres são muito tradicionais, dividindo as funções entre masculinas e femininas, as relações sociais deixam muito poucas possibilidades à jovem rural para desenvolver uma estratégia de vida própria. Contudo, algumas mudanças têm outorgado à mulher um maior grau de liberdade de pensar e levar a diante estratégias com conteúdo pessoal. A percepção das mães sobre as suas funções domésticas, um trabalho cansativo, repetitivo, enclausurante e carente de satisfações, faz com que elas financiem com grande esforço qualquer projeto de vida de suas filhas. Projetos que signifiquem a aquisição de ferramentas de

trabalho e autonomia: estudos, profissionais, títulos (Valdés, 1985). Além disso, as mulheres demonstram um pensamento estratégico quando optam por um número menor de filhos, na igualdade, na taxa de fecundidade, às jovens urbanas, como informado inicialmente.

Apesar das relações de gênero vividas no campo descritas por Durston (1996) se mostrarem pouco satisfatórias para as mulheres, de modo geral os jovens demonstram que as condições de trabalho são ruins para todos. Eles falam, assim como os de São Pedro, que o trabalho na agricultura é uma exploração da mão-de-obra e que existe pouco tempo livre para que as pessoas se cuidem. Mas, no campo, as formas de trabalho ainda contribuem para uma melhor qualidade de vida.

P – Como são as condições de trabalho no campo?

R - “Eu vejo as coisas difíceis porque, no caso, as pessoas lutam para ter alguma coisa, e tem sempre o latifúndio. A vida é difícil e muita gente não consegue sair dessa doutrina de trabalhar, trabalhar, trabalhar. Eu conheço gente que trabalha de domingo a domingo” (J. V.C., rapaz, 17 anos).

Esse reconhecimento sobre as dificuldades enfrentadas pelos que vivem no campo, que parecem contraditórias, é levado em consideração quando chega à hora de decidir sobre o futuro. A facilidade existente hoje em concluir os estudos e chegar à faculdade, se manter próximos aos seus familiares e amigos, demonstra que, se a cidade exerce influência sobre seus projetos de vida, mas ela não os determina. A relação entre trabalho e educação aparece como estratégia que oferece aos jovens uma oportunidade de continuarem trabalhando e morando no mesmo lugar. A imagem de rural, ao mesmo tempo em que afirma que ali é lugar de trabalho pesado e penoso, por outro lado demonstra também satisfação porque diferentemente da cidade, não há desemprego, como os jovens informam.

Contudo, é importante levarmos em consideração o movimento de saída e entrada em Baixada de Salinas. Tem-se observado uma pequena diminuição da população local na última década. Os dados censitários (IBGE, 2000) informam que em 1991, a população de Campo do Coelho era de 8.206 pessoas, sendo 52,92% de homens; em 2000, ela representava 7.773 pessoas, sendo 53,04% masculina. Em outras palavras, enquanto há uma tendência em se diminuir a população local, a participação relativa dos homens mantém-se quase inalterada⁴⁹. Isso demonstra que os rapazes quase sempre têm seus projetos de vida orientados para as atividades no campo, apoiados pela família e pelas instituições locais (Ibelga, Pesagro e Emater). Eles têm maiores chances de realizarem seus projetos de vida já que os melhores níveis de escolaridade acabam empurrando as moças para a cidade de forma parcial ou definitivamente.

Essa condição também é verificada por Camarano e Abramovay (1998) no oeste catarinense. Os autores chamam a atenção para o processo de envelhecimento e masculinização no campo. Como ressaltam 8e Abramovay, a migração para a cidade deve-se menos à atração dos empregos urbanos e mais às dificuldades de ficar no campo. A falta de trabalho, e trabalho bem remunerado, faz com que alguns jovens olhem para a cidade como uma solução não desejada, principalmente para as mulheres.

⁴⁹ Essa realidade se apresenta contrária à situada no município de Nova Friburgo. A partir dos anos 70, a população do município cresceu em ritmo lento até 1980, em torno de 5% ao ano (1970 = 15.626, 1980 = 16.287). A partir de então, houve um crescimento populacional do município. Segundo os dados do IBGE (2000), em 1991, a população do município era de 22.727 pessoas residentes, sendo 54,59% de homens; já em 2000, a população estava em torno de 21.567 pessoas, sendo o contingente masculino de 52,42%.

Segundo dados do Ipea (publicados na "*FSP*", 150497 apud Camarano e Abramovay, 1998), em 1990 havia cerca de 32 milhões de brasileiros no campo; mas entre 1990/1995 saíram 4 milhões, perto de 13% do total da população rural, principalmente jovens. Desses migrantes, 60% eram mulheres, entre 15 e 19 anos. Camarano e Abramovay (1998), utilizando dados do IBGE, revelaram uma crescente masculinização da sociedade rural, de maneira que o êxodo rural estaria fazendo o campo ficar sem mulheres, manifestando, já, como problema, o celibato compulsório. Pelos dados do Ipea, 19,2 milhões de brasileiros do campo são homens (perto de 60%).

Para os autores, as condições de trabalho e permanência no campo são mais favoráveis aos homens adultos. Os jovens e as mulheres enfrentam não somente a falta de oportunidades de trabalho, mas também a discriminação quanto à divisão da propriedade familiar. São as mulheres que menos herdaram terras e a educação acaba sendo uma estratégia para se conseguir um emprego na cidade, o que faz com que elas migrem do seu lugar de origem.

Durston ressalta que esse movimento de saída dos jovens e de mulheres muitas vezes se torna irreversível. Muitos jovens que saem para estudar ou trabalhar na cidade acabam não retornando ao seu lugar de origem (Durston, 1998), principalmente as mulheres, que vêm na cidade melhores oportunidade de trabalho. Para esses jovens, a distância da autoridade paterna lhes oferece a oportunidade de pensarem alternativas de vida, onde a agricultura faz parte da sua identidade social, torna-se uma imagem que fica na lembrança da infância.

Os jovens de Baixada de Salinas não estão distantes de outras realidades brasileiras ou latino-americanas. A aproximação com a sede do município, a escolarização dirigida para a permanência no campo, mas que também possibilita a continuação dos estudos daqueles que pretendem fazer uma faculdade ligada a outras áreas do conhecimento fora do universo rural, lhes abrem maiores oportunidades de trabalho e estudo de forma que não tenham que se afastar do seu local de origem. A melhoria da qualidade de vida desses jovens, principalmente daqueles em piores condições de reprodução social, parece depender de vários incentivos onde a família e as instituições de educação e assistência técnica exercem papel fundamental, seja no sentido de mantê-los no trabalho no campo, seja mantendo-os no campo trabalhando em outras atividades, inclusive na sede do município.

5.2. O projeto de vida dos jovens de São Pedro da Serra:

Gostaríamos de voltar ao caso de Antônio, citado anteriormente, como exemplo de filho de ex-agricultor, que vê em outras profissões a possibilidade de realização pessoal, mas que não pretende sair do seu lugar de origem. Assim como outros jovens locais (82,46% dos entrevistados), Antônio pertence a uma tradicional família de São Pedro da Serra, cujo sobrenome remete aos primeiros colonos da região. Com 19 anos na época, Antônio já cursava a faculdade e, nas horas de folga, ajudava o pai na pousada. Esse era proprietário de terras, de casas de aluguel e de um bar dentro da pousada. Havia desistido de ser produtor agrícola logo que o trânsito de turistas aumentou na região. Foi um dos primeiros a construir uma pousada, local muito procurado pelos visitantes porque possuía além de dormitórios, quadras esportivas e uma piscina alimentada pela cachoeira que corta sua propriedade. Antônio afirmava que

a maioria das pessoas que frequenta o seu sítio é de moradores da região, que se juntam aos hóspedes nos finais de semana e feriados por causa da piscina e da quadra de futebol. Observamos que esse local, se não fosse propriedade particular, poderia ser considerado um clube local. Quando o negócio estava em baixa, a família de Antônio contava com o salário de professora de sua mãe, que era funcionária da prefeitura, e com os aluguéis dos imóveis destinados aos veranistas. Além dele, a família possui outro filho adolescente que também ajuda nos negócios da família. A renda familiar mensal estava em torno de R\$ 1.200,00, incluindo a pousada e os aluguéis.

Diferente dos jovens de Baixada de Salinas, 78,46% dos jovens de São Pedro da Serra trabalha fora, isto é, trabalha separado do grupo familiar, e tem remuneração. Eles trabalham e estudam dentro ou fora da localidade. A manutenção da moradia com os pais, mesmo quando estudam na cidade, e o exercício de pequenas atividades informais e/ou sazonais ajudam os jovens na aquisição de uma profissão. Porém, o caso de Antônio é singular na localidade pela sua relação com o turismo e o futuro. Assim como 21,54% dos jovens entrevistados, ele não trabalha fora, sua participação econômica se dá no âmbito familiar.

Os baixos rendimentos auferidos pelos diferentes membros da família, inclusive pelos jovens, é um forte motivo para que seus membros permaneçam juntos. Os pais, juntos, são apontados pelos jovens como os principais responsáveis pelo sustento da família (53,13%). O pai representa o principal provedor da família (20,31%). A mãe é responsável pelos rendimentos familiares para 14,06%. No caso, são mulheres separadas ou viúvas, isto é, já não possuem maridos. Os irmãos aparecem com 4,69% e os avós e outros parentes com 6,25%. Apenas 9,38% dos entrevistados afirmam contribuir para o orçamento familiar. Esse percentual tão baixo de jovens que contribuem para o sustento da família, assim como de mulheres consideradas provedoras das suas respectivas famílias, está atrelado ao caráter de “ajuda” na qual as atividades desses integrantes são incluídas. Portanto, a participação dos jovens nos rendimentos familiares continua a ser percebida pelos seus integrantes como “ajuda”, mesmo quando sua participação no orçamento familiar é essencial para a manutenção do grupo.

Nesse caso, a natureza da “ajuda” em São Pedro da Serra não é diferente da natureza da “ajuda” em Baixada de Salinas, pois está inserida na lógica dos papéis de geração e gênero, onde cabe ao pai a responsabilidade de prover financeiramente à família, transformando a participação dos outros membros numa condição de “ajuda”. Mas, por outro lado, ela se dá fora do âmbito familiar apontando para uma individualização dos ganhos auferidos. De qualquer forma, os recursos obtidos pelos jovens são fundamentais para a sobrevivência do grupo.

Uma outra questão que aparece no perfil dessas famílias diz respeito ao nível de escolaridade dos pais em relação aos filhos. Assim como os adultos de Baixada de Salinas, de modo geral, os pais dos entrevistados estudaram até o final do ciclo básico (antiga 4ª série), o que, de certo modo, os vêm diferenciando dos jovens atualmente⁵⁰. Contudo, isso não quer dizer que os pais não se interessem pela manutenção dos filhos na escola ou numa formação capaz de melhorar as condições de vida dessa nova geração. Essa também é a intenção da maioria dos jovens entrevistados, como segue o quadro abaixo. Foi realizada a seguinte pergunta: no momento, quais são os seus planos para o futuro?

Tabela 3. Planos dos jovens de São Pedro para o futuro.

Respostas	Mulheres (32 entrevistadas -%)	Nº absoluto	Homens (32 entrevistados -%)	Nº absoluto
Continuar os estudos	65,63	21	65,63	21
Arrumar um emprego e estudar	25	8	25	8
Arrumar um emprego e parar de estudar	3,13	1	9,38	3
Casar	15,63	5	21,88	7
Ir para a cidade	9,38	3	9,38	3
Viajar, conhecer outros lugares	6,13	2	31,25	10
Morar sozinho (a)	6,13	2	9,38	3
Não sei ainda	3,13	1	0	0
Sem resposta	3,13	1	3,13	1

Uma projeção que aparece no discurso dos jovens de São Pedro da Serra é continuar os estudos e, quem sabe, chegar ao nível superior. Essa perspectiva vai em direção ao seu ciclo de vida, onde os jovens buscam se preparar para o mercado de trabalho, aparecendo os demais item citados acima como parte dos ritos de passagem a idade adulta. Dos jovens entrevistados que pretendem continuar os estudos (homens e mulheres), 39,07% afirmam a intenção de cursar uma faculdade. Como coloquei anteriormente no primeiro capítulo, os cursos desejados dizem respeito às atividades existentes na cidade e não no campo, visto que as atividades locais são percebidas como informais mesmo aquelas ligadas à agricultura. A escolarização em direção à cidade aparece então como uma estratégia consciente diante da realidade do mercado de trabalho local.

Se ser filho de agricultor apontava para uma grande probabilidade dos jovens se tornarem agricultores (Abramovay et al., 1998), a precarização da agricultura tem empurrado não somente os pais, mas também os filhos para outras atividades consideradas mais lucrativas. Assim, ex-agricultores reproduzem em seus filhos a desesperança vivida com as atividades herdadas. Segundo os jovens, seus pais são os primeiros a estimulá-los a buscarem alternativas de sobrevivência, nem que para isso sejam obrigados a migrarem para a cidade.

Essa realidade pode ser observada nas iniciativas que vêm se desenvolvendo na localidade. Na época do trabalho de campo, São Pedro contava com: uma farmácia, duas padarias, sete mercados e mercearias, 18 pousadas, 13 restaurantes, quatro lojas de roupas, uma locadora de vídeo, nove bares, seis galerias de arte, um bazar, duas lojas de material de construção, quatro serralharias, uma “bomboniere”, dois salões de beleza, uma barbearia, uma oficina mecânica, uma borracharia, duas confecções de roupas íntimas, duas academias de ginástica, três clínicas dentárias, um posto turístico, duas igrejas (católica e Assembléia de Deus), três escolas (municipal, estadual e particular), um clube de lazer, um posto do correio, um posto médico, três clubes (Bocaina Futebol Clube, Estrela do Mar e São Pedro Futebol Clube) e um cemitério.

⁵⁰É também digno de nota o elevado desconhecimento sobre a escolaridade dos pais pelos entrevistados. Segundo suas informações, 20% não souberam responder sobre renda familiar e os ganhos individualizados pelos diferentes membros da família.

Esse crescimento das atividades não-agrícolas na localidade sugere que o interesse dos moradores tem sido em direção aquelas atividades que possam gerar renda diante da diminuição da agricultura na região, o que por sua vez, reorienta as estratégias familiares quanto ao futuro dos filhos.

A realidade do mercado de trabalho no 5º e 7º distrito de Nova Friburgo, na verdade segue a lógica das mudanças no mundo do trabalho globalizado. A tendência é o aumento de indivíduos empregados em atividades consideradas urbanas, como o setor de serviço (Larangeira, 1997, Antunes, 1995). Entretanto, devido à densidade populacional ser menor em São Pedro e o turismo estar em desenvolvimento, tem-se observado que, diferentemente da cidade, como o Rio de Janeiro, há maiores oportunidades de trabalho informal para os jovens nessa região. Os salários, como vimos anteriormente, são baixos, mas têm garantido o acesso desses jovens a alguns bens de consumo, como a compra de motos. Para as moças, as oportunidades de trabalho são ainda menores, já que a maioria dos empregos se concentra na construção civil.

De qualquer forma, as condições atuais do mundo do trabalho são um forte inibidor da execução dos projetos de vida dos jovens (dos Anjos, 2001). O desemprego estrutural, como decorrência do desenvolvimento tecnológico, e sucessivamente a diminuição dos postos de trabalho no setor primário, têm contribuído para o aumento das atividades informais, terceirizações e outras formas de adequação à realidade do emprego. Cada vez mais adia-se a entrada dos jovens no mercado de trabalho formal e as ofertas de emprego se dirigem ao público feminino onde se pagam salários menores.

O jovem já não pode contar com as dimensões que caracterizavam o emprego formal, como normalidade, regularidade, continuidade e homogeneidade. O que se presencia hoje são as irregularidades, as descontinuidades e as heterogeneidades. Um processo que parece irreversível, onde a precarização do trabalho e o desemprego estariam inscritos na dinâmica dos novos modos de estruturação do desenvolvimento do capitalismo. É a precarização do trabalho como destino (intermitente permanente), produzindo o descrédito do trabalho, afetando as novas gerações no sentido de uma alienação à ética do trabalho (Larangeira 1997). Porém, as conseqüências do desemprego estrutural e a flexibilização do emprego atingem não somente jovens e mulheres, mas, sobretudo, os que estão acima dos 55 anos e o chamado núcleo duro da força-de-trabalho constituído por homens entre 30 e 40 anos. Da mesma forma, o fenômeno da não-empregabilidade que atinge, principalmente os menos qualificados, estende-se, hoje, também aos qualificados (Larangeira, *idem*). Portanto, o processo é altamente excludente para toda a sociedade, que, de alguma forma, chega aos projetos locais.

Na busca por uma melhor empregabilidade e remuneração, os jovens investem na escolarização dirigida ao mundo do trabalho urbano, mas diretamente naquelas oportunidades de trabalho geradas na sede do município. Seus interesses estão orientados para aquelas profissões diferente dos seus pais e familiares, tradicionais agricultores da região: professores, administradores de empresa, militares, entre outras. De modo geral, esses jovens que sofrem o processo de expulsão da agricultura, afirmam não gostar de agricultura, principalmente porque observam que ela vem declinando na sua região, fazendo com que eles se dirijam ao trabalho no comércio. Dizem que o percurso entre a localidade e a cidade é muito cansativo, mas que vale a pena. Por outro lado, não acham necessário ir morar no centro, pois, entre outras coisas, é preciso ajudar o pai no comércio e na pousada.

No caso de Antônio, ele acreditava que quando se formasse não poderia mais continuar morando na localidade porque não há emprego para a profissão que escolheu:

Engenharia mecânica. Seria preciso estabelecer uma estratégia que o mantivesse próximo aos pais, familiares e amigos, ao mesmo tempo proporcionasse o término da faculdade na cidade, colocando a ajuda à família em segundo plano:

P - No momento quais são seus planos para o futuro?

R - Estudar bastante e conseguir um bom emprego. Pretendo ter um emprego na cidade e nos finais de semana, ajudar o pai a manter a pousada, ampliando o negócio. Mas é uma coisa secundária.

A família o apóia nessa situação, inclusive foi através dos recursos familiares que pode morar em outro município enquanto fazia o pré-vestibular. Sabe que terá que contar com o apoio financeiro dos pais durante muito tempo, mas também acredita que poderá vir a São Pedro todo final de semana para “ajudar” a sua família na manutenção dos negócios. O “ajudar” significa a não remuneração do trabalho exercido, mas aponta também para uma relação de reciprocidade quando os filhos se tornarem independentes.

Jovens como Antônio, que contam com a solidariedade dos familiares e parentes, podem ter melhores possibilidades de educação e futuramente de trabalho, pois recebem estímulo e ajuda financeira. Na verdade, em torno de cada família se constroem redes sociais e econômicas cujas ramificações estão para além dos limites da localidade, o que por sua vez pode facilitar que os jovens tenham acesso ao centro do município, seja para estudar, trabalhar ou se divertir. São essas redes socioeconômicas junto com o capital social e financeiro de cada família que irão delinear o campo de possibilidade de cada jovem.

Mas para a maioria dos jovens de São Pedro da Serra, filhos de pequenos agricultores descapitalizados, cujos pais não têm muitas condições de ajudá-los, seja porque possuem poucos recursos financeiros, capital social ou uma pequena rede social, a possibilidade de auferir algum sucesso na execução dos seus projetos é menor. Dos jovens entrevistados, 67,23% informam que o que se apresenta como possibilidade futura é ter que trabalhar e estudar, principalmente para custear suas necessidades básicas e contribuir para o orçamento familiar. Os pais se esforçam em ajudá-los a completar o ensino médio, mas dali para frente terão que continuar dependendo muito mais deles do que da família, diminuindo assim as chances de realização pessoal. Dos jovens entrevistados, 25% desistiram da escola porque não viam na educação grandes possibilidades de “subir na vida” ou porque não podiam contar com a “ajuda” dos pais. Essa perspectiva de “subir na vida” através dos estudos torna-se um referencial para aqueles que podem utilizar seu tempo e dinheiro para a educação, já que a distância dos grandes centros, onde estão as melhores escolas, é um forte inibidor para que eles concluam os estudos.

Portanto, as condições socioeconômicas familiares são fundamentais para a realização dos projetos de vida dos jovens, principalmente porque em torno de cada família se estabelece uma rede de relações sociais e econômicas que pode vir a garantir o sucesso esperado. Assim, para além da solidariedade familiar que a mantém como espaço íntimo de afeto, outros fatores também contribuem para a realização dos projetos de vida dos jovens, como o capital social e financeiro existente em cada uma delas e que formam o campo de possibilidades de cada jovem.

A família é uma organização social complexa, um microcosmo da sociedade, onde ao mesmo tempo se vivem às relações primárias e se constroem os processos identificatórios. Na família se expressam papéis sociais de gênero, cultura de classe, se reproduzem as bases do poder, mas também a família se torna um espaço fundamental para a realização dos indivíduos, dependendo dos recursos sociais e financeiros e das

relações sociais que cada uma delas possua e que possam ser utilizados pelas gerações mais jovens. Mas isso não quer dizer que não existam os conflitos, as discussões, já que decisões são tomadas em relação ao futuro dos filhos, que podem não ir no mesmo sentido dos interesses dos jovens. É uma instituição dinâmica capaz de responder a processos de mudanças mais amplos das mais variadas formas. Por outro lado, as mudanças que vêm ocorrendo na família contemporânea podem levar à ressemantização ou à transformação de antigos papéis assumidos pelos diferentes sujeitos na família, assim como direcionar e possibilitar a realização dos projetos individuais.

É nesse sentido que percebemos a família dos jovens aqui estudados. Inserida num processo mais amplo de “transformações”, ela representa um microcosmo da sociedade da qual faz parte, isto é, traz no seu interior todas as contradições vividas na sociedade contemporânea. As mudanças que vêm se operando na economia de São Pedro da Serra em direção ao turismo mostram que, para muitos jovens, tem havido um distanciamento entre produção e reprodução social sustentada na atividade agrícola familiar, o que de certa forma amplia seu campo de possibilidades, ao mesmo tempo que diminui o papel da família no processo de socialização para o trabalho. Isto é, antes esses processos estavam parcialmente superpostos. A participação dos diferentes membros nas atividades rurais estava definida segundo gênero, idade e status social, uma organização que marcava também o espaço público porque criava redes sociais mantidas pelas relações de afeto, a amizade e reciprocidade.

O que temos observado é que a família rural descapitalizada começa a perder antigas funções, principalmente nos papéis construídos para as mulheres e os jovens, não significando com isso o seu fim. Hoje, existe uma grande incerteza para a maioria dos jovens em relação à concretização dos seus projetos de vida quando eles estão direcionados para as atividades agrícolas, mas a realidade local os empurra para outras atividades. Por outro lado, em contato com outras atividades, eles aprendem outras profissões que ajuda a ampliar suas possibilidades de reprodução na localidade de origem. Mas, no caso de São Pedro da Serra, essas atividades informais não são consideradas como uma futura realização pessoal porque são informais e ligadas à mão-de-obra não especializada o que, por sua vez, representa baixos salários, mesmo que seja melhor do que os recebidos na agricultura.

Nota-se que a experiência de Antônio, o coloca frente as diferentes realidades de campo e cidade. Ele estabelece um projeto individual que se traduz num outro estilo de vida, diferente dos vividos pela geração anterior, mas não o separa do projeto da família. Ele se vê diante da necessidade de permanecer próximo à família no desenvolvimento do seu negócio. Assim, o “não permanecer junto” significa separação, mas não ruptura com o projeto familiar. O projeto familiar se secundariza. Passa para o tempo livre. Importa em primeiro plano: o projeto individual.

Como a maioria dos jovens que afirma não querer sair de São Pedro da Serra (visto no capítulo anterior), Antônio tem, através do estudo, a possibilidade de ampliar suas oportunidades de realização pessoal, mas nega a possibilidade de viver na sede do município, longe da família. Pode investir numa profissão que considera fundamental para sua realização pessoal, ao mesmo tempo em que pode contar com o apoio financeiro da família se a profissão que escolheu não lhe trouxer grandes resultados financeiros. Isso exige que mantenha os laços familiares estreitos.

A partir da convivência com outros espaços sociais na cidade, Antônio tem tomado uma posição crítica em relação ao comportamento da juventude que considera diferente dos amigos locais. Ele tenta se adaptar a essa nova realidade sem perder de vista os valores que o identificam à localidade de origem. São mundos diferenciados, segundo Velho (1994), com padrões contrastantes, concepções particulares, olhares e

prioridades distintas, onde os indivíduos aprendem a lidar com essa situação, desenvolvendo não só estratégias racionais, mas, sobretudo, uma capacidade de adaptar-se às circunstâncias.

Assim, os projetos individuais, como os de Antônio, à primeira vista parecem diferir dos interesses da família que possui um negócio para o qual necessita de todos os seus membros. A sua possibilidade de estudar e trabalhar fora exige uma negociação com outros membros da família. Seus pais e o irmão terão que trabalhar mais para suprir seu lugar no comércio e na administração da pousada, e também se vêem na obrigação de sustentar seus estudos na cidade. Contudo, essa negociação torna-se menos conflitiva quando os pais vêem na possibilidade de um filho estudar e conseguir um emprego, uma oportunidade a mais para que nem todos os membros da família dependam diretamente dos recursos ou do patrimônio da família, futuramente. Seguindo essa lógica, os projetos individuais desse tipo têm uma função econômica e social para a família, pois amplia a rede de relações sociais também.

Mesmo inserido em espaços sociais distantes dos vividos por seus pais, Antônio procura se manter como alguém que pertence à localidade, através da manutenção dos laços de lealdade à sua família, compartilhando situações, crenças e hábitos. Dos 64 jovens entrevistados, 90,53% buscam um curso superior, e 64,06% afirmam ainda que isso não significa uma vontade de sair do lugar onde moram, mesmo reconhecendo as dificuldades de deslocamento que um futuro trabalho na sede pode causar. Para os 85,64% dos jovens de São Pedro da Serra, é importante “não se esquecer quem você é”, “de onde você veio”. Os valores familiares, como a manutenção da reciprocidade e as relações de amizade e parentesco locais são demonstrações do pertencimento desses jovens à sua comunidade e que procuram mantê-los próximos. Deste modo, em localidades rurais como Baixada de Salinas e São Pedro da Serra, a lógica do coletivismo, da ajuda mútua ainda é muito forte, assim como a manutenção da proximidade junto à família, o que, de certa forma, evita que os jovens mergulhem totalmente na sociedade urbano-industrial.

Sem dúvida, os espaços de sociabilidade de jovens como Antônio, que estão para além das fronteiras entre campo e cidade, mostram que esses jovens passam por um processo de transformação que rompe com certas visões de espaços sociais separados, mas que, por outro lado, também apontam para a manutenção de certas especificidades ligadas à organização da reprodução social em cada espaço.

Diferente das possibilidades que aparecem para Antônio, para os filhos dos lavradores, dos aposentados e daqueles que vieram morar na localidade, e que trabalham nas atividades pouco remuneradas na região (62,40%), a realidade é diferente. Seus projetos demonstram uma grande incerteza quanto ao seu futuro, já que não vêem com muita perspectiva a possibilidade de realizá-los. Na maioria dos casos, não podem contar com o patrimônio ou com a ajuda da família para continuar os estudos fora da localidade, ou simplesmente se manter na escola se profissionalizando quando a família depende do seu trabalho, seja na lavoura ou em outras atividades remuneradas. É o caso de Marcos, um jovem de 16 anos que trabalha de balconista numa loja de material de construção. Filho de família antiga na região, não herdará propriedade de terras. O pai vendeu tudo para os veranistas e está aposentado pelo serviço público (trabalhava na limpeza pública). A mãe, também filha de família da região, empregada doméstica, trabalha na casa de veranistas. Apenas 9,47% dos jovens entrevistados afirmaram não pretender continuar os estudos.

Marcos informa que, da sua família, apenas o cunhado continua a trabalhar na agricultura. Seus avós foram agricultores, mas os seus pais não. Uma demonstração que o processo de expulsão do campo já havia começado na geração anterior à sua, no caso,

seus pais. Vê na educação uma oportunidade de melhorar de emprego, mas para isso terá que estudar fora e trabalhar para se sustentar, pois a família enfrenta dificuldades, inclusive tendo que contar com a remuneração do filho. Assim, seu projeto de vida trazia em si uma grande incerteza quanto ao futuro porque pequeno era seu campo de possibilidades.

P. Qual o seu projeto de futuro?

R. Continuar os estudos, fazer uma faculdade, tentar crescer ao máximo.

P. Pretende fazer o quê?

R. Faculdade. Talvez Informática.

P. Mas para fazer faculdade você terá que sair daqui?

R. Pretendo sair também.

P. Pretende sair?

R. só para estudar, mas pretendo continuar morando aqui.

Jovens como Marcos vivem as ambigüidades de pertencer a uma localidade onde estão suas relações sociais mas que as condições de vida locais aparecem como grandes incertezas, dirigindo seu olhar para possíveis oportunidades de trabalho na sede do município. Ele não gostaria de morar em outro lugar, mas a falta de trabalho remunerado e de educação profissional o empurra para a cidade. Na pesquisa realizada por Carneiro (1998), que envolveu jovens de São Pedro da Serra/RJ e do Rio Grande do Sul, dos 38 jovens entrevistados, mais da metade (57,89%) afirma gostar do local onde moram e 47,36% destes desejam nele permanecer depois de adultos porque é “próximo da família” e “da natureza”, é “divertido”, e “já têm um patrimônio lá” (principalmente os filhos de agricultores que irão herdar as terras de seus pais e desejam permanecer no trabalho agrícola); apenas 10,52% disseram não gostar de onde moram. E 18,42% disseram que gostariam de mudar-se para uma outra cidade, porque acreditam que numa cidade maior é mais fácil viver porque têm mais oportunidades de empregos e de melhorar de vida. Na cidade, eles poderão contar com a solidariedade de parentes e amigos que, assim como eles, se transferiram para a sede do município. na esperança de conseguir um futuro melhor.

Como outros jovens, filhos de produtores descapitalizados ou pequenos comerciais locais. Marcos, na elaboração de suas estratégias, e apesar das situações limites impostas pela pobreza, não aceita repetir a trajetória de seus pais (Durston, 1996). É o que também esperam os pais ao incentivar seus filhos a concluir os estudos, uma realidade que difere das gerações anteriores que, na maioria das vezes, não chegaram a concluir o ensino fundamental.

Os jovens podem ainda buscar laços de reciprocidade dentro da rede de parentesco ou casar, por exemplo, com alguém de fora, da cidade. Assim, a educação e a migração temporária ou definitiva, junto com uma gama de novas atividades agropecuárias, aparecem como possibilidades pelo menos como ideais. A maior propensão do jovem rural à inovação e ao risco guarda então relação com a mesma condição juvenil: não há passado, como já não há muitos feitos pelos maiores (Durston, idem). Os jovens, mais abertos à inovação podem migrar por períodos definidos ou indefinidos. Podem não só pensar, mas concretizar estratégias de vida na etapa juvenil nas condições de mais extrema pobreza. Os que não estão lutando pela sobrevivência podem ascender através da educação. É o que tem marcado principalmente a situação das jovens rurais, que pela possibilidade de estudar, migram para os centros urbanos e obtêm melhores oportunidades de trabalho que se permanecessem no campo.

Portanto, as oportunidades de educação e trabalho que são colocadas à frente desses jovens, como Marcos, demonstram que, se pretendem melhorar de vida, terão que se dirigir para a sede do município, mesmo que isso não signifique uma ida definida. Contudo, as experiências e as facilidades proporcionadas pela sede do município podem fazer com que os jovens jamais retornem ao seu lugar de origem, ou a imigração idealizada como temporária pode se tornar definitiva, pois o retorno pode significar desemprego (Silva, 2002).

É nesse sentido que, diante da realidade local, as decisões sobre permanecer ou partir do campo aparecem como uma atitude pragmática. Os jovens irão à busca daquilo que lhes parece uma resposta diante de suas condições locais. Lembro que após um ano que estive em São Pedro da Serra, jovens como Marcos, haviam se transferido para a sede do município para trabalhar na construção civil. Várias vezes conversamos por telefone, ocasião em que Marcos dizia não falar com os amigos já há algum tempo. Não estava estudando e não tinha outra perspectiva melhor de trabalho.

As incertezas no mundo do trabalho trazem grande instabilidade para esses jovens de diferentes ordens. Eles se vêem diante da necessidade de se estabelecerem enquanto pessoas, autônomas, mas as possibilidades para essa realização dependem das oportunidades de educação e trabalho.

Assim, de diferentes formas, os jovens de Baixada de Salinas e São Pedro da Serra enfrentam os mesmos dilemas: querem permanecer na sua localidade de origem, mas também querem ter acesso à educação e trabalho de qualidade e aos bens produzidos pela sociedade urbano-industrial. Contudo, as condições de vida parecem melhores para os filhos cujos pais são capazes de contribuir para a realização de seus projetos de vida, mesmo que o projeto coletivo fique em segundo plano. Não temos dados sobre o movimento de saída de jovens de São Pedro da Serra devido ao fato do distrito ser novo, mas as imagens e os relatos dos entrevistados demonstram que muitos jovens são levados a buscarem na cidade algum emprego que seja mais bem remunerado do que os da região.

Em suma, podemos observar que em condições semelhantes e nas condições de Raul, Antônio e Marcos, os projetos de vida dos jovens são elaborados a partir do campo de possibilidades que existe para cada um deles. Para cada jovem, fatores internos ligados à família, tais como as redes sociais, o capital social e financeiro aparecem de formas diferenciadas, direcionando seus projetos de vida. Mas outros fatores também contribuem para a elaboração de seus projetos de vida, como as políticas locais de educação e trabalho. Assim, não há um caminho único. O que podemos afirmar é que, dependendo da forma como esses fatores são conjugados, os jovens terão maiores ou menores possibilidades de realização pessoal.

CONCLUSÃO

De modo geral, para os jovens entrevistados das localidades de São Pedro da Serra e Baixada de Salinas, as transformações que vêm se processando com a aproximação entre campo e cidade, fazem com que seus campos de possibilidades sejam ampliados. Para os jovens de Baixada de Salinas as condições locais parecem favorecer mais diretamente sua permanência no local através de uma capacitação profissional dirigida ao agrícola, mesmo que para isso o trabalho com a terra tenha que ser ressignificado. Os jovens de São Pedro da Serra, pelas oportunidades de trabalho, mesmo garantindo uma fonte de renda, e a escola local que não oferece ensino técnico, são empurrados para outros espaços, como a sede do município. Mas isso não quer dizer que se sintam atraídos por esses espaços no sentido de fixar residência, construir de relações de amizade ou contrair matrimônio.

A escolarização profissionalizante em São Pedro da Serra poderia favorecer a permanência dos jovens no seu lugar de origem através da capacitação para atividades agrícolas e não-agrícolas, isto é, que lhes fossem oferecidas profissionalizações que ampliassem seu leque de oportunidades tanto na localidade como fora dela. Já que estão tão próximos da cidade seria necessário, ao mesmo tempo, que uma rede de infraestrutura fosse construída no sentido de possibilitar a entrada e saída dos jovens para dar continuidade aos estudos assim como trabalhar em outras localidades da região, inclusive na sede do município.

No caso dos jovens de Baixada de Salinas, também poderia se ampliar o acesso dos jovens a outras profissões, visto que o interesse pela escola mostra que nem todos querem reproduzir a identidade de agricultor aos moldes das gerações passadas. Agora os filhos dos médios e pequenos agricultores falam em serem “administradores agrícolas”, algo que lhes proporciona uma re-leitura dos modos de vida rurais. Essa perspectiva quanto ao futuro, nos moldes do que vem acontecendo com os jovens rurais franceses, na verdade é resultado da imagem de rural produzida pelas escolas-família. Nota-se que, no âmbito escolar, há uma desvalorização do trabalho manual e uma supervalorização do trabalho intelectual, o que, por sua vez, dilui o processo de socialização que fortalece a identidade de agricultor transmitido na rotina do trabalho manual. Assim, o Ibelga, na sua atuação, aponta as transformações que se seguem na agricultura familiar, isto é, o jovem rural de hoje deve ser um gestor, um empresário da agricultura, visto que a agricultura aqui é acima de tudo um “negócio” que deve ser levado a frente como um empreendimento capitalista. Por outro lado, procura fortalecer a identidade de agricultor e a vida coletiva no campo.

No caso dos jovens de São Pedro da Serra, a continuação dos estudos na sede do município lhes aparece como uma oportunidade viável, visto que estão cada vez mais próximos da sede do município. Assim, eles têm a possibilidade de trilhar um caminho diferente de seus pais e parentes, pois como eles, consideram a agricultura um destino não desejado. Querem ter acesso àquelas profissões que lhes garantam uma renda ao mesmo tempo em que não desejam se ausentar definitivamente da localidade de origem. Para os jovens cujos pais enfrentam dificuldades em permanecer na agricultura ou em outros empreendimentos econômicos locais, as incertezas quanto ao futuro são ainda maiores, já que não podem contar, na maioria das vezes, com o patrimônio familiar e os empregos oferecidos pelo turismo em desenvolvimento não são vistos como capazes de lhes proporcionar um futuro promissor. As atividades informais que garantem renda para aqueles que estão começando no mundo do trabalho, servem como um espaço de socialização para o trabalho, mas não fazem parte de um projeto de vida. Torna-se parte

de um projeto de vida para jovens como Antônio que “ajuda” o pai na pousada, cuja a lógica do trabalho ainda está inserida na lógica da organização familiar rural. Futuramente ele poderá levar à frente esse empreendimento junto com o outro irmão.

As atividades informais também ajudam a fortalecer a imagem de rural como espaço de atraso, pois o turismo é devido ao interesse dos que vêm de fora em busca de se distanciarem do ritmo de vida das cidades. O jovem de São Pedro, nos seus discursos, acaba por reificar a oposição entre campo e cidade, ao afirmar que o campo é local de sossego e tranquilidade, pois esse é o objetivo dos turistas.

Desta forma, a cidade não os atrai pela qualidade de vida, mas pela possibilidade de melhores remunerações e acesso à escolarização. Nas duas localidades eles afirmam gostar do movimento que possui o lugar. Ali existe parte do que consideram “qualidade de vida”, como o sossego, a segurança, a vizinhança, os amigos, e principalmente, a família.

Nota-se que a forma como os jovens procura definir campo e cidade, aponta para a permanência da idéia de espaços separados, mas que de fato estão tão relacionados que dificilmente poderiam ser informados através de qualquer tipo de fronteiras. São imagens que servem de referências para se localizarem na discussão sobre os jovens turistas e que moram na sede do município.

Nos dois sentidos, seja em relação ao trabalho e educação, ou em relação aos jovens de fora, elas ajudam a fortalecer o desejo dos jovens de permanecer no campo ao mesmo tempo em que demonstram ser insuficiente para essa mesma permanência. Em São Pedro da Serra, o campo é o lugar de turismo, o que fortalece a imagem de um rural tranquilo, harmonioso, sem conflito, amante da natureza e da paz, mas onde falta escola profissionalizante, trabalho bem remunerado e perspectiva de ascensão social. Em Baixada de Salinas, o rural, além de ser local de trabalho e vida coletiva, compartilha da visão de tranquilidade e isolamento, mas associada também à falta de diversão e de melhores vias de acesso à cidade e aos bens de consumo da sociedade urbano-industrial.

Também observamos que, apesar da fluidez entre as fronteiras, a família continua sendo um espaço fundamental para a elaboração e execução dos projetos de vida dos jovens, o que também demonstra uma relativa autonomia e individualidade. É através das redes sociais que se constroem em torno de cada família, com sua extensão para além dos limites do grupo de pertencimento e da localidade, assim como o seu capital social e financeiro, que incentivam e garantem emprego, renda e escolarização, que irão apontar os caminhos trilhados por esses jovens e a possibilidade de realização pessoal.

Os jovens entrevistados das duas localidades reclamam de receberem tratamento diferenciado por parte das autoridades quanto aos espaços de diversão. Afirmam que devido ao campo ser visto como local de trabalho, não são criados espaços de diversão próprios para os jovens como clubes, salas de jogos eletrônicos, discotecas, quadras esportivas, entre outros. Se o campo é lugar de lazer, é para os de fora que já têm acesso às novidades da sociedade urbano-industrial, principalmente para os jovens que chegam como turistas. No caso específico de Baixada de Salinas, além da falta de lugares para diversão, de acesso constante e rápido à sede do município, existem também a pressão da religiosidade local para mantê-los distantes dessas novidades.

Na verdade, as autoridades locais não percebem que os jovens do campo têm necessidades de lazer. No caso das políticas públicas se lazer, as autoridades tratam o campo e a cidade com perspectivas diferenciadas, insistindo nas imagens que apontam o campo como local de trabalho e a cidade como espaço de diversão. Como mostrado aqui, o único espaço de diversão em Baixada de Salinas é o futebol. Mas são os próprios jovens que improvisam seus campos de futebol, garantindo assim a descontração dos

finais de semana. Esses espaços, assim como a escola e a igreja, são fundamentais para as relações de convivências e a construção de grupos de pertencimento. Mas poderiam ser ampliados, visto que muitos jovens do campo vão para os centros urbanos em busca de diversão, exigindo sacrifício físico e financeiro. Além disso, o futebol é um espaço predominantemente masculino, o que aponta para uma grande carência de espaços de lazer para as moças. Assim, os jovens têm que sair do campo para se divertir, o que realça uma imagem de atraso do campo, isso fortalece a sensação de uma fronteira entre campo e cidade. Por isso, as definições dos jovens quanto aos espaços apresentam tantas ambigüidades: elas falam das suas experiências pessoais e coletivas.

A relação campo e cidade ajuda construir as identidades sociais que se estabelecem no tempo e no espaço dos seus moradores. A relação do homem com seu ambiente é acima de tudo uma relação cultural (Berger e Luckman, 1973). Desta forma, podemos afirmar que as imagens que se constróem de campo e cidade, assim como de rural e urbano, são partes das experiências objetivas e subjetivas vividas pelos sujeitos em determinados contextos, não significando contextos geograficamente definidos.

Uma outra questão fundamental para entendermos o olhar desses jovens em relação ao presente e ao futuro, são as incertezas geradas pelo desenvolvimento capitalista. Como vem sendo apontado pelos estudos socioantropológicos, o jovem de hoje se vê diante de transformações socioculturais e econômicas muito rápidas que geram incertezas cada vez maiores quanto à realização de seus projetos de vida. Contudo, dentro de cada campo de possibilidades, essas incertezas podem ser maiores, principalmente para aqueles jovens que não podem contar com um patrimônio familiar ou com a rede social de sua família. Assim, não é possível generalizar a afirmação de Melucci (1997) quando atesta que o jovem de hoje vive em uma variedade de cenários onde suas escolhas podem ser feitas. Suas escolhas estarão sempre permeadas pelas possibilidades ditadas pelo lugar de origem, assim como pelas questões referentes a gênero, etnia/raça, status sociais entre outras. Para os jovens rurais, a individualidade tem pouco peso e significado na elaboração dos seus projetos de vida, visto que sua atuação está marcada por uma dinâmica social e econômica, onde a família conta com a sua participação, mesmo para aqueles que vão para a cidade estudar e que muitas vezes não retornam.

Enfim, diante das transformações na economia e no mercado de trabalho local e das relações que vêm se desenvolvendo com a sede do município, os jovens das localidades observadas são atingidos de diferentes formas por esses processos de mudanças. Hoje, as dificuldades enfrentadas pela agricultura em São Pedro da Serra contribuem para que os filhos de pequenos produtores busquem o convívio fora do roçado, na área de serviços, seja numa atitude definitiva, seja como complemento das atividades realizadas nas unidades produtivas. Para os jovens de Baixada de Salinas, filhos de agricultores descapitalizados, a educação dirigida para a formação de nível técnico amplia as possibilidades de permanecerem nas atividades agropecuárias, mesmo diante das dificuldades dos pais.

Tanto em São Pedro da Serra quanto em Baixada de Salinas, existe um número de jovens, mesmo que pequeno, que vê na cidade maiores possibilidades de realização dos seus projetos de futuro. Esse interesse pelas atividades econômicas na sede do município e a concretização de um projeto de vida ligado à realidade urbana também depende do campo de possibilidades em que os jovens estejam inseridos. Mesmo para aqueles cujos pais possuem um capital social e financeiro capaz de mantê-los no campo como produtores rurais, outras questões estarão fazendo parte das decisões dos jovens, como por exemplo, as imagens de campo e cidade que são referências para se relacionarem com esses espaços. Nesse caso, um jovem que tenha tido a possibilidade

de estudar na sede do município, construir grupos de amigos distantes das relações de amizade da localidade de origem, acesso às mais variadas formas de diversão, pode não retornar ao seu lugar de origem; assim como um jovem que saiu para estudar e trabalhar na cidade tem ainda a esperança de um dia poder voltar à sua localidade de origem para ali desenvolver uma agricultura familiar.

É preciso, portanto, observar o campo de possibilidades existentes para cada jovem e a direção que seguem seus interesses pessoais. Em cada caso, a família é fundamental para a realização dos projetos dos jovens que, na maioria das vezes, vai ao encontro das estratégias familiares de reprodução social na localidade de origem. O importante é propiciar a essas famílias rurais e aos jovens o direito a escolher o seu futuro, mesmo que ele represente uma ruptura com as formas tradicionais de viver no campo.

Como vimos, nem todos os jovens têm o interesse de trabalhar com atividades agrícolas ou pecuárias, mas a estrutura onde estão inseridos é um forte componente para que eles construam seus projetos ligados à realidade local. Aqueles que pensam em sair da localidade apenas para trabalhar ou em situação definitiva, mesmo que estejam inseridos no mesmo contexto, falam das dificuldades enfrentadas por suas famílias que, na maioria dos casos, não são proprietárias, ou se são, estão em baixa capacidade de reprodução social, apontando para os filhos um futuro fora da agricultura, ou a colocando num segundo plano. Para os jovens, filhos de agricultores ou comerciantes consolidados, a possibilidade de permanecer no lugar mostra que as incertezas quanto ao futuro são menores, pois o campo de possibilidades é maior. No primeiro caso, os jovens reconhecem a difícil realidade da sua família e elaboram estratégias que vão ao encontro às expectativas dos pais, demonstrando o sentimento de lealdade para aqueles cujo futuro não foi tão promissor. Sua saída definitiva para a cidade vai depender das possibilidades vividas individualmente. No segundo caso, as condições socioeconômicas fazem com que os jovens reafirmem seu interesse pelo seu lugar de origem, pois são eles que possuem maiores e melhores acessos à sede do município, seja para estudar, trabalhar ou se divertir.

Os modos de vida dos jovens entrevistados em São Pedro da Serra e Baixada de Salinas estão para além de uma visão de campo e cidade como espaços separados e contrários. Mas, no seu imaginário, esses espaços são representados como contrários, como é o caso do namoro e a amizade, principalmente em Baixada de Salinas, cuja visão é respaldada pela moralidade familiar e religiosa. É a possibilidade de reunir aquilo que cada espaço lhes proporciona que os aproxima desses espaços, ressignificando cada um deles, segundo seus interesses.

No caso das relações sociais de gênero e a sexualidade, é preciso investir em estudos que abordem essas questões, pois o que pudemos observar é a falta de conhecimento teórico sobre as experiências objetivas e subjetivas que os jovens do campo vêm desenvolvendo diante dos apelos da vida urbano-industrial. Por exemplo, diferente dos jovens homossexuais que vivem nas grandes cidades, os do campo parecem sofrer maior preconceito, visto que são mais visíveis, mais percebidos do que os dos aglomerados urbanos.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação*, Mai/Jun/Jul/Ago, n.5, Set/Out/Nov/Dez, n.6, 1997.
- ABRAMOVAY, Ricardo et al. *Juventude e a agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: UNESCO, 1998.
- ADORNO, Sérgio. Adolescentes, crime e violência. In: ABRAMO, H. W., FREITAS, M. V., SPÓSITO, M. P. (orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- ALEXANDER, Jeffrey C. O novo movimento teórico. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 4, v.2, jun., 1987.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3º ed., São Paulo/UNICAMP; Ed. Cortez, 1995.
- ALVIM, Maria Rosilene B. & VALLADARES, Lícia P. Infância e sociedade no Brasil: uma análise da literatura, *BIB*, n.26. São Paulo: ANPOCS, 1988.
- ALVIM, R., GOUVEIA, Patrícia (orgs.) *Juventude nos anos 90: conceitos. imagens, contextos*.(apresentação). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- ALVIM, R.. PAIM, E. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In: *Juventude nos anos 90: Conceitos, Imagens e contextos*.(Apresentação). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- ARROYO, Miguel. Prefácio. In: ROMANELLI, Otaíza O . *História da Educação no Brasil*. 27ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BASTOS, F. I., CARLINI-CONTRIM, B. O consumo de substâncias psicoativas entre jovens brasileiros: dados, danos & algumas propostas. In: BERQUÓ, E. (org.). *Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas*. Brasília: CNPq, 1998. Págs. 645-669.
- BEE, H. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1997.
- BECKER, Howards. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1993.
- BÉJIN, André. O casamento extraconjugal dos dias de hoje. In: *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp.183-193.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BERQUÓ, Elza. Arranjos Familiares no Brasil: Uma Visão Demográfica. In: *História da Vida Privada no Brasil 4: Contrates da Intimidade Contemporânea*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998 (p. 412-438).
- BERREMAN, Gerald D. A etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*, 3º ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- BOCK, S. D., A inserção do jovem no mercado de trabalho. In: ABRAMO, H. W. et al. *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- BONTON, Jean Claude. Les ruralités en France. *Colletction Débats Jeunesses*, n.8, Paris, 2001.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A . Elison & BORDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. (trad. Britta Lemos de Freitas). Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1997.

- BOURDIEU, P. *Un art moyen. Essai sur les usages sociaux de la photographie*. Minuit, Paris, 1965.
- _____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
- _____. Razões práticas. Sobre a teoria da ação (trad. M. Corrêa). São Paulo: Papirus, 1996.
- _____. A Dominação Masculina. In: *Revista Educação e Realidade*, jul/dez, 1995.
- _____. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: *Revista Gênero e Saúde*, Porto Alegre, 1996.
- BOURDIEU, P. *El Ofício de Sociólogo*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Ed., 1975.
- BOZON, Michel. Amor, Sexualidade e Relações Sociais de Sexo na França Contemporânea. In: *Estudos Feministas*, v.3, 1995.
- BOZON, M. & HEILBORN, M. L. Les caresses et les mots: initiations amoureuses à Rio de Janeiro et à Paris. *Terrain*, 27, 1996, p. 37-58.
- BRANDÃO, Carlos R. *O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamento com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sítiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis*. Campinas. São Paulo: Unicamp, 1999.
- BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado*. Pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.151-172.
- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama do últimos cinquenta anos. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO. Curitiba, 1998. *Anais...* Curitiba: IPARDES/FNUAP, 1998. 548 p.
- CARDOSO, Ruth, SAMPAIO, Helena (orgs.). *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, 253 p.
- CALDART, Roseli S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CARNEIRO, M. J. Esposa de agricultor na França. In: *Revista Estudos Feministas*, vol.4, n.2, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1996a.
- _____. Pluriatividade no campo: o caso francês. RBCS/Anpocs, n.32, ano 11, out., 1996b.
- _____. Ruralidade: novas identidades em construção. *Anais da XXXV Reunião Anual da Sober*, Natal, RN, 1997.
- _____. O ideal *rurbano*: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos T. (org.). *Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p.94-118.
- CARNEIRO, Maria José, PEREIRA, Jorge L.G. Domestic Industry in Rural Area: Gender Relationships in Check. In: *Anais of X World Congress of Rural Sociology and XXXVIII Brazilian Congress of Rural Economy and Sociology*. Rio de Janeiro, Brasil, 2000.
- CARVALHO, Creuza, de Azevedo. *Degradação do Meio Ambiente por Agrotóxicos*. Monografia de Especialização em Educação Ambiental. FEUC/RJ. Rio de Janeiro, dez., 2001.
- CASTRO, Ana Célia e Outros. O mercado de trabalho rural. In: *Evolução Recente e Situação Atual da Agricultura Brasileira*. p.165-204, Brasília/DF: Binagri, 1979.
- CASTRO, Myrian M. P. Assassinatos de crianças e adolescentes no Estado de São Paulo. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, Centro de Estudos Sociais/CES, 36:81-102, fev., 1993.

CEPAL. Juventud rural: fuerza de modernidad y democracia – División de desarrollo Social, CEPAL, 1996, pp.15-32.

CECCHETTO, Fátima. As galeras *funk* cariocas: entre o lúdico e o violento. In: VIANA, Hermano (org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003).

CELADE. *Demografic Bulletin*, XXVIII, n. 56. Santiago de Chile, 1995.

CHAVES, Jacqueline. “Ficar com”: um novo código entre jovens. Rio de Janeiro: Revan, 3ª edição, jan., 2001.

CHESNAIS, Jean Claude. *Historie de la violence*. Paris: Pluriel, 1981.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*, 3º ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

Da MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação* (trad. De M. Corrêa). São Paulo: Papirus, 1996.

De PAULA, Silvana G. Quando o campo se torna uma experiência urbana: o caso do estilo de vida country no Brasil, In: Revista Estudos Sociedade e Agricultura, nº17, outubro, 2001.

_____. “Sociabilidade *country*: o campo na cidade”, In: (orgs) F. C.T. Da Silva, R. Santos e L.F.C. Costa, *Mundo Rural e Política*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Dos ANJOS, Sacco. Pluriatividade e ruralidade: enigmas e falsos dilemas. In: *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 17, out., Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

DUBET, François. *La galère: jeunes en survie*. Paris: Fayard, 1987.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna* (trad. Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DUQUE-ARRAZOLA, Laura S. O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza. In: MADEIRA, Felícia R. *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Editora Rosa dos Ventos, Rio de Janeiro, 1997, p.343-402.

DURÁN, Francisco E. Viejas y nuevas imágenes sociales de ruralidad. In: *Revista de Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 11, out., 1998.

DURSTON, J. Estratégias de vida de los jóvenes rurales en América Latina. In: *juventude rural: modernidad y democracia en América Latina*. Santiago de Chile: CEPAL, 1996.

_____. *Juventude y desarrollo rural: marco conceptual y contextual*. Série Políticas Sociales, n. 28, Comisión Económica para América Latina y el Caribe., Santiago do Chile, 1998.

ELIAS, N., SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (Trad. Vera Ribeiro, Pedro Süsskind e Federico Neiburg). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, 223p.

FAO. *Taller regional: una educacion en poblacion para jovenes rurales a nivel comunitario*. Declaracion final de los participantes en el Taller nuestra tarea hoy, 1996. End. Eletrônico: www.fao.org/docrep/x5631s/x5631s01.htm. Consultado em 06 de setembro de 2003, às 21:15 hs.

FALEIROS, Vicente. P. *Prioridade Versus Escassez de Recursos em Saúde*, (s/d). End. Eletrônico: <http://www.cfm.org.br/revista/bio1v5/prioescas.html>. Consultado em 10 de setembro de 2003 às 03:00 hs.

FILHO, Aires M. M. *Novíssimo Dicionário Ilustrado Urupês*. 24ª Edição. São Paulo: Editora, 1977.

FEATHERSTONE, Mike. Localismo, globalismo e identidade cultural. In: *Revista Sociedade e Estado*, v. XI, n.1, jan./jun., 1996.

FERNANDES, R. C. *Novo Nascimento: Os evangélicos em casa, na Igreja e na política*. Relatório de Pesquisa do ISER, Rio de Janeiro, 1996.

FRANCHETTI, Augusto. O mundo romano. In: *História dos Jovens*. Da Antigüidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 14ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, M. V., SPÓSITO, M. P. (orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação básica, formação técnico-profissional, requalificação e empregabilidade. In: *Anais do 48ª Reunião Anual da SBPC*, PUC-SP, v.1, 1996.

GALLAND, O., LAMBERT, Y. *Les jeunes ruraux*. Paris: INRA/Éditions L' Harmattan, 1993.

GALDURÓZ, J. C. F., NOTO, A. R., CARLINI, E. A. IV *Levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras*. São Paulo: Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo/Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicótropas, 1997.

GARCIA JR., Afrânio. A sociologia rural no Brasil: entre escrava do passado e parceiros do futuro. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 19, out., 2002, pp.40-71.

GARCÍA Q., Ana Isabel. *Enfoque de género em projectos de juventud rural*. Costa Rica, 2000.

GERRTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993, 228p.

_____. *O mundo em descontrol: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GIULIANI, Gian M., Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.14, out., 1990.

GOMEZ E. Sérgio. Nueva ruralidad? Um aporte al debate. In: *Revista Sociedade e Agricultura*, n. 17, out., 2001.

SILVA, José Graziano. *O novo rural brasileiro*. São Paulo, UNICAMP, 1999.

HAMMERSLEY, M. Introduction: reflexivity and naturalism in ethnography. In: _____. (Ed.) *The ethnography of schooling*. Chester: Bemrose, 1984.

HEILBORN, Maria L.. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria L. (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, pp.40-58.

_____. Gênero, sexualidade e saúde. In: SILVA, Dayse de P. M. (org.). *Saúde sexualidade e reprodução. Compartilhando responsabilidades*. UERJ, Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p.101-110.

HERNÁNDEZ, O. A. *El Desarrollo Profesional Creador (DPC) como dimensión del Proyecto de Vida en el ámbito profesional*. (2000). Endereço eletrônico: www.clacso.org/www.clacso/espanhol/html/biblioteca.html. Consultado em 12 de novembro de 2003 às 17:00 hs.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

HOBELINK, Henk. *Biotechnologia*. Muito além da Revolução Verde: desafio ou Desastre? Porto Alegre, 1990

HOBSBAWM, Eric J. & RANGER, Terener. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IANNI, O. A era do globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

JELIN, Elizabeth. *Família y Género*: nota para el debate. Estudos Feministas 2 (3): 394-413, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 1995.

KLEM, Paulo C. F. A instalação do Mercado do Produtor da região serrana e seus efeitos sobre a estrutura da produção local de hortigranjeiros. Dissertação de Mestrado. UFRJ/CPDA, 1981.

LAMARCHE, Hughes (Coord). A exploração nas sociedades capitalistas dependentes. In: *A agricultura familiar: Comparação Internacional*. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 1993.

LARANGEIRAS, Sonia M. G. *A realidade do trabalho no final do século XX*: novos problemas, novas soluções. Minas gerais: Anpocs, 1997.

LAVINAS, Lena. Género, cidadania e adolescência. In: MADEIRA, Felícia R. *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1997, p.11-43.

Le GOFF, Jacques. Memória – História. In: *Enciclopédia Einaudi*. v.1. Porto: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1997.

LEVI, Giovanni, SCHMITT, Jean-Claude. *Introdução*. In: História dos Jovens. Da Antigüidade à Era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LHOMOND, Brigitte. Sexualidade e juventude na França. In: HEILBORN, Maria L (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p.77-95.

LIMA, Ari. Funkeiros, timbaleiros e pagodeiros: notas sobre juventude e música negra na cidade de Salvador. In: *Cadernos CEDES*, nº 57. Educação, adolescências e culturas juvenis: diferentes contextos. 1ª edição, agosto. 2002.

LINDNER, Evelin. *Humiliation and the human condition*: mapping a minefield, Oslo, University of Oslo, 1999.

LOYOLA, Maria Andréa. Sexo e sexualidade na Antropologia. In: LOYOLA, Maria Andréa (org.). *A sexualidade nas ciências sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998, pp.17-48.

_____. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria L (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 31-39.

LUZ, Rodrigo. *Aventura na Serra (RJ)* (2002) rodrigoluz@yahoo.com . Consulta realizada no dia 18 de maio de 2003 às 02:00 hs.

MACHADO, Maria D. C. Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa e seus efeitos na esfera familiar. Campinas: Ed. Autores Associados/ANPOCS, 1996.

MADEIRA, F. *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.

MALINOWSKY, B. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*, 3º ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José de S. *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITO, S. (org.). *Sociologia da juventude I: Da Europa de Marx à América de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARCELLO-NIZIA, Christiane. Cavalaria e cortesia. In: *História dos Jovens*. Da Antigüidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARCUSE, H. *Vers la libération*. Paris: ed. de Minuit, 1969.

MARSDEN, T. "Exploring a rural sociology for the fordist transition. Incorporating Social Relations into Economic Restructuring". *Sociology Ruralis*, 1992, vol.XXXII (2/3), pp.209-230.

MATHIEU, Nicole. La notion de rural et les rapports ville/campagne en France: les années quatre-vingt-dix. *Économie rurale*, 247/ sept.-oct., 1998.

MARTINS, José de S.. *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. O futuro da sociologia rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. In *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 15, Rio de Janeiro: UFRRJ/CPDA, 2000a.

MARTINS, Heloisa H. T. S. A juventude no contexto da reestruturação produtiva. In: ABRAMO, H. W., FREITAS, M. V., SPÓSITO, M. P. (orgs.). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000b.

MAYER, Jorge M.(2002). End. Eletrônico: <http://www.netflash.com.br/afolha/html> Consulta realizada no dia 20 de abril de 2003 às 00:25 hs.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: *Revista Brasileira de Educação*, Mai/Jun/Jul/Ago, n.5, Set/Out/Nov/Dez, nº6, 1997.

MIGUEL, N. Toxicodependência: a prevenção é possível? In: BAPTISTA, M., INEM, C. (Orgs.). *Toxicomanias: abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1998, pp. 67-74

MINAYO, Maria C. S. (et al.). *Fala galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MINGIONE, E., PUGLIESE, E. A difícil delimitação do "urbano" e do "rural": alguns exemplos e implicações teóricas. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 22, abr., 1987.

MONTEIRO, Simone. Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca. In: HEILBORN, Maria L (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p.117-145.

_____. AIDS e proteção: a visão de jovens de um bairro popular. In: *Estudos Feministas*. v.7, n.1 e 2, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1999. pp.72-88.

MOREIRA, R J e DUARTE, J.C. "Trabalho rural". Rio de Janeiro: CPDA/FGV/CNPq. (mimeo), 1981.

MOREIRA, Roberto J. Pensamento científico, cultura e ECO-92: alguns significados da questão ambiental. In: *Reforma Agrária: Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária*, nº 1, v. 23, Jan/Abr, 1993.

_____. Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação. In: *Ruralidades*, nº 1, set., Rio de Janeiro: UFRRJ, 2002.

MÜLLER, Geraldo. Agricultura e Industrialização do Campo no Brasil. In: *Revista de Economia Política*, vol.2/2 nº6, abr/jun. 1982.

NEVES, Delma P. Agricultura familiar e mercado de trabalho. *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, n.8, abr., Rio de Janeiro: UFRRJ, 1997, pp. 7-24.

NEWCOMBE, N. *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*, 8 ed. Tradução de Cláudia Buchweitz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

NICOULIN, Martin. A gênese de Nova Friburgo: Emigração e colonização suíça no Brasil (1817 – 1827). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

NOVAES, Regina. *Os Escolhidos de Deus; pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro: Marco Zero/ISER, 1985.

_____. *Pobreza e trabalho voluntário: estudos sobre a ação social católica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: ISER, 1995.

_____. *Juventude, profissionalização e ação social católica no Rio de Janeiro*. Guia de Serviços. Rio de Janeiro, 1996.

- _____. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, H. W., FREITAS, M. V., SPÓSITO, M. P. (orgs.). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- ORO, Ari P. Avanço pentecostal e reação católica. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- PAIS, José Machado. Introdução. In: *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993.
- PAIVA, Marcelo R. Juventude e mobilização. In: ABRAMO, H. W., FREITAS, M. V., SPÓSITO, M. P. (orgs.). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- PARKER, Richard G. Diversidade sexual, análise sexual e educação sobre Aids no Brasil. In: LOYOLA, Maria Andréa. *Aids e sexualidade*. O ponto de vista das ciências humanas, UERJ. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ, 1994, p.141-159.
- _____. Cultura, economia, política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado. Pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.125-149.
- PASTOUREAU, Michel. Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval. In: : *História dos Jovens*. Da Antigüidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. In: *Revista Brasileira de Educação*, Mai/Jun/Jul/Ago, nº5, Set/Out/Nov/Dez, nº6, 1997.
- PERES, F. C. , FILHO, J. G. M. Globalização e a preparação de recursos humanos para a agricultura, In: *Recursos Humanos*, Dez., 1998. Endereço Eletrônico: <http://pa.esalq.usp.br/~pa/pa1298/pere1298.pdf>.
- PERKINS, Eugene. *Explosion of Chicagos Black Street Gangs: 1900 to the Present*. New York: Third World Press, 1990.
- PESSOTTI, Alda Luzia. Escola-família: a pedagogia da alternância no meio rural. In: *Fórum Educacional*, Rio de Janeiro, vol.5, n.2, p59, abr./jun., 1981.
- PHILLIPS, Cristopher. *A Fotografia dos Anos Vinte: A Exploração de um Novo Campo Urbano*. (s/d).
- PIANA, Airton. Agricultura Orgânica: A subjacente construção de relações sociais e saberes. Dissertação de Mestrado. UFRRJ/CPDA, 1999.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. - O Método Comparativo em Antropologia Social. In: MELATTI, J.C. (org.) *Antropologia 3*. São Paulo: Ed. Ática, 1978.
- _____. O método comparativo em Antropologia Social. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando Máscaras Sociais*, 3 ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p.195-210.
- REZENDE, Claudia Barcellos. Os significados da amizade. Duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002. 168p.
- RODRÍGUEZ, E. Los desafíos de fin de siglo y la problemática juvenil rural en América Latina. In: *juventude rural: modernidad y democracia en América Latina*. Santiago de Chile: CEPAL, 1996, p.33-54.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 27ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- ROMANO, Maria C. J. As representações sociais dos pobres nas telenovelas. In: *Revista Universidade Rural: série Ciências Humanas/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*, Seropédica, RJ: Editora Universidade Rural, v.19/21, n.1-2, Jan.1997 - Dez.1999
- ROUDET, Bernard. Des valeurs des jeunes. Tendances en France depuis 20 ans. Collection Débats Jeunesses, n.8, Paris, 2001.

SACHS, Ignacy & ABRAMOVAY, Ricardo. Laços rural-urbanos: da oposição à sinergia. 1998, mimeo.

SANTOS, Boaventura de S. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de S. (org.). *A globalização e as ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

SARACENO, E. "Alternative readings of spatial differentiation: the rural versus the local economy approach in Italy", *European Review of Agricultural Economics*, 21, 1994, pp.451-474.

_____. O conceito de ruralidade: problemas de definição em escala européia. 1996, mimeo.

SCHIAVO, Sylvia França. Sendas da transição: estudo sobre um grupo de pequenos produtores rurais no distrito de Lumiar - Nova Friburgo. Dissertação de Mestrado, PUC/São Paulo, 1991.

SCHWARZ, Alberto. As idéias fora de Lugar. In: *Ao vencedor as Batatas*. 1977.

SEGALEN, Martine. La révolution industrielle: du prolétariat au bourgeois. In: *Historie de la Famille*. Paris, Armand Colin Editeur, 1986 (p.375-412).

SILVA, V. A. "Menina carregando menino...". Sexualidade e Família entre Jovens de Origem Rural num Município do Vale do Jequitinhonha/ Minas Gerais. Unicamp, (mimeo).

_____. "Eles não têm nada na cabeça..." Jovens do sertão mineiro entre a tradição e a mudança. In: Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2000.

SILVA, J. Graziano. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas. São Paulo: Unicamp/IE, 1996.

_____. A mão-de-obra volante na Agricultura. In: *O "bóia-fria": entre aspas e com os pingos nos ís*. São Paulo: Livraria e Editora Polis LTDA., 1982.

_____. "Tecnologia e Campesinato: O caso brasileiro" In: *Revista de Economia Política*, vol.3, nº42, out-dez., 1983.

SILVESTRO, Milton Luiz *et alii*. Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001

SINGLY, François. Penser autrement la jeunesse. In: *Lien social et Politiques* – RIAC, n. 43, France, 2000.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

_____. How is Society Possible? In: *Individuality and Social Forms*. Chicago, Un Chicago Press, 1971.

_____. La crise de la Culture. In: *Philosophie de La Modernité*. Paris: Payot, 1990.

SOARES, L. E. *Violência e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

SOARES, Ana D., OLLIVEIRA, Lia M. T. Ensino Técnico Agropecuário: "novas" perspectivas ou uma velha receita? In: *Séries Ruralidades*, n.6, nov., 2002.

SOROKIN, ZIMMERMAN. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: In: J.S. Martins, *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo, Hucitec, 1981.

SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade na agricultura familiar. In: *Série Estudos Rurais*. RGS: Ed. da UFRGS, 2003, 255p..

SCHWARZ, Alberto. "As idéias fora do lugar", in: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo, Duas Cidades, 1977, pp.13-28.

TEIXEIRA, Vanessa L. Pluriatividade e agricultura familiar na região serrana do estado do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. CPDA/UFRRJ, 1998.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1989, pp.288-318.

- VALDÉS, González. *Las motivaciones sociales y el rendimiento de los innovadores*. Influencia sobre el proceso motivacional y la autovaloración de la personalidad. Resultado científico CIPS (impresión ligera) 1985.
- VANCE, Carole. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. In: *Phisis – Revista de Saúde Coletiva*, vol.5, n.1, IMS/UERJ, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p.7-31.
- ZALUAR, Alba. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H. (org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, pp. 17-57.
- _____. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o ‘rural’ como espaço singular e ator coletivo”. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*. n. 15, Rio de Janeiro: CPDA, 2000.
- WANDERLEY, M. N., *O “lugar” dos rurais: o meio rural no Brasil moderno*. XXI Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, outubro, 1997.
- WANDERLEY, M. N. B. & LOURENÇO, F. A. O Agricultor Familiar e a Sociabilidade no Espaço Local. Notas sobre um estudo comparativo. In.: *Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura. Associação PIPSA*. Anais do XVII Encontro Nacional. v. 1, Prog. Pós-grad. Sociologia / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRS. Porto Alegre, 1995.
- WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.
- WEBER, Max. *The City*. London Melbourne Toronto: Heinemann, 1960.
- WOORTMANN, E. F. *Herdeiros, parentes e compadres*. Brasília: Hucitec/UNB, 1994. 336 p.
- _____. Comparação, método comparativo e família. In: *Anais do XXIV Encontro Anual da Associação Nacional de Pos-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*, Petrópolis, 23 a 27 de outubro de 2000. End. Eletrônico: www.clacso.org/www.clacso/espanhol/html/biblioteca.html. Consulta realizada em 12 de outubro de 2003 às 15:00 hs.